

Não há escapatória . . .

# CATACOMB

BEST-SELLER DO *NEW YORK TIMES*

MADELEINE ROUX

PLATA  
FORMA 31

# DADOS DE COPYRIGHT

## Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

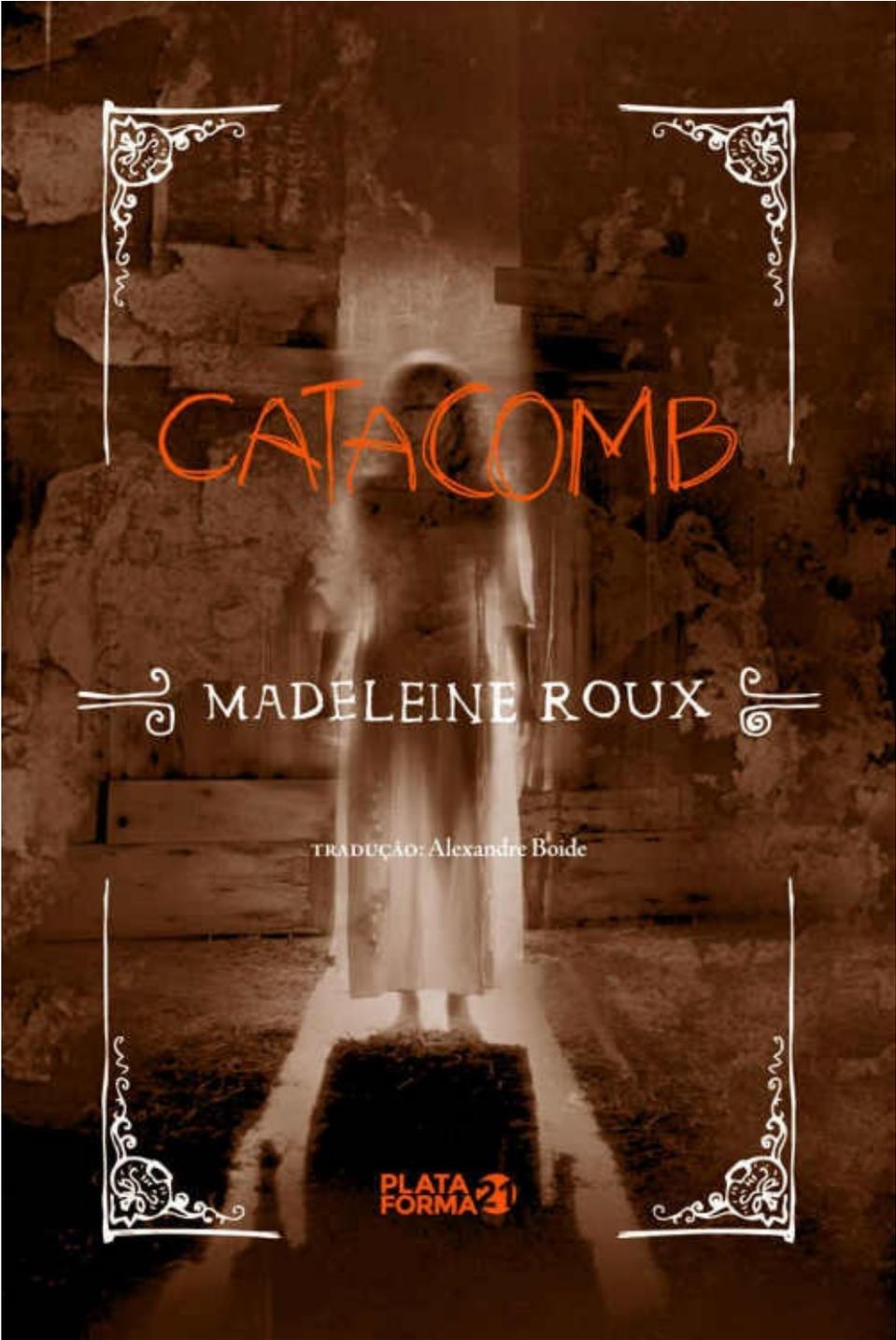
É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

## Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.org](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

*"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."*





# CATACOMB

MADELEINE ROUX

TRADUÇÃO: Alexandre Boide

PLATA  
FORMA 31

**Plataforma21** é o selo jovem da V&R Editoras

EDIÇÃO Fabrício Valério e Flavia Lago

EDITORA-ASSISTENTE Marcia Alves

PREPARAÇÃO Isadora Prospero

REVISÃO Juliana Bormio de Sousa

DIREÇÃO DE ARTE Ana Solt

DIAGRAMAÇÃO Pamella Destefi

CAPA Cara E. Petrus e Sammy Yeun

IMAGENS MENINA © 2015 by Stephen Carroll / Trevillion Images

TEXTURA © 2013 by Naoki Okamoto / Getty Images

ARABESCOS DAS LATERAIS © 2013 by iStockphoto

CHAVES © 2013 by Dougal Waters / Getty Images

MÁSCARA © 2015 by VanessaGF / iStockphoto

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

---

Roux, Madeleine

Catacomb [livro eletrônico] / Madeleine Roux; tradução Alexandre Boide. – São Paulo: Vergara & Riba Editoras, 2016. – (Coleção asylum)

26,4 Mb; ePUB

Título original: Catacomb.

ISBN 978-85-7683-998-9

1. Ficção juvenil 2. Suspense – Ficção I. Título. II. Série.

16-02988

CDD-028.5

---

Índices para catálogo sistemático:

I. Ficção: Literatura juvenil 028.5

Todos os direitos desta edição reservados à

**VERGARA & RIBA EDITORAS S.A.**

Rua Cel. Lisboa, 989 | Vila Mariana

CEP 04020-041 | São Paulo | SP

Tel. | Fax: (+55 11) 4612-2866

[vreditoras.com.br](http://vreditoras.com.br) | [editoras@vreditoras.com.br](mailto:editoras@vreditoras.com.br)



Nos domínios da mente,  
aquilo em que a pessoa acredita  
ou é verdade ou se torna verdade.

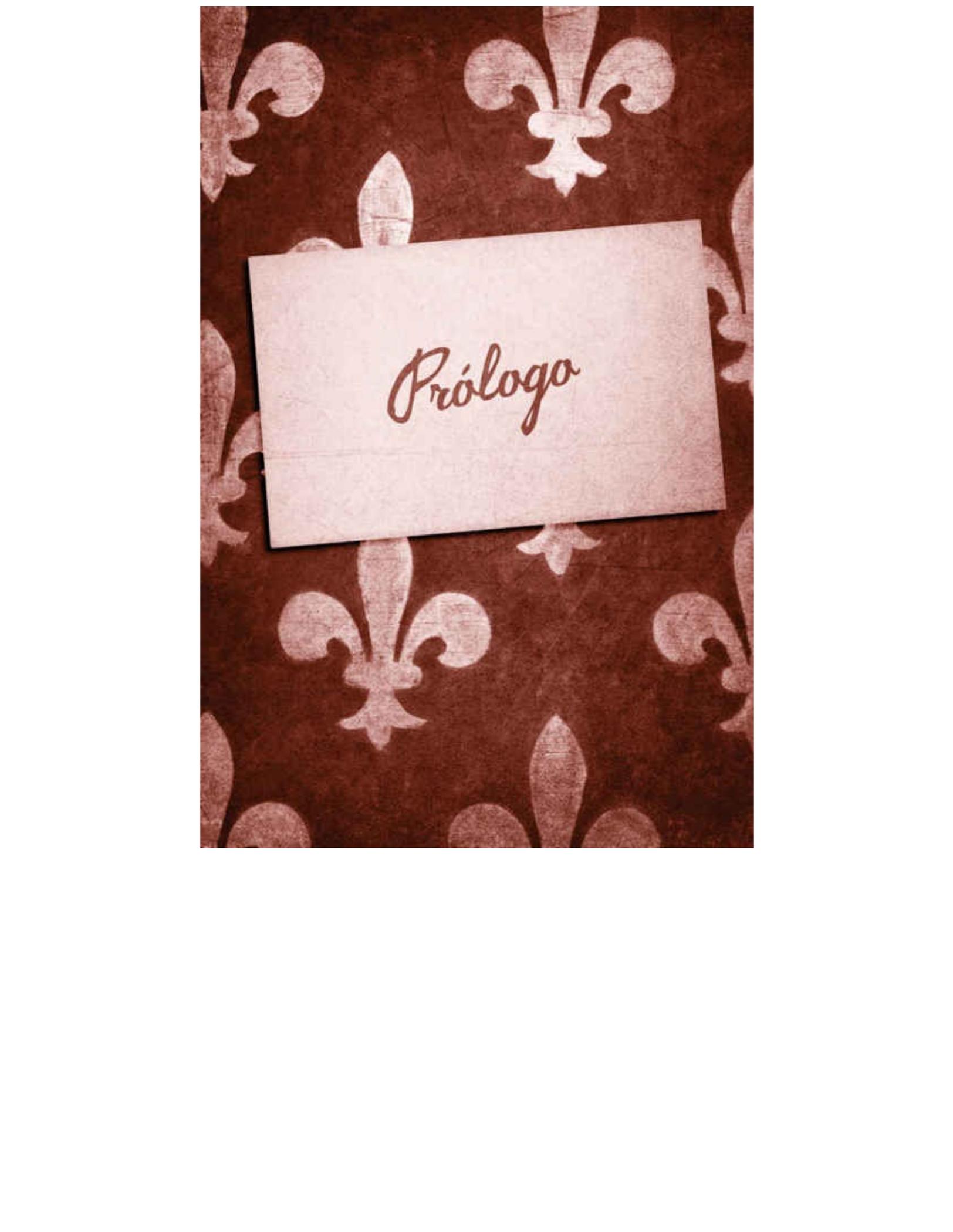
— JOHN LILLY

Os homens não são prisioneiros  
do destino, e sim de sua própria mente.

— FRANKLIN D. ROOSEVELT

*Para Andrew e Kate*





*Prólogo*

Estas eram as regras estabelecidas desde o início:

Primeira, o Artista deveria escolher um Objeto importante para o falecido.

Segunda, o Artista não deveria sentir culpa nem remorso pela apropriação.

Terceira, e a mais importante, o Objeto não teria nenhum poder até entrar em contato com o sangue. E, quanto mais inocente fosse o sangue, mais poderoso o resultado.

Capitulo

1

*A* princípio, a ideia de uma viagem de carro atravessando o país de cima a baixo foi difícil de digerir. Como se dormir em uma barraca não fosse ruim o suficiente, Dan ainda tinha que lidar com a ideia nauseante de ficar longe de seu computador, de seus livros e de seus *momentos a sós* por duas semanas inteiras. Mas foi isso que Jordan propôs quando escreveu dando a grande notícia: ele ia se mudar para New Orleans, onde ia morar com seu tio.

*É a chance perfeita, ele disse no e-mail, para passarmos um tempo juntos. Vocês bobalhões podem me ajudar com a mudança, e nós podemos curtir uns últimos momentos juntos antes de ir cada um para sua faculdade.*

Disso Dan não tinha como discordar, nem de qualquer motivo que o levasse a passar mais tempo com Abby. Ela o visitou em Pittsburgh uma vez alguns meses antes, e eles conversavam pela internet quase toda semana. Mas duas semanas longe das vistas de pais e monitores... Ele não queria se precipitar, mas talvez o relacionamento dos dois finalmente engrenasse, ou pelo menos sobrevivesse, depois de um tão necessário tempo juntos.

O *Grande Êxodo dos Formandos* foi a expressão que Jordan usou. E agora, um dia depois de se despedir dos desolados pais de Jordan na Virgínia, a viagem enfim estava começando a fazer jus ao nome.







– Ficou incrível – Jordan comentou, olhando as fotos que Abby tirou e carregou no *laptop* dele para não perder. – Dan, você precisa ver isso.

– Eu sei que é uma coisa meio clichê, fotografar paisagens tipicamente americanas em preto e branco, mas ultimamente eu ando obcecada por Diane Arbus e Ansel Adams. Eles são o foco do meu trabalho do último semestre, e o sr. Blaise adorou.

Dan se inclinou sobre o espaço entre os assentos para examinar as fotos junto com Jordan.

– Valeu a pena ter parado para fazer essas fotos – ele falou.

Eram realmente especiais. Paisagens abertas e construções abandonadas. Pelos olhos de Abby, a desolação se transformava em beleza.

– Então o Blaise finalmente deu um dez para você?

– Pois é. Chega de nove e meios toscos para mim. – Ela abriu um sorriso. Jordan ofereceu a mão para um cumprimento, que Abby aceitou sem tirar os olhos da estrada. – Ele foi criado no Alabama. Me deu

boas dicas de lugares para fotografar.

Eles já tinham parado algumas vezes – na verdade *várias* – para Abby tirar fotos, mas Dan não se incomodou em passar mais tempo na estrada. Podia passar a vida inteira naquele carro com os amigos, ainda que na sua vez de dirigir a coisa ficasse meio tediosa.

– Eu sei que é meio chato ficar desviando a gente do caminho, mas você não está com muita pressa de chegar, né, Jordan?

– Você já se desculpou um milhão de vezes. Não se preocupa. Se estivesse chato eu falaria.

– Pois é – ela disse, dando risada. – Aposto que falaria mesmo.

Para ser sincero, Dan também não estava com muita pressa.

Fazia nove meses desde que tinham visto o manicômio Brookline queimar até ruir. Os três escaparam vivos por pouco, o que só conseguiram com a ajuda de um rapaz chamado Micah, que morreu tentando deter seus perseguidores. Micah teve uma vida curta e conturbada, e era nascido e criado na Louisiana – um fato que Dan não contou para Abby e Jordan. Agora que os fantasmas do passado pareciam enfim ter abandonado Dan e seus amigos, eles estavam indo para a cidade mais assombrada dos Estados Unidos. Era como se estivessem abusando da sorte, para dizer o mínimo.

– Está tudo bem aí atrás? – Abby perguntou enquanto viajavam tranquilamente pela Highway 59.

– Sim, tudo certo, Ab – respondeu Dan. Ele não sabia ao certo se era verdade ou mentira. Mas, antes que Abby pudesse questioná-lo, o telefone de Jordan tocou. Ou melhor, um pedaço de uma música da Beyoncé tocou alto o bastante para provocar um susto nos três.

Dan sabia o que isso significava.

– Você ainda fala com o Cal?

– Mais ou menos – Jordan respondeu, lendo rapidamente a mensagem. – E esse é o motivo por que a minha mãe não quer pagar a minha faculdade. Não sei o que eu faria sem o meu tio Steve.

– Você podia parar de falar com o Cal – sugeriu Dan.

– E dar *razão* para os meus pais? Sem chance. – Ele virou a cabeça para trás para olhar para Dan, e apoiou os pés sobre o painel dianteiro. O sol do fim de tarde se refletia no *piercing* labial preto que Jordan insistiu em colocar quando estavam em Louisville. – Ele diz que a fisioterapia é uma merda às vezes, mas que sua vida parece um paraíso agora que saiu do New Hampshire College. Ei! Acabei de perceber que, quando estiver na casa do tio Steve, vou poder falar com ele pelo Skype sem ter que aguentar o choro e o drama da minha mãe.

Dan se remexeu no assento, ainda mais desconfortável ao ouvir a menção ao New Hampshire College. Caso deixasse sua mente divagar, ainda conseguiria sentir o calor das chamas que envolveram o Brookline e tudo o que havia lá dentro. Precisava acreditar que o efeito que o manicômio tinha sobre ele terminou naquele dia – que aquele mal morreu junto com o diretor Crawford e a professora Reyes –, mas seus últimos momentos no *campus* lhe deram motivos de sobra para duvidar disso.

Ele teve outra visão. Viu o fantasma de Micah, acenando em despedida. Não teve mais nenhuma visão desde então, e se sentia grato por isso. Parecia um sinal: era o momento de deixar aquilo tudo para trás e seguir em frente. Nem mesmo os arquivos e diários que conseguiu salvar do incêndio o interessavam mais.

Bom, a não ser por uma coisinha.

Antes da viagem, Abby e Jordan ameaçaram revistar a bagagem de Dan para se livrar de qualquer porcaria trazida do Brookline. Falaram isso como se fosse uma piada, como se não acreditassem que Dan faria isso

com eles.

Mas, no fim, não mexeram em sua mala, o que significava que não tinham visto o arquivo que estava lá. Aquele que encontrou dobrado no fundo da pilha de coisas resgatadas entre os pertences da professora Reyes. Aquele intitulado *POSSÍVEIS LIGAÇÕES FAMILIARES?*, dentro do qual ele encontrou papéis presos com um clipe, sob um nome que fez seu coração querer sair pela boca.

*MARCUS DANIEL CRAWFORD.*

Nove meses antes, esses papéis lhe pareceram uma bênção, a recompensa pelo fim de uma longa e difícil busca por informações sobre seu passado misterioso. Uma árvore genealógica fraturada confirmou aquilo do qual ele já desconfiava: Marcus era seu pai, e sobrinho do diretor, filho de seu irmão mais novo Bill. Mas então havia uma única linha traçada de Marcus para alguém chamada Evelyn. Seria sua mãe? A informação parecia incompleta demais. Ele tentou procurar Evelyn Crawford pela internet, e encontrou uma pessoa com esse nome, mas com resultados não muito promissores. Sem um sobrenome de solteira para pesquisar, não restava muito mais o que fazer.

Havia mais coisas entre os papéis – um cartão-postal antigo, um mapa, até um relatório policial detalhando uma ocasião em que seu pai foi preso por arrombamento e invasão de propriedade –, mas, para seu desespero, nada que pudesse distingui-lo dos vários outros homens chamados Marcus Daniel Crawford que encontrou na internet, e nada mais sobre aquela que poderia ser sua mãe.

Mesmo assim... Mesmo depois que os papéis se revelaram mais uma maldição que uma bênção, ele manteve a pasta bem escondida. E, enquanto arrumava a mala para a viagem, a possibilidade de Paul e Sandy mexerem em suas coisas e encontrarem a pasta foi suficiente para ele decidir levá-la, só para mantê-la em segurança.

Bem naquele momento, o telefone de Dan vibrou, tocando uma melodia bem mais discreta que uma música da Beyoncé para avisar sobre a chegada de uma mensagem de Sandy. Ele leu imediatamente, sorrindo para a tela.

*Como estão os intrépidos viajantes? Por favor, me diga que está comendo outras coisas além de salgadinhos e balas! Ligue para casa na próxima parada.*

Dan mandou uma resposta garantindo que estavam tentando se alimentar bem sempre que possível.

– Como vai a Sandy? – perguntou Jordan, olhando para trás mais uma vez.

– Está bem. Pediu para a gente não ficar se entupindo de porcarias no caminho todo até a Louisiana – respondeu Dan. Ele ergueu os olhos e viu Jordan engolindo às pressas as balas cor de laranja que tinha na boca.

– Estamos na estrada. O que podemos fazer? – rebateu Jordan. – Cozinhar quinoa no radiador?

– Até que não é má ideia – provocou Abby. – Hoje a gente *não vai* jantar no McDonald's.

– Mas...

– Não. Eu fiz uma pesquisa para ver se a gente ia poder comer outra coisa além de sanduíches no caminho. A gente pode evitar o trânsito de Montgomery e parar em um restaurante familiar bacana pegando a 271.

– Esse tipo de lugar serve hambúrguer também – rebateu Jordan, triunfal. – Então isso não muda muita coisa.

– Ei, eu só estou tentando dar mais opções. Com o que você vai se empanturrar não é problema meu – ela falou.

– Graças a Deus – murmurou Jordan. – Quinoa é comida de cabra.

– Eu estou com a Abby nessa – afirmou Dan. – Uma salada cairia bem, ou qualquer tipo de coisa natural.

Não aguento mais comer porcaria.

Ele ouviu a expressão satisfeita na voz de Abby quando ela se ajeitou no banco do motorista e decretou:

– Então está combinado. O lugar que eu pesquisei se chama Mutton Chop, e pertence à mesma família há várias gerações. Vamos conseguir imagens históricas para o meu projeto de fotografia e uma refeição decente ao mesmo tempo.

– Eu vou comer hambúrguer mesmo assim – resmungou Jordan. Ele se virou para a frente outra vez, soltando um suspiro ao deslizar no assento e começar a digitar no celular em altíssima velocidade. – Logo mais minha dieta vai se resumir a gumbo e jambalaya o tempo todo. Preciso mandar ver nos hambúrgueres enquanto ainda posso.

Capitula  
2

Quando o pneu estourou, Dan despertou de seu cochilo, e a primeira coisa em que pensou foi em agradecer por não estar ao volante.

– O que foi isso? – Jordan também sentou em um pulo, se agarrando à porta quando o carro começou a oscilar e diminuir a velocidade.

– Acho que um dos pneus foi para o espaço – Abby comentou com um suspiro. Não parecia nem um pouco assustada, e manteve as mãos firmes no volante enquanto estabilizava o carro. Ela os conduziu cuidadosamente para o acostamento e, um segundo depois de encostar, desligou o motor. – E é por isso que a gente precisa sempre ter um estepe.

– Que diabos a gente vai fazer agora? – questionou Jordan, olhando para a janela para ver o pneu estourado.

– Paul me ensinou a trocar pneus quando aprendi a dirigir, mas duvido que eu consiga – falou Dan. Pelo menos seus celulares estavam com sinal, então era sempre possível acionar o autossocorro.

– Bom, para a sorte de vocês, meninos, *eu* me preparei para esta viagem. – Abby deu um tapinha no volante com um sorriso presunçoso, abriu a porta e saiu na direção do porta-malas.

– Vai ser impossível aguentar a Abby depois disso – avisou Jordan.

– Ainda bem que ela sabe o que fazer – respondeu Dan. – Está escurecendo.

– Hã, não é disso que eu estou falando.

– Jordan? Jordan! Cadê o estepe? Eu vi que estava aqui antes de sair de Nova York... – O grito dela chegou abafado pelas janelas, mas dava para ouvir que seu tom de voz estava cada vez mais agudo.

– É *disso* que eu estou falando. – Jordan respirou fundo, se ajeitando no assento antes de descer do carro.

– Hã, então, antes de eu começar a explicar, promete que não vai me matar.

– Sem chance – rebateu Abby. Dan saiu para o ar frio da noite, e viu os dois se encarando com os braços cruzados. – Cadê o estepe, Jordan?

– É uma história engraçada. Lembra que, quando meu pai estava se despedindo da gente, eu falei que não ia precisar do meu saco de dormir de tauntaun? E aí, no fim das contas, decidi que ia precisar dele, sim, com certeza? Eu estou me mudando, Abby. Tipo, de vez. Não podia deixar meu saco de dormir de tauntaun para trás.

Dan escondeu a boca com a mão para soltar uma risadinha, vendo o rosto de Abby ficar pálido de raiva.

– Você tirou o estepe do porta-malas para abrir espaço para os seus objetos idiotas de *Star Trek*?

– Ei, calma lá. Eu *jamaiz* faria isso. Já com coisas de *Star Wars*...

– Que seja! – Abby apertou a ponta do nariz entre e foi examinar o pneu estourado. Quando se agachou, começou a resmungar. – Que ótimo. Vou ter que ir andando até a cidade para arrumar um estepe.

– É muito longe? – perguntou Dan, sacando o telefone para consultar o GPS. – Não dá para chamar um guincho?

– Sai caro demais – respondeu Abby. – Eu já vou ter que comprar um pneu novo, e a cidade fica a menos

de um quilômetro. A gente está quase lá. Isso não ia ser problema nenhum se o espertinho ali não se preparasse para a viagem com a cabeça de uma criança de doze anos.

– Não vamos brigar agora – falou Dan, pondo a mão de leve no ombro de Abby. – E eu meio que entendo o lado do Jordan. Ele está *mesmo* se mudando. Se quiser se sentir em casa em New Orleans, vai precisar das coisas de que mais gosta por perto.

– Obrigado, Dan. Pelo menos alguém entende o valor de um saco de dormir de tautaun.

– *Para de falar isso.*

– O quê? Saco de dormir de tauntaun? – ironizou Jordan.

– Cala a boca. Escutar isso só vai me dar mais vontade de socar você – ela falou, sacudindo a cabeça, mas já estava sorrindo. – É bom que essa coisa seja quentinha, pelo menos. Posso querer pegar emprestada hoje à noite para compensar.



Ninguém se deu ao trabalho de trocar as lâmpadas queimadas de neon que um dia serviram como chamariz para a fachada do Mutton Chopp. As poucas que sobravam informavam a Dan que eles iam jantar no O CH P. O pequeno estacionamento de cascalho estava lotado de veículos, em sua maioria picapes enferrujadas. A fumaça saía de uma churrasqueira montada nos fundos, empestando o ar com cheiro salgado de uma grelha engordurada.

Havia uma oficina mecânica na construção vizinha. Não era exatamente algo que contribuísse para a reputação de um restaurante, pensou Dan, mas era uma tremenda sorte para eles. A comida podia esperar. Abby os conduziu até a porta da oficina, mas lá dentro estava escuro. Um pedaço de papel preso na janela informava que o mecânico estava na porta ao lado.

Os sons dos copos tilintando, da música *country* tocando na jukebox e das risadas dos clientes chegaram até eles pela janela aberta do restaurante. Uma placa torta na porta de tela pareceu para Dan uma espécie de aviso: “Mutton Chop! Onde todo mundo conhece a sua cara!”.

– Onde todo mundo conhece a sua cara? Não era para ser o *nome*? – Jordan perguntou com um risinho de deboche. – Nem plagiar eles sabem direito.

– Para de ser esnobe, Jordan. – Abby abriu a porta de tela e a segurou para os dois entrarem.

– E você é quem, a santa Abby, protetora dos caipirões? – O barulho dentro do restaurante cessou no momento exato em que Jordan terminou sua frase. Duas dezenas de cabeças se viraram ao mesmo tempo para eles. Dan não viu nenhum rosto sorridente na clientela sentada às mesas. – Mas é claro que não tem nenhum aqui neste charmoso estabelecimento – concluiu Jordan, limpando a garganta.

– Fica quieto, por favor – murmurou Abby, se virando para o homem que foi andando até eles. Felizmente, os demais clientes retomaram suas conversas de antes.

– Olá. Será que você poderia me dizer quem é o mecânico? Ele está aqui? O nosso pneu furou e precisamos de um estepe.

O homem parecia ser gentil. Tinha vinte e poucos anos, era atarracado e usava uma barba curta e malcuidada. Seu crachá informava que ele se chamava Jake Lee, e sua camisa estava cheia de manchas de graxa.

– Você está com sorte, mocinha. Eu sou o mecânico, e dos bons, apesar de ser um caipirão – ele respondeu, sarcástico, olhando para Jordan. – Então precisam de um estepe, é? Qual é o carro de vocês?

Abby ficou conversando com ele no caminho para a oficina mecânica às escuras. Ela contou que tinha um Chrysler Neon 2007, e estava com todas as ferramentas para fazer a troca, só faltava o pneu.

Ele entrou na oficina e voltou logo em seguida com um estepe, que caiu diante deles com um baque surdo.

– Está ficando tarde, e não sei se é uma boa ideia vocês voltarem para lá sozinhos no escuro. Têm certeza de que sabem o que estão fazendo? – Ele tirou o boné na cabeça e mexeu nos cabelos ralos, olhando para Abby, que se esforçava para colocar o pneu de pé.

– Você daria uma carona para a gente de volta até o carro? Eu agradeceria muito. A gente já estava planejando jantar aqui, mas seria melhor trazer o carro para cá antes de escurecer.

Jake Lee fez que sim com a cabeça e saiu andando na direção de sua enorme caminhonete.

– Vai ficar meio apertado. Essa picape é feita para transportar coisas, não pessoas.

– Tudo bem – respondeu Abby. – Obrigada por ajudar a gente.

Dan não fazia ideia como ela conseguia manter uma atitude tão positiva enquanto se esforçava para pôr o pneu pesado na caçamba da picape. Ele correu para ajudar, e Jordan foi atrás.

– Não é incômodo nenhum – disse Jake.

Dan estava torcendo para que fosse apenas a famosa hospitalidade sulista em ação. Era impossível não desconfiar da boa vontade do sujeito em ajudar. Mas estava escurecendo, e ter que voltar a pé até o carro com o pneu ia demorar demais.

Eles se espremeram na cabine da picape, e Jordan soltou um gemido ao ser atingido pelo cheiro de dezesseis aromatizadores aglomerados atrás do retrovisor central.

– Acho melhor ir a pé – ele murmurou. – Ele está tentando mascarar o que com esse cheiro?

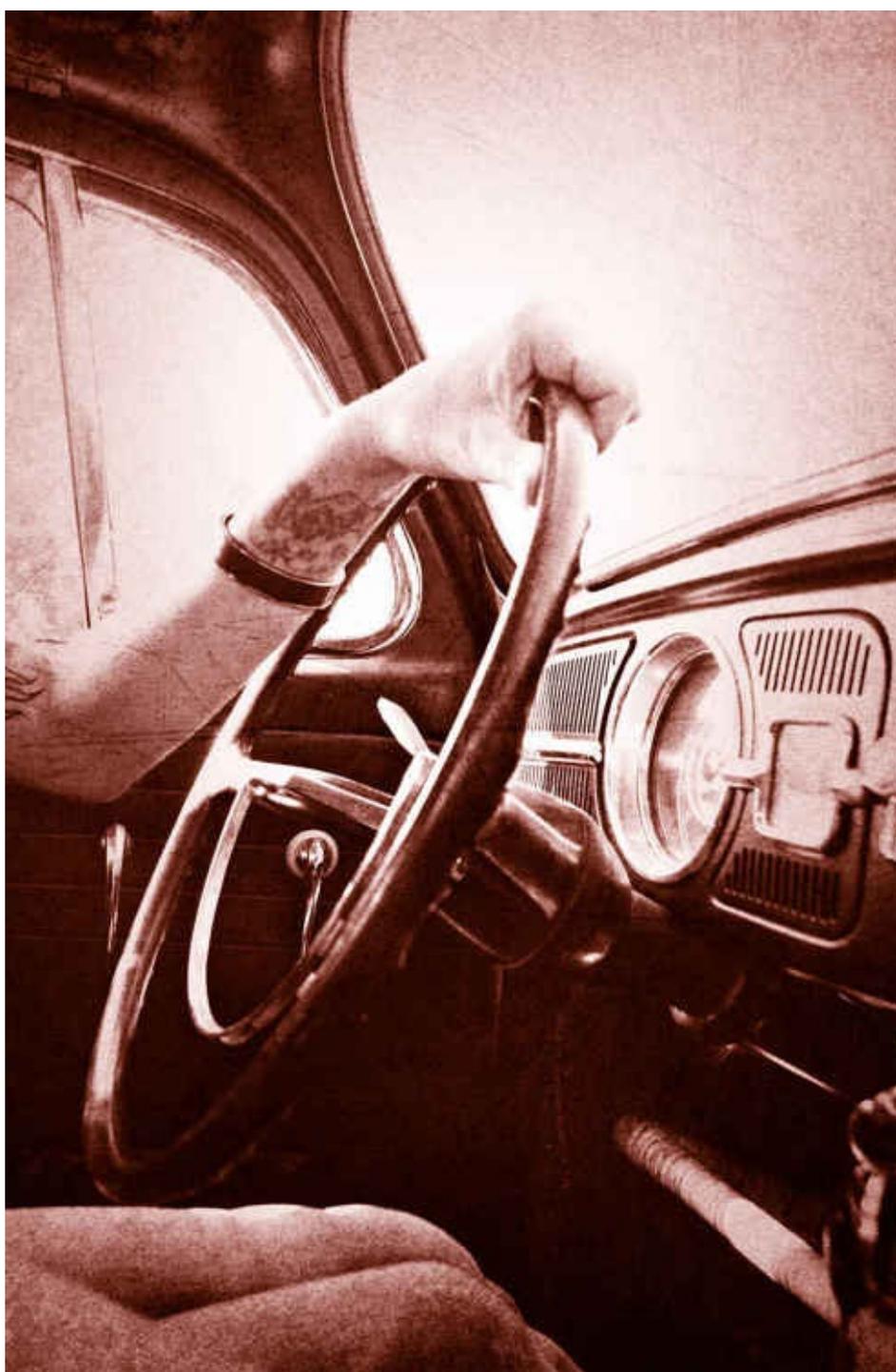
– Acho melhor nem pensar nisso – Dan sussurrou em resposta.

Jake Lee os levou de volta para a estrada, cantarolando baixinho. Quando sentiu que o clima estava esquisito, ligou o rádio, e a música *country* explodiu nos pequenos alto-falantes, tão alta e escandalosa, que Dan ficou imediatamente com dor de cabeça.

Abby continuou toda sorridente quando saltou da picape ao chegarem ao carro. Sem abrir a boca, Jake Lee encostou e baixou a tampa da caçamba, grunhindo e suando ao puxar o estepe para o chão de cascalho do acostamento.

– Pronto – ele falou quando voltou para a cabine e pegou sua enorme lanterna. – Tome aqui. Pode me devolver quando forem jantar.

– É muita gentileza sua – falou Abby, pegando a caixa de ferramentas e o macaco no porta-malas. Dan a ouviu suspirar ao ver o saco de dormir enrolado no lugar onde deveria estar o estepe. Ele assumiu a função de segurar a lanterna, mantendo o fecho de luz bem firme enquanto Abby se preparava para a troca do pneu.



Ele deu uma espiada em Jake Lee, que parou para olhar para trás enquanto voltava para a picape. Não só olhar, na verdade. Ele os estava encarando, com a cabeça inclinada para o lado como se tivesse descoberto uma espécie rara de inseto e estivesse tentando descobrir o que fazer a respeito. Dan arriscou um aceno para disfarçar a situação, mas o mecânico simplesmente franziu a testa antes de entrar na caminhonete e desaparecer noite adentro.

Capítulo 3

A troca do pneu estava demorando mais do que Dan esperava. Seus braços estavam começando a ficar cansados de segurar a lanterna sempre na mesma posição.

– Se eu fosse hétero, ia achar isso irresistível – comentou Jordan. Ele tirou os óculos moderninhos de aro grosso e limpou o nariz e a testa com o braço.

– Então, mais uma vez eu digo: ainda bem que você não é hétero – rebateu Dan. – Jordan, você podia pelo menos tentar ajudar.

– Eu só iria atrapalhar – respondeu ele.

Abby soltou um grunhido de esforço, torcendo outra porca da roda em que estava o pneu estourado.

– Ainda bem que esse carro pesa uns dez quilos no máximo – acrescentou Jordan. Abby, por sua vez, deu um chute às cegas para trás, apoiada na lataria verde metálica.

– Pelo menos alguém aqui sabe como trocar uma porcaria de um pneu! – ela gritou. Seus antebraços e seu rosto estavam com manchas de graxa e poeira.

– E eu agradeço ao sr. Valdez! – disse Dan, se agachando para ver melhor o que ela estava fazendo. Finalmente tinha conseguido colocar o estepe no lugar. Agora só faltava apertar as porcas.

– Agradeça à *sra.* Valdez – retrucou Abby. – Foi ela que insistiu comigo para que eu aprendesse antes mesmo de pensar em viajar de carro.

– Pode deixar – ofereceu-se Dan, estendendo a mão para pegar a chave de roda. – Eu termino para você.

– Tem certeza? – ela questionou, soprando os cabelos roxos. Abby havia tingido algumas mechas no começo das férias de verão, e agora seus cabelos pretos estavam começando a reaparecer nas raízes.

– Acho que eu dou conta – disse Dan. – Direita apertada, esquerda afrouxa? Enfim, meus braços estão ficando dormentes. Segure a lanterna você.

Eles trocaram de lugar, e Dan se ajoelhou ao lado do carro enquanto Abby posicionava o facho da lanterna por cima de sua cabeça. Prender a roda ao carro era um trabalho bem mais árduo do que ele imaginava. Dan precisou virar a chave de roda com as duas mãos para conseguir força suficiente. No fim, ainda era preciso baixar o macaco para encerrar o processo.

– Uau, o Jordan tem razão – comentou Abby. – Isso é meio que irresistível mesmo.

Dan ficou vermelho, mexendo nos cabelos, todo sem jeito.

– Acho que já podemos ir. Vamos guardar essas coisas no porta-malas e voltar para o restaurante, certo? Estou morrendo de fome.

– Já que você insiste – Jordan falou com um suspiro, ajudando Dan a guardar a lanterna e a caixa de ferramentas. – Apesar de que eu ia preferir comer no McDonald's. Aquele mecânico parecia interessado demais em ajudar a gente.

– Acho que ele só estava sendo legal – disse Abby, sentando outra vez no assento atrás do volante.

– Argh. Cuidado, hein? – Jordan rebateu, estremecendo. – Eu não ia querer que aquele cara ouvisse isso se fosse você.



Quando eles entraram no restaurante, a atmosfera do lugar ficou silenciosa de novo, quase gelada. Jake Lee não estava por lá, apesar de a oficina ao lado continuar fechada e apagada, então Dan acabou ficando com a lanterna na mão.

O serviço no Mutton Chop era lento, principalmente na mesa deles. Dan via as bandejas com comida passando, mas a única coisa que chegou à sua mesa foi uma xícara de café para Abby, entregue por um homem que segundo o crachá se chamava Fats Buckhill. Dan não tinha recebido nem um copo d'água ainda. Abby batucava com os dedos na mesa e abria um sorriso gentil quando o sr. Fats, o dono-e-garçom-e-figurante-de-filme-de-terror, passava cambaleando por eles, mas se limitando a dizer: – Logo eu atendo vocês.

Na verdade, considerando que eram quase nove da noite, o restaurante estava bem movimentado. Dan era capaz de jurar que todo mundo no salão estava olhando para eles, mas, sempre que se virava para confirmar, as cabeças se voltavam para a frente com um interesse renovado na comida sobre a mesa.

– É assim que começa – cochichou Jordan, se inclinando para mais perto de Dan. Abby o ignorou. – Primeiro foi aquele mecânico. Depois sempre aparece um matuto meio lesado com risada de zorro de jumento, e aí todo mundo dentro do cinema começa a gritar: *Caiam fora! Caiam fora daí! Onde é que vocês estão com a cabeça?*

Dan deu uma risadinha. O cotovelo de Abby atingiu suas costelas, mas mesmo assim ela abriu um sorriso com a piada.

– Podem rir – continuou Jordan, escondendo o rosto atrás de um cardápio plastificado enorme. – Quem vocês acham que eles vão matar primeiro e usar como comida para os porcos? Dã, eu. Claro que vão dar um fim primeiro no gay. É o método básico dos assassinos que se escondem nestes fins de mundo.

– Isso é preconceito – rebateu Abby, dando um gole no café pretíssimo.

Esse era um de seus únicos vícios. Dan tinha até perdido a conta de quantos cafés ela bebeu na viagem. Mas, se isso a mantinha mais desperta para dirigir, melhor para ela. Ainda teriam mais algumas horas de viagem pela frente antes de dormir.

– Eu não conheço essas pessoas, Jordan, e mesmo se elas forem um pouco menos... cosmopolitas, não tem nada de errado com isso. O seu estilo de vida não é nem melhor nem pior que o delas.

– Negativo – retrucou Jordan, baixando o tom de voz quando viu que o dono se aproximava da mesa deles. – Meu estilo de vida é objetivamente melhor, porque tem wi-fi e Netflix.

– E então, como vocês estão? – Fats Buckhill se agachou ao lado da mesa. Seus joelhos estalaram audivelmente, como um par de gravetos. Ele tinha olhos grandes e amigáveis, com sobrancelhas grossas, e a barba grisalha era curta e bem aparada. Um dos olhos tinha uma aparência um tanto leitosa, enquanto o outro era azul e límpido.

– Muito bem, sr. Buckhill – respondeu Abby, toda educada. – Eu vou querer uma salada Cobb, e eles... – Ela se interrompeu, lançando um olhar impaciente para os dois.

– Hambúrguer – Jordan se apressou em dizer. Ele escondeu a boca com a mão, provavelmente tentando esconder o *piercing* do julgamento dos demais clientes. – Hambúrguer com bacon. Bastante bacon, sem medo de ser feliz. E um *milk-shake* se tiver. De chocolate.

Fats deu risada, jogando a cabeça para trás.

– Ah, gostei de você, filho. E do seu gosto pelas coisas tradicionais.

Dan sentiu o cotovelo de Abby atingi-lo preventivamente, mas isso não o impediu de abrir um sorriso incrédulo.

– Ah, sim – Dan falou com a maior sinceridade de que era capaz. – Não existe ninguém mais tradicional que o Jordan.

Isso lhe valeu chutes na canela desferidos por ambos.

– Vou querer carne de porco desfiada com salada de batata – disse Dan, tentando acalmar Abby e ser menos engraçadinho. – E uma coca. E de repente um pedaço de torta de sobremesa.

– Mais uma decisão inteligente. – Fats ficou de pé, fazendo seus joelhos estalarem de novo, recolheu os cardápios e os empilhou na mesa como se fossem cartas de baralho.

– Se não for muito incômodo – acrescentou Abby, limpando a garganta –, você se importaria de sentar um pouquinho para conversar comigo? Estou fazendo um trabalho de fotografia para a escola, e para a coisa sair direito preciso conversar com pessoas que vivem e amam lugares antigos.

Ela exagerou um pouco, mas funcionou. Fats piscou seu olho bom.

– Ora, é claro, seria ótimo. Me deixe passar os pedidos para o Fats Junior e já volto para falar com você.

O velho se afastou, aparentemente com passos mais acelerados. O falatório no restaurante diminuiu de volume, como se alguém tivesse passado um sinal secreto de que os três adolescentes eram inofensivos.

– Você viu como ele ficou todo animado? – murmurou Jordan, com os olhos ainda vidrados em Fats. – O velhote ficou contente porque eu vou comer um monte de bacon. Quer me deixar bem gordo para o abate.

Abby revirou os olhos e deu um grande gole no café.

– Bom, depois de tudo o que aconteceu no último ano, eu entendo o seu nervosismo, mas a gente fez por merecer um pouco de tranquilidade – ela falou. – Um pouco de vida normal.

– Não fala isso. De jeito nenhum! Isso é um ímã para atrair azar.

Dan já tinha inclusive decidido não se envolver na conversa quando sentiu o telefone vibrar dentro do bolso. Provavelmente era Sandy, preocupada porque ele ainda não tinha ligado para casa. Mas a mensagem de alerta não era de um SMS, mas do aplicativo do Facebook. Dan não fazia ideia de quem poderia estar tentando falar com ele pelo Facebook. Não havia nenhum conhecido do colégio com quem pretendesse manter contato. Poderia ser algum futuro colega de faculdade em Chicago?

Ele abriu o aplicativo com o polegar, ouvindo distraidamente a voz de seus amigos. Fats havia voltado, e estava inclinado sobre a mesa, conversando com Abby.

Dan pôs o dedo sobre o botão da caixa de entrada, mas sentiu sua mão ficar paralisada sobre a tela.

Aquilo não parecia normal. Nem certo. Nem possível.



– Jimmy Orsini costumava usar essa estrada durante a Lei Seca, não? – Abby perguntou, sacando uma fotografia para mostrar ao dono do restaurante. Para Dan, era como se ela estivesse falando grego. – Meu professor, o sr. Blaise, foi criado aqui perto, e me falou que o túmulo do Orsini é bem interessante. Vou tentar dar uma passada por lá, para fotografar. É isso que eu mais ando curtindo ultimamente. Fotografia, não túmulos, claro.

A resposta de Fats pareceu vir de um lugar distante também, e Dan notou que o motivo para isso era que seu coração batia tão forte que o eco em seus ouvidos o impedia de escutar direito.

– Eu não recomendaria fotografar isso, mocinha. Nunca se sabe com que tipo de coisa vai acabar mexendo. Existe um monte de histórias de *fantasmas* sobre Orsini e sua gangue. O túmulo fica no Alabama, claro, mas os detetives corriam atrás deles para cima e para baixo nessa estrada, até finalmente pôr as mãos neles em New Orleans. Orsini foi morto a tiros enquanto tentava fugir.

Pois é. Histórias de fantasmas. *Fantasmas*. Essa última palavra entrou fundo em sua mente. Dan olhou para

a mensagem na tela e seu remetente, e repetiu silenciosamente as palavras para si mesmo.

Micah Bonheur  
da Niel dani el  
vc es ta ai  
vejo vo cê muito em breve.



*Capitula*

4

Quando a comida chegou, ele ainda estava olhando para a tela do telefone, mas sem nenhum apetite. Uma brincadeira, ele pensou. *Eu vou matar quem fez isso.* Suas mãos estavam suadas quando ele enfiou o celular de volta no bolso. Longe dos olhos, longe da mente.

— Você está bem?

Jordan o estava encarando, estreitando os olhos enquanto dava um gole no *milk-shake*. Encolhendo os ombros, Dan enfiou o garfo na salada de batata, com um gesto relutante. Ele não seria capaz de contar sobre a mensagem de Micah, não ali, com Abby ainda batendo papo com Fats. Ela estava fazendo anotações, escrevendo nomes e lugares entre uma e outra garfada, enquanto o homem puxava uma cadeira para sentar ao lado da mesa, se acomodando para uma conversa mais longa.

— Não sei se a comida me caiu muito bem — Dan murmurou por fim. Só o cheiro do prato o deixava enjoado. A ansiedade o estava corroendo por dentro como ácido.

Quem seria cruel a ponto de fazer uma brincadeira de mau gosto como essa? Com certeza nem Abby nem Jordan e, até onde ele sabia, nem Felix, seu antigo colega de quarto perturbado, que ainda estava internado. Ele duvidava que o hospício permitisse acesso à internet, e muito menos a uma rede social. A única pessoa ainda viva que conhecia Dan e Micah era Cal, um amigo de Micah da NHC que havia sido um verdadeiro babaca com Dan e seus amigos no fim do ano anterior — para dizer o mínimo. Mas, de acordo com Jordan, Cal deu uma guinada de cento e oitenta graus desde então. A mente de Dan girava a mil, mas não conseguia encontrar uma explicação.

— Dá para entender por quê — respondeu Jordan. — Essa salada de batata parece estar meio passada. Quer um pouco das minhas fritas?

— Hã, ah, sim, claro. — Ele não podia começar de novo a mentir para seus amigos. Eles sempre descobriam tudo no fim das contas. Dan contaria mais tarde, quando estivessem sozinhos. Ele forçou um sorriso e aceitou uma batata frita de Jordan. Em seguida remexeu na mochila, pegou os remédios e engoliu um comprimido azul com o refrigerante. Sua doença sempre ficava pior quando a ansiedade aumentava.

— Viagens de carro também me deixam enjoado — acrescentou Jordan.

E então, de repente, ele pareceu perceber que a expressão no rosto de Dan não tinha nada a ver com a comida ou com um simples enjoo.

— Dan, qual é o problema? Tem outra coisa incomodando você, né?

E por acaso não era sempre assim?

Dan tentou pensar em uma resposta, sentindo seu coração disparar.

— Eu trouxe um dos arquivos. — Olhando para Abby, ele baixou a voz. — Sabe os *arquivos*? Eu sei que mexemos em tudo lá no NHC, mas eu precisava ter certeza de que não tinha deixado passar nada. Por causa do meu histórico familiar, entende?

Jordan ficou meio pálido, e baixou o *milk-shake*. Seus olhos grandes e escuros se arregalaram sob os cabelos encaracolados. — Ah.

– Pois é. Tem coisas lá sobre o meu pai, talvez sobre a minha mãe também, mas não dá para ter certeza. Já vasculhei tudo e não consegui encontrar nada concreto, só becos sem saída.

– Por que os arquivos deles estavam misturados com as coisas da professora? – murmurou Jordan.

Dan engoliu em seco. Ele não pretendia fazer isso naquele momento e naquele lugar, mas, quando começou a falar, foi como se sua confissão tivesse estourado uma barragem em seu cérebro, da qual estava tentando se livrar fazia tempo.

– Lembra que a professora Reyes falou que eu podia ver coisas que as outras pessoas não conseguiam?

– Sei lá... talvez. Aconteceu muita coisa naquela noite.

– Bom, eu... Quer saber? Esquece.

– Ei, se você acha que precisa falar sobre isso... – começou Jordan, mas Dan não se sentia mais pronto para aquilo. Não era o momento, não com Abby tendo uma conversa paralela, e com mais algumas horas de viagem antes de dormir em uma barraca.

– É melhor a gente ir – ele respondeu, olhando para fora e vendo a escuridão da zona rural, sempre tão densa e opressiva, do outro lado do vidro. – Está tarde, e a gente quer cair cedo na estrada amanhã, certo?

Dan falou bem alto, para que Abby pudesse ouvir. Ela limpou a garganta e olhou feio para ele.

Por sorte, Jordan estava cansado a ponto de fingir um bocejo, ou então era leal a ponto de fingir um.

– Eu estou um bagaço também, e a gente ainda precisa armar as barracas.

Em minoria numérica, Abby cedeu, mas não sem antes agradecer a Fats pela atenção e as informações, fechando a cara para os dois, como se estivessem conspirando contra ela. O que, tecnicamente, não deixava de ser verdade.

Dan abriu um sorrisinho amarelo.

– Ah, sr. Buckhill – ele falou, fazendo o homem deter o passo antes que voltasse para a cozinha. – O senhor poderia devolver esta lanterna para o Jake Lee? Tentei deixar na oficina, mas na placa dizia que ele estava aqui.

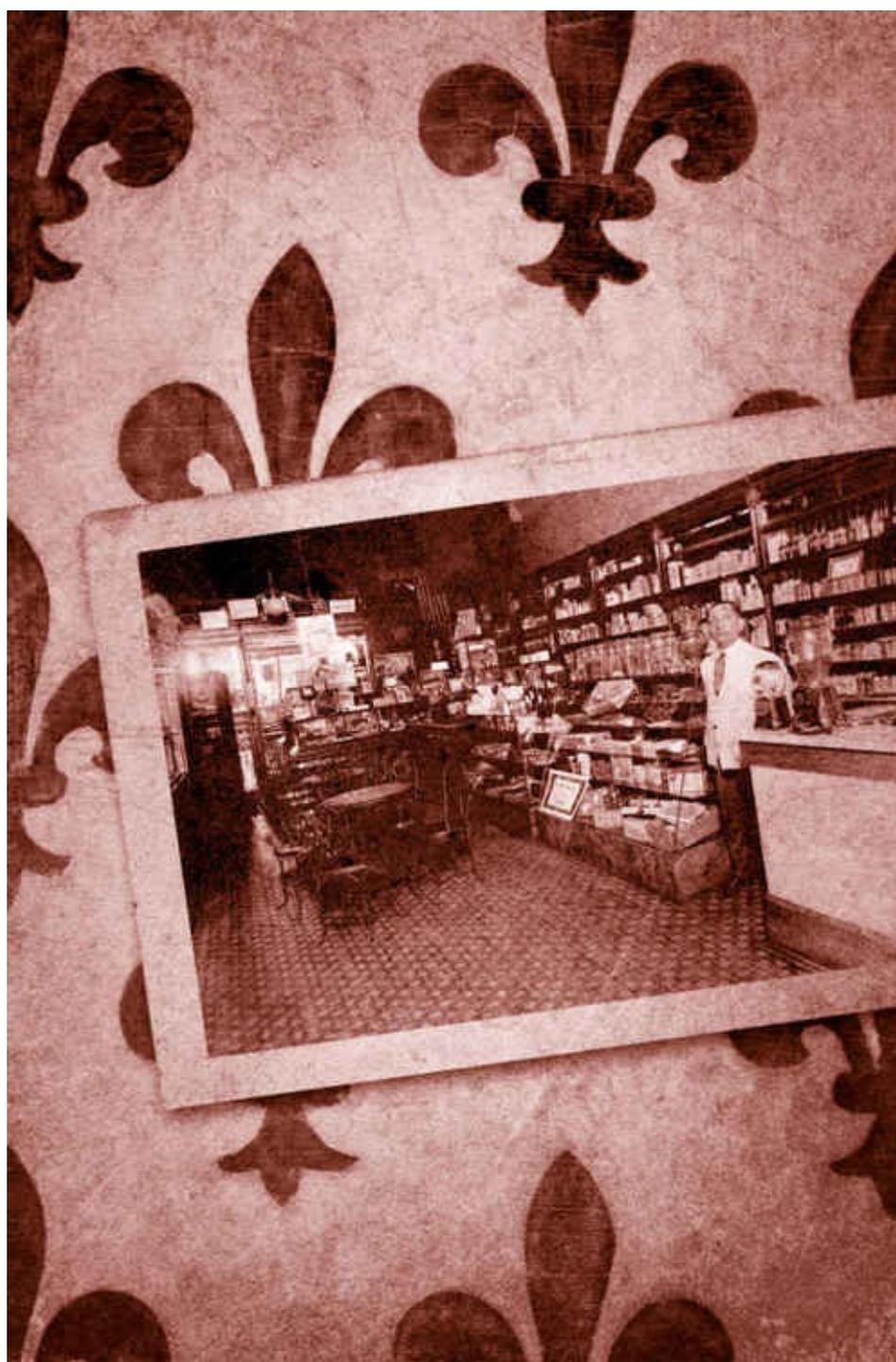
Fats sorriu.

– Bom, eu devolveria se soubesse quem é Jake Lee.

– Jake Lee... o mecânico? – falou Dan, sentindo seu estômago se revirar de pavor. Foi quando ele se deu conta, com uma clareza de revirar o estômago: Jake não tinha nem sequer cobrado pelo estepe.

– Aquele sujeito ali, Greg Mackey... se estão atrás de um mecânico, é com ele que precisam falar.

Dan, Abby e Jordan se entreolharam em silêncio. Recolhendo as bolsas com gestos apressados, eles deixaram a lanterna e uma gorjeta generosa na mesa antes de saírem correndo para o carro e para a escuridão da noite.





Capitula

5

— Então, onde a gente vai parar amanhã? Você tem mais algum passeio paralelo programado, Ab? — perguntou Jordan. Eles tentavam manter o clima leve, mas estavam claramente assustados. Os faróis dianteiros do Neon não iluminavam muitas coisas na estrada, apenas uma ou outra placa e os borrões das árvores ao lado da pista. — Não sei se aguento ver muito mais do Tennessee.

— Alabama — corrigiu Abby.

— Tennebamatucky, que seja. Para mim parece tudo a mesma coisa.

— A gente acabou de sair de Montgomery, Jordan, olha no seu GPS — esbravejou Abby. Em seguida, ela respirou fundo.

— Até admito que a paisagem ficou *mesmo* meio igual o dia todo, mas é isso que eu estou buscando para o meu trabalho — ela explicou. — Aposto que, quando eu puser as minhas fotos do lado de imagens de trinta, quarenta e até cem anos atrás, não vai ter muita diferença. Acho isso fascinante. O tempo passa e nada muda em alguns lugares. É um pensamento interessante, não? Algumas coisas são permanentes. Confiáveis...

Ela se interrompeu, e sua voz ficou um pouco triste.

— Claro — falou Jordan. — Eu entendo. Não precisava tentar me fazer dormir, mas estou escutando.

— É melhor você estar bem acordado — falou Dan. — Você vai ter que ajudar a armar a barraca quando a gente chegar ao *camping*.

— Estou ansiosa para passar em Mobile amanhã — continuou Abby, diminuindo a velocidade quando os faróis iluminaram a placa do Woods Campground. — Dizem que o Cemitério Magnolia é uma mina de ouro, tem mausoléus incríveis por lá. O sr. Blaise disse que é imperdível. Prometo que não vou ficar muito tempo. Sei que vocês querem chegar logo a New Orleans depois do que... — Abby estremeceu. — Eca, preciso de um banho.

Dan ficou em silêncio no banco de trás, desejando que houvesse algo que pudesse dizer para que tudo voltasse a ficar bem. Mas ele só conseguia pensar na mensagem de Micah.

Enquanto tiravam as coisas do carro, Dan conseguia sentir o olhar de Jordan queimando em sua nuca. Ele sabia que devia uma explicação para os dois, e sabia disso, mas por onde começar? Não seria nada bom assustá-los ainda mais naquela noite, principalmente porque precisariam dormir em uma barraca.

Dan não sabia nem se seus amigos acreditariam no que tinha a dizer. Ele nunca havia sido totalmente sincero com eles sobre sua capacidade de *ver* coisas. No ano anterior, houve um momento em que o estresse fez com que todos tivessem visões, mas nada comparável àquilo que Dan considerava seu poder. Não eram só ecos do passado — Dan vivenciou aquelas visões, e até interagiu com elas.

E, se não jogasse limpo com seus amigos naquela viagem, talvez nunca mais surgisse a chance.

Sob as luzes do estacionamento, eles começaram a armar a barraca, um trabalho que Abby soube delegar muito bem. Dan martelava as estacas no chão úmido com mais força do que o necessário, mas era bom poder bater em alguma coisa. Em meia hora, a barraca estava pronta.

– Você está bem? – perguntou Abby, observando enquanto Dan desenrolava o saco de dormir. – Estava martelando com tanta força.

– Estou bem – ele respondeu, fugindo do assunto.

– Está na cara que não.

Ele ficou sem saber, e acabou hesitando por tempo demais.

– Tudo bem, então. Não me conta.

Abby entrou no saco de dormir, ainda vestida. Na noite anterior, ela usou o banheiro do *camping* para pôr o pijama, mas para Dan parecia que aquela raiva era pelo menos em parte uma forma de mascarar o medo.

– Eu sei que você está irritada, Abby – disse Dan, acendendo um lampião e sentando de pernas cruzadas sobre o saco de dormir. Uma brisa leve agitou a lona da barraca, e à distância alguns entre aqueles que ali acampavam caíram na risada quando um deles uivou para a lua.

– Não é nem noite de lua cheia – resmungou Abby, se virando de lado, de costas para Dan. Jordan lançou um olhar encorajador, apesar de claramente não ter muita noção do que estava tentando incentivar.

– Só me deixa explicar, certo? – Dan suspirou e fechou os olhos, tentando pensar na melhor maneira de dizer aquilo. – Você tem razão. Eu não estou bem. Tem uma coisa... Escuta só, eu quero que a viagem seja divertida, sabe? Quero mesmo, e não faria nada para estragar isso. Até agora está sendo maravilhoso. Estar com vocês dois é... Bom, é a maior diversão que eu tenho na vida. Não queria falar de coisas que podem estragar o clima.

– Então não fala – ela rebateu, gelada.

– Escuta o que ele tem para falar – disse Jordan.

Bufando audivelmente, Abby se virou, mas apenas seus olhos e seus cabelos estavam visíveis sobre a beirada do saco de dormir verde escuro.

– Certo. Estou ouvindo. Explica.

Dan se virou e remexeu na mochila para tirar a pasta fina e desbotada que continha basicamente tudo o que sabia sobre seus pais.

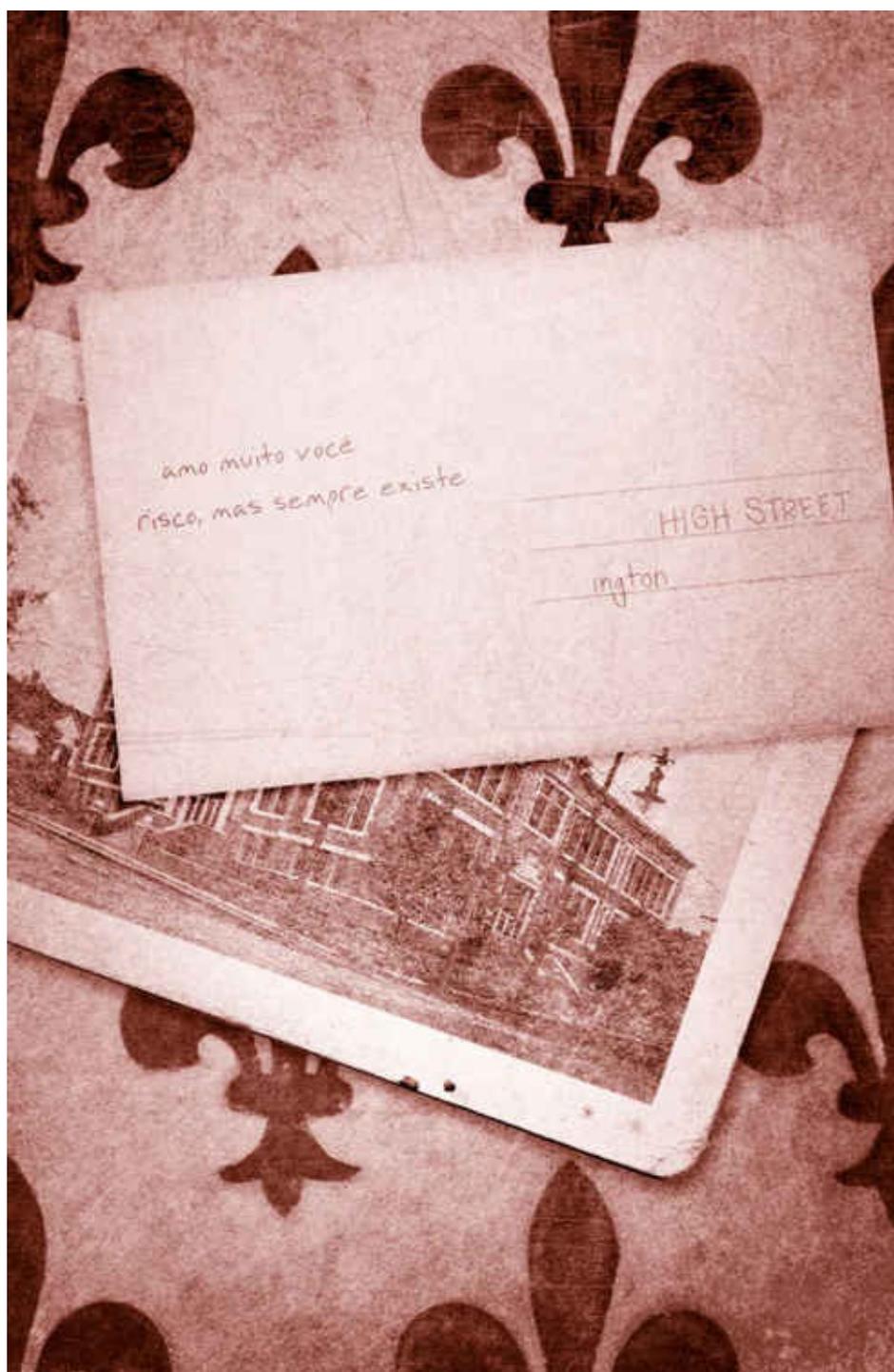
– Certo, a primeira parte é que... eu descobri uma coisa – ele falou, puxando a pilha de papel com dedos trêmulos. Ele a entregou para Jordan, e Abby se esticou para fora do saco de dormir para ler por cima de seu ombro. – Estava tudo nos arquivos da professora Reyes. Passei um pente fino em tudo, claro, mas não tinha muita coisa.

Abby afastou os cabelos escuros do rosto, estreitando os olhos para ler o relatório da polícia sobre o pai de Dan. Ela ficou paralisada.

– Esse é... é o seu pai? Minha nossa. Eu não fazia ideia, Dan.

– Nem o Jordan, até eu tocar no assunto no jantar – murmurou Dan. Abby pegou os papéis e começou a ler atentamente. Jordan não tentou impedir.

Abby pegou o cartão-postal, com os escritos que Dan conhecia de cor desde muito tempo antes. A foto com tom de sépia de um edifício imponente de tijolos – do tipo que não ficaria deslocado no *campus* do New Hampshire College. As únicas partes restantes do endereço eram “HIGH STREET”, e o nome de uma cidade que parecia “ingt n” ou “lington”, e havia uma mensagem escrita a lápis, também quase apagada.



*amo muito você  
risco, mas sempre existe*

Os dedos de Dan agarraram com força o cartão-postal ao tirá-lo cuidadosamente das mãos de Abby. Ele queria acreditar que aquela era a letra de sua mãe, e que talvez aquele postal tivesse sido escrito para ele — para explicar que seus pais *precisavam* ir embora. Que ele não era um acidente, ou alguém sem importância.

Um aperto gelado se abateu sobre seu peito. Nove meses depois de descobrir aquilo tudo, ainda havia muita coisa que Dan não sabia. Ele olhou para a parte da frente do postal outra vez, passando os dedos de leve sobre a imagem. Alguém havia rabiscado alguma coisa sobre a foto, mas eram garranchos sem sentido.

Abby começou a examinar o mapa todo marcado e manchado — um guia dobrável de estradas dos Estados Unidos, impresso em 1990. Uma linha fina tinha sido traçada a caneta de New Orleans até o Alabama, e depois até o Missouri, até Chicago e, por fim, até Pittsburgh.

O local do pontinho onde a linha terminava o deixou intrigado. Sua cidade. O ano, 1990, não era muito

distante daquele de seu nascimento, 1996. Na narrativa que construiu com base nas evidências, seus pais eram criminosos fugitivos. Por isso o deixaram para trás. Dan ficou tenso, fechou os olhos e desejou nunca ter encontrado aquela pasta.

Dan...

O tom na voz de Abby era de descoberta, mas, naquele momento, Dan não queria *nem saber* se ela conseguiu encontrar algo que passou batido para ele, só queria ficar em silêncio e se esquecer de tudo, arrumar um jeito de aliviar sua frustração antes que acabasse sabotando a viagem.

Quê? – ele se forçou a responder.

Tem alguma coisa no verso do mapa – ela falou.

Eu sei.

Dan ficou observando enquanto os dois liam a mensagem escrita à mão em preto e sublinhada com traço duplo.

### ENCONTRE-OS

– Você acha que foi a professora Reyes que escreveu isso? Ainda não entendo o que ela poderia querer com os seus pais – disse Jordan, franzindo a testa e estudando atentamente o mapa.

– Ela poderia não estar necessariamente atrás dele. De repente só queria descobrir um parente vivo do diretor – ele respondeu. – Acho que eu era o mais fácil de achar. Pô, eu praticamente caí no colo dela no verão passado.

Seus amigos se entreolharam, e ele respondeu à pergunta antes mesmo que ela fosse feita.

– Então, tem também a segunda parte. Eu sei que já brinquei sobre isso antes... sobre essa minha ligação estranha com o diretor ir um pouco além da relação entre tio-avô e sobrinho-neto. Mas o que nunca contei é que a professora Reyes estava atrás de mim porque achava que eu conseguia ver coisas acontecidas no passado. Tipo, coisas relacionadas com o diretor.

Silêncio.

Então, por fim, Jordan perguntou: – E... você consegue?

– Às vezes, sim. – Ele resolveu não dourar a pílula. – Não sei o que provoca isso, não é uma coisa que eu consiga controlar. No verão passado tive uns sonhos acordado, como se estivesse vendo as coisas pelos olhos do diretor. Na época pensei que fosse por causa da minha doença. Mas então, no Dia das Bruxas, vi coisas que o diretor não podia ter visto.

Abby passou os dedos pelo papel com a árvore genealógica, parecendo muito cautelosa, sem saber como reagir. Quando ela falou, sua reação não foi a que Dan esperava. – Foi por isso que você se matriculou no CPNH? Para descobrir mais sobre a sua família? Não que eu possa falar alguma coisa... só fui para lá por causa da minha tia. Já que estamos sendo sinceros, sou obrigada a confessar que, quando você contou que era parente do diretor, me questionei se não foi parar lá por causa *dele* no verão passado... se essas visões não faziam parte do plano de trazer a memória dele de volta.

– Quê? Não! Juro para vocês, não sabia de nada sobre o diretor nem sobre meus pais quando fui para o NHC – garantiu Dan. – Não sei se foi uma coincidência ou o destino que me levou para o Brookline no verão passado, mas eu fui, e então... Eu não queria mais manter nada em segredo de vocês, mas estou com medo. E tenho mais uma coisa para contar. A terceira e última parte.

Ele sacou o celular e abriu a mensagem, estremeando ao ver que ainda estava em sua caixa de entrada.

Uma parte dele tentava se convencer de que não a encontraria mais lá quando procurasse de novo.

– Aqui – ele falou. – Olhem só.

– Puta merda – disse Jordan, quase derrubando o telefone de Dan ao ver a mensagem. – Isso é loucura.

– Acho que eu vi o Micah também, quando estava indo embora do NHC. Foi tudo muito rápido. Fiquei torcendo para que fosse uma alucinação da minha mente. Eu esperava que essa história tivesse acabado.

Abby se inclinou para mais perto da luz do lampião, soldando um suspiro de susto ao pegar o telefone de Jordan.

– Mas como isso é possível? Pensei que eles bloqueassem as contas dos... de quem já se foi.

Dan percebeu que ela ia dizer “dos mortos”, mas achou a expressão pesada demais. Pesada demais ou não, era a verdade.

Abby abraçou os joelhos junto ao peito.

– A não ser que você ache que isso tem alguma coisa a ver com as suas visões. Mas, se for isso, por que a gente consegue ver também?

– Pois é. Só pode ser uma brincadeira de mau gosto, certo? – perguntou Dan, talvez enfatizando demais a última palavra.

– Com certeza pode ser – concordou Abby, bem séria. Ela não conseguia tirar os olhos da tela. – Coisa de alguém com um senso de humor doentio.

– É esse lance de nuvem ou sei lá o quê – falou Jordan, balançando a cabeça. – Dá para hackear qualquer coisa hoje em dia.

– Nossa, Dan, isso é muito sério. – Abby afastou o telefone e enfim o olhou nos olhos. – Ainda não acredito que esteja acontecendo.

Ele abriu um sorriso amarelo.

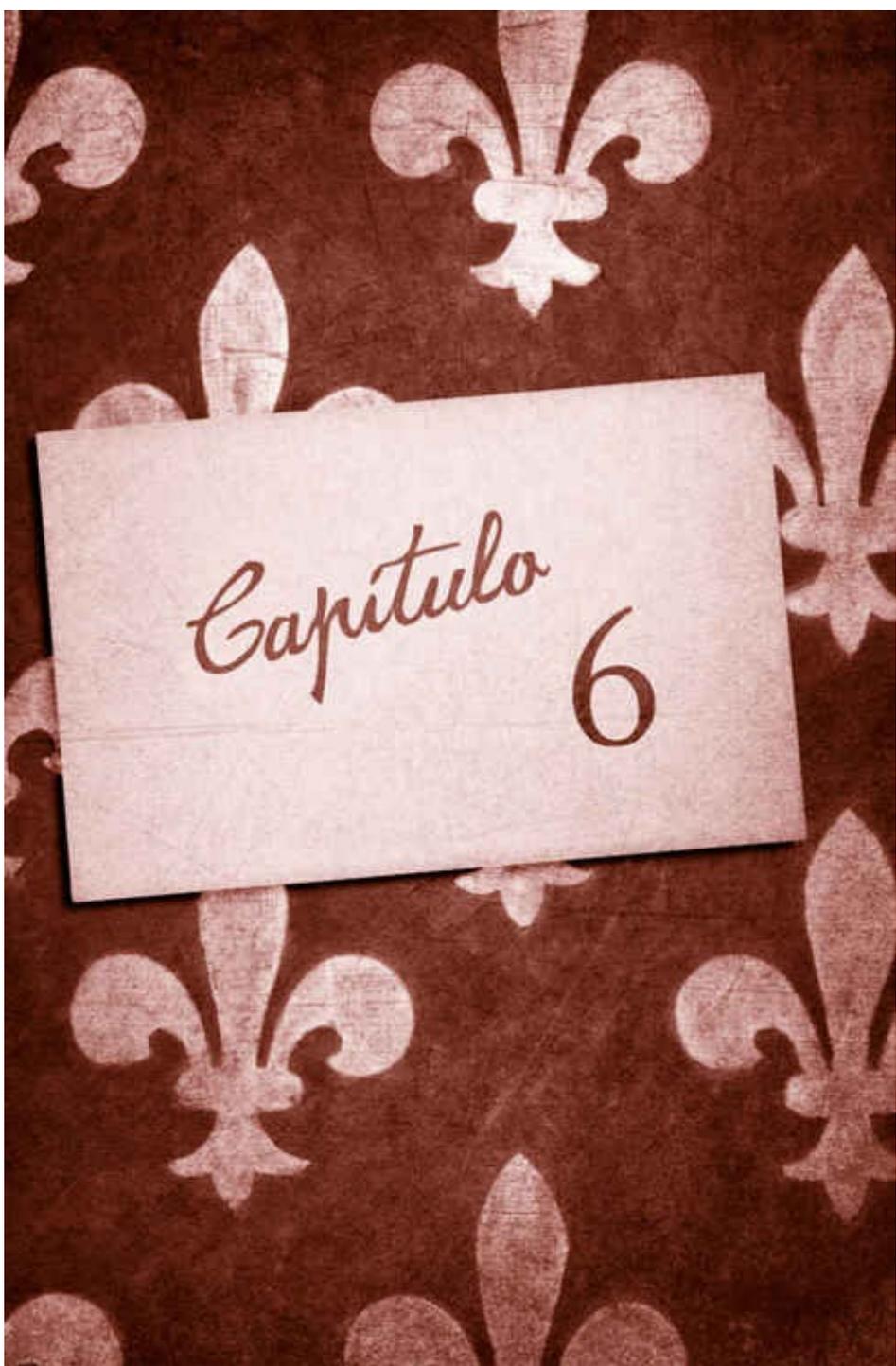
– Está tudo de volta ao normal, eu acho.

– Não deveria ser assim – retrucou Jordan, dando um tapinha nas costas dele. – Acho que você deveria escrever de volta e mandar quem está fazendo isso parar. Ou então denunciar! Deve ter algum jeito de impedir esse tipo de coisa.

Ele nem mencionou o restante das coisas que Dan contou. Dan percebeu que esse era o jeito de Jordan dizer que não o culpava por nada daquilo. Foi direto para a parte de solução, em vez de se intimidar pelo problema.

– Jordan tem razão – disse Abby, retribuindo o sorriso constrangido de Dan. – Denuncia. Aposto que essas mensagens vão parar depois disso.

– Ah, sim, claro – concordou Dan. – Vou denunciar. – Ele pegou o celular e guardou de volta na mochila antes de apagar o lampião. – Assim as mensagens vão parar.



Capitula

6

A monotonia da zona rural do Alabama era uma mudança quase bem-vinda depois da agitação da noite anterior. Dan observava as pastagens verdes e amareladas que se espalhavam ao redor, interrompidas por uma ou outra faixa de mata fechada. Pequenas propriedades surgiam no horizonte aqui e ali, pequenas a ponto de parecerem casinhas do Banco Imobiliário, distantes demais para ter a aparência de lares de verdade.

Nenhum deles tinha muito a dizer naquela manhã. Dan abriu um wi-fi hotspot no celular, e Abby ligou o *laptop* de Jordan no colo, cantarolando o ritmo da música eletrônica que tocava nos alto-falantes enquanto verificava a rota da parada seguinte. O som de seus dedos digitando era tranquilizador, quase como gotas de chuva na janela, e Dan se encolheu junto à lateral do carro para uma soneca, apesar de estar acordado fazia apenas duas horas. Dormir no chão por duas noites seguidas não era uma coisa que fizesse muito bem para as suas costas.

Ele estava quase cochilando quando a voz de Abby o chamou do banco da frente.

– Olhem só – ela gritou, apontando para a tela do *laptop*. – Acho que encontrei uma coisa.

– Não dá para eu olhar agora – respondeu Jordan. – Me diz o que é.



Abby apoiou o *laptop* no console central e se virou para Dan.

– Conhece esse lugar? – ela perguntou, claramente satisfeita consigo mesma. *Certo, mas ela tem um motivo para isso*, pensou Dan, piscando várias vezes enquanto observava a imagem, incrédulo. Era o prédio do cartão-postal, só que em cores.

– Isso... como foi que você fez isso?

– Não foi muito difícil, na verdade – ela explicou, prendendo uma mecha de cabelo atrás da orelha. – O prédio da foto era claramente de um hospital ou de um colégio, e achei que devia ser um lugar famoso, para estar em um cartão-postal. A letra no endereço parecia mais *l* que um *h*, então achei que devia ser Arlington, e não Washington. No começo pensei que pudesse ser um hospital em Arlington, na Virgínia. Mas essa busca não deu resultado, então tentei pesquisar por “colégio Arlington”, e esse foi um dos primeiros resultados. Fica em Bessemer. Bem pertinho de Birmingham.

– Espera... está me dizendo que esse colégio fica no Alabama? – Dan sentiu os pelos de seu braço

arrepiaressem. Ele não conseguia acreditar. Rolando a tela para baixo, ele leu a legenda abaixo da foto. *Colégio Arlington. Construído em 1908, abandonado na década de 1980.*

– Não fica longe daqui – falou Abby. – A gente ia precisar voltar para trás um pouquinho, mas é uma viagem de no máximo umas duas horas.

– Tem certeza de que isso é mesmo uma boa ideia? – questionou Jordan. – Tipo, sem querer ofender, Dan, mas a gente não tem um histórico muito positivo quando o assunto é revirar coisas do passado. E eu pelo menos estou achando essa coincidência um tanto bizarra.

Dan tentou disfarçar a apreensão na voz quando falou:

– Quer dizer, eu até *gostaria* de dar meia-volta e ir dar uma olhada nesse lugar. Mas só se você disser que tudo bem...

Jordan o encarou pelo retrovisor antes de se virar para Abby, que estava praticamente implorando com os olhos.

– Bom, o tio Steve não está exatamente contando os minutos para a hora em que a gente vai chegar lá – falou Jordan. – Sério mesmo, a única pessoa que está sentindo a minha falta é Elanora, a líder da minha guilda, que quer saber quando vou poder voltar a participar dos ataques... Certo, tudo bem.

– Legal, valeu – disse Dan, que não estava mais com nem um pingão de sono. Era uma nova descoberta. Uma pista. Ele tinha desistido de tentar saber mais sobre seu pai, e agora aparecia aquilo... – Esse lugar devia significar alguma coisa para os meus pais, certo? Por que mais alguém mandaria um cartão-postal de um colégio antigo? Quero investigar isso pessoalmente.

– Ô-ou... parece que tem um probleminha. – Abby fez uma careta, esfregando a nuca quando rolou a página um pouco mais para baixo. – O prédio começou a ser demolido no início do verão. Pode não ter sobrado muita coisa para ver.

– Então acho que é melhor o Jordan pisar fundo.



O colégio estava vazio e ainda de pé, com uma cerca de alambrado que pouco fazia para impedir que os vândalos saqueassem o lugar. As janelas quebradas estavam cercadas de fezes de pássaros e pichações. Era difícil imaginar que um lugar como aquele já esteve lotado de estudantes.

Uma escadaria larga de tijolos levava à entrada principal, mas uma pilha de entulho e móveis quebrados formava um verdadeiro paredão até o nível da rua. Os três estavam encostados no carro, observando o prédio.

Dan levantou o cartão-postal, comparando o colégio em sua época de glória com o atual estado dilapidado.

– Dá para ver por que vão demolir tudo – Abby comentou baixinho. – Ainda bem que a gente chegou aqui com muita luz do dia pela frente.

– Não parece ser seguro entrar aí. – Jordan ficou olhando para a entrada, estudando uma maneira de chegar até as portas. Por todos os lados, a barreira parecia intransponível. – Não sei nem como a gente pode fazer isso.

Mas Jordan não era do tipo que se deixava intimidar pelos problemas. Ele se afastou do carro e saiu andando pela calçada.

– Talvez tenha um vigia tomando conta do lugar. Eu é que não estou disposto a entrar às cegas e dar de

cara com um monte de mendigos.

Mais à frente, de pé no meio do caminho cimentado invadido pelo mato alto, havia um homem alto, vestido com uma jaqueta esfarrapada e calça jeans.

– Tipo ele – falou Dan, entrando por um buraco na cerca.

– Tipo quem?

– Ei! – gritou Dan. O homem pareceu não escutá-lo, e continuou andando pelo pátio cheio de entulho da escola, desaparecendo atrás da construção. – Ei, é você que toma conta aqui?

Dan começou a correr, tropeçando em pedras e mesas e cadeiras quebradas pelo percurso de obstáculos que levava às portas bloqueadas com tábuas. Dan viu o homem de novo, dessa vez contornando o canto esquerdo da construção. Ele não estava correndo, e Dan o alcançou com facilidade, colidindo com o estranho ao contornar a parede.

Ou melhor, teria colidido com o homem caso não tivesse passado *através* dele. Dan ficou paralisado, sentindo um calafrio descer até os dedos dos pés, uma sensação que persistiu quando o homem deu um passo à frente e atravessou mais uma vez a manifestação corpórea de Dan. Colocando-se lado a lado com a visão, Dan observou o rosto do homem, e reconheceu traços de seu próprio nariz, de sua boca, de seu queixo... Seria possível? Ele estaria mesmo olhando para...

– Pai?

Dan não queria que aquele fosse seu pai. Em todas as suas visões anteriores, ele só via gente que já estava morta.

Não que ele ainda tivesse esperança de encontrar Marcus vivo, mas a confirmação daquela maneira o paralisou de pavor mais uma vez. Mesmo assim, ele continuou seguindo o homem espectral até uma porta de serviço nos fundos do prédio. Seu pai atravessou a estrutura, e Dan teve que se esgueirar por entre as tábuas mal pregadas que cobriam a passagem.

Sua camiseta enroscou na ponta afiada de uma das tábuas, mas ele ignorou o incidente, apertando o passo para seguir seu pai para as entranhas do colégio. As roupas de Marcus eram fora de moda, ou no mínimo datadas, e Dan se perguntou de quando seria aquela imagem dele, de que época da vida de seu pai. O interior do prédio estava ainda mais caótico que o exterior, mas deveria ser assim no tempo de Marcus também, porque ele evitava cuidadosamente os corredores interditados por pedaços de paredes despencadas. Ele o conduziu até o úmido e deteriorado saguão da frente, onde um pombo voou sobre a cabeça de Dan e o fez gritar de susto.

– Você está bem? Dan! Cadê você? – O grito de Abby ecoou pelas entranhas dilapidadas do colégio.

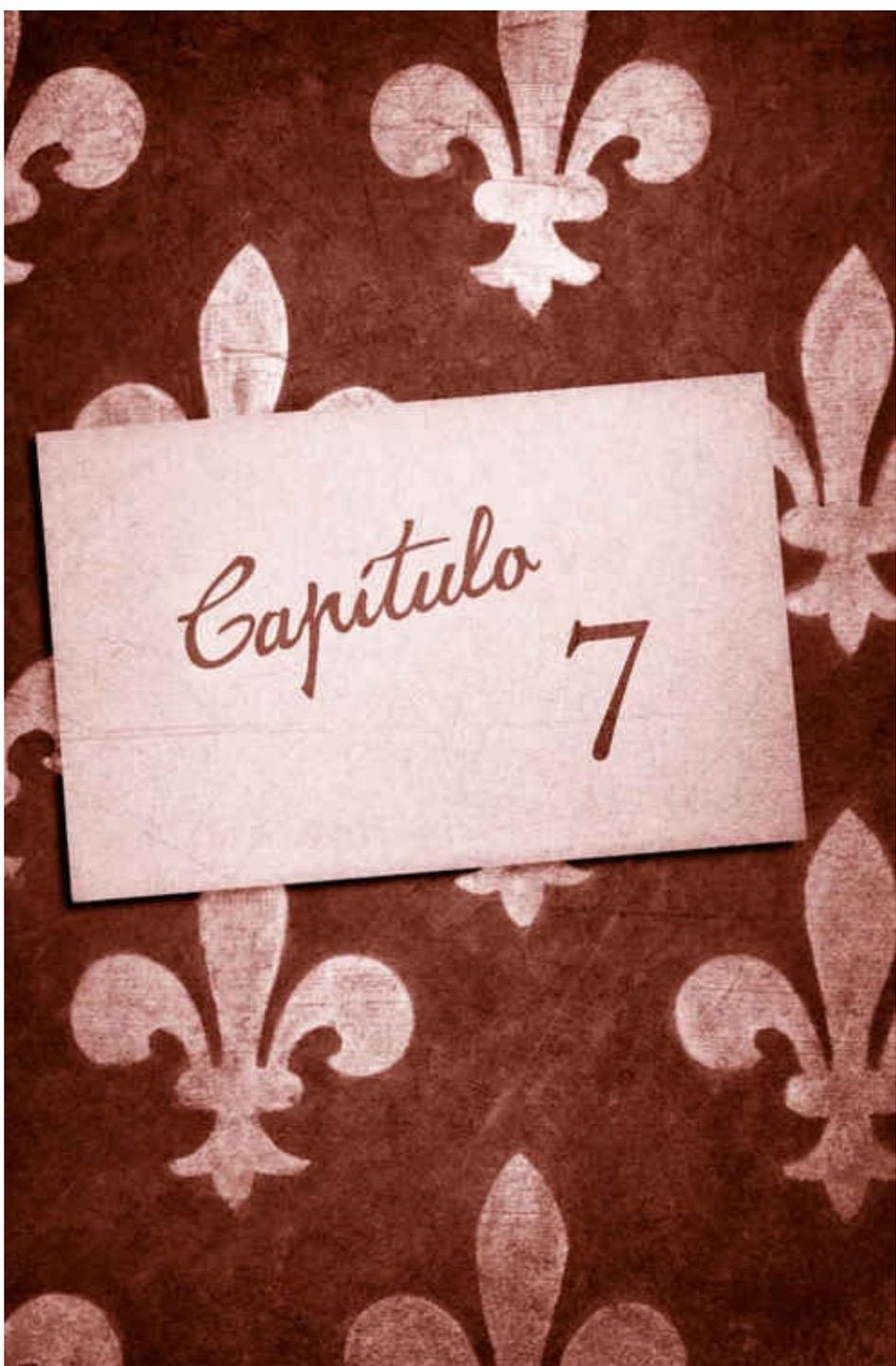
– Estou bem! Saio daqui a pouquinho – ele berrou de volta. Pelo menos era o que ele esperava. O mofo e as fezes de pássaros produziam um odor terrível. Dan levantou a gola da camiseta, escondendo o nariz atrás do tecido para não vomitar.

A pintura cheia de bolhas se soltava em várias partes das paredes e do teto. O pai de Dan se esgueirou pelos batentes de uma passagem quase desmoronada e entrou no que parecia ser uma sala de aula. Lá dentro, abriu a porta de um armário coberto de pichações.

– Não podemos ficar aqui – Marcus falou, para ninguém. – Deixa pra lá. O lugar está um horror, e não temos tempo para empacotar tudo. Você não vai querer ser vista aqui, certo, Evie? Vamos embora.

Ele olhou por cima do ombro, alarmado, diretamente para Dan.

E então desapareceu.



Capitula

7

Dan olhou para o interior cheio de umidade do armário da sala. As prateleiras tinham sido arrancadas e espalhadas pela sala, e o que restou era uma espécie de caverna para andarilhos sem-teto. Havia travesseiros e cobertores largados no chão, puídos e roídos por ratos e insetos. Ele tapou o nariz com o indicador e o polegar, se ajoelhando para dentro do armário, observando mais de perto os resquícios de um leito improvisado. Era impossível determinar quanto tempo fazia que o local havia sido usado pela última vez.

Ele remexeu com o pé os travesseiros e cobertores. Algo se moveu em meio aos artigos de cama descartados, distorcendo o tecido antes de sair de baixo dele. Uma ratazana apareceu diante dele, soltando um guincho antes de sair correndo do armário. Dan cambaleou para trás sobre as prateleiras arrancadas, pondo a mão no peito e ficando sem fôlego de susto. A abertura deixada pelo rato revelou um tom amarelado em meio às cobertas, e quando as afastou Dan encontrou uma espécie de ninho feito de papéis rasgados. A maioria estava roída e desfigurada, mas havia algumas folhas com palavras ainda legíveis.

Dan recolheu tudo o que pôde, estremecendo por causa do cheiro úmido e podre e dos pedaços de pelos grudados nas páginas. Ele ainda fuçou um pouco no armário, porém não havia mais nada. Atrás de si, ecoavam as vozes e os passos de seus amigos.

No saguão principal, ele encontrou Abby documentando as ruínas com sua câmera. Jordan estava todo encolhido, observando o teto esburacado e precariamente equilibrado.

– Aí está você – ele falou, respirando pela boca. – Onde diabos você se enfiou?

– Eu vi uma coisa – revelou Dan. – Pode ter sido... Sei lá. Mas tinha umas coisas largadas dentro de um armário. Eu peguei para olhar mais tarde.

– Dan – falou Abby, encarando-o por cima da câmera. – O que foi que você viu?

– Tive uma visão – ele admitiu. – Acho que pode ter sido do meu pai. Com alguma sorte, essas coisas podem ter sido dele. – Fazendo uma careta, ele ergueu os papéis velhos e manchados.

– Que maravilha – resmungou Jordan, torcendo o nariz e olhando para Dan como se ele fosse maluco.

– A gente pode tentar tirar a umidade com o meu secador de cabelo – sugeriu Abby, sem se abalar. Ela voltou sua atenção para a câmera, caminhando até uma pilha de tampos de mesa apodrecidos. Sua câmera estalava baixinho enquanto ela fotografava o teto, as salas de aula e Jordan. Abby continuou capturando imagens com tanta rapidez que Dan só percebeu que ela ainda estava fazendo isso quando a ultrapassou perto da porta de serviço por onde tinha entrado.

Ele ouviu cliques ainda mais acelerados vindos dos arbustos do lado de fora.

Abby não era a única fotógrafa no local.

– Mas que diabos – ele murmurou, correndo na direção da porta.

Havia uma figura magra encolhida no meio do mato, tirando fotos deles. Quando Dan apareceu, o sujeito jogou a câmera presa pela alça por cima do ombro e se afastou correndo. Dan foi atrás, se esgueirando por entre as tábuas que bloqueavam a entrada de serviço.

O sujeito era rápido, bem mais ágil que Dan, saltando com habilidade a pilha de entulho no pátio da frente. Passando por cima da barreira, ele chegou a uma motocicleta preta estacionada do outro lado da rua, em frente ao carro de Abby. Sem fôlego, Dan continuou a corrida com passos cambaleantes, observando o estranho subir na moto, ligar o motor e fazer um giro de cento e oitenta graus antes de arrancar para longe. Havia um emblema vermelho nas costas do motociclista, mas Dan estava longe demais para identificá-lo, e não conseguiu ver a placa do veículo também.

Ofegante, Dan ficou olhando para a motocicleta até ela desaparecer ao longe.

– O que foi isso? – Jordan estava sem fôlego também quando o alcançou. – Alguém da polícia viu a gente?

– Acho que não era ninguém da polícia – respondeu Dan. – Tinha alguém tirando fotos. *Espionando a gente.*



Capitulo

8

**D**an já estava cansado de perder o apetite antes de cada refeição que faziam.

– Você acha mesmo que aquele cara estava tirando fotos da gente? – perguntou Abby, se inclinando para a frente com os dois cotovelos apoiados na mesa. – Por que alguém faria isso?

Depois de mais duas horas de viagem, eles tinham chegado a Montgomery a tempo para um almoço tardio. Pararam antes em uma lanchonete para esticar as pernas e usar o banheiro, mas nenhum deles queria ficar muito tempo parado na estrada.

– Não faço ideia – respondeu Dan. Durante todo o tempo, ele tentou encontrar alguma explicação para a visão no colégio e para o estranho tirando fotografias dos três. Pelo menos Jordan e Abby tinham ouvido o barulho da moto, então Dan sabia que o incidente não ocorreu *apenas* em sua mente. Para completar, o Facebook recebeu sua denúncia com indiferença, se limitando a mandar uma resposta no estilo “estamos investigando”.

– Ei, você adora tirar fotos de velharias, Abby. Vai ver esse esquisitão gosta de fotografar pessoas tirando fotos de velharias – brincou Jordan, mas ele estava pálido, apreensivo.

Dan também não estava gostando nada daquilo.

– Bom, quem quer que fosse, deve ter ficado lá em Birmingham – argumentou Abby. – Mas a gente precisa ficar de olho mesmo assim.

– Pois é – concordou Dan. Ele pediu só um refrigerante, que bebia devagar enquanto beliscava o pão que o restaurante oferecia como entrada. Não era bom tomar seus remédios de barriga vazia, e aquilo podia ajudar.

– Quando a gente passar por Mobile, pode fazer uma visita ao cemitério Magnolia – anunciou Abby, mudando de assunto e tentando, sem sucesso, deixar o clima mais leve. – Isso se a gente ainda puder parar. Estou morrendo de vontade de ver esse lugar.

– Como é? – retrucou Jordan, sarcástico.

– Tá bom, estou empolgadíssima para ver esse lugar – corrigiu Abby, mostrando a língua. – O sr. Blaise fala o tempo todo de lá. Parece que ele fez uns desenhos a carvão do lugar quando tinha a nossa idade.

Randy, a garçonete, apareceu nesse momento, estalando uma bola de chiclete e trazendo a conta. Seus cabelos vermelhos e armados eram penteados de uma forma que combinaria bem com uma irmã desconhecida do Ronald McDonald.

– Magnolia, é? Vocês deviam passar mesmo por lá, se não estiverem com pressa. Sei que num é muito normal recomendar um cemitério como passeio turístico, mas esse aí é especial.

– Então! Você já foi lá? – Abby voltou sua atenção inteiramente para Randy. – Eu estou atrás da história de uns contrabandistas de rum da época da lei seca, que é muito, muito legal. Estou tentando incluir isso em um trabalho de fotografia que estou fazendo para a escola.

Dan se virou para olhar para o carro, onde as páginas molhadas e amarelas que encontrou estavam secando ao sol na capota do Neon.

– Podem me dar a parte de vocês na conta que eu já saio – Abby se apressou em dizer antes de continuar sua conversa com Randy. Dan não gostava nem um pouco de dar motivo para eles se desentenderem, mas estava ansiosíssimo para ver o que havia naqueles papéis.

– Então você acha mesmo que viu o seu pai? – Jordan perguntou enquanto os dois caminhavam até o carro. – Tipo, o seu pai *verdadeiro*. Espera aí, eu posso dizer isso? Que o outro é o *verdadeiro*? A Sandy e o Paul são bem legais. E eu sei que você também acha.

– Sem problemas – Dan garantiu, com toda a sinceridade. Ele mesmo não sabia qual era a nomenclatura ideal. – Acho que podia ser ele mesmo. Tipo, era parecido comigo. A voz e o jeito de falar não tinham nada a ver, mas isso é normal. Ele estava falando com alguém, o nome era “Evie”, mas ela não apareceu para mim.

Jordan balançou a cabeça, pensativo, mastigando o canudo do copo plástico para viagem. Seus olhos ficaram bem sérios por trás dos óculos de armação grossa. – Se era ele mesmo, o que poderia estar fazendo naquele colégio abandonado?

– Morando lá, de repente? – sugeriu Dan. – Parecia que ele estava com pressa, talvez sendo perseguido. Espero que, na pressa de fugir, ele e a minha mãe tenham deixado alguma coisa para trás.

– Só tem um jeito de descobrir isso.



As páginas farfalhavam e estalavam em suas mãos.

Abby e Jordan permaneciam em silêncio, mas Dan conseguia sentir as expectativas deles pesando em seus ombros como blocos de concreto. Não queriam aqueles papéis fedorentos e mofados no carro além do tempo estritamente necessário, então os três estavam de pé, formando um semicírculo no estacionamento.

– Certo – falou Dan, respirando fundo. – Lá vai. O que vocês deixaram para mim, pai e mãe?

Respirando pela boca, ele aproximou a primeira página do rosto e estreitou os olhos para decifrar a caligrafia desbotada. Era uma carta endereçada a *Marc & Evie*.

– “Espero que vocês estejam bem” – Dan leu em voz alta, se esforçando para entender a letra. – “Uma caixa-postal é uma solução inteligente, mas também é rastreável. Continuem sendo discretos até a história da Trax Corp explodir de vez. Eles estão me pressionando bastante para entregar minhas fontes, mas aqueles idiotas sabem que eu não vou ceder. Tem um pessoal deles rondando o escritório. Capangas. A crueldade contra os animais foi uma grande descoberta, mas o contrabando é uma coisa maior ainda. Vou tentar manter aquele parasita do Tilton longe de vocês. Só não fiquem por muito tempo no mesmo lugar, certo? Daqui a alguns meses, a Trax vai ter mais coisas mais sérias com que se preocupar do que uma simples invasão de propriedade, e vocês vão poder voltar. Está tudo bem no *Whistle*. Vocês me conhecem, eu consigo manter qualquer coisa de pé.” – Dan entregou os papéis para Abby. – A carta é assinada por uma tal de Maisie.

– Parece que os seus pais eram os denunciantes de algum esquema ou coisa do tipo – comentou Abby, relendo o papel. Ela passou para a folha seguinte. – Mais uma carta da tal Maisie. Pelo jeito a descoberta dos seus pais fez essa Trax Corp fechar as portas.

Dan se posicionou ao lado dela, lendo por cima de seu ombro.

– E tinha também um mandado de prisão contra eles – acrescentou Dan, apontando para o papel. – A data é mais antiga que a do relatório policial que eu tenho. Pelo jeito a tal invasão de propriedade não foi

uma coisa isolada.

– Mas os seus pais deviam ter razão – argumentou Jordan, olhando para o celular. – Tipo, a Trax Corp fechou as portas, certo? Então devia estar fazendo alguma coisa ilegal.

Dan concordou com um aceno de cabeça, mas sua mente estava longe, imaginando como teria sido assustador para seus pais precisar correr de um lugar para o outro, para não acabar na prisão. Eles deviam estar acampando na escola, evitando hotéis e locais públicos onde podiam ser reconhecidos. Não dava para acreditar que seus próprios pais eram *fugitivos*. Mas, depois de passar a infância toda sendo jogado de um lar adotivo para outro, a revelação de alguma forma fazia sentido. Por mais que ele amasse Paul e Sandy e fosse grato a eles, sempre houve um abismo perceptível, mas nunca mencionado, entre a gentileza absoluta dos dois e as tendências mais sombrias de Dan.

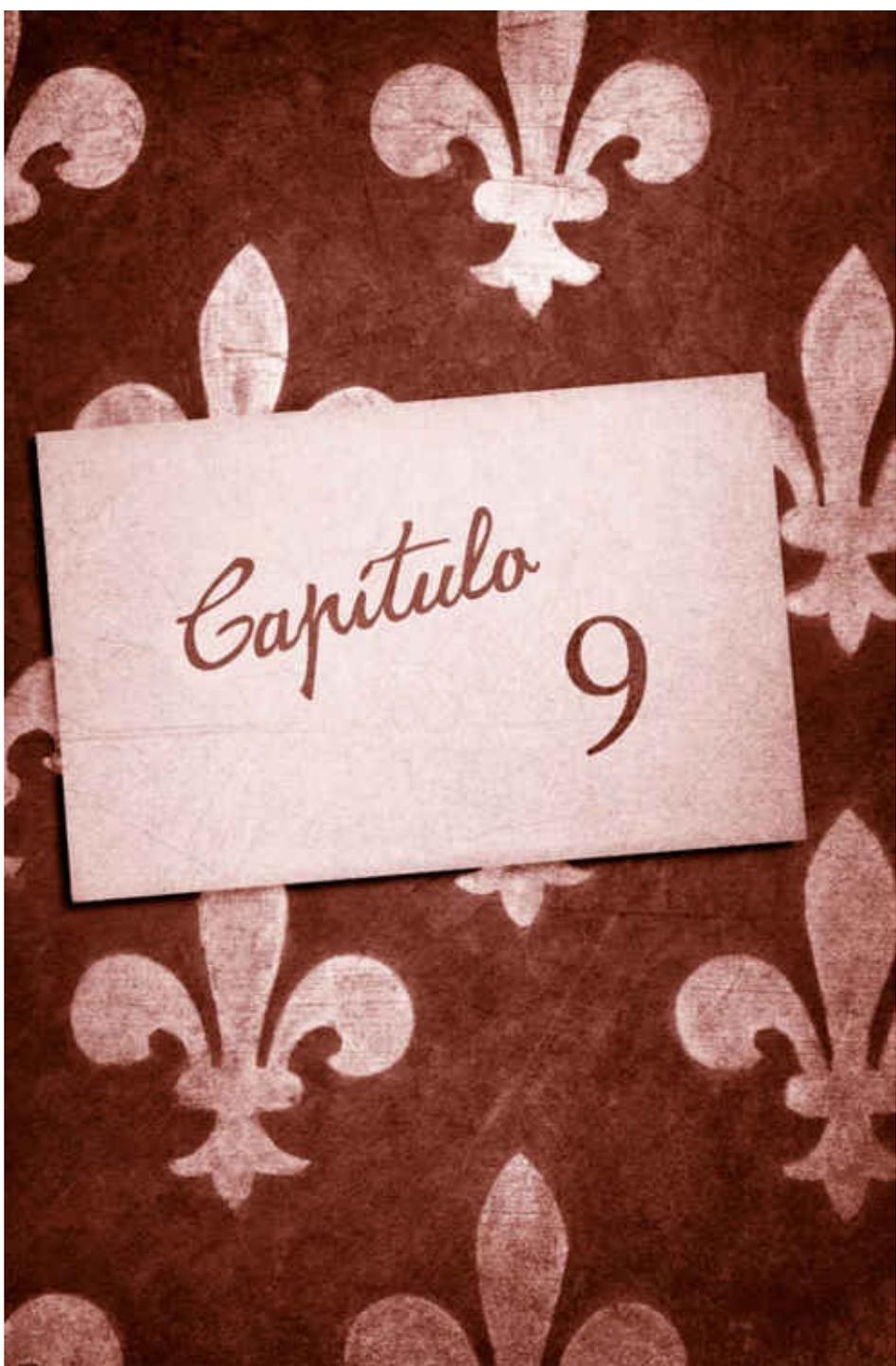
– Deve ter informações sobre essa empresa na internet – especulou Dan. – Se ela foi obrigada a fechar, a notícia deve ter aparecido na imprensa. Apesar de que foi nos anos oitenta. Se não fosse uma empresa grande, pode não ter saído muita coisa a respeito.

– Talvez – disse Jordan, se curvando sobre o celular. – Mas parece que o *Whistle* era um jornal mesmo. Uma publicação pequena, mas tem um verbete na Wikipédia. Maisie Moore foi a editora-chefe até 1995. Aqui não fala nada sobre os seus pais, mas o jornal é de Metairie. Não é muito longe de New Orleans. De repente a Maisie ainda mora por lá.

– Fantástico – falou Abby. Ela devolveu as cartas para Dan com um movimento cuidadoso, ciente do péssimo estado em que se encontravam os papéis. – Ela conhecia os seus pais, Dan. A gente pode procurar por ela quando chegar lá.

– Não quero exagerar nas expectativas – ele respondeu.

Mas suas expectativas já estavam elevadas. E se Maisie Moore tivesse o contato de seus pais nos arquivos dela? Depois de tantos anos sem saber absolutamente nada, encontrar os dois poderia ser mesmo tão fácil?



Capitulo

9

— Tudo bem mesmo?

— Claro, Abby, tudo bem. Eu sei o quanto você quer ver esse cemitério. Não vou cortar o seu barato.

E, de qualquer forma, eles já estavam estacionados em uma rua estreita ali perto. Dan mal se lembrava de como tinham chegado até lá. Estava totalmente aéreo, e até um gesto simples como desfivelar o cinto de segurança exigia um esforço extraordinário. Quando pararam para abastecer, Jordan teve que pagar a conta, porque Dan não conseguia encontrar a carteira.

Abby abriu a porta do carro para ele, que saiu cambaleando pela calçada, piscando várias vezes para o céu nublado depois de acordar de um longo e inquieto sono. O gigantesco cemitério era protegido por grades de ferro. Ele e Jordan seguiram Abby até a entrada, passando sob uma placa de metal trabalhado com os dizeres *Cemitério Magnolia*.

Jordan estremeceu.

— Eu odeio cemitérios. Sempre acho que não é o meu lugar, sabe como é? A não ser que você esteja literalmente morto, ou que esteja lá para levar flores, é melhor manter distância.

— Pois é, a Abby vai ficar devendo uma rodada de *milk-shakes* para a gente depois dessa.

Mas sobre uma coisa ela estava certa: a arquitetura era incrível, com monumentos capazes de abrigar uma pessoa ou uma pequena família de animais a cada poucos passos. Os três se afastaram do caminho principal e para andar sobre o gramado bem cortado. Dan tomava cuidado para não chegar nem perto dos túmulos espalhados pelo chão.

— Tem certeza de que a gente está só passeando por aqui? Você parece saber muito bem onde está indo — Jordan falou para Abby, que ia mais à frente com passos confiantes.

— A Randy me deu umas indicações.

— Quem? — gritou Jordan.

— Randy. A garçonete, lembra? Ah, é, você não estava prestando atenção. Ela me deu umas dicas de monumentos para ver. Eu anotei tudo. É só vocês me seguirem.

Nenhum dos dois protestou.

— Então, esse seu projeto — falou Dan, puxando assunto para preencher o ar pesado e silencioso do cemitério. — Isso é uma coisa que você está fazendo para mostrar para o seu professor ou o quê?

Ela encolheu os ombros, mordendo o lábio enquanto abria caminho em meio às lápides.

— Na verdade, é que... Eu andei pensando. Bastante. Talvez até demais. — Com um suspiro, ela parou para tirar algumas fotos das árvores mais acima. — Depois de tanta pressão para escolher uma faculdade e fazer a coisa certa, fazer o que *esperam* de mim, eu já nem sei mais o que quero.

— Acho que o seu pai foi duro demais com essa coisa da escolha — comentou Dan.

— Cruel é a palavra certa, eu acho. — Ela soltou uma risada amarga. — É disso que eu gosto — ela falou, apontando para a câmera e o espaço aberto ao redor. — Não sei se gastar uma fortuna para ter um diploma

de bacharel em artes plásticas é a escolha certa. Tem um monte de artistas que se viram bem sem isso. E com certeza eu vou ser pobre depois que me formar, então por que gastar o que nem tenho? Não quero um diploma para ser professora de arte, quero *viver* a arte.

– E isso significa o quê?

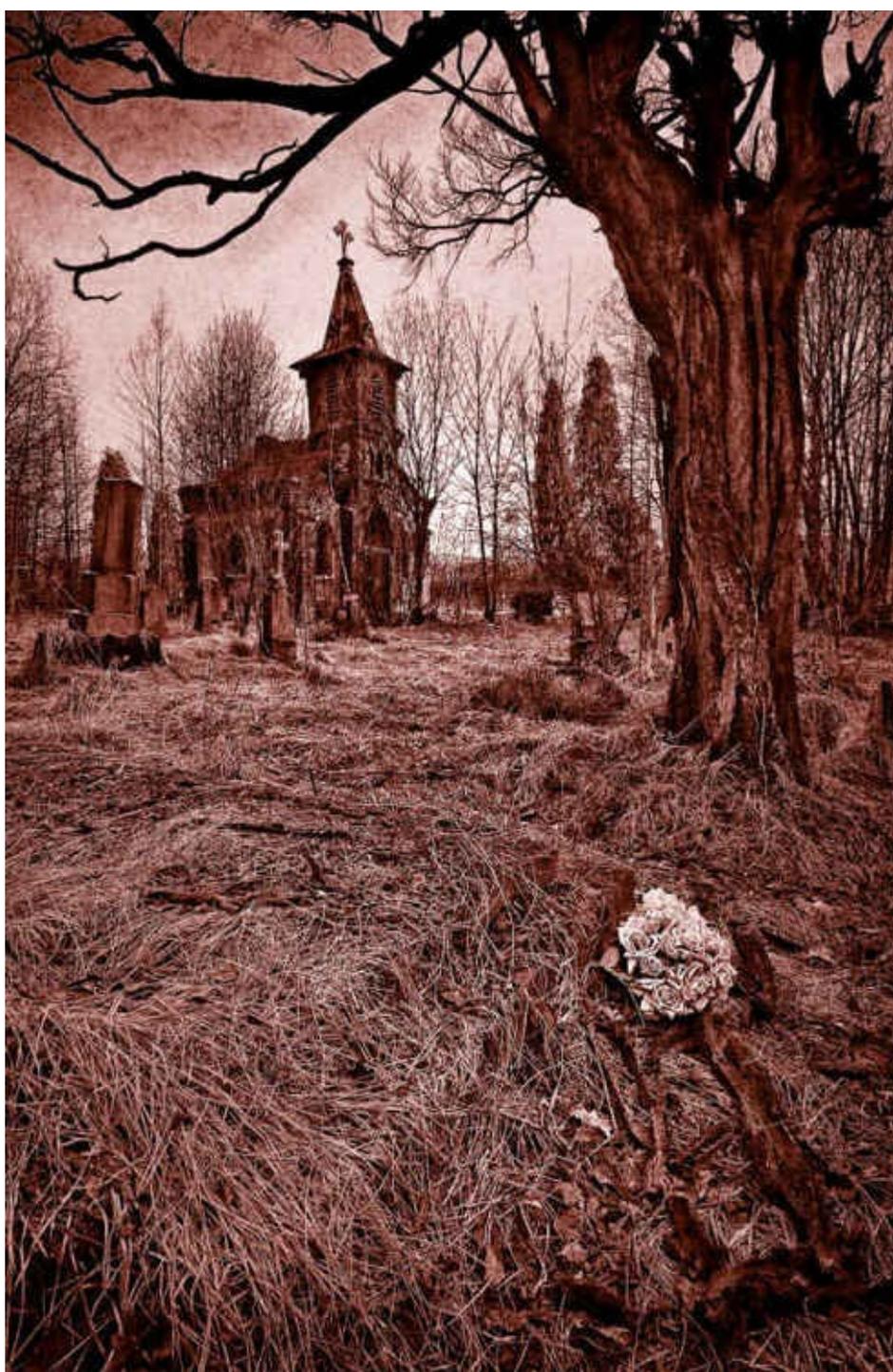
– Significa que eu quero tirar um ano sabático. – No começo ela podia estar hesitante, mas agora estava falando com convicção. – No começo, meus pais diziam que não iam mais me sustentar se não fosse para a faculdade, mas então falaram que, se eu conseguisse mostrar como ia usar esse tempo, podiam pensar a respeito. E, quem sabe, se o meu projeto for bom, de repente consigo colocar em uma galeria ou coisa do tipo.

Dan balançou a cabeça, perplexo. Depois de tudo por que passaram, ela ainda não se sentia à vontade com ele para contar uma coisa assim tão importante?

– Enfim, e daí se eu não tiver o apoio dos meus pais? Foi isso que aconteceu com o Jordan, e ele ainda está vivo.

– E prosperando – comentou Jordan, mas aos ouvidos de Dan pareceu puro sarcasmo.

Dan tentava manter o passo, observando o nome dos mortos nos túmulos pelos quais passavam. Um vento forte soprava no campo aberto, cortando o calor do dia como uma faca. O ruído que produzia parecia um guincho. Jordan estava certo. O lugar deles não era ali. Os buquês coloridos nas tumbas e nos degraus dos mausoléus não faziam diferença – bastava passarem por flores em processo de decomposição para que Dan se lembrasse dos milhares de mortos sob seus pés.



– Minha nossa, em nenhum lugar as pessoas se ligam tanto em espíritos como no Sul – murmurou Jordan. – Um cemitério na minha cidade é tipo, bom, sei lá... assustador, eu acho, mas nada parecido com isso. Aqui parece que os mortos estão *furiosos*.

Dan concordou com um aceno.

– Estou cruzando os dedos para não ter nenhuma visão neste lugar.

– Credo. – Jordan ficou pálido. – Eu não estava nem pensando nisso.

Abby os conduziu até um canto mais afastado do cemitério, onde os túmulos eram menos imponentes. A maioria eram pedras cravadas na terra com iniciais e anos entalhadas de forma tosca. Mas, em meio a essas lápides, havia um único monumento, uma monstruosidade de pedra que parecia comandar os demais túmulos. Um rosto contorcido em uma careta de raiva tinha sido esculpido no alto do túmulo, grotesco e exagerado, como se um demônio estivesse aprisionado lá dentro e forçou tanto o bloco de pedra que o deixou com as suas formas impregnadas.

Uma única árvore ressecada e distorcida se elevava na direção do céu nublado, crescendo no ponto exato onde se encontrava o monumento. Apesar do vento, permanecia estranhamente imóvel.

– É aqui! – Abby exclamou, toda animada, sacando a câmera e começando a tirar fotos.

JAMES CONLEN ORSINI 1894-1935

*“A dívida da ambição está paga.”*

*Je ne te quitterai point que je ne t'aie vu pendu*





- “Não vou sossegar enquanto não ver você enforcado” – leu Jordan. Abby e Dan se viraram imediatamente para ele. – Que foi? Eu fiz três anos de francês, então é melhor usar para alguma coisa.
  - Esse cara parecia ser bem sinistro – murmurou Dan.
  - Por que a surpresa? – provocou Abby de trás da câmera. Ele ouviu o ruído abafado do obturador sendo acionado em meio às palavras dela. – Ele era um criminoso, um gângster, não era do tipo que descansa em paz. Morreu em um tiroteio depois de ter sido resgatado do cadafalso por seus amigos bandidos.
  - E você tem certeza de que quer fotografar o túmulo dele? Não tem medo de perturbar o espírito do cara ou coisa do tipo? – questionou Jordan, mexendo nervosamente no *piercing* com a língua.
  - Para de mexer nessa coisa, vai infeccionar.
  - Sai do meu pé, chulé.
  - Muito original, Jordan.
- Dan não aguentou continuar olhando para o rosto monstruoso no monumento. Ele caminhou até a parte

de trás da estátua, arrastando os pés no mato alto. O pessoal da manutenção pelo jeito não cuidava muito bem daquele canto do cemitério, que estava cheio de folhas secas e ervas daninhas. Ninguém tinha deixado flores por ali ultimamente. Dan continuou circulando a estátua, mas parou quando se viu prestes a cair de cara em um buraco.

A tampa de pedra de um túmulo tinha sido arrancada e jogada de lado, deixando a cova aberta no chão. Não parecia haver nada lá dentro a não ser minhocas e raízes secas.

– Ei, pessoal – chamou Dan, olhando para dentro do buraco.

Ele pretendia chamar seus amigos para ver a estranha cova aberta, mas então se deteve ao notar uma mancha branca na terra. Ajoelhando no chão, ele espanou com cuidado a poeira solta, revelando o que a princípio pareceu ser a mandíbula de um cachorro ou de algum outro animal de pequeno porte. Seus dedos passearam no ar sobre a superfície desbotada, e um repentino desejo de pegar aquilo e nunca mais soltar tomou conta dele. Dan sentiu seu corpo amolecer, mas logo voltou a si e se afastou. Ele ficou olhando para o pequeno osso, estranho e curvado. Não era de um cão, reparou, sentindo seu estômago se revirar, e sim de uma criança.

Abby apareceu, contornando a estátua e tirando fotos no caminho.

– Eca, que nojo – falou Jordan quando viu a cova aberta. – Não vai me dizer que tem um corpo aí.

– Não, só um osso – respondeu Dan. – De *criança*. Parece que alguém entalhou umas coisas nele.

– Ai, meu Deus – murmurou Abby, mas levou a câmera aos olhos e tirou uma foto mesmo assim. Em seguida ela se deteve, e uma expressão estranha e distante surgiu em seus olhos. – Eu não devia ter feito isso – ela falou, baixando a câmera até a cintura. – Não sei por que fiz isso, mas não deveria ter feito. Vou apagar.

– Alguém mais está sentindo uma vibração meio esquisita vinda dessa coisa? – questionou Dan.

– É a mandíbula de uma criança, lógico que a sensação é esquisita! – Jordan se recusava a olhar para a cova. Ele saiu andando de volta para o carro. A luminosidade do céu mudou sobre a árvore no túmulo de Orsini, envolvendo Abby e Dan em uma sombra fria e espectral.

– Acho melhor a gente cobrir isso – murmurou Abby. Eles se entreolharam, mas nenhum dos dois queria chegar perto daquela coisa. Por fim, Dan cedeu, se aproximando e usando o pé para jogar terra por cima do osso. Ele deu uma última olhada, e percebeu que havia um barbante amarrado em uma das pontas. Era melhor nem saber para que aquilo servia.

Dan ouviu o estalo baixinho do obturador da câmera, e franziu a testa.

– Pensei que você não fosse fotografar isso – ele falou ao cobrir o osso completamente.

– Eu não estou – respondeu Abby. E não estava mesmo.

Dan se virou e constatou que o barulho vinha de um arbusto florido no caminho de onde tinham vindo. Ele não pensou duas vezes e saiu em disparada na direção do local onde estava a figura ajoelhada no mato. Vestida de preto dos pés à cabeça, tinha uma silhueta atlética e uma altura imponente. Olhando mais de perto, Dan concluiu que não era possível determinar se era um homem ou uma mulher.

Não fazia diferença. Quem quer que fosse, dessa vez não iria escapar. Ele correu o máximo que podia, quase esbarrando em várias lápides, sentindo seus pulmões em chamas. Ele tinha uma noção vaga de qual era o caminho até o portão, mas a figura desconhecida era mais rápida... Rápida demais. Dan não desistiu, na esperança de pelo menos anotar a placa ou dar uma boa olhada na motocicleta. Era a mesma pessoa do colégio – isso era certeza.

Não foi possível manter a perseguição. Mesmo assim, ele continuou correndo pelo cemitério, ouvindo Abby chamá-lo aos berros enquanto seu alvo se afastava cada vez mais até desaparecer por trás das árvores e plantas que ladeavam o portão do cemitério.

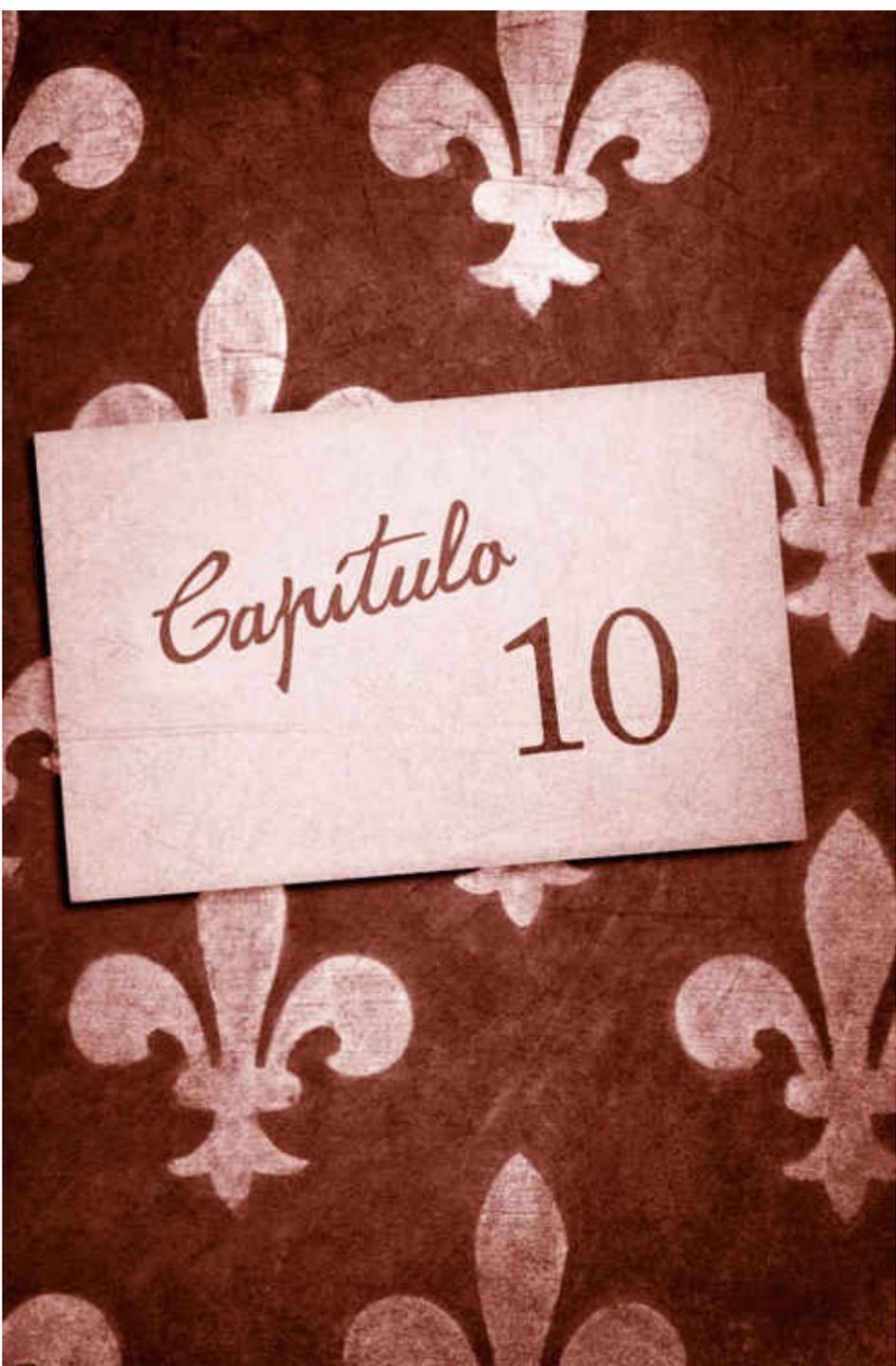
– Droga – ele esbravejou, deslizando no caminho de cascalho que dava para a rua vazia. Com a respiração ofegante, ele olhou para a direita e para a esquerda. A motocicleta estava estacionada não muito longe do carro de Abby, e Dan conseguiu correr mais alguns passos, mas o motor já estava sendo ligado, e a moto logo embicou para a rua.

Dan parou e imediatamente se curvou, apoiando as mãos nos joelhos para recuperar o fôlego enquanto examinava a marca grossa de pneu.

– Você conseguiu ver quem era? – Abby o alcançou, e Jordan chegou logo em seguida. Dan ouviu seus passos quando se aproximaram.

– Não – murmurou ele. – Estava de capacete o tempo todo. – Ele ergueu a cabeça e engoliu em seco. – Mas acho que agora ficou bem claro. Tem alguém seguindo a gente.





*Capitula*

10

*A dor era como um sussurro monótono e irritante, como uma voz que chegava de um cômodo distante. Ele chegava quase a querer mais, que a voz fosse mais alta. Pelo menos assim identificaria a fonte da dor, e teria como aplacá-la.*

*Dan se contorceu, se debateu, mas estava preso. Ele não podia permitir que isso acontecesse de novo — não podia ficar tão vulnerável, ser enganado. Primeiro o Escultor — ou melhor, Felix — e depois a professora Reyes. Ele precisava escapar dessa vez.*

*Seu primeiro desejo se realizou. A dor subiu de sua mão para o braço e o ombro, tão aguda e terrível que borrou suas vistas. Seus olhos se abriram e ele acordou, se inclinando para a frente no assento e respirando fundo como alguém que acabava de ser salvo do afogamento.*

*T*udo bem aí? Você dormiu. — Abby deu uma olhada para trás de seu lugar no assento do motorista.

Dan tentou entender o que estava acontecendo. Certo. O cemitério. Depois, uma parada no *drive-thru* de uma lanchonete para comer. Agora estavam viajando noite adentro, e os últimos vestígios do conforto da cidade grande tinham desaparecido. Estavam tão ao sul que ele não se surpreenderia se abrisse a janela e sentisse o cheiro do mar.

— Dan?

— Eu tive um sonho esquisito, só isso — ele falou, esfregando a mão na penugem do rosto. Ele ainda não tinha barba suficiente nem para deixar um cavanhaque. — Onde a gente está? Pensei que faltavam só algumas horas de viagem para New Orleans.

— Bom, a gente *está* a algumas horas de New Orleans, mas tem uma coisa. É uma biblioteca que eu queria muito ver. A última parada antes de ir para a casa do tio do Jordan, eu juro. — Ela levantou as sobrancelhas, e sua boca se contorceu para um dos lados, e ele notou que Abby estava tentando abrir um sorriso esperançoso.

— O que o Jordan falou?

Foi só então que Dan percebeu que Jordan roncava baixinho no banco traseiro, com a música ainda tocando nos fones de ouvido caídos sobre o pescoço.

— Eu não perguntei — Abby se apressou em responder, baixando o tom de voz. — Sei que o Jordan está ansioso para se encontrar com o tio e começar sua nova vida, e que está todo mundo a fim de voltar a dormir em camas de verdade, mas lá tem uma caixa inteira de coisas que eram do Jimmy Orsini. É incrível que ainda tenham tudo isso preservado.

— De novo ele? — Dan pegou um refrigerante morno do porta-copos perto de seu joelho e deu um gole. — Abby, você acha mesmo que contar a história definitiva da vida de um gângster vai facilitar as coisas com os seus pais?

Dan percebeu que Abby ficou tensa com a maneira condescendente como ele descreveu — ou tentou descrever — sua arte.

Abby aliviou um pouco o aperto no volante, respirando fundo.

— Não é mais só isso. Estou realmente interessada nisso tudo. No pessoal daqui, em gente como Orsini. Todo mundo que conhecemos tem alguma história de medo para contar sobre ele, mas de onde vem tudo isso? Não é como Bonnie e Clyde, ou Al Capone, que têm uma história bem documentada. É quase uma lenda urbana ou coisa do tipo. Como isso acontece?

— Boa pergunta — falou Dan, soltando um bocejo. — Pois é, tem alguma coisa aí.

– Tudo bem, Dan, não precisa fingir que está interessado. Só me deixa fazer essa última parada e eu não falo mais nisso.

– Eu estou interessado, Abby, principalmente se você for ficar um ano sem estudar para se dedicar a isso – ele respondeu. – É uma coisa importante para você. Tipo, vai virar a coisa mais importante da sua vida em breve, não?

Ela fez que sim com a cabeça, abrindo um sorrisinho. – Um dia você ainda vai entender.

– Ei, eu não obrigo você a ler Goethe, certo? Posso muito bem gostar de uma coisa que você faz mesmo sem entender – ele falou.

Dan afundou no banco do carro, olhando para a estrada mais à frente. Ele abriu um sorriso, contente por pelo menos ter Abby e Jordan para levantar seu astral. Seria impossível encarar sozinho todas aquelas surpresas. Às vezes ele sentia que os três não podiam se separar, que de algum jeito encontrariam uma maneira de permanecer próximos no ano seguinte, mesmo depois que a vida os levasse para novas aventuras, novos objetivos.

– Onde fica essa biblioteca, aliás? – perguntou Dan.

– Em uma cidade chamada Shreveport. Fica fechada à noite, então a gente vai ter que dormir na barraca de novo para ir amanhã de manhã.

Imediatamente, Dan desejou não ter perguntado. Ele conhecia esse nome, Shreveport. Era a última cidade onde Micah havia morado antes de ir para New Hampshire. O lugar para onde nunca mais voltou.

Jordan ficou confuso ao acordar em Shreveport e não em New Orleans, mas não se incomodou muito com isso.

A cidade era linda, espalhada nas margens do rio Vermelho, e transpirava cultura – uma mudança bem-vinda de paisagem em relação à monótona zona rural que viram na estrada. A biblioteca ficava em um bairro afastado alguns quilômetros do centro da cidade, e o caminho passava por uma mansão histórica atrás da outra.

Abby consultou o telefone em seu colo e o entregou a Dan.

– Pode me indicar o caminho? Já está programado no GPS.

– Daqui a quatrocentos metros – ele falou, imitando a voz robótica do aplicativo –, vire à esquerda na Shady Oak Road. Seu destino está logo à direita.

Ela deu risada, e diminuiu a velocidade em uma rua cheia de lojas e restaurantes antigos antes de seguir as instruções dele.

– Essa padaria na esquina é uma graça. E olha só! Eles vendem sorvete.

– São nove da manhã.

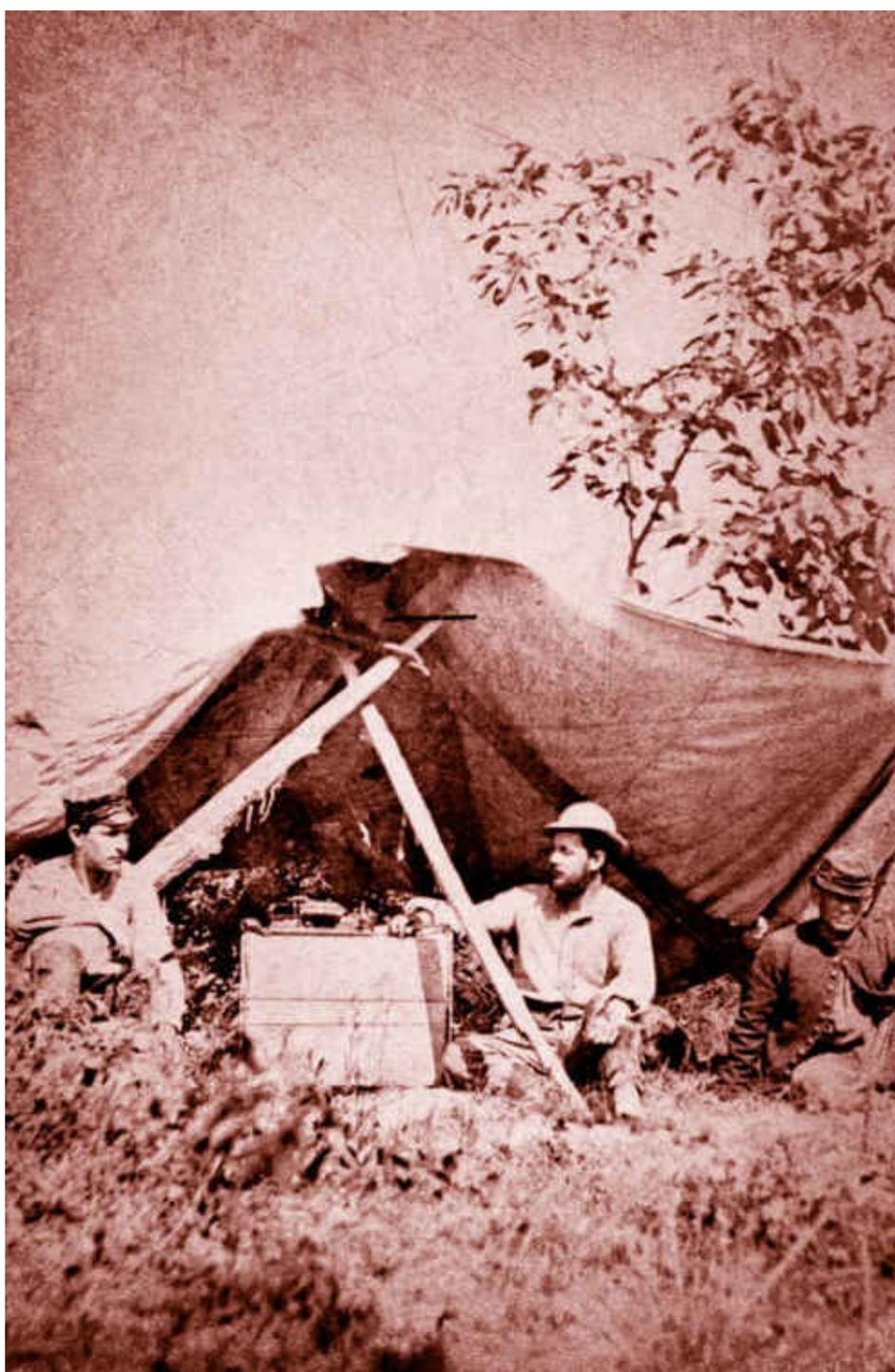
– Nunca é cedo demais para um sorvete – ela respondeu com um sorriso tímido.

Eles pararam em um estacionamento minúsculo, diante de um velho edifício de tijolos. Havia apenas um carro ali, uma picape Chevy vermelha em condições razoáveis.

– Jordan – chamou Dan, se virando para cutucar a canela do amigo. – Estamos na menor biblioteca que você vai ver na vida. Você vai entrar para me fazer companhia.

– Humpf. Não posso ficar aqui dormindo?

– Não – ele e Abby responderam em uníssono.



A padaria ali perto exalava um aroma tentador de pão fresco. Foi o suficiente para despertar Jordan, que ganharia um donut caso conseguisse se manter acordado durante a visita à biblioteca. Dan e Jordan deixaram que Abby fosse na frente, com um copo de café com leite comprado pouco antes do Starbucks na mão.

O telefone de Jordan vibrou quando eles passaram pela porta e entraram em uma atmosfera carregada do cheiro de poeira e papéis velhos e úmidos.

– Ora, mas que coisa – murmurou Jordan. – A mulher me respondeu mesmo!

– Quem? – perguntou Dan, distraído. Ele observou as dezenas de mostruários, a maioria contendo armas e fardas da Guerra Civil Americana. Havia pelo menos dezessete bandeiras diferentes dos Confederados penduradas nas vigas do teto. Uma mulher simpática de camisa de flanela e calça de brim cumprimentou Abby e iniciou um bate-papo amigável com ela imediatamente. Seu sotaque sulista era adorável, como o de Dolly Parton.

– A jornalista, aquela que escreveu para a sua mãe e o seu pai. Eu fiz umas pesquisas no Google. Ela não trabalha mais no *Whistle*, mas ainda está no jornalismo. Consegui o e-mail dela no *Metairie Daily*, e contei que encontramos umas cartas antigas escritas por ela. – Jordan fez uma pausa enquanto lia a mensagem no celular. – Ela disse que quer ver, mas só topa conversar pessoalmente.

– Já é alguma coisa – disse Dan, tentando não se empolgar, mas suas mãos começaram a suar. Não havia como negar: ele queria encontrá-la o quanto antes. – A gente pode marcar um horário com ela quando chegar à cidade.

– Certo, vou perguntar quando ela pode receber a gente.

– Tudo bem para vocês dois se eu for lá para os arquivos por um tempinho? – perguntou Abby, esperando uma resposta ao lado da moça da biblioteca na mesa da recepção. – Juro que não vou demorar o dia todo.

– A gente vai se comportar – prometeu Jordan.

Abby deu um sorrisinho e seguiu a moça pelo corredor, passando por uma porta dupla. Havia duas passagens arqueadas e sem portas dos dois lados da recepção. Dan se dirigiu à da direita, com as mãos nos bolsos e os pensamentos bem longe das prateleiras de livros com cheiro de umidade.

Alguns fantoches estavam largados em um caixote em um dos cantos, perto das prateleiras baixas onde ficavam os coloridos livros infantis com seus títulos chamativos.

Dan foi até a janela encardida que dava para o estacionamento. Não havia nenhum sinal da motocicleta, apenas as lojas vazias e o pessoal da padaria fazendo uma pausa para um cigarro nos fundos do estabelecimento.

– Cara, o Sul é muito bizarro – murmurou Jordan. Dan viu seu amigo a algumas prateleiras de distância, observando um álbum antigo de fotografias aberto em um mostruário de vidro. – Tipo, isso parece ser diversão para você? “Foliões tomam conta das ruas de New Orleans”... Sinto muito, mas eu não cairia na folia vestido assim. Isso não é roupa para folia.

Dan examinou a foto em questão e a descrição na legenda, dando uma risadinha. A fileira de homens de blusa de moletom e máscaras toscas de animais de fato pareciam saídos de um filme de terror, e não de uma festa. Não dava para ver nada por trás das máscaras – de coelho, gato, porco e raposa –, e seus olhares sem vida pareciam segui-lo quando se afastou do vidro.

– O que você está fazendo? – perguntou Dan, percebendo que Jordan olhava de um lado para o outro para ver se estavam sendo observados. Com gestos cautelosos, ele abriu o fecho de metal do mostruário. Não estava trancado, e a tampa se abriu.

– Não tem ninguém aqui, e eu quero ver se tem alguma foto do lugar onde fica a casa do tio Steve. Ele mora bem no centro da cidade, e ia achar isso o máximo.

Pelo menos Jordan teve o cuidado de manejar o velho álbum com cuidado, colocando-o sobre o mostruário ao lado. Ele virava as páginas com movimentos cautelosos, revelando mais fotografias de “foliões” com máscaras de animais. Dan leu as legendas das fotos: *Festival de Jazz na Bourbon Street atrai público recorde; Barca virada no rio, cinco mortos; Jimmy “Spats” Orsini será enforcado em 3 de março...*

– Ei, espera aí. – Dan pôs a mão sobre a de Jordan, forçando-o a voltar uma página. – A Abby vai querer ver isso.

– Boa. – Depois de um breve instante de hesitação, Jordan tirou o clipe que prendia o recorte de jornal e voltou a abrir o álbum na página original. – Ninguém vai dar falta disso.

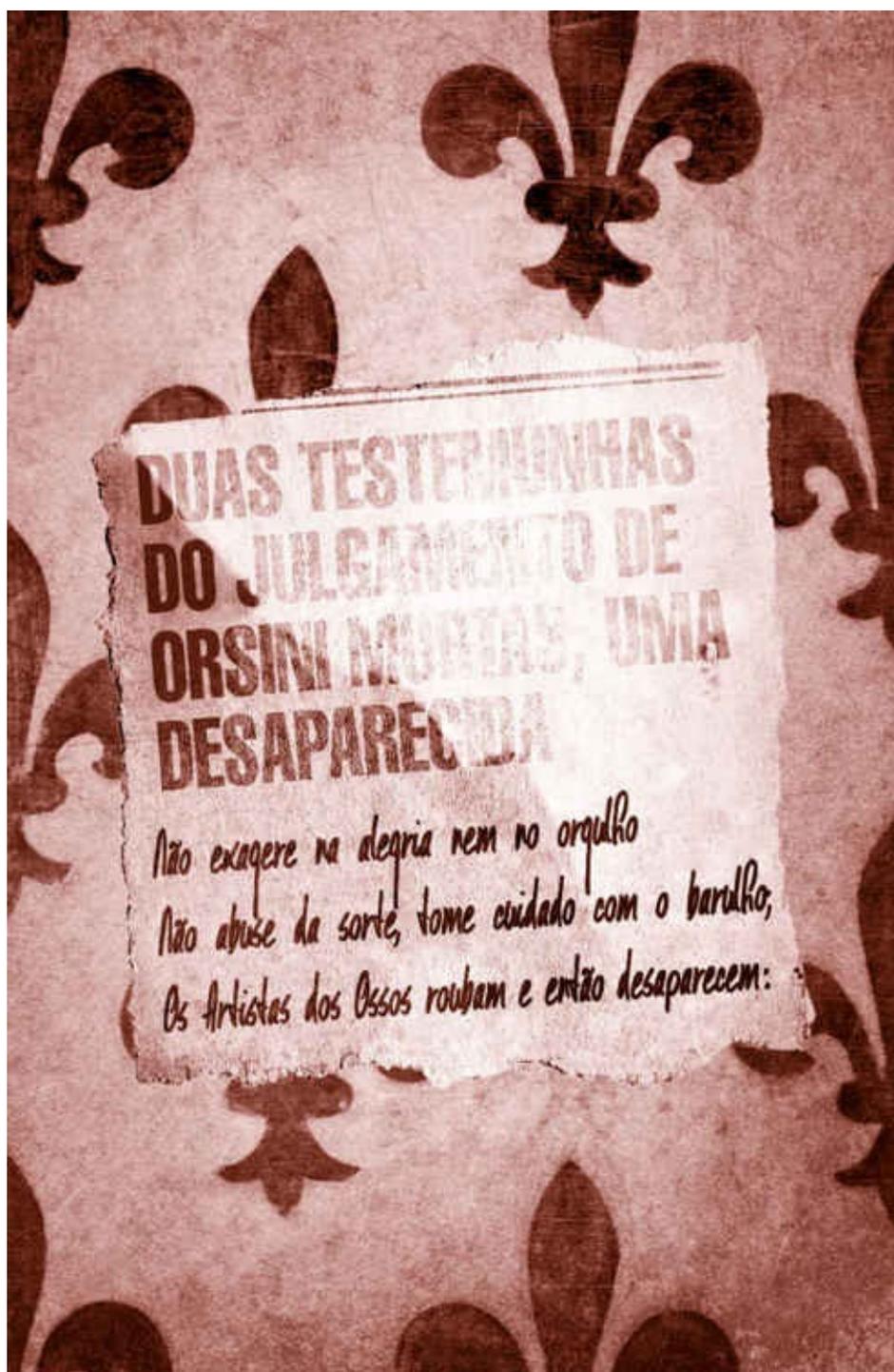
Dan torceu para que ele estivesse certo. As fotos emolduradas nas paredes os observavam: assim como as máscaras de olhos vazios, os soldados da Guerra Civil Americana os encaravam com olhos sem vida, como se todos aqueles anos presos nas fotografias tivessem transformado os homens em estátuas de pedra.

Dan levantou o álbum para guardar de volta no mostruário, e algumas páginas soltas se despenderam e caíram no chão. Dan soltou um palavrão e se ajoelhou para recolher. Mais fotografias, e uma ou outra folha de jornal. Um dos recortes estava dobrado em um quadradinho. Ele se levantou e entregou as páginas soltas para que Jordan pusesse de volta no álbum, mas a curiosidade falou mais alto. Ao desdobrar o quadradinho, ele encontrou mais uma manchete que poderia interessar a Abby.









*Duas testemunhas do julgamento de Orsini mortas, uma desaparecida*

A manchete era a única parte legível na reportagem – o restante do texto estava encoberto pelo que parecia ser um poema escrito à mão.

Dan leu em voz alta, precisando se esforçar para entender os garranchos.

*Não exagere na alegria nem no orgulho*

*Não abuse da sorte, não faça muito barulho;*

*Os Artistas dos Ossos roubam e então desaparecem:*

A página estava rasgada mais abaixo, e o restante do poema se perdeu para sempre.

– Está vendo o que eu estava falando sobre o Sul? – murmurou Jordan, sacudindo a cabeça. – Qual é o problema desse pessoal?

– Vou levar isso para a Abby também – disse Dan. – Talvez ela consiga entender o que quer dizer.

*Capitula*

11

— Não sei se estou orgulhosa ou decepcionada por vocês terem roubado isso para mim.

Abby cambaleou um pouco, segurando com força a garrafa de vinho que Jordan conseguiu convencer um cara a comprar para eles no estacionamento de uma loja de conveniência. Os recortes de jornal estavam espalhados no chão da barraca, assim como as anotações que ela fez enquanto vasculhava as coisas que pertenciam a Orsini.

— Você pode mandar de volta pelo correio se tiver uma crise de consciência — argumentou Jordan. Ele pegou a garrafa da mão de Abby e deu um grande gole. — Então, foi assim mesmo que eu imaginei a viagem. Só alegria, sabe?

— Roubando coisas de bibliotecas e enchendo a cara de bebida comprada ilegalmente? — questionou Dan. Ele tinha recusado o vinho, por medo de ficar emotivo e ansioso demais para encontrar Maisie Moore. Já era para eles estarem em New Orleans àquela altura, mas Abby e Jordan quiseram passar o dia em Shreveport e dormir mais uma noite na barraca.

O tio de Jordan não se incomodou, mas Paul e Sandy queriam que ele parasse de perambular pelas estradas o quanto antes. Pelo menos Abby estava contente.

— Sim! *Sim*. A gente ainda vai virar o jogo nessa viagem, você vai ver — falou Jordan, sorrindo para ele por cima do gargalo reluzente da garrafa.

— Me desculpem pelos desvios de rota e por mais uma noite na barraca — disse Abby. — Vocês são dois santos por aguentar isso. Acho que as coisas vão ficar um pouco mais agitadas lá em New Orleans. Hã, quer dizer, agitadas de um jeito bom.

— Isso se a gente conseguir chegar lá — Dan acabou dizendo. Ele se virou para Jordan. — Você vai conseguir beber tudo antes de desmaiar?

Jordan agarrou a garrafa com força junto ao peito.

— Claro — ele falou, com a voz pastosa. — Paguei trinta dólares por esse vinho vagabundo. Vou fazer meu dinheiro valer a pena!

Trinta dólares, era verdade, mas metade disso foi gasto em suborno para convencer o caminhoneiro a comprar a garrafa para eles.

— Pega leve. Amanhã você vai ser o primeiro a dirigir.

Com um grunhido, Jordan pôs a rolha de volta na garrafa e a guardou no canto da caixa térmica. — Maldito seja você com a sua lógica.

— Boa noite, Jordan. — Dan se virou de lado no saco de dormir.

Do lado de fora se ouvia um coro constante de grilos e rãs que parecia perturbadoramente próximo. Dan estava acostumado a adormecer com esse mesmo som em sua casa em Pittsburgh, mas geralmente contava com o benefício de uma janela e quatro paredes entre ele e as criaturas da noite.

Só percebeu o quanto estava exausto ao acordar com um sobressalto com seu celular vibrando. Dan tateou no escuro à procura do telefone, apesar de estar difícil de ouvir o toque em meio aos roncões de Jordan e à

cantoria dos grilos.

Quando o encontrou, Dan esfregou os olhos, e a luminosidade da tela o despertou de vez. Sua pele estava suada e grudenta, e o peso nas pálpebras era um indício de que ainda precisava dormir mais um pouco para se sentir totalmente revigorado. Mas, como já tinha acordado, resolveu desbloquear o aparelho. Dan ficou paralisado quando viu a notificação. Era do Facebook. Seu estômago se revirou. Eram duas da manhã. Ninguém mandaria uma mensagem para ele àquela hora, com certeza, e Dan soube o que viria pela frente antes mesmo de abrir o aplicativo, mas abriu mesmo assim.

Micah tinha entrado em contato de novo, dessa vez com uma mensagem mais direta que a primeira:

le vanta os  
vi gias vão encon  
trar vc

Os vigias?

Não havia tempo para pensar. Fachos de luz apareceram na lateral da barraca. Ele desligou o telefone, com medo de que o brilho da tela pudesse atrair alguma atenção. Alguém estava se aproximando. Ele percebeu que a oscilação do facho das lanternas acompanhava o ritmo dos passos.

Dan tapou a boca de Jordan com a mão para abafar os roncos, atento aos ruídos do mato se agitando sob dois pares de pés. Os círculos amarelos de luz na lateral da barraca foram aumentando de tamanho. Dan se esforçava para escutar as vozes, com o coração querendo sair pela boca.

*Levanta. Os vigias vão encontrar você.*

Como o impostor que estava se passando por Micah podia saber?

– A gente não deveria estar aqui – disse uma voz suave, quase doce, talvez de uma mulher bem jovem.

– Eu preciso verificar – respondeu outra voz, mais grave e inequivocamente masculina. – Ele pode ser minha única chance.

Eles estariam falando de Dan? Ou de Jordan? Dan sentiu seu amigo tentando se livrar de sua mão, mas não podia permitir que os roncos o impedissem de escutar.

– Você não pode chegar assim nas pessoas no meio da noite. Isso não está certo.

A voz masculina soltou um suspiro, e Dan viu os fachos da lanterna pararem e começarem a recuar. As vozes também ficaram mais distantes, assim como os passos no mato quando os desconhecidos deram meia-volta e se afastaram.

– Você tem razão. Tem um jeito melhor de fazer isso.

Então eles não iam ser emboscados e mortos no meio da madrugada – já era um avanço. Mas Dan não se deu por satisfeito. Queria saber quem os estava seguindo. Ele saiu com movimentos cautelosos do saco de dormir e da barraca, tirando o telefone do bolso para usar como lanterna. Era preciso ser rápido, mas também discreto. A última coisa que ele queria era alertar aqueles dois sobre sua presença.

E se estivessem armados? E se resolvessem raptá-lo? Jordan e Abby acordariam na manhã seguinte pensando que Dan os havia abandonado no meio da noite.

*Meus pais eram corajosos. Eu também posso ser.*

Ele seguiu os fachos das lanternas, que se movimentavam pelo chão. O *camping* estava quase vazio, e ficava em uma clareira no meio de uma mata fechada. Os latões de lixo e a luz dos postes da rua eram as únicas demarcações dos limites do espaço do estacionamento. Dan foi correndo agachado e se escondeu atrás de um dos enormes tambores de lixo.

As lanternas não iluminavam muita coisa, mas no estacionamento os fachoos se refletiram sobre o capô vermelho de um carro esportivo antigo – um Mustang, ou um Dodge Charger, ou algo parecido. Abby era quem entendia de carros – talvez conseguisse identificar quando ele o descrevesse. As portas se fecharam, e o veículo arrancou com os faróis apagados. A luz do luar estava fraca, mas Dan pôde pelo menos constatar que se tratava mesmo de um carro dos anos 1960 ou 1970.

Suas mãos deslizaram pela borda da lixeira, molhadas de suor. Dan estava sendo seguido. Caçado. Ele ficou se perguntando qual dos dois estava na moto das outras vezes, e por que teriam ido atrás dele no meio da noite só para desistir de tomar uma atitude quando já estavam tão próximos.

Dan suspirou, chutando o chão, e tomou o caminho de volta para a barraca.

Abby e Jordan o esperavam do lado de fora, encarando-o com olhos sonolentos.

– O que está acontecendo? Por que você tapou a minha boca enquanto eu dormia? – perguntou Jordan, suprimindo um bocejo com a parte interna do cotovelo.

– A gente tinha visitas – respondeu Dan, tentando disfarçar o tremor na voz. – Duas pessoas. Acordei com mais uma mensagem do Micah. Ele falou alguma coisa sobre vigias terem me encontrado, e bem nesse momento ouvi passos perto da barraca.

Abby se apoiou no antebraço de Jordan.

– *Quê?*

– Pois é – respondeu Dan, olhando para o estacionamento. – Eu também não estou gostando nada disso. Mas sei lá. Eles não pareciam violentos. E foram embora rapidinho... voltaram para o carro e se mandaram.

– Certo, já deu. A gente vai voando para a casa do tio Steve agora mesmo – disse Jordan, com a tensão perceptível na voz. – Não me interessa quantos limites de velocidade vou ter que desrespeitar. Estou de saco cheio de comer *fast-food*, de saco cheio de dormir no chão, e com certeza estou de saco cheio de ser *seguido*.

Jordan jogou as mãos para cima, voltou para a barraca e começou a recolher as coisas com movimentos frenéticos.

Abby continuou do lado de fora, puxando nervosamente a barra da camiseta.

– Dan...

– Jordan está certo. A gente vai ficar mais seguro na casa do tio dele. É melhor não ficar mais aqui a céu aberto, e a viagem até New Orleans leva cinco horas.

Ela fez que sim com a cabeça, e pôs a mão de leve no ombro dele.

– Você acha mesmo que essa história do Micah é... bom, *real*? O *timing* da coisa parece suspeito demais para ser só uma brincadeira de mau gosto. E se você teve uma visão no Colégio Arlington...

Essa ideia improvável e desagradável já tinha passado pela cabeça dele.

– Eu nem imagino. Só queria saber como pôr um fim nisso.

A luz do luar foi mudando de tonalidade, passando de branca para prateada e então para cinzenta quando as nuvens pesadas apareceram no céu. Abby apertou seu ombro, mas, na escuridão, ele mal conseguia vê-la ao entrar na barraca para recolher as coisas.

Dan olhou para o celular outra vez quando a tela se acendeu. Havia mais um sinal indicador de mensagem logo acima do quadro que marcava o horário, as condições do tempo e a data...

Mordendo o lábio com força, ele leu a nova mensagem.

volt a ou v ai ac a bar  
no territ orio deles



*Capitula*  
12

— Território deles? Que diabos significa isso? — Jordan gesticulava perigosamente, pontuando suas perguntas com socos no volante.

Dan observava a mudança da paisagem, dos campos e bosques do norte da Louisiana para a vegetação menos exuberante do pântano, com suas árvores estranhamente finas e anêmicas. Grandes extensões de água se espalhavam nas laterais da estrada, surgindo sob o caminho nas diversas pontes pelas quais passaram.

Mas ainda era uma paisagem monótona. E terrivelmente úmida.

Ele colou a cabeça no vidro para aplacar o suor, e soltou um suspiro que deixou a superfície toda embaçada.

— Sei lá, Jordan. Já repassei essas palavras mil vezes na minha cabeça, e não cheguei a lugar nenhum.

— O tio Steve era das Forças Especiais. Ele vai saber o que fazer — disse Jordan, mas Dan não via como isso poderia ajudar.

— Tem um monte de carros antigos por aqui — Abby comentou do banco de trás.

Ela havia decidido monitorar cada veículo dos anos 1960 ou 1970 que passava perto deles ou se aproximava por trás. Depois de mais de uma dezena desses alertas, Dan foi obrigado a lembrá-la que não sabia ao certo qual era o modelo do carro que deveriam procurar.

Abby não se deixou abater.

— Não estou vendo nenhuma moto preta — ela comentou.

— A gente pode ligar o ar-condicionado? — resmungou Dan.

O telefone de Jordan começou a tocar uma música alegre, e ele apontou com o queixo para Dan.

— Vê para mim o que é? Programei uma notificação para o caso de a Maisie Moore me escrever.

— Deve ser a líder do seu clã outra vez — resmungou Dan, mas pegou o telefone imediatamente.

— É *Guilda*, mas e daí se for? Eu estou a dez Ultimates de chegar a cento e oitenta, e aquele babaca do Raptus não vai morrer sozinho...

— Puta merda — exclamou Dan, se ajeitando no banco e interrompendo o falatório de Jordan. — Ela respondeu. Espera aí, me deixa ver o que ela escreveu.

Abby se debruçou para a frente para ler por cima do ombro dele, roçando os cabelos no braço de Dan.

— “Obrigada pela pronta resposta. Você deve entender que, como são cartas de caráter pessoal, eu prefiro discutir o assunto cara a cara” — Dan leu em voz alta.

— “De vez em quando ainda penso em Evie e Marcus, e sinto um aperto no coração. Eles eram os melhores com quem já trabalhei, jornalistas de verdade, investigadores, do tipo que não existe mais. Mas isso já é outra conversa.” — Dan respirou fundo.

— “Você disse que conhece o filho deles? Incrível. Eu adoraria conhecê-lo. Estou livre na maior parte desta semana na hora do almoço.” — Dan fez uma pausa. — Você contou para ela sobre mim?

— Por que não? Pensei que fosse uma boa forma de ganhar a confiança dela.

— Pelo jeito funcionou — Abby comentou com uma risada.

– Ela conheceu *mesmo* os dois. Tipo, parece que eles eram mais que colegas. Será que ela sabe... Argh. Estou pondo a carroça na frente dos bois – falou Dan, olhando para o e-mail, um tanto aturdido.

– Tem alguém ficando empolgado – provocou Abby. Ela o cutucou de leve na orelha, e deu uma risadinha quando ele se encolheu todo.

– Acho que estou mesmo. Só queria saber o que aconteceu, por que eles... – Dan limpou a garganta, pondo o celular de Jordan de volta no carregador do painel. – Para onde eles foram.

No entanto, algo dentro dele dizia que esse *onde* não era um lugar, mas um estado corpóreo. A visão de seu pai na escola era só uma confirmação disso.

– Tenta não ficar decepcionado se ela não souber de muita coisa – Abby disse baixinho. – Parece que eles não trabalham mais juntos faz tempo. Podem ter perdido totalmente o contato.

Dan balançou afirmativamente a cabeça, querendo muito seguir o conselho de Abby, mas sem conseguir conter as esperanças que surgiam dentro de si.

– Pois é, e eu não estou aqui para conhecer Maisie Moore. A gente está aqui pelo Jordan, para se divertir na cidade nova dele. Vou ter muito com que me ocupar – ele falou, abrindo um sorriso forçado.

O alerta em seu celular assinalou o horário de tomar seus remédios. Dan remexeu na bolsa à procura do frasco laranja, e notou a pasta com os dizeres *MARCUS DANIEL CRAWFORD* logo ao lado.

Suas esperanças tinham sido elevadas, jogadas por terra e elevadas de novo. Ele só torcia para que a tal Maisie não fosse mais uma pista falsa.

– Tem certeza de que não é o mar? – Dan colou o nariz na janela, observando a extensão infundável de água azul. Quando olhou para baixo, ficou até tonto, encarando a superfície do lago sob a ponte.

– Claro que sim – falou Jordan. – É um lago. Queria trazer vocês até aqui, apesar de isso significar meia hora a mais de viagem. É sempre mais impressionante chegar pela ponte do lago Pontchartrain.

Dan nunca tinha visto nada parecido em sua vida, a ponte corria por cima do lago com uma leve curvatura em elevação, cercada pela água escura até onde as vistas podiam alcançar. Era como estar em um mundo estrangeiro, como se as marcas da civilização tivessem desaparecido sob as águas.

– Minha mãe detesta passar aqui – comentou Jordan. – Ela fica claustrofóbica.

– Dá para entender por quê. – No banco de trás, Abby não parecia muito empolgada. Pelo retrovisor, dava para ver que ela estava ficando pálida. – E se acontecer um acidente? Ou se o carro quebrar?

– Você quer mesmo saber? – questionou Jordan.

– Não.

Mais de trinta quilômetros visíveis de puro isolamento. Pela primeira vez em vários dias, Dan sentiu que estava relaxando. Ninguém poderia atingi-los ali. Quem iria querer? Eles podiam simplesmente seguir em frente, sem se preocupar com mais nada.

Mas a ponte não era infinita, e logo as faixas verdes de terra surgiram como dedos se estendendo a partir da cidade. Na beira do lago, havia barcos de todos os tamanhos, com atracadouros caindo aos pedaços, alguns semidemolidos, pairando sobre a parte mais rasa da água.

À esquerda, alguns edifícios altos se elevavam em meio à umidade, e em seguida a cidade toda se revelou diante deles. Era um panorama de construções não muito altas, mas mesmo assim causava uma impressão de grandeza, e para todo lugar que olhava Dan via o mesmo tipo de idiossincrasia sulista que observou desde que chegaram ao Kentucky – construções antigas de tijolos interrompidas por um ou outro prédio mais moderno.

Como era o destino final da viagem, a cidade provocou um inevitável suspiro de alívio. Jordan tinha razão. Havia um limite de *fast-food* e de noites passadas em barracas que uma pessoa podia suportar antes de perder a sanidade.

Eles pararam em um lugar fora do centro da cidade para tomar o café da manhã, convencidos por Jordan de que os enroladinhos de salsicha que ele chamava de kolaches caíam bem em qualquer refeição. Pelo menos era uma refeição rápida. Eles logo voltaram para a estrada, para entrar em New Orleans propriamente dita.

Dan já tinha visto fotos da parte antiga da cidade, mas nada seria capaz de prepará-lo para a *atmosfera* do lugar. Um bonde passou tocando sua sineta, com turistas pendurados nas barras e janelas em meio às varandas de ferro fundido cheias de vasos de plantas. Era o local mais parecido com a Europa que poderia existir nos Estados Unidos, concluiu Dan, e a sensação que o dominou na ponte do lago Pontchartrain começou a ganhar corpo outra vez – a ideia de que estava em um mundo distante, um lugar ao qual talvez ele não pertencesse, mas bem que gostaria.

Até as ruas eram diferentes, com seus pavimentos irregulares de pedra e seu percurso charmosamente sinuoso, algumas delas com turistas desgarrados e embriagados perambulando pelas calçadas. Não eram nem dez da manhã, mas ninguém parecia incomodado com isso. Talvez aquele pessoal tivesse passado a noite toda fora. Dan observava as ruas e vielas, ouvindo fragmentos de músicas saindo das fachadas, melodias com a mesma qualidade de qualquer coisa que tocava no rádio.

– Ai, meu Deus – Abby falou do banco traseiro, baixando a janela e tirando fotos de dentro do carro, incapaz de se conter. – Já estou adorando.

A música das ruas foi ficando mais distante enquanto Jordan os conduziu pelas vielas mais estreitas, sempre cheias de pedestres, que abriam caminho muito a contragosto. A maioria das ruas só tinha espaço para permitir a passagem de um carro e uma bicicleta, e o tráfego era lento, o que dava a Dan bastante tempo para observar as arcadas e fachadas de pedra, as estátuas de gesso e vasos de plantas equilibrados em quase todas as colunas e pilares.

– Parece a Disneylândia – ele murmurou.

– Só que com mais gente bêbada – Jordan concluiu por ele.

A casa do tio de Jordan ficava no French Quarter, que Dan sempre imaginou ser a parte elegante da cidade. Mas o prédio dele, que não tinha nem garagem – o que deixou Abby compreensivelmente apreensiva, com medo de que seu carro fosse batido ou ralado – parecia bem menos atraente e turístico do que vários outros por que passaram no caminho. O edifício de dois andares ficava ao lado de uma tabacaria e de um lugar chamado Hernando's Hideaway, que, a julgar pela decoração da vitrine, devia ser uma loja de filmes adultos.

Jordan estacionou cuidadosamente o Chrysler Neon, apertando-o em uma vaguinha minúscula a alguns metros da porta do prédio do tio. *É como a Disneylândia, só que mais sinistra*, pensou Dan, descendo do carro e posicionando a mochila no ombro. Estava dividido entre dois impulsos – correr em qualquer direção para ver o que encontraria e correr para dentro e mandar um e-mail para Maisie Moore, marcando um encontro imediatamente.

A umidade era de tirar o fôlego, e ele limpou o suor da testa enquanto esperava por Jordan e Abby na calçada. Dan se virou lentamente, observando a construção em frente, um prédio de tijolos de fachada preta com uma pichação em branco manchando a lateral de uma das entradas. Todas as janelas e portas

pareciam condenadas. Ali não era a Bourbon Street – não haveria folia naquela rua durante o Mardi Gras. Dan ficou olhando para a pichação, um crânio branco com a boca escancarada. Alguém havia escrito uma mensagem com tinta spray entre os maxilares: *Ne parlent pas mal, les artistes d'os viennent.*

Dan desceu da calçada para olhar melhor.

Quando se virou, Dan viu seus amigos à sua espera nos degraus de cimento que levavam à porta do tio de Jordan. Ele teria que perguntar o que aquela frase significava mais tarde. Dan balançou a cabeça e foi andando na direção dos amigos, mas tropeçou na guia e só recobrou o equilíbrio quando estava prestes a cair de cara no chão.

Jordan deu uma risadinha quando o viu catando borboletas no meio da rua.

– Quanta beleza, quanta graça, quanta elegância...

– Ha, ha – falou Dan, ficando vermelho. Nunca era bom fazer papel de bobo na frente de Abby. – Dá um tempo. Foi uma viagem bem longa.

– Pois é – concordou Jordan, dando um soquinho brincalhão no ombro de Dan e o empurrando na direção da porta. – Mas agora a gente chegou e já vai se instalar. Jordan ficou um tanto boquiaberto diante da casa. – Minha nossa. Bem-vindo ao meu lar.

*Capitula*

13

— Ei, ei!

Dan mal havia passado pela porta quando foi arrebatado em um abraço de moer os ossos. O tio Steve foi correndo até eles como um gigante com cheiro de patchouli, alto e largo, com o visual de um antigo atleta que se deixou levar pelos prazeres da boa comida e do álcool barato. Aquele era o sujeito que fazia parte da Força de Operações Especiais? Era meio difícil de acreditar. Seus olhos eram grandes e reluzentes, e os cabelos grisalhos eram jogados preguiçosamente para trás, revelando as entradas acima da testa. Havia uma semelhança notável entre ele e Jordan. Ambos tinham os mesmos olhos redondos e o mesmo sorriso de lábios finos. O nariz era parecido também, ainda que o do tio parecesse ter sido quebrado e nunca consertado.

— Os três mosqueteiros chegaram — disse Steve, olhando no relógio. — Algumas horas adiantados, até, mas eu não estou achando ruim.

Jordan ficou lá parado, com as malas na mão. Ele não parecia saber o que fazer. Aquela era sua nova casa, mas sua sensação ainda não era essa.

E havia mais de uma explicação para isso.

Dan bateu o olho nas caixas para reciclagem no *hall* de entrada, cheio de garrafas vazias de mistura para margarita e latas de cerveja. Só o que faltava para o lugar parecer uma república de estudantes era a prancha de surfe e talvez o cachimbo para fumar maconha.

— Não reparem na bagunça. Eu dei uma festinha ontem à noite, vocês sabem como é.

— Claro — falou Jordan, balançando a cabeça de leve. — Que bom ver você.

— Né? Faz tempo demais, cara, tempo demais. — O tio Steve puxou os cabelos para trás da mesma maneira como Dan tinha visto Jordan fazer tantas vezes. Foi só então que ele fez um gesto apontando para dentro da casa.

— Ora, entrem. Sem sapatos, certo? Vou mostrar a casa para vocês e então... já tomaram café da manhã? Ah, kolaches? Boa pedida, cara. Certo, então a gente pode ajudar o super-J a desfazer as malas.

— Tudo bem se eu tomar um banho primeiro? — perguntou Abby, toda tímida. — Foi uma viagem bem longa.

— Claro! Claro, claro, foi mal — disse Steve, dando uma risadinha e conduzindo-os até uma sala de jantar formal que, naquele momento, não parecia muito formal. A mesa de carteador estava coberta com uma toalha enrugada, e havia velas baratas espalhadas pelo recinto. Dan ficou com a impressão de que Steve não passava muito tempo naquela parte da casa.

Por outro lado, o piso era de madeira nobre, e havia lustres imponentes pendurados no teto de quase todos os cômodos. Na sala anexa à cozinha, Steve mostrou o lugar onde costumava tocar sua música. Havia um conjunto de tambores latinos e flautas sobre um tapete grosso.

— Alguns amigos vêm aqui nas sextas à noite para fazer um som — Steve contou, com as mãos na cintura. Aquele era claramente um lugar do qual tinha orgulho. — Mas a gente não fica fazendo barulho até tarde.

E, porra, vocês podem chegar junto. Quer dizer, *ora*.

– Tudo bem, pode falar palavrão. Minha mãe e meu pai não estão aqui para dar chique – disse Jordan com um sorriso. – E ainda bem, porque eles iam querer redecorar a casa toda com móveis chiques.

– Não é meu estilo, cara, não é meu estilo. – Steve os conduziu até a cozinha. Seus chinelos batucavam de leve o chão de madeira, com as calças largas de algodão caindo sobre os pés. – Já que estão aqui, podem pegar o que quiserem na geladeira. Tem, hã, coisas de adultos também, só não exagerem na dose.

Ele deu uma batidinha no nariz e uma piscadinha para eles.

– Algum vegetariano entre nós?

– Não, mas uns vegetais cairiam muito bem depois de quatro dias de *fast-food* – respondeu Abby, com os olhos brilhando.

– Beleza, beleza. – Dan não conseguia identificar o sotaque de Steve. Da Costa Leste, talvez, mas com um toque de Louisiana. Steve abriu a geladeira e se agachou para olhar lá dentro. – Couve flor, pimentão, algumas cebolas. Vamos precisar fazer compras em breve, aí eu ponho mais alguns legumes na lista.

Abby agradeceu, e Jordan pegou alguns refrigerantes e pediu licença. Dan e Abby o seguiram por uma escadaria estreita para o segundo andar, que era escuro e fresco. Havia muitas malas e caixas para tirar do porta-malas, mas Jordan queria relaxar um pouco primeiro.

Steve havia pendurado algumas fotos emolduradas na parede da escada. Dan parou diante de uma delas. Era de três homens na rua, ou pelo menos ao ar livre. Usavam máscaras simples, com buracos exagerados para os olhos e bicos compridos e curvados. Dan estremeceu, detestando aquelas órbitas vazias que faziam quem as usava parecer alguém sem vida, quase como se não houvesse ninguém por trás daquelas caras brancas. Ele só torcia para que não houvesse nenhuma daquelas malditas fotos no quarto deles, ou jamais conseguiria dormir.

– A gente vai ficar no quarto do fim do corredor, Dan. Abby vai ficar no escritório. Sei que vocês devem estar loucos para entrar na internet, então vou ligar o *laptop* e pegar a senha do wi-fi com o tio Steve. – Jordan parou no corredor e acionou o interruptor, acendendo um dos lustres. – Você pode tomar banho primeiro, Abby. O aquecedor não funciona tão bem, então você precisa deixar a água correr um pouco.

Ele levou Dan até o quarto onde os dois iriam ficar, que era pequeno, mas razoavelmente arrumado, com um futon antigo de cada lado, arrumados com cobertores de flanela e lençóis de algodão diferentes entre si.

– Isso é o que eu chamo de casa de solteiro, mas aposto que vocês dois vão se dar muito bem – comentou Dan, largando a mochila ao lado de um futon e se sentando. Uma mola da estrutura saltou para cutucá-lo bem no traseiro.

– Ei! – Abby apareceu pela porta aberta, trazendo sua câmera. Seus olhos escuros se voltaram para a mesa sob a janela onde Jordan estava ligando o *laptop*. – Tudo bem se eu deixar as fotos baixando no computador enquanto tomo banho? Estou ficando sem espaço na memória depois do cemitério.

– Ô-ou, está na cara que vocês dois estão de olho no meu computador – falou Jordan. Abby bagunçou os cabelos dele em um gesto brincalhão, e Jordan cedeu a cadeira para ela.



– É todo seu. E depois seu – ele falou, olhando para Dan. – A gente está se segurando para não falar nada, mas eu sei que você está louco para mandar um e-mail para a tal Maisie.

– Está tão na cara assim?

– Pois é. – Jordan jogou um dos refrigerantes para Dan e abriu sua lata. – Minha nossa, Abby, quantas fotos você tirou?

– Algumas – ela respondeu, envergonhada, abrindo um sorriso tímido antes de correr para a porta. – Obrigada!

– Essa menina...

Jordan deu alguns goles no refrigerante e deixou a lata na mesa ao lado do computador. Em seguida se jogou no futon, suspirando ao se ajeitar sobre a pilha de cobertas e travesseiros.

– Ah, colchão, como eu senti sua falta.

Em vez de ficar vendo seu amigo rolando de um lado para o outro no futon, Dan se levantou e foi até a

mesa, tomando alguns goles do refrigerante que Jordan tinha dado. Ele se acomodou na cadeira dobrável diante do *laptop*, vendo a transferência das fotos de Abby da câmera para a máquina, em miniaturas que apareciam uma atrás da outra.

– Uau, ela tirou um monte de fotos mesmo, hein? – Dan passou o cursor do mouse por cima de algumas miniaturas. Ele reparou nas imagens do cemitério, estremeando diante da mandíbula da criança. Então ela não havia apagado aquela, no fim das contas. – Ah, que legal. A mulher da biblioteca deixou que ela tirasse fotos das coisas do gângster que tinha por lá.

– E o que eram? Charutos? Um chapéu-coco?

Dan se inclinou para mais perto da tela, estreitando os olhos. As fotografias mostravam uma caixa de papelão velha que estava começando a se desmanchar, abrigada dentro de um caixote de madeira mais robusto.

– Alguns cartões-postais, uma lata de alguma coisa, cigarros, talvez... um isqueiro velho, um exemplar de *Júlio César*. Que estranho. Espera aí... argh, isso são ossos?



– Hã? Que demais! – Jordan se levantou do futon em um pulo, olhando para a tela por cima do ombro de Dan. – Ah, cara, acho que são ossos, sim. Dedos, talvez? Devem ser falsos.

– Falsos? Jordan, o cara era um gângster. Na época dele, até os esqueletos que os médicos tinham nos consultórios eram reais.

No fim do corredor, ele ouviu o som do chuveiro sendo desligado.

– Droga – murmurou Jordan.

– Pois é, droga – repetiu Dan. – Por que será que a Abby não falou nada sobre isso?

*Capitula*

14

**D**an queria permanecer para sempre com aquela sensação calorosa e reconfortante do café com leite na mão e um número improvável de *beignets* dentro do estômago. Lambendo o açúcar que restou em seus lábios, ele viu Steve oferecendo a Abby mais um doce de massa açucarada. Ela não se opôs. Nenhum deles, aliás.

O Café du Monde não era nada do que Dan imaginava. Por alguma razão, aquele nome evocava escritores e poetas, homens grisalhos fumando um cigarro atrás do outro, lendo livros velhos ou fazendo anotações à mão para sua próxima obra-prima. Em vez disso, o café era envolto por um burburinho constante, com seu interior verde e branco agitado pelo entra-e-sai dos turistas, que permaneciam no máximo por cinco minutos antes de passar para a próxima atração depois de três ou quatro *beignets*.

– E então, para onde vamos agora? – perguntou Jordan. Seu cavanhaque preto e ralo estava sujo de açúcar, mas, graças à sua eterna postura descolada, isso parecia intencional, ou pelo menos artístico.

Dan estava se sentindo melado e grudento, e olhou ao redor em busca de um lugar para se lavar.

– A feira, com certeza. Fica logo ali – disse Steve, apontando para a parede do café e para o que presumivelmente havia além dela. – O que vocês quiserem, dá para encontrar por lá. Comida, roupas, lembranças.

Eles se levantaram da mesa, e um garçom com gorro de papel e avental se apressou em aprontá-la para os próximos clientes. No fundo do estabelecimento, havia uma longa fila de viciados em cafeína à espera de uma dose no guichê para viagem. Jordan e seu tio começaram a conversar sobre seus planos para aquele outono. Jordan ia estudar na Tulane, uma faculdade privada de New Orleans, e era Steve quem ia pagar seus estudos, o que deixava Jordan claramente sem jeito. Seu tio estava abrindo mão de muita coisa para que Jordan pudesse estudar e ter onde morar, e Dan o admirava muito por isso.

Dan puxou a camiseta para separá-la da camada de suor que se instalou entre o tecido e seu corpo. Fazia calor na Pensilvânia, mas nada que se comparasse à umidade implacável que tornava aquela cidade uma espécie de panela de sopa tampada. Todo mundo ali se movia devagar, como se estivesse envolvido em uma atmosfera verdadeiramente líquida. Pelo menos *todos* estavam suados e desalinhados, o que fazia Dan se sentir menos envergonhado dos cabelos grudados na testa.

O sol estava baixo sobre as nuvens. Enquanto seguia Steve, Dan se sentia carregado pelo fluxo de gente que se dirigia à feira ao ar livre. Ele viu uma longa extensão de barracas mais adiante na rua, que era larga como uma praça. Carros de polícia e cavaletes de madeira impediam os carros de entrar na parte da rua onde a feira estava montada.

Os quatro mergulharam nas sombras das barracas, assediados por feirantes de ambos os lados. Os balcões para comprar frutos do mar cozidos ou crus eram abundantes, além das barracas que vendiam sanduíches, ostras, lagostas... Dan não imaginava que fosse possível sentir fome de novo logo depois de comer tantos doces, mas os aromas ali eram inebriantes.

Abby tirava fotos das barracas mais estranhas. Uma em especial, que tinha à venda um jacaré empalhado,

pareceu chamar sua atenção. A que ficava ao lado oferecia uma ampla gama de máscaras para o Mardi Gras, de porcarias de plástico de dois dólares a verdadeiras obras-primas feitas à mão, com lantejoulas, cristais e plumas de avestruz.

– Ei, Steve – chamou Dan, apontando com o queixo para as máscaras. – Na escada da sua casa tem umas fotos penduradas de um pessoal usando umas máscaras esquisitas. E eu vi umas máscaras tipo essas em uma biblioteca em Shreveport. É algum tipo de costume daqui?

– Ah, aquelas velharias. – Steve deu risada e afastou os cabelos grisalhos da testa. – Antigamente era essa a tradição no Mardi Gras. O pessoal não usava muito o estilo veneziano mais ornamentado que se vê hoje em dia. Encontrei aquelas fotos em um bazar de antiguidades uns anos atrás, e achei que combinavam com a casa.

Isso com certeza as tornava menos assustadoras na opinião de Dan, que se virou para um dos rostos reluzentes e sorridentes pendurados na barraca.

Abby baixou a câmera, deixando-a pendurada no pescoço. Ela se colocou ao seu lado, revelando os braços morenos brilhando de suor.

– Por que essas máscaras perseguem a gente? – ela perguntou.

– Pois é. Máscaras, capuzes e capacetes. De repente pode ser uma boa ideia a gente comprar umas dessas para descobrir qual é a graça de esconder o rosto – ele respondeu. – Vi algumas das fotos que você fez enquanto baixavam para o computador. Ficaram boas.





– Obrigada. – Abby abriu um sorriso, e ele notou que ainda havia um pouco de açúcar grudado em seu queixo. Dan estava prestes a erguer a mão para limpar quando sentiu seu celular vibrando no bolso.

*Por favor, que seja uma mensagem da Sandy,* ele implorou em silêncio.

Ele sacou o telefone, sentindo seu estômago se revirar.

*De novo não.*

Abby percebeu que havia algo de errado.

– É ele, né?

– É – respondeu Dan. – Mas não está escrito nada. Só umas letras soltas.

– Você não pode bloquear o perfil dele? Isso está ficando ridículo.

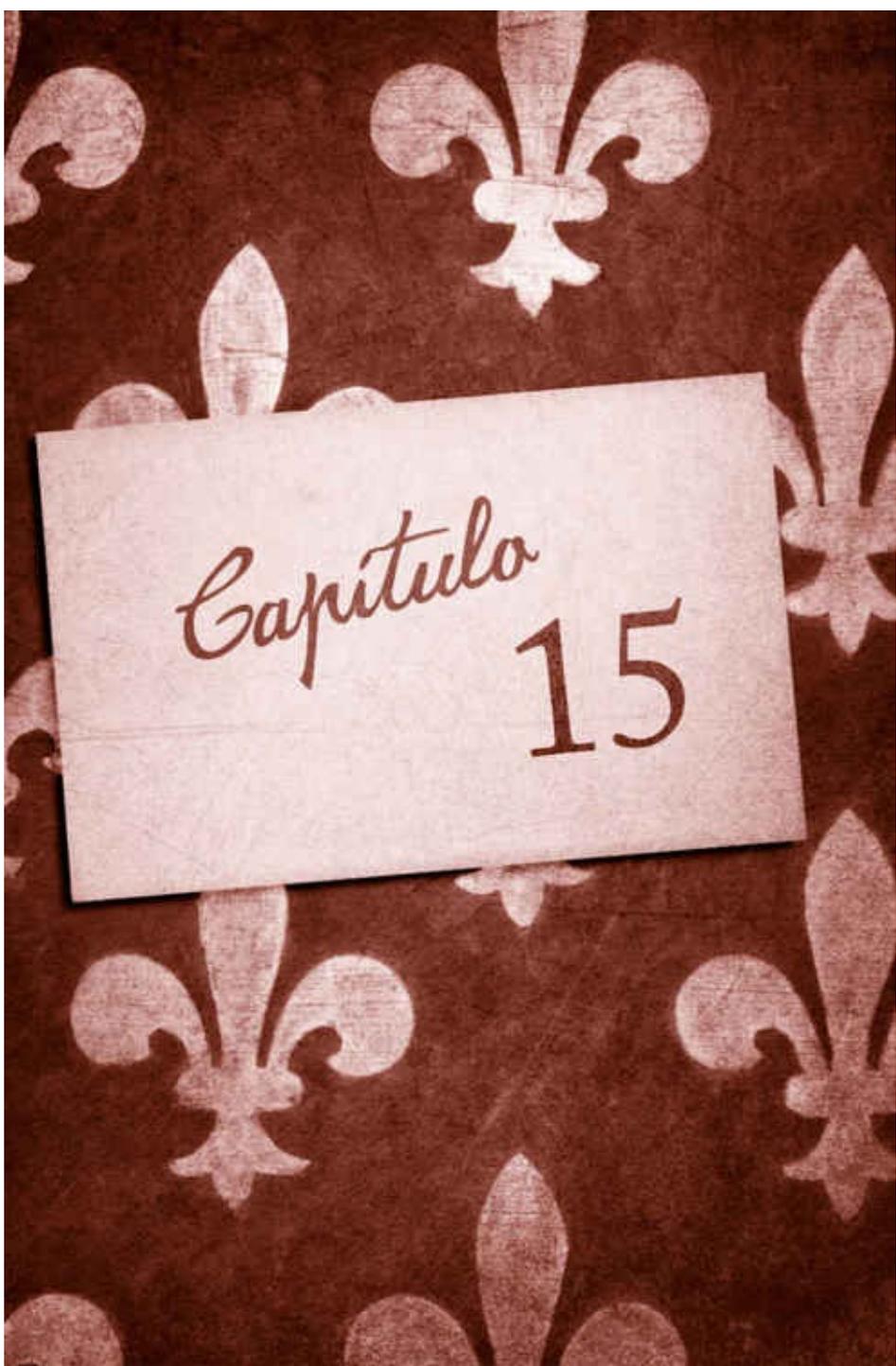
Dan concordou com um aceno de cabeça, mas não foi o impostor que vinha se passando por Micah quem o alertou sobre a visita que receberam à noite na barraca? Ele ergueu os olhos da tela, imaginando que poderia ser mais um alerta. Esquadrinhando as extremidades da feira, ele ficou à procura de uma

motocicleta, ou de alguém tirando fotos deles, qualquer coisa que pudesse parecer suspeita ou sem cabimento. Mas em New Orleans tudo era assim, ele concluiu quando viu duas garotas em trajes sumários requebrando do lado de fora de um bar decorado com temas esportivos.

*Mas espera aí...*

Seus olhos se concentraram em um ponto atrás delas e, sentados no capô de um esportivo vermelho antigo, ele viu uma moça e um rapaz.

Eram eles... só podiam ser eles. Sem pensar duas vezes, Dan saiu correndo. E, dessa vez, não iria parar enquanto não conseguisse algumas respostas.



*Capitula*

15

**P**or que vocês estão seguindo a gente? – Dan gritou enquanto corria, assustando as garotas que dançavam e um bando de pombos no caminho. Ele saltou o cavalete que fechava o local da feira para o trânsito e disparou na direção do carro vermelho.

– *Por quê?* – ele gritou mais uma vez.

O rapaz e a moça já estavam entrando às pressas no carro. Dan chegou até eles, todo suado e ofegante, e bem nesse momento a porta do motorista se fechou. A janela, porém, estava aberta, e Dan se agarrou à porta com a mão. Um jovem de vinte e poucos anos o encarou, com os olhos faiscantes.

– Quem são vocês? – Dan se segurou com ainda mais força no carro quando o sujeito ligou o motor. – Por que estão tirando fotos de mim e dos meus amigos? Que diabos vocês querem?

– Querem saber quem eu sou? Aqui está. – O sujeito entregou para ele um cartão de visita. – Venha se encontrar com a gente mais tarde. Às oito em ponto. Não quero conversar com você aqui, por vários motivos.

Dan não tirou as mãos da porta do carro, então o jovem atirou o cartão em sua direção, acertando-o no pescoço. O papel foi ao chão, distraindo Dan por um instante suficiente para que o sujeito arrancasse com o carro na direção de uma viela, fechando o vidro com uma expressão de preocupação estampada no rosto. Ainda cheio de adrenalina, Dan se agachou para pegar o cartão e saiu correndo atrás do carro. Logo em seguida, porém, deu um esbarrão em um homem que estava tirando seu trompete do estojo para tocar na rua. Dan se desculpou e tentou retomar a perseguição, mas o carro já tinha aberto caminho entre os pedestres e estava longe de seu alcance.

Ele soltou um palavrão baixinho.

*Foi por pouco. Muito pouco.*

Dan ficou olhando para o cartão, com suas letras pretas impressas sobre o fundo branco.

*Berkley & Filhas  
Fornecedores de antiguidades,  
velharias e coisas absurdas desde 1898.  
New Orleans*

Não havia endereço. Nem telefone. Só um nome e um horário. Isso teria que bastar.

*Capitula*

16

Os sons das pessoas sugando e engolindo era quase tão alto quanto a música, e ficavam mais repugnantes a cada segundo que passava. Dan olhou para sua bandeja de ostras e a afastou, incapaz de esconder sua repulsa pelos frutos do mar crus.

Jordan ficou com o que Dan se recusou a comer, jogando o molho vermelho sobre as conchas antes de engolir tudo.

– Acho melhor a gente ir – Dan falou pela terceira vez.

Seus amigos pareciam determinados a ignorá-lo.

– Que lição a gente aprendeu com esse tipo de coisa? – perguntou Jordan, baixando a voz para que seu tio não ouvisse. O risco, porém, era mínimo, já que Steve estava totalmente entretido tentando chamar a atenção da garçonete da casa. No momento, ele estava no balcão “pegando uma bebida”, apesar de poder fazer isso sem se levantar da mesa.

– Geralmente é uma armadilha. E alguém acaba ferido ou morto. Não é assim que você vai querer passar sua primeira noite em New Orleans.

Dan suspirou, olhando para o cartão da Berkley & Filhas pousado sobre a toalha xadrez vermelha e branca. Com a iluminação fraca do ambiente, era quase invisível. Ele não entendia por que um bar especializado em ostras precisava ser tão escuro, a não ser que a intenção fosse que as pessoas não vissem o que estavam engolindo.

– Mas a pessoa que está usando a conta do Micah entra em contato comigo todas as vezes que esses dois aparecem – respondeu Dan, encarando Jordan. – Ou são eles que estão por trás das mensagens, ou tem alguma outra coisa rolando aqui, e eu quero saber o que é. Você não?

– Você acha que vai encontrar alguma explicação para isso? – questionou Abby do outro lado da mesa. Ela deu um gole em seu chá e limpou o queixo, somente agora se livrando da mancha de açúcar em que não tinha reparado antes.

– Acha mesmo que isso vai tranquilizar você? Ou só vai piorar as coisas?

Dan ficou sem reação. Vendo a coisa dessa maneira...

– Bom, sei lá. Mas acho que não seria tão arriscado assim. Aqueles dois não pareciam perigosos. Talvez exista uma explicação racional para tudo isso.

*Não poderia existir, só para variar?*

Jordan mordeu a bochecha, trocando um olhar com Abby antes de ajeitar os óculos e falar:

– Felix também não parecia perigoso à primeira vista. Nem aqueles estudantes que tinham envolvimento com os Scarlets. Só porque alguém parece ser legal não significa que seja inofensivo.

– Bom, esse é um jeito bem ruim de encarar a vida – comentou Dan.

– Você não vai desistir mesmo, né? – soltando um suspiro, Jordan engoliu mais uma ostra e afastou a bandeja.

– Quer que eu pergunte para o tio Steve sobre esse lugar? Eu me sentiria bem mais tranquilo se ele

conhecesse e soubesse onde fica.

Era uma proposta que Dan não tinha como recusar.

– Com certeza.

Eles esperaram que Steve voltasse para a mesa – sozinho, mas de fato trazendo uma bebida –, e Jordan mostrou a ele o cartão.

– Sim, claro que conheço – Steve respondeu imediatamente. – É um antiquário que fica a poucos quarteirões lá de casa. Eles fazem um sarau de poesia sensacional uma vez por mês. Os donos são uma família bacana, eu acho. Quem trabalha lá é um dos filhos.

Dan limpou a garganta, tentando conter o sorrisinho presunçoso.

– Você venceu – disse Jordan, levantando as mãos. O tio Steve deu seu selo de aprovação. Só vamos torcer para que o rapaz *bacana* que trabalha lá esteja disposto a falar.



– Acho que até os *adultos* precisam de supervisão por aqui – murmurou Jordan, puxando Abby e Dan para mais perto enquanto caminhavam pelas ruas de New Orleans à noite.

– E a gente? – questionou Abby.

– Pelo menos a gente está sóbrio.

Dan deu risada, mas o riso logo em seguida entalou em sua garganta. O bairro de classe média alta onde morava era totalmente seguro, e até agradável, à noite. Ali, as sombras se moviam sob a luz fraca dos postes, e às vezes uma risada ou um grito escapava por uma porta ou janela aberta. Dava para sentir o cheiro do lago, mas a umidade saturava o ar fresco, e sempre que passavam por um restaurante o aroma dos temperos das comidas assadas ou fritas tomava conta de tudo. Grupos de pessoas passavam por eles a todo instante, na maioria das vezes cambaleantes ou agitadas demais para se dar conta de em que, ou em quem, estavam esbarrando.

– Parece que a gente está de novo em um *campus* de faculdade – comentou Abby. – Ainda bem que o lugar não é muito longe da casa do seu tio.

– Então, o que você acha, Ab? Quer ficar aqui no seu ano sabático? – perguntou Jordan, com um sorriso. – Aposto que o tio Steve ia deixar você ficar no escritório o tempo que quisesse.

– Com certeza o lugar parece bem... artístico. – O tom de voz dela não era de muito interesse. – Mas, se não ficar em Nova York, estava pensando em ir para Los Angeles, para uma mudança de ares de verdade.

Mais longe de Chicago, impossível. Dan vinha se perguntando se conseguiria convencê-la a ir ficar com ele, mas achou que era melhor falar sobre isso em outro momento.

Quando saíram do French Quarter, eles passaram por estúdios de tatuagem que ficavam abertos a noite toda e por alguns bares barulhentos, cujos clientes se espalhavam pela calçada. Então, seguindo o caminho apontado pelo celular de Jordan, entraram em uma rua mais silenciosa que ladeava o rio, e a barulheira deu lugar à tranquilidade noturna. Dan respirou aliviado.

Depois de passarem por uma livraria que se preparava para fechar e por uma loja de velas, enfim eles chegaram à vitrine com o nome que procuravam pintado no vidro encardido. Não era um estabelecimento dos mais convidativos. Dan mal conseguia distinguir as palavras BERKLEY & FILHAS com suas letras douradas desbotadas e uma cortina vermelha do outro lado do vidro.

– Que charme – murmurou Jordan, fazendo um gesto para que Dan entrasse primeiro.

A porta se abriu com o som de uma sineta. Lá dentro, a escuridão era quase total. Uma fileira de velas se estendia pelo chão, mas Dan precisou parar na porta para se localizar melhor. As velas vermelhas espalhavam um cheiro forte de cravo. Aos poucos seus olhos foram se ajustando, e ele notou a presença de uma mesinha redonda arrumada a alguns passos da entrada.

Havia quatro pessoas sentadas ao redor da mesa de mãos dadas, com uma bandeja cheia de pequenos objetos no centro.

– Acho que é uma sessão espírita – murmurou Jordan. – Parece uma daquelas coisas que os moleques da minha escola faziam para pôr medo uns nos outros no ginásio.

Dan desviou os olhos da estranha reunião, atraído por uma movimentação súbita em um canto. Lá estava o sujeito de antes, observando os três atrás de um balcão alto de madeira. Ele fez um gesto com a mão, chamando-os a se aproximar, e Dan foi andando em sua direção. Não parecia o estabelecimento familiar que Steve descreveu, mas Dan estava determinado a ir fundo na questão.

Eles se dirigiram para trás do balcão, onde Dan encontrou uma cortina que separava a frente da loja do estoque, um espaço maior e mais bem iluminado. Não dava para saber se aquela parte do estabelecimento ficava aberta durante o dia, mas o depósito estava apinhado do chão ao teto. Havia prateleiras de livros ao fundo e armários com portas de vidro mais à frente.

Jóias, pilhas de cartões-postais e fotografias, óculos antigos e até pequenos e delicados crânios de animais estavam expostos nos mostruários de vidro sem nenhuma organização aparente. Era uma gigantesca exibição de objetos curiosos, que Dan se sentiu tentado a explorar.

– Vocês vieram mesmo – disse o jovem de cabelos escuros, observando-os do local onde os armários davam lugar às prateleiras.

– Isso significa que a Sabrina me deve dez pratas.

Ele deu um passo à frente e estendeu a mão para Dan.

– Oliver Berkley. Bem-vindo à minha humilde loja.

– Você não me parece ser uma filha – Jordan comentou, se encostando em um dos armários.

Oliver riu baixinho, fazendo um gesto para que Jordan se desencostasse do armário e enfiando a outra mão no bolso de trás da calça. Alto e magro, tinha um visual clássico, quase de um querubim, com bochechas vermelhas e cabelos castanhos desalinhados sobre a cabeça, cortados rentes nas laterais. Pareceria até um adolescente se não fosse uma pequena e reluzente cicatriz que cortava diagonalmente a curva de seu lábio superior. Alguma coisa naquela marca na pele denunciava sua verdadeira idade.

– Filhas eram o que não faltava na época em que a loja abriu, mas isso foi algumas gerações atrás.

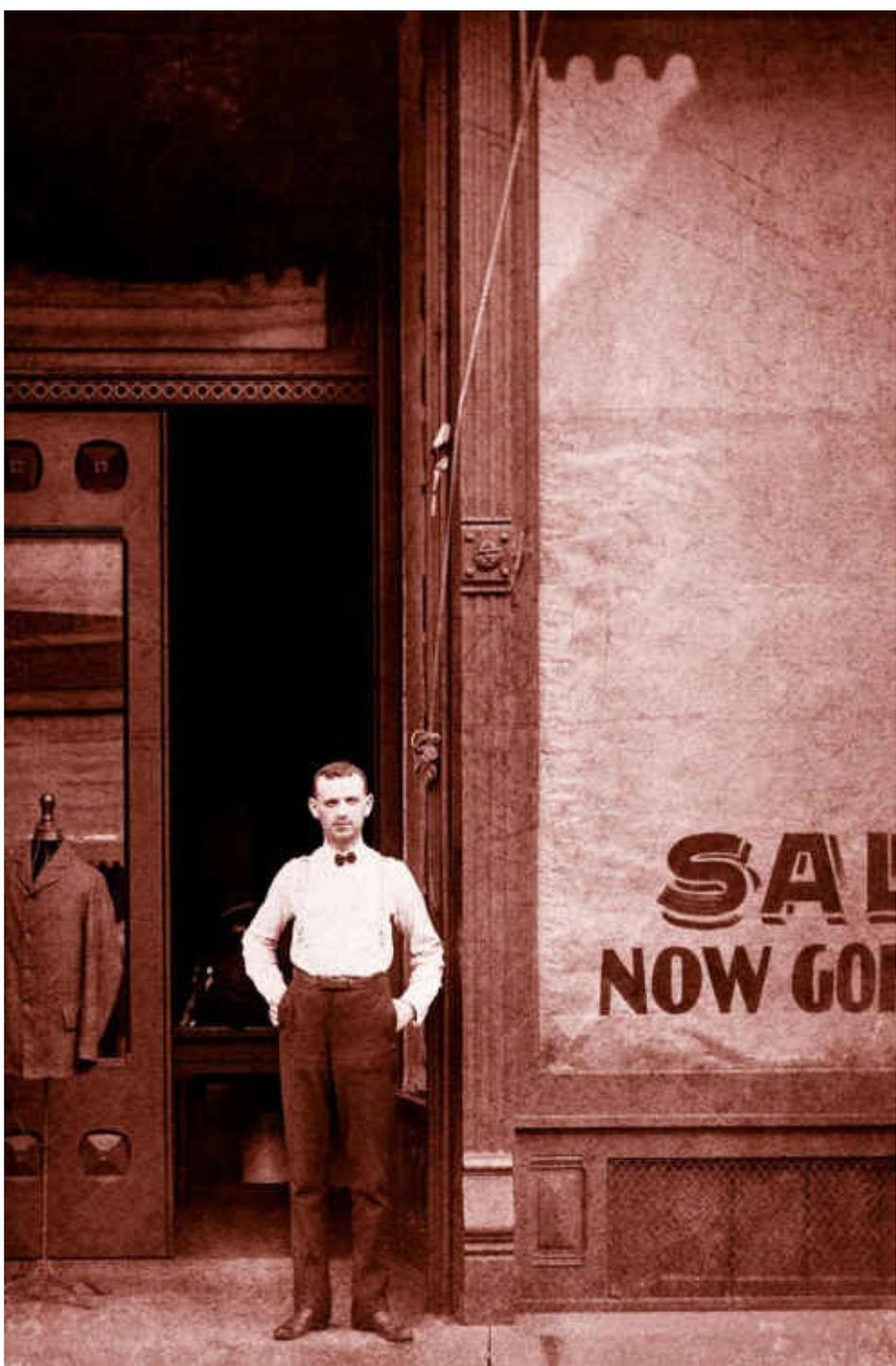
O tom de voz dele de repente perdeu a leveza.

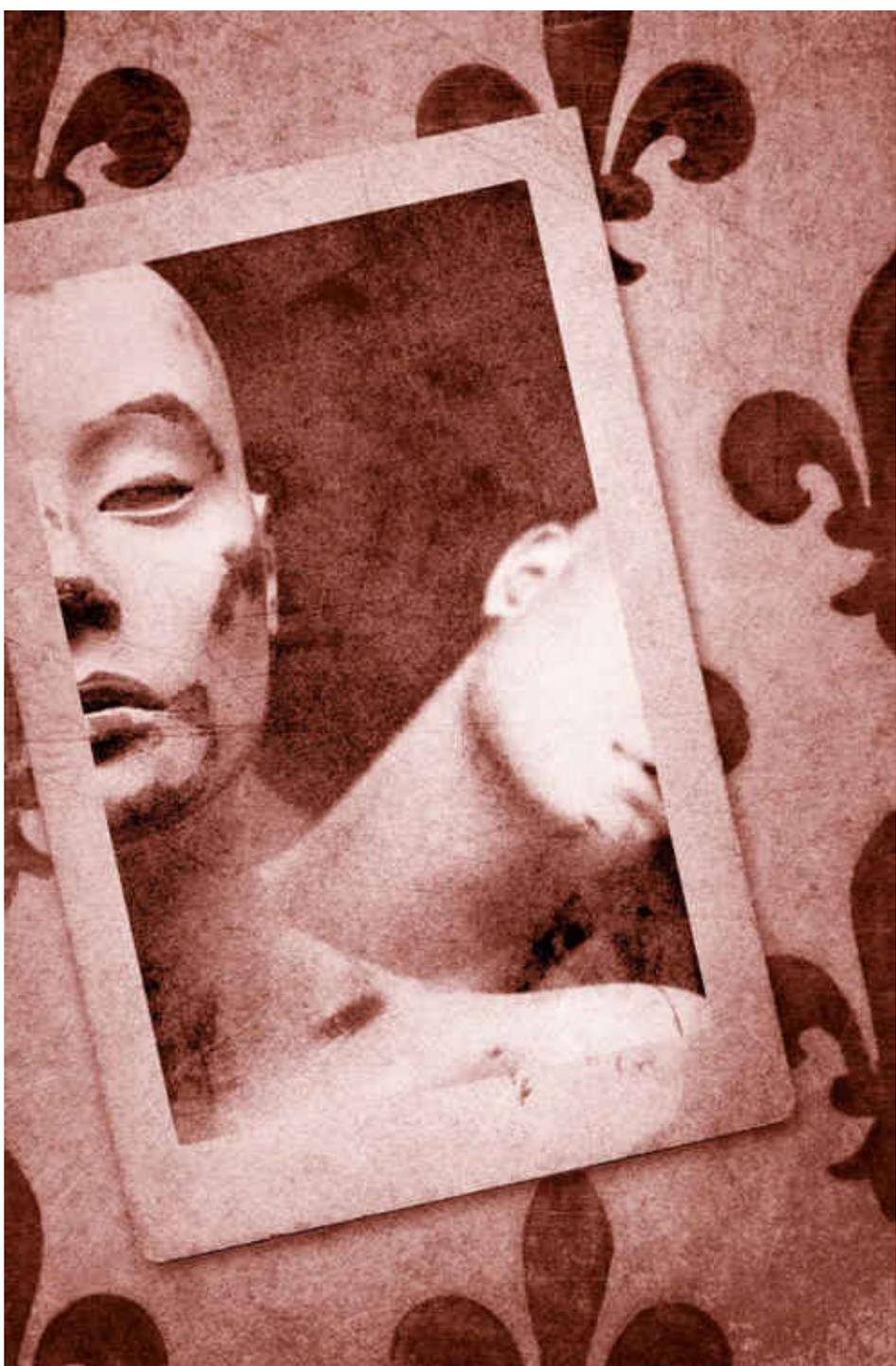
– Agora não sobrou ninguém além de mim.

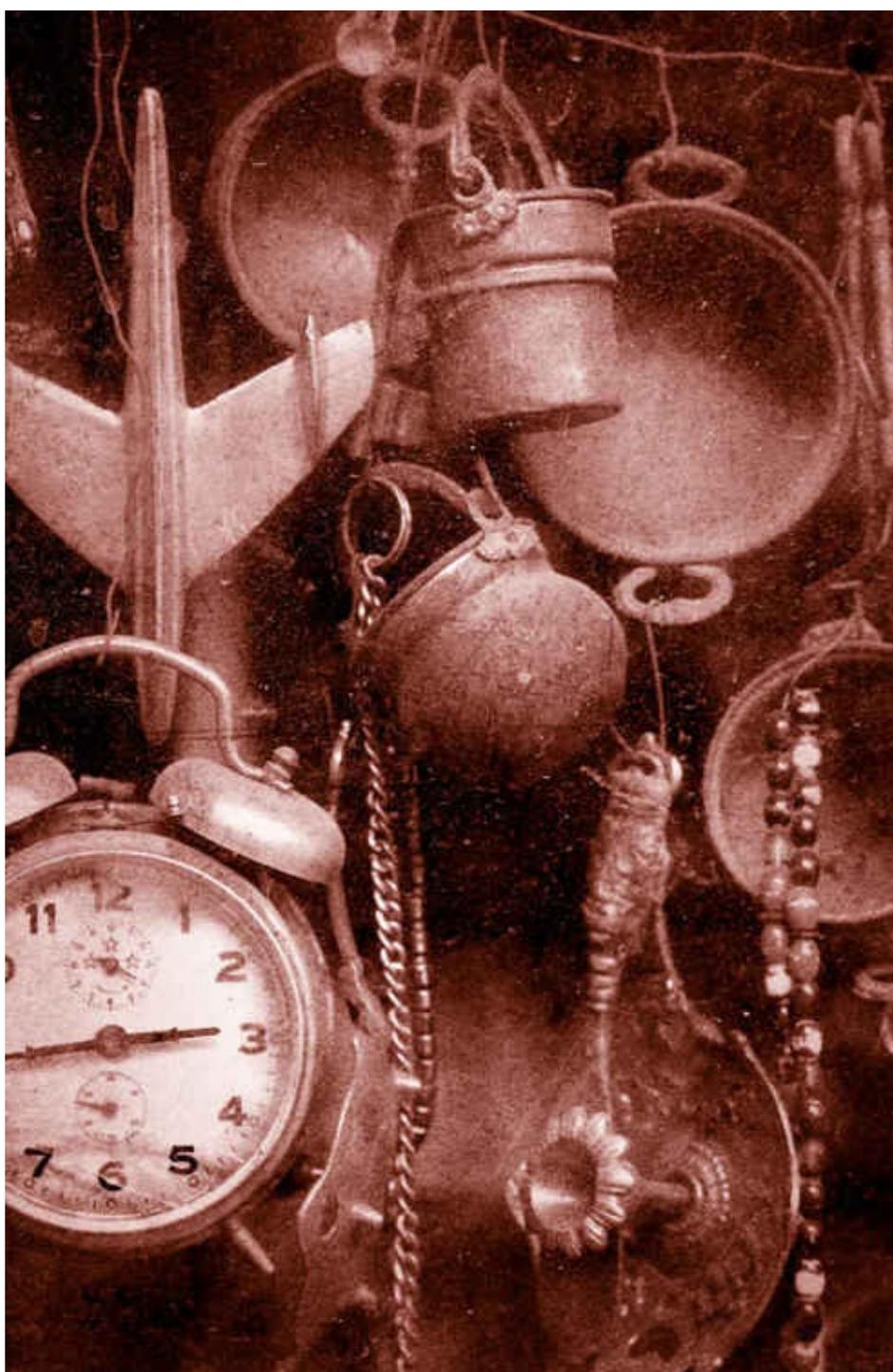
Uma porta se abriu à direita de Oliver, e Dan reconheceu a garota que estava no carro com ele mais cedo.

– Essa é a Sabrina, minha namorada – anunciou Oliver, apresentando uma menina negra e magra com a cabeça raspada e olhos cor de mel redondos e grandes. Dois pequenos *piercings* prateados adornavam sua narina direita.

– Eles apareceram mesmo – ela comentou, abrindo um sorrisinho e se juntando a Oliver perto das prateleiras. Ela usava um top cor de rosa, short preto de brim e meia-calça roxa.







– O menino já explicou como descobriu que estava sendo seguido?

– “O menino” não – retrucou Dan. – Meu nome é Dan Crawford. E eles são Jordan e Abby, meus amigos. Na verdade, acho que *vocês* precisam se explicar para *a gente* antes de eu dizer qualquer coisa. Por que estavam seguindo a gente? E por que diabos estavam tirando fotos?

Os olhos acinzentados de Oliver se arregalaram de surpresa, e suas sobrancelhas grossas se franziram.

– Ei, espera aí. Não vamos exagerar. A gente não tirou foto nenhuma. Eu só estava fazendo isso por causa de um amigo. Ele falou que vocês são bons de pesquisa e esse tipo de coisa. Que podiam ajudar.

– Ajudar com o quê? – questionou Abby, se aproximando dos dois, falando depressa e afastando do rosto os cabelos que tiveram a audácia de se soltarem das fivelas.

– De que amigo você está falando? Nunca vi vocês na vida. Como a gente pode ter algum amigo em comum?

Dan a segurou pelo braço, dando um apertão de leve. Ele se voltou para Oliver e Sabrina.

– Ela tem razão.

– Me deixem começar pelo começo – falou Oliver, puxando um banquinho de metal para se sentar. Ele sacou um cigarro do bolso, mas não acendeu, simplesmente ficou remexendo-o entre os dedos enquanto falava.

– As coisas não andam muito boas por aqui ultimamente. Meu pai morreu. Eu fiquei com a loja e, bum, logo de cara começaram os arrombamentos, os furtos, as pichações e tudo mais. Quando pensei que nada mais poderia dar errado, uns meses atrás o túmulo do meu pai foi violado. E roubado – ele explicou diante das expressões impassíveis dos três.

– O do meu avô também. Parece uma coisa pessoal, sabem como é? Como se eu fosse um alvo. Aí eu pensei, bom, pode ter a ver com um negócio meio barra-pesada com que eu me envolvi uns anos atrás com o meu amigo Micah...

Dan ficou paralisado, e Abby e Jordan soltaram um suspiro de susto. Oliver e Sabrina o encararam, claramente à espera de que ele explicasse o motivo da reação.

– Micah falou mesmo que tinha passado um tempo no reformatório – Dan disse baixinho.

– Então vocês sabem de quem eu estou falando. Ótimo. Pensei que estivesse dando um de maluco aqui.

Oliver respirou aliviado, e se inclinou para trás no banquinho.

– Ele disse que vocês podiam ajudar, que descobriram uns segredos cabeludos lá onde ele estuda. Coisas que podem ser úteis para mim.

Dan sentiu um dedo cutucando suas costelas. Ele se virou e viu Abby o encarando com uma expressão de interrogação, e balançou a cabeça.

– Eu posso, hã, ver as mensagens que o Micah mandou para você? – Dan perguntou, tentando fazer tudo parecer apenas uma curiosidade natural.

– Só para ter certeza de que estamos falando da mesma pessoa.

– Claro – disse Oliver, sacando um iPhone do bolso. Ele abriu as mensagens e passou o celular para eles.

– Está vendo? “Dan e seus amigos Abby e Jordan.” Vocês três são citados por ele. A gente não queria assustar vocês nem nada. É que eu estou desesperado por ajuda, e o Micah... Bom, eu sabia que ele ia poder me ajudar.

Dan deu uma olhada nas mensagens. Ao contrário daquelas que ele havia recebido, pareciam ser compostas por frases completas e coerentes. E não eram contatos ocasionais. Havia mensagens do dia anterior, e de dois dias antes, três dias antes... O calor não fazia mais diferença, Dan estava gelado por dentro.

– Oliver. – Dan sentiu que Jordan e Abby ficaram tensos e imóveis ao seu lado quando ele limpou a garganta, devolveu o telefone e disse baixinho: – Eu não queria ter que dar essa notícia, mas de jeito nenhum o Micah pode ter mandado essas mensagens. Ele morreu. A gente foi testemunha da morte dele.

*Capitulo*

17

**P**or um longo instante, ninguém se moveu nem falou. Foi então que Oliver deixou todos perplexos soltando uma risadinha pelo nariz. Ele enfiou o cigarro atrás da orelha e ficou olhando para o telefone, ainda rindo.

— Isso... Não, isso não está certo. Não é possível. Está bem aqui.

Dan se inquietou.

— São mensagens de texto. Qualquer um que ficou com o celular dele pode ter mandado. Você não... você não tem Facebook, né?

Isso parecia tão estranho quanto as mensagens até certo ponto, mas Dan relevou. Aquela loja cheia de sessões espíritas e crânios de pássaros não era exatamente uma coisa *normal* ou *moderna*.

— Não, eu não tenho — Oliver respondeu.

— Se tivesse — interrompeu Jordan — teria visto que o perfil do Micah virou um memorial. É isso que acontece quando... você sabe.

— Mas como... quer dizer, porra. Sem chance. Isso... isso não pode ser verdade. — A mão de Oliver tremia quando ele guardou o telefone no bolso outra vez. — Não o Micah. Ele não. O cara era um batalhador.

— Eu lamento — disse Dan. — Mas é verdade.

— Vocês disseram que foram testemunhas — falou Sabrina, envolvendo o namorado pela cintura. — Como foi que ele morreu?

Dan ficou com a impressão de que Sabrina não conhecia Micah. Pela maneira como ela perguntou, com um tom tão áspero e sem um pingão de emoção, não era possível que se tratasse de um amigo dela também.

— De um jeito bem feio — murmurou Dan. — Prefiro não entrar em detalhes.

O queixo de Oliver tremia, mas o braço de Sabrina o consolou. Ele se encostou na prateleira, mas ela manteve as costas retas.

— Então, você não está maluco — disse Dan. *Pelo menos não mais do que eu.* — Estou recebendo mensagens dele também. As minhas são todas desconjuntadas e, às vezes, nem fazem sentido. Acho que alguém está pregando uma peça na gente, principalmente depois de ver as suas também.

— Como vocês conheceram o Micah? — perguntou Sabrina. Oliver não parecia capaz de falar naquele momento.

— Nós três nos conhecemos em um curso de verão na faculdade do Micah — Abby explicou educadamente. — Depois voltamos para um fim de semana de apresentação do *campus* para novos estudantes, e foi aí que conhecemos o Micah. Ele era o monitor do Dan. Acho que... bom... ele andava com um pessoal que não é flor que se cheire, para dizer o mínimo.

Dan balançou a cabeça de leve. Ele sabia que não era uma boa ideia entrar em detalhes sobre os Scarlets. Não havia garantia nenhuma de que aqueles dois eram confiáveis, apesar de Oliver parecer ter ficado arrasado com a notícia.

– Ele quase não tinha família, na verdade, mesmo na época em que a gente se conheceu – Oliver falou com a voz embargada.

– Coitado. E eu achando que ele tinha feito a coisa certa indo para bem longe daqui. – Ele fez uma pausa, olhando para um ponto atrás do ombro de Jordan, com os olhos marejados e prontos para começar a verter lágrimas.

– Então você e Micah se meteram em um negócio barra-pesada quando ele ainda morava aqui – falou Jordan. – Como assim?

Oliver suspirou.

– Bom, acho que agora não faz mais sentido guardar segredo. Antes dessa história do reformatório, antes de o Micah ter que ir morar com a avó em Shreveport, a gente fazia uns serviços para uma figura que se intitulava o Artífice. Era um tipo bem furtivo, nunca dava as caras pessoalmente. Micah encontrou um anúncio dele no *craigslist*. Não sei nem que diabo é isso, mas o Micah entendia de computador. E disse que dava para ganhar uma boa grana.

Oliver limpou o nariz na manga da camisa, e Sabrina tomou a palavra, esfregando o ombro dele enquanto falava.

– O que vocês precisam saber é que as coisas ficaram bem feias depois do furacão Katrina. Minha família teve sorte, é verdade, mas esta loja ficou cheia de água quase até o teto. A família do Ollie estava indo à falência.

– Eu roubava túmulos para aquele filho da puta – Oliver soltou, cerrando os dentes.

– O Micah entendia a linguagem por trás daqueles anúncios, mas eu só saquei depois que a gente começou. “Limpar o gramado.” Não era nada disso. – Ele soltou uma risada sinistra.

– Mas é isso, eu estava desesperado. Micah disse que não era nada de mais... era só pegar as coisas de valor, deixar em um lugar e receber a grana na semana seguinte. E podem acreditar que era uma grana boa, caso contrário eu não teria me rebaixado a isso.

– Só para constar, o Micah também não parecia ter orgulho das coisas que fez no passado quando a gente se conheceu – comentou Dan.

Oliver dispensou a compaixão dele com um gesto de mão.

– Roubar colares já era bem ruim, claro, mas aí disseram para a gente pegar ossos. Foi aí que... que eu quis cair fora. Mas o Micah, vou dizer uma coisa para vocês, quando ele cismava com uma coisa, não queria saber de voltar atrás. Ele era bom nisso. Dizia que a gente estava fazendo “negócios”. Bem se vê onde ele foi parar com esses negócios.

Ele fez uma pausa e sacudiu a cabeça, apoiando as mãos nos joelhos e se inclinando na direção deles.

– Eu não consegui. Não podia roubar os ossos das pessoas. Podia pegar as joias, mas não as outras coisas. O Artífice suspendeu a grana, e nunca mais ouvi falar no sujeito... até a história dos túmulos. Isso mesmo. Eles não levaram só os objetos de valor do meu pai. Levaram os ossos dele, Dan. E do meu avô também. É esse Artífice que está por trás de tudo, estou dizendo. Esse pessoal é do mal, e para mim não tem dinheiro que pague o envolvimento com esse tipo de *maldade*.

Dan ficou olhando para Oliver e Sabrina sem saber o que fazer diante de uma história como aquela. Foi Abby quem enfim quebrou o silêncio, fazendo um gesto na direção dos dois como se quisesse estabelecer um tratado de paz.

– Agora pelo menos as mensagens vão parar, eu acho – ela falou.

– Você disse que as mensagens mandavam procurar o Dan. Bom, talvez esse encontro fosse a intenção por trás disso. Talvez alguém quisesse que você descobrisse o que aconteceu com seu amigo, e também que Dan conhecesse o resto da história, que entendesse melhor quem era o Micah. Vocês dois já se encontraram agora, então o assunto está encerrado, certo?

*Agora está tudo certo, caso encerrado, e a gente pode simplesmente curtir a viagem*, seu tom de voz parecia implorar.

– “Alguém”, é o que você está dizendo – respondeu Oliver. – Mas, na minha opinião, parece bem claro que essas mensagens são do Micah. Era ele quem queria que a gente se encontrasse, não “alguém”.

– Você não pode estar falando sério – disse Jordan. Dan ficou em silêncio, apesar de uma pequena parte dele parecer disposta a aceitar a explicação de Oliver. Todas as peças encaixavam.

– Certo, então não precisa acreditar – Oliver disse por fim. – Mas eu não acho que o assunto esteja encerrado. Que tal a gente se conhecer melhor, então? Eu posso mostrar a cidade para vocês, apresentar os lugares.

– Para isso a gente já tem o meu tio – Jordan respondeu secamente.

– Escuta só – disse Dan. – Eu lamento muito pela sua loja, e concordo que é uma coisa doentia terem violado e roubado os túmulos da sua família, mas, desculpa falar assim, isso não é exatamente problema nosso. Acho melhor encarar a coisa como a Abby falou. O Micah agora está em paz. É isso o que importa.

Ele estendeu a mão, esperando que Oliver a apertasse. O rapaz mais velho ficou hesitante, mas retribuiu o gesto de cordialidade. E de despedida também.

– Espero que você consiga os seus... as suas *coisas* de volta – acrescentou Dan. – E você tem uma loja bacana aqui. As coisas vão melhorar. Pega o meu telefone, certo? Para caso de essa coisa do Micah não, hã, acabar.

– Certo – Sabrina disse baixinho, dispensando-os com uma revirada de olhos. – A gente se vê.

Dan tomou isso como uma deixa para ir embora. Ele e seus amigos voltaram para a frente da loja, onde a escuridão os envolveu, junto com o cheiro das velas e dos murmúrios ritmados dos participantes da sessão espírita. Dan estremeceu, e Jordan pisou em seus calcanhares, quase o empurrando para longe em sua pressa de sair da loja.

– *Roger Berkley, está escutando? Escute, Roger, e responda...*

Os três passaram ao lado da mesa e das pessoas que participavam da sessão. Dan cometeu o erro de lançar mais um olhar naquela direção. Uma mulher mais velha de cabelos ruivos se voltou para ele. Seus olhos estavam fechados, mas, sob a luz das velas, suas pálpebras claras pareciam emitir um brilho esbranquiçado, como dois buracos vazios.

E então os olhos dela se arregalaram para encará-lo.

– Eles me encontraram – ela sussurrou furiosamente, revirando os olhos. – Ah. Eles vão encontrar você também.

Dan se segurou no ombro de Jordan para se equilibrar, e em seguida saiu cambaleando para fora da loja. A sineta acima da porta ressoou de leve, e o cheiro carregado das velas desapareceu, obliterado pelo ar úmido da Louisiana.

Dan tentou mais uma espiada para dentro da loja, mas as cortinas o impediam. Ele molhou os lábios, seguindo atrás de seus amigos, que se afastavam pela calçada com passos apressados.

– Minha nossa – murmurou Jordan, fazendo gestos exagerados com os ombros. Ele lançou uma olhadela para Dan, e o *piercing* em seu lábio brilhou rapidamente sob a luz de um poste. – Dá para acreditar naqueles

esquisitões? E aquela história?

– Você ouviu aquilo? – questionou Dan.

– Eu fiquei com pena deles. – Abby sacudiu a cabeça e esperou que Dan os alcançasse para segurar sua mão. – Não sabiam nada sobre o Micah, e você teve que contar. Eu lamento muito, Dan. Deve ter sido horrível...

– Não, lá na loja... – Ele parou, percebendo que estava sem fôlego. Seus pulmões doíam. – Vocês ouviram o que aquela mulher me falou?

– Não. Acho que ela não falou nada para você, Dan. – Abby largou sua mão, lançando para Jordan um olhar que se tornava cada vez mais familiar e irritante.

– Eu não estou ouvindo coisas – falou Dan, sem se preocupar em esconder o fato de que estava se sentindo ofendido. – Ela falou comigo. Abriu os olhos e disse: “Eles me encontraram, eles vão encontrar você também”.

Jordan fez uma careta.

– Deus do céu. Mais um motivo para sumir daqui e nunca mais voltar. – Ele retomou o que Abby começou a fazer e envolveu Dan pelos ombros para arrastá-lo de volta para a casa do tio Steve.

– Olha pelo lado bom... uma mulher sendo bizarra em uma sessão espírita é bem melhor que ser esfaqueado, incendiado ou caçado. Pela primeira vez, os perseguidores não estão tentando matar a gente! Já é uma esperança.

Dan assentiu com a cabeça, mas o nó em seu estômago só piorou. Era impossível afastar a voz daquela mulher de sua cabeça.

*Eles vão encontrar você também.*



Ele voltou para a casa em silêncio. Não teve coragem de apontar que o argumento de Jordan não era totalmente verdadeiro: eles encontraram Oliver e Sabrina, mas não a pessoa misteriosa que estava tirando fotos. Ainda havia alguém à solta os perseguindo. E ainda restava uma pista para Dan ir atrás.

*Capitula*

18

— Que foi, cara? Estou morto de cansaço. — E estava mesmo. Dan não conseguia se lembrar de ter ficado tão exausto alguma vez. Dormir em uma cama de verdade evidenciava todo o desconforto de passar várias noites seguidas em uma barraca. Agora que havia um colchão sob suas costas, ele se viu obrigado a sucumbir, se entregando a um sono profundo e sem sonhos.

Mas agora Jordan estava sentado na beirada do futon de Dan, com uma postura estranhamente leve, mal amarrotando a coberta.

— Que foi? — Dan repetiu, ainda grogue.

Jordan estava olhando para as próprias mãos, e então se mexeu de leve, se virando para Dan e prendendo o *piercing* do lábio inferior entre os dentes, um gesto de nervosismo que se tornava cada vez mais frequente nos últimos dias. Jordan não disse nada. Ele simplesmente observava Dan, sem piscar, com o pontinho preto em sua boca se mexendo sem parar.

— Jordan, você...

Dan se interrompeu, se inclinando para trás quando o *piercing* no lábio de Jordan começou a se mover, e então tremer, e então a se projetar de sua boca, se transformando em uma minhoca preta e comprida que escorria do rosto dele como uma espécie de gosma. Se Dan pusesse as cobertas sobre a cabeça, aquilo iria parar, mas suas mãos se recusavam a obedecer. Jordan fechou os olhos e bocejou, jogando a cabeça para trás enquanto sua língua se dissolvia em centenas de minhocas se despejavam sobre a cama. Quando voltou a abrir os olhos, não havia mais nada em suas órbitas, apenas dois buracos vazios que vertiam um óleo borbulhante e preto que transformava as bochechas de Jordan em dois rios escuros.

O maxilar de Jordan se desprende, e foi nesse momento que Dan conseguiu recobrar controle suficiente sobre seu corpo para cobrir a cabeça e gritar.

O som o despertou de um pesadelo para outro. Jordan ainda estava lá, sentado na beirada de seu futon. Dan engoliu em seco, estremeando enquanto afastava a coberta e se inclinava para a frente para cutucar o braço de Jordan.

Seu amigo oscilou um pouco antes de acordar, murmurando palavras incoerentes antes de olhar ao redor e ver Dan, que o encarava com os olhos arregalados, todo trêmulo.

— Que diabo está acontecendo? — perguntou Jordan.

— Era bem isso que eu estava pensando. — Dan o observou, com medo de que aquela interação também evoluísse para uma alucinação. — Você está... O que você está fazendo sentado aqui?

— Sei lá. — Jordan estreitou os olhos para ver as próprias mãos, e depois o futon que havia deixado vazio. — Eu devia estar sonâmbulo. Depois de encarar uma cama, meu corpo deve ter pensado: um colchão? Conforto? Que novidade é essa? — Ele riu consigo mesmo, e então inclinou a cabeça para olhar para Dan.

— Você está bem?

— Estou. Foi só um pesadelo. Mais nada.

— Desculpa aí por ter acordado você. — Jordan se espreguiçou e ficou de pé para voltar a seu futon.

Obviamente, nenhum deles queria reconhecer que aquilo já havia acontecido antes, e com os dois. Em ambos os casos, as escapadas noturnas eram feitas por pessoas que mais tarde enlouqueceram. Isso não era um bom sinal.

– Não vou mais querer dar uma de Houdini no meio da noite – acrescentou Jordan, se acomodando na cama. – Eu prometo.

Dormir, porém, era a última coisa que passava pela mente de Dan. Ele ficou rolando na cama até ter certeza de que Jordan tinha pegado no sono de novo antes de ligar o celular. Ao ver que horas eram, ele fez uma careta. Se não voltasse a dormir imediatamente, teria um dia bem longo pela frente.

Enfim.

Ele se levantou do futon e foi até a mesa. Pesadelo à parte, estranhamente não parecia tão ruim estar acordado enquanto o restante da casa dormia. Dan sentiu muita falta de seus momentos de solidão durante os dias que passaram na estrada. Ele não conseguia sentir suas energias realmente recarregadas sem isso.

Dan tirou o som do *laptop*, navegando pelo e-mail de Jordan e sua troca de mensagens com Maisie Moore. Dan releu a última delas, e então copiou o endereço de e-mail em seu celular. Depois de fechar o *laptop*, ele voltou para o futon e digitou uma mensagem no telefone, perguntando se ela estaria disponível para um almoço. Maisie acharia estranho receber um e-mail enviado às três da manhã, mas, àquela altura, ele não estava mais preocupado com a opinião de ninguém.

Antes mesmo de desligar o telefone para tentar dormir, a tela se iluminou com a chegada de um novo e-mail.

Era de Maisie Moore.

*“Que tal amanhã na hora do almoço?”*, dizia a mensagem. *“Ou melhor, hoje. Estou mandando o endereço de uma lanchonete que conheço. É bem fácil de achar. Fiquei contente de receber sua mensagem. Não ando dormindo muito. Não desde que seu amigo me procurou falando sobre Evie e Marc. Até mais”*.



Jordan e Abby o acompanharam até a lanchonete, parando do lado de fora enquanto Dan olhava para a placa, mexendo nervosamente os pés.

– Tem certeza de que não quer a nossa companhia? – perguntou Abby. Ela acariciou seu braço, mas isso não ofereceu muito consolo.

– Acho que é um assunto muito pessoal, Ab – disse Jordan. Naquela manhã, Dan pediu para Jordan o e-mail de Maisie e fingiu mandar uma mensagem para ela. Era para ser a viagem em que os segredos acabariam, mas alguns hábitos eram difíceis de abandonar. – Dan, tudo bem se você não quiser a nossa presença.

– Valeu, Jordan. E, pois é, acho que seria melhor falar com ela sozinho. Depois conto tudo para vocês – ele respondeu, indo para a porta. – Prometo.

Era quase meio-dia, e a cidade fervia, com uma espécie de névoa quente se elevando das calçadas. Os pedestres se escondiam dentro das lojas, mas não havia como escapar da umidade que tomava conta do ar. Jordan e Abby ficaram parados por um instante junto ao meio-fio, mas em seguida Jordan a pegou pelo pulso e a puxou.

– Estamos em plena luz do dia, Ab, ele vai ficar bem. E, enfim, a gente vai ficar por perto. Ele pode ligar se acontecer alguma coisa.

– Exatamente – falou Dan, fazendo um aceno. – Eu não vou demorar.

Disso ele não tinha certeza. Caso Maisie conhecesse bem seus pais, ele ia querer interrogá-la por horas a fio. Dan entrou na pequena lanchonete pintada com cores vivas, indo até o balcão para pedir um meio sanduíche caríssimo e um refrigerante. Havia apenas mais duas pessoas lá para comer, um casal que namorava em um canto. Dan pegou o lanche e foi se sentar a uma mesa – a mais afastada possível do casal. Ele teve que fazer força para comer em vez de ficar olhando no celular a cada dez segundos. Ela estava atrasada ou tinha decidido dar o bolo?

Por fim, a sineta soou acima da porta, e uma mulher baixinha de cabelos enrolados entrou. Usava um blazer de um azul bem chamativo, e uma calça da mesma cor. O par de sapatos de salto alto estava enfiado pela metade na bolsa de mão, trocado por tênis brancos. Ela cravou os olhos em Dan no mesmo instante, e ele ficou pálido, sentindo que havia sido reconhecido.

– Dan? – ela perguntou, se aproximando com passos cautelosos e estendendo a mão. – Ou é Daniel?

– Eu prefiro Dan. Muito prazer.

– Pois é. Uau. Você... minha nossa. A semelhança existe mesmo. Só um segundo, querido, vou pegar um café. – Ela apertou sua mão com firmeza e foi até o balcão. Instantes depois, reapareceu com um copo fumegante de café preto. – Desculpe o atraso. Eu não costumo vir muito à cidade.

– Não é muito longe para você, né? – ele perguntou, deixando de lado o sanduíche. – Metairie não fica aqui do lado?

– Fica, mas isso não importa. – Ela encolheu os ombros e pendurou a bolsa na cadeira ao lado. – Depois que o *Whistle* fechou, eu não podia mais ficar por aqui. Só consegui me encaixar no *Metairie Daily* porque eles me deixam trabalhar em casa. Não gosto de sair, a não ser que seja muito necessário, e este lugar... Bom, o acidente de carro deles me traumatizou. Esta cidade deixou de ser um lugar possível para mim depois disso.

– Acidente de carro? – Dan cerrou os punhos, todo trêmulo. – Que acidente?

– Ai, menino. – Os ombros dela despencaram. Maisie não parecia ser do tipo muito maternal, com suas unhas impecáveis e sua bolsa de mão chamativa, mas ela estendeu a mão sobre a mesa e deu um tapinha de leve em seu punho. – Os seus pais. Foi assim que eles... que eles se foram. Um acidente de carro. Foi trágico, muito trágico. Quando pensei que as coisas estavam melhorando para eles, aconteceu isso. Foi terrível.

Dan balançou a cabeça, atordoadado.

– Eu entendo.

– Eles eram pessoas maravilhosas, querido. É uma pena que vocês não puderam se conhecer. – Ela suspirou e deu um gole no café, recolhendo a mão. – Você se importaria de me mostrar o que encontrou? Não sei se quero recordar tudo isso, mas você passou por tanta coisa para me encontrar. Eu posso dar uma olhada.

Dan não conseguia nem sentir suas mãos quando tirou as cartas da mochila e pôs sobre a mesa. Abby tinha insistido para que ele as colocasse em um saco plástico, para amenizar o cheiro.

– Estavam em uma escola abandonada no Alabama.

– Arlington – ela falou, alisando a superfície do plástico. – O lugar era um lixo, mas eles estavam desesperados. A Trax Corp tinha um exército inteiro de advogados sanguinários, e dinheiro de sobra para mandar gente atrás deles. E, com o mandado de prisão expedido, tinha caçadores de recompensas na cola deles também.

Dan tentou absorver o choque de saber, de ter a certeza de que seus pais estavam mortos. Agora não havia mais nada a fazer além de descobrir quem eram e por que não quiseram ficar com ele. Por que Dan não estava no carro com eles.

– Encontrei um relatório da polícia de uma vez em que meu pai foi preso. Era tudo por causa disso, então? O que essa Trax Corp fazia?

– Era uma empresa farmacêutica. Quando seus pais começaram a investigar, foi por causa de rumores de crueldade contra animais, o que por si só já era bem ruim. – Maisie baixou o tom de voz e remexeu na bolsa, sacando uma pilha de papéis tão grossa que precisava ser presa por um elástico rosa gigantesco. – Mas isso era só a ponta do *iceberg*. Eles vendiam medicamentos que não tinham passado por todos os testes de segurança, e é claro que faziam isso clandestinamente, em uma espécie de rede de contrabando moderna. Seus pais descobriram tudo a respeito. Foi quando a encrenca de verdade começou. – Ela deu um longo gole no café. – Meu último ano no *Whistle* foi marcado pelas coisas mais eticamente questionáveis que fiz na vida. É verdade, seu pai acabou sendo pego... esse relatório da polícia que você encontrou devia ser sobre isso. Eu sabia que ele não fez nada de errado, mas também sabia que a Trax Corp tinha muito poder de fogo. Por isso fui atrás do dinheiro para a fiança do seu pai e mandei para Evie, sabendo muito bem que ele ia fugir de novo. Após seis meses de investigações, a Trax Corp foi fechada, e uma semana depois disso seus pais morreram.

Ela passou a pilha de papéis para ele com um meio-sorriso tristonho.

– Eu tirei cópias de tudo para as investigações. Sei que você deve achar tudo isso estranho. Nem sei se é uma boa ideia entregar esses papéis na sua mão. Mas você é parecidíssimo com o Marc. Talvez tenha a curiosidade dele também.

– Infelizmente – resmungou Dan. – E a minha mãe? Não consegui encontrar nenhum vestígio dela. Não tem nada sobre Evelyn Crawford na internet, pelo menos não de uma que poderia ser minha mãe.

– Evelyn Ash – corrigiu Maisie. – Marc e Evie nunca foram casados. A rebeldia deles não permitia. Estavam à frente de seu tempo.

– Que mais? – questionou Dan. – Como eles eram? Tipo, antes dessa coisa da Trax Corp. Eu queria saber *mais* sobre eles.

– Eram pessoas inteligentes. Sua mãe era divertida. Muito, muito engraçada. Ela detestava quando eu editava suas matérias, porque sempre acabava apagando os comentários sarcásticos. Mas ela era melhor investigando que escrevendo. E nunca escondia sua opinião quando escrevia, muito pelo contrário. Os dois teriam orgulho de você, com certeza. Você parece um ótimo garoto.

Nesse momento, o telefone dela vibrou dentro da bolsa. Ela teve um sobressalto, e sua boca se contorceu.

– Eu... preciso ir.

– Sério mesmo? Eu ainda tenho um milhão de perguntas para fazer. – Dan ficou de pé, acompanhando o movimento dela, que apanhou a bolsa e se afastou às pressas da mesa. – Fique com os papéis, e leia se achar que deve, mas não conte para ninguém que fui eu que dei.

– Sra. Moore, se fosse possível...

A sineta tocou, e a porta se fechou atrás dela. Dan olhou de novo para a mesa, recolhendo os papéis e enfiando na mochila antes de sair. Na hora do almoço, a calçada estava cheia de pedestres, que esbarravam nele de ambos os lados quando Dan parou para procurá-la.

Ele ouviu o som de pneus cantando, e então um grito, seguido de um baque alto e seco. Dan saiu

empurrando as pessoas à sua frente, que pararam de andar de repente. Ele sabia que era ela. Sabia antes mesmo de ver. Por que ela havia fugido? O que a teria feito entrar em pânico daquela maneira?

Dan chegou até o meio-fio e então parou, ficando imóvel enquanto os pedestres curiosos se amontoavam ao seu redor, ansiosos para ver a mulher caída com o corpo retorcido e sem vida debaixo de um táxi.

O motorista não estava mais lá.

Nem a bolsa dela.

Só alguém muito ingênuo poderia acreditar que se tratava de uma simples coincidência.

*Capitula*

19

— Ela morreu?

Dan puxou Abby para o café mais próximo, e Jordan foi atrás. Em todas as mesas, havia xícaras de café e tigelas de sopa abandonadas. Todas as lojas do quarteirão se esvaziaram. Todo mundo queria ver a tragédia sangrenta que se desenrolava na rua. A sirene de uma ambulância tocava alto, cada vez mais próxima.

— Ela simplesmente saiu correndo para a rua! — Dan se jogou sobre uma cadeira, afastando as xícaras de chá deixadas sobre a mesa. — Ela recebeu uma mensagem no celular, levantou e saiu. Estava assustada com alguma coisa.

— Coitada. — Abby sacudiu a cabeça, apoiando os braços sobre a mesa e se inclinando para a frente, baixando o tom de voz para um sussurro. — Quem você acha que foi?

— Ela estava falando da Trax Corp, mas a gente sabe que a empresa foi fechada quase vinte anos atrás. Sei lá. Ele me deu uma pilha de papéis para examinar... pode ter alguma coisa lá — ele falou. Dan sacou os papéis para que eles vissem, sempre de olho no balcão do café, para ter certeza de que não estavam sendo observados. O pessoal que trabalhava lá estava mais preocupado em observar o caos que imperava do lado de fora.

— Você está com seu *laptop* aí? — perguntou Dan, soltando o elástico das folhas.

— Claro que não. Está louco?

Dan ficou brincando com o elástico por um instante, e em seguida prendeu de novo os papéis.

— Você tem razão. É melhor sair daqui. A agitação vai crescer ainda mais quando a polícia chegar.

Eles passaram por entre os curiosos e seu falatório, que parecia o som de uma correnteza. Uma ambulância tinha chegado, e os paramédicos estavam afastando as testemunhas mais voluntárias de perto do corpo. Quando Dan virou a esquina, eles estavam posicionando a maca no chão de paralelepípedos. Não fazia diferença se Maisie fosse levada às pressas para o hospital. Dan tinha visto o estado em que ela ficou, e não havia mais como salvá-la.

— Sei que não preciso nem dizer isso — Abby murmurou enquanto os três caminhavam apressados para a casa de Steve —, mas acho que isso é um sinal para não remexer mais nessa história da Trax Corp.

— Eu estou com a Abby. E preciso morar nesta cidade agora, Dan. Não quero que as coisas fiquem esquisitas para mim por aqui.

— As coisas já estão esquisitas — murmurou Dan. — E agora eu já estou com os papéis. O que você quer que eu faça, jogue fora?

— Pode ser! — gritou Jordan, parando diante dos degraus da entrada quando Dan apertou o passo para se desvencilhar dos dois. — Pensa bem. A encrenca foi feia a ponto de obrigar os seus pais a se mandar. Eles eram fugitivos, Dan. Sei que eram seus pais, mas já parou para pensar que eles podiam não ser pessoas do bem?

Dan parou diante da porta, olhando para seus amigos no primeiro degrau da entrada.

— Já! Na verdade, *sim*. Levando em conta que eles me abandonaram, esse pensamento pode ter passado

pela minha cabeça uma vez ou outra!

– Bom, caso você não tenha percebido, Dan, você não é o único aqui que foi abandonado pelos pais. Mas você não está vendo ninguém ficando nervosinho e pondo a vida de todo mundo em perigo. A questão aqui é você e essa coisa bizarra dessa sua “linhagem” Crawford, como sempre.

Dan entrou na casa pisando duro, sem se preocupar em fechar a porta atrás de si. O fato de Jordan ter razão só o magoava ainda mais.

– Você não vai precisar do meu computador? – questionou Jordan, observando enquanto Dan tirava os sapatos e atravessava o *hall* de entrada.

– Eu uso o do Steve! – gritou Jordan, fugindo dos dois, desesperado para ficar sozinho.

*Capitula*

20

O escritório do tio Steve estava vazio. Claramente o homem não passava muito tempo lá, mas o computador antigo funcionava bem o suficiente para permitir a navegação na internet. Dan se acomodou na cadeira, jogando os papéis sobre a mesa. Sua raiva tinha desaparecido. Agora ele só queria silêncio.

Como sempre, Jordan estava certo. Até então, Dan não tinha muitas evidências de que seus pais eram pessoas decentes.

Talvez houvesse uma prova escondida em algum lugar no meio da pesquisa feita por Maisie. A maioria das reportagens era curta e seca, mas Dan as devorava como um possuído, tentando organizar pilhas de informações relacionadas entre si. Havia uma informação redentora em algum lugar naquelas matérias, ele era capaz de sentir. Mas encontrá-la podia ser bem desafiador.

Pelo que conseguia entender, a investigação da Trax Corp, envolvendo coisas miúdas, a princípio, como Maisie contou durante o almoço, acabou revelando procedimentos discrepantes que a empresa vinha conseguindo manter escondidos até então. Dan releu as matérias na ordem, a partir do início.

*Números de executivo da Trax Corp não batem  
Trax Corp tenta recuperar imagem com  
caridade e ações comunitárias  
O que a Trax Corp esconde em Troy?*

Dan voltou sua atenção para aquela última matéria. Uma passada de olhos não bastava. Seus pais arriscaram tudo o que tinham naquela investigação, e passaram a viver em uma constante fuga das autoridades.

Por um longo momento, ele fechou os olhos, esperando que esses pensamentos se dissipassem. Em seguida voltou a mergulhar na reportagem, tentando ser o mais tranquilo e objetivo possível. “Fontes” indicavam a Maisie Moore que a Trax Corp estava contrabandeando medicamentos experimentais não testados para clínicas e hospitais de todo o país. Era algo preocupante, ela concluiu, porque, além de se tratar de drogas não aprovadas pelos órgãos competentes, não havia como determinar quanto a empresa vinha lucrando com a operação, que não aparecia nos balanços.

*Apesar de nenhum registro de frete incluir as drogas contrabandeadas, a Trax Corp tem ligações comprovadas com distribuidores como a AGI e o Cambridge Group. Quando contatados, nem a AGI nem o Cambridge Group quiseram responder aos questionamentos da reportagem.*

Dan abriu o navegador e fez uma pesquisa sobre a AGI, que antes de falir era uma empresa que funcionava como um centro de distribuição e logística que fornecia suprimentos para hospitais do

Kentucky. O Cambridge Group ainda estava na ativa, e Dan sentiu que encontrou o fio da meada quando leu a respeito do histórico da empresa.

*Orgulhosamente fornecendo suprimentos para hospitais e clínicas da Nova Inglaterra desde 1962.*

Ele ficou ofegante quando começou a seguir a trilha indicada pela trajetória do Cambridge Group. Eles não pareciam interessados em esconder nada – com uma simples busca por parceiros e prêmios foi possível encontrar uma lista de hospitais que se valiam de seu esquema de distribuição para comprar de tudo, desde aventais e lençóis até insumos como iodo, penicilina e lítio.

Worcester State, Danvers State, Metropolitan State...

E o Brookline.

Dan ficou olhando para aquela palavra, e sentiu como se o mundo o estivesse estapeando na cara. Mentalmente, ele traçou o mapa com a localização dos hospitais da lista: Missouri, Chicago e, mais para o leste, New Hampshire e o Brookline. Poderia ser coincidência, ele admitiu, mas também poderia ser mais uma coisa que o ligava a seus pais além do parentesco sanguíneo.

Quando ouviu seu celular vibrar do outro lado da sala, ele teve um sobressalto. Dan fechou as reportagens e as abas do navegador, esfregando os olhos afetados pela luminosidade da tela e pela falta de sono.

O alívio com o fato de a mensagem não ser de Micah não durou muito.

*Obrigado por passar seu número. Aqui é o Oliver. Acha que pode me encontrar hoje à tarde? Encontrei uma coisa que pode ser do seu interesse.*

Dan suspirou, afundando o rosto entre as mãos e respirando fundo para conseguir reunir energias para responder. Talvez tivesse sido um erro passar o número de seu celular para Oliver. Mas ele não estava a fim de acabar no meio de outra sessão espírita, de jeito nenhum. Ele escreveu de volta:

*O que você descobriu? Vim até aqui para me divertir, não para brincar de detetive.*



A resposta veio em seguida.

*Aqui vai uma foto. Algum parentesco?*

Demorou um pouco para a foto carregar, mas, quando terminou, Dan sentiu seu estômago saltar pela boca. Ele sabia quem eram aqueles. Oliver não precisava escrever mais nada, mas mandou outra mensagem mesmo assim.

*Encontrei enquanto fazia uma limpeza nas coisas do meu pai. Posso estar errado, mas achei que parecia com você.*

Parecia mais jovem, e mais feliz, que o eco do homem que Dan viu no Colégio Arlington. Mas era definitivamente a mesma pessoa, e era como se Dan estivesse olhando para seu próprio rosto, só um pouco mais amadurecido, com um cavanhaque bem aparado e covinhas se insinuando sob os ossos angulosos da face. A mulher ao lado dele olhava para cima, um pouco fora de foco, com os cabelos ruivos caídos sobre um dos ombros. Bom, agora pelo menos ele sabia de onde vinha seu queixo pontudo.

Quando digitou a resposta, as mãos de Dan tremiam:

*Por que isso estava com o seu pai? Por que ele teria uma foto dos meus pais?*

*Capitula*

21

**D**an conseguiu abrir a porta sem chamar a atenção de Jordan e Abby.

Enquanto caminhava na ponta dos pés pelo corredor para descer a escada, ouviu a música baixinha que escapava sob a porta do quarto de hóspedes. Abby e Jordan deviam estar lá dentro falando mal dele naquele exato momento. *Tudo bem.*

Dan seguiu as direções apontadas pelo telefone, seguindo na direção sudoeste pela Decatur rumo ao coração do French Quarter, passando por quarteirões e quarteirões de construções de dois andares, com lojas no pavimento térreo e casas no andar de cima. As cores alternavam entre marrom, marrom-escuro, um pouco de bege, e depois mais marrom, marrom e mais bege.

Nuvens carregadas se acumulavam no céu, fazendo parecer mais tarde do que de fato era. A umidade de sempre estava ainda mais intensa, e os primeiros pingos de chuva começavam a escurecer as calçadas, obrigando os pedestres a abrir os guarda-chuvas gastos.

Uma fila na porta foi a primeira coisa que ele viu no café moderninho onde Oliver combinou de encontrá-lo – um lugar chamado Spitfire, com um pequeno letreiro assinalando a entrada no alto da porta pintada com uma tinta preta meio esverdeada. Quando foi espiar lá dentro, Dan deu de cara com Oliver e Sabrina.

– Oi – disse Oliver, entregando a ele um copo de café para viagem. – Não tem onde sentar lá dentro. A gente pode ir até a praça e tentar achar um banco.

Dan não fez objeções, e cravou os olhos na pasta debaixo do braço do jovem. A foto de seus pais estava lá dentro, e ele não se importaria de ter que fazer uma maratona pela cidade para pôr as mãos nela.

Beber café era mais uma preferência de Abby, mas ele experimentou a bebida forte mesmo assim, percebendo que o seu estava com bastante açúcar e creme.

– Nada mau – comentou Dan. – Obrigado.

– Você não me pareceu ser do tipo que curte café puro – disse Sabrina com um sorrisinho. Ela parecia cansada. Reparando bem, Oliver também. Pelo jeito nenhum dos dois tinha dormido muito bem na noite anterior.

– Então, por que você acha que o seu pai tinha uma foto dos meus pais? E por que só encontrou isso agora? – questionou Dan. Era impossível disfarçar o tom acusatório em sua voz.

Eles saíram andando com passos acelerados pela St. Peter, onde o fluxo de pedestres foi ficando cada vez mais intenso até serem envolvidos por uma onda constante de turistas que se dirigiam à famosa Jackson Square. A imponente e majestosa silhueta da Catedral de São Luís, com suas três torres altas, apareceu em meio às nuvens pesadas.

– Pelo jeito você gosta de ir direto ao assunto – comentou Oliver.

– Dá para entender por quê, certo?

– Claro, cara. Eu entendo. E também fiquei perplexo. Pensei que tivesse vendo coisas, mas a Sabrina tem um bom olho para rostos. Ela falou que não tinha como você não ser parente desse pessoal. – Ele fez uma

pausa para dar mais um gole no café, inalando o vapor amargo. – Acho que o Micah não é nosso único elo em comum.

– Isso não responde à minha pergunta. Por que o seu pai tinha isso?

– Não, acho que não, mas eu também não tenho essa resposta – disse Oliver, encolhendo os ombros. – Ainda não. Mas três cabeças funcionam melhor que uma, não? Ou cinco. Onde estão os seus amigos? Não que eu esteja muito interessado. Eles não parecem gostar muito de mim.

– A gente precisava de uma folguinha – respondeu Dan. – Quer dizer, eu prefiro que eles não se envolvam nesse assunto. As pessoas sempre acabam correndo perigo por minha causa.

– Ah, que sorte a nossa – comentou Sabrina com um risinho de deboche.

– Calma, também não é bem assim – Dan se apressou em garantir. Ele deu um gole grande demais no café, queimando a língua. Soltando um palavrão, ele seguiu Oliver e Sabrina até um banco escondido nas sombras, mais afastado do burburinho da praça, que ele observava espremendo os olhos. Os artistas locais já tinham montado suas barracas, e tentavam empurrar seus produtos para os turistas que passeavam por lá.

– Eu nem posso demorar muito – ele acrescentou. – Só quero que eles se divirtam um pouco antes de a gente ir embora e se separar do Jordan. Não seria justo despejar meus problemas em cima deles.

– *Aliás*, por que vocês estão aqui? – Sabrina quis saber. Sentada na beirada do banco, ela o encarava por cima do ombro de Oliver.

– Uma viagem de mudança – ele respondeu, cauteloso. Ainda não tinha contado que ouviu os dois perto da barraca em Shreveport, e estava esperando para ver se os dois iam mencionar o assunto por conta própria. – Jordan veio morar com o tio, e a gente queria passar um último tempo junto antes de ir cada um para sua faculdade. Bom, antes de eu e Jordan começarmos a faculdade.

Pelo jeito ela se deu por satisfeita com a resposta, e se recostou no banco, passando uma das mãos na cabeça raspada.

– Não vou fazer você esperar mais, então – disse Oliver, pondo o café em cima do banco e abrindo a pasta. Ele entregou a foto para Dan, pegou os copos com as duas mãos e ficou esperando a reação de Dan, sacudindo os joelhos.

– Pensei que nunca ia ver uma coisa como essa na vida – admitiu Dan. Ele passou o polegar de leve sobre o rosto de sua mãe. Ela era bonita, bem clarinha, com uma aparência quase frágil, mas seus olhos eram determinação pura. – Mas fico feliz com isso. Obrigado.

– Meu pai às vezes fazia uns favores para clientes e amigos – disse Oliver, apoiando um dos tornozelos no joelho da outra perna. Ele coçou a barba por fazer. – Em uma loja como a nossa, aparece todo tipo de gente.

Dan balançou a cabeça, com os olhos ainda voltados para a foto de seus pais. Ele mal estava ouvindo o que Oliver dizia.

– Quando o velho morreu, uns anos atrás, deixei as coisas dele como estavam. Nem encostei nas caixas que ele guardava para clientes e amigos. Alguns meses atrás, finalmente criei coragem de ver o que tinha dentro delas, para o caso de ter alguma coisa de valor, ou algum objeto pessoal dele – Oliver continuou, apontando com o queixo para a fotografia. – Isso estava em uma das caixas. Tinha outras coisas lá dentro também. Só não sei se eram dos seus pais. Nada estava muito bem etiquetado. Eles moravam em New Orleans?

Oliver estreitou os olhos, e Dan se afastou um pouco dele no banco, se lembrando do que Maisie contou,

que o acidente fatal dos seus pais havia tornado a cidade um lugar traumático para ela.

– É, moravam. Você acha que eles podem ter conhecido seu pai?

– É o que está parecendo – disse Sabrina. – Mas não dá para saber se as coisas da caixa que o Ollie encontrou eram deles.

Dan apertou a foto junto ao peito, protegendo-a.

– Posso dar uma olhada? Tem muita coisa que eu não sei sobre os meus pais, mas de repente algo pode chamar minha atenção.

Sabrina soltou uma risadinha por cima do copo de café. Pela primeira vez, Dan viu suas feições se atenuarem. Cutucando Oliver com o ombro, ela perguntou:

– Por que você não trouxe as coisas?

– O dinheiro anda curto ultimamente – Oliver falou, ficando vermelho e baixando a cabeça. – Eu queria que todas as coisas das caixas do depósito fossem avaliadas antes. Sei que não parece muito nobre da minha parte.

Dan encolheu os ombros. – Não, tudo bem, eu entendo. Mas queria ver mesmo assim, mesmo se não puder ficar com nada. Ou então eu posso comprar.

– Isso não seria certo – Oliver respondeu, mudando de ideia de repente. – Se estivesse no seu lugar, eu ia achar que a caixa era minha por direito. Se fossem as coisas do meu pai, ia querer ficar com elas.

Era muita consideração da parte dele. Mas, mesmo assim, Oliver não tinha trazido a caixa. Caso houvesse algo lá dentro que pudesse ser vendido, o melhor a fazer era cair nas graças de Oliver e aumentar suas chances de conseguir a caixa.

– Posso perguntar como seu pai morreu?

– Acidente de trânsito – contou Sabrina, respondendo no lugar de Oliver, que estava visivelmente constrangido. – Um motorista bêbado bateu no carro dele, que saiu da pista e foi parar dentro d'água. A gente tem um problema sério com bêbados ao volante aqui na cidade.

– Eu lamento muito. Isso é... esquisito. Foi assim que os meus pais morreram também – murmurou Dan. – Pensei que descobrir como eles morreram fosse tornar as coisas mais fáceis, mas não é bem assim. Não mesmo.

– Dan!

Alarmado, ele se virou de forma abrupta, derramando café na própria perna. Abby e Jordan apareceram correndo em sua direção. Ele reconheceu o tom de vermelho que tomava conta do rosto de Abby quando ela estava com raiva.

– Que flagrante – ele ouviu Sabrina murmurar.

– Ei. – Dan ficou de pé, limpando a mancha na calça com gestos desajeitados, e sem saber o que dizer se limitou a um pedido de desculpas constrangido.

– Algum motivo especial para vocês se esconderem da gente? – Jordan olhou feio para Oliver e Sabrina. Seus óculos estavam embaçados por causa do suor e da umidade.

– Não precisa ficar com essa cara. – Sabrina ficou de pé, pondo a mão no ombro de Oliver. – Se a gente estivesse tramando alguma coisa, não ia convidar o seu amigo para uma praça pública cheia de gente.

– Como vocês me encontraram? – Dan pôs o café sobre o banco. Era forte demais, e cafeinado demais, e estava embrulhando seu estômago.

– Você não é exatamente um mestre na arte da discrição – murmurou Jordan.

– Quê?

– A gente seguiu você – explicou Abby, impaciente. – A casa do Steve tem tipo um zilhão de anos de idade. Não dá para entrar e sair sem ninguém ouvir.

Dan não tinha pensado nisso, de tão ansioso que estava para pôr as mãos na foto de seus pais. A foto que Jordan percebeu que ele segurava.

– O que é isso?

Jordan estendeu a mão, e Dan sentiu um estranho ciúme tomar conta de si. Havia um ruído constante em seus ouvidos, como um fio desencapado zumbindo à distância. Mesmo assim, ele deixou que Jordan pegasse a foto, e a sensação passou. Afinal, era só uma fotografia.

– Uau, que coisa. – Jordan olhou para foto e depois para Dan, e logo em seguida Abby fez o mesmo. – O seu pai era um baita de um gato.

– Hã... valeu? – respondeu Dan, sem jeito. – Oliver encontrou na loja do pai dele, em umas caixas no depósito. Os meus pais podem ter conhecido o pai dele. – Ele não sabia se essa informação podia ser compartilhada, mas, depois da briga que tiveram, era preciso oferecer alguma demonstração de lealdade para seus amigos.

Oliver não pareceu se incomodar. Ele entrou na conversa, coçando o queixo outra vez por cima da barba por fazer.

– Um monte de gente guarda coisas na loja. A gente ainda não sabe qual era a relação entre eles, mas achei que o Dan poderia tentar descobrir.

– Sua mãe – Abby disse baixinho, franzindo a testa. – Ela parece... parece...

– Feliz – concluiu Dan. – Pois é. Pelo jeito quem tirou essa foto era uma pessoa bem próxima dos dois.

– Hã, e quem garante que não foi o pai do Oliver? Ele pode ter sido um desses tipos bizarros que se aproximam das pessoas para tirar fotos sem que elas percebam. Talvez seja um lance de família – provocou Jordan.

Dan ignorou o comentário.

– A gente pode ver o resto das coisas da caixa? Como eu disse antes, posso comprar o que você achou lá dentro.

Oliver abriu a boca para responder, mas Sabrina cochichou algo rapidamente em seu ouvido. Ele fez que sim com a cabeça.

– Você pode ficar com a caixa. E sem pagar nada. – Oliver se inclinou para trás, cruzando os braços na frente do peito. Não era um sujeito de físico imponente, mas tinha altura o bastante para olhar para Dan de cima para baixo. – Só que eu quero uma coisa em troca.

– Argh. Os tipos bizarros sempre dizem isso – Jordan resmungou, incomodado.

– Dan – alertou Abby.

Dan torceu para que o olhar que lançou na direção de Abby fosse suficiente para transmitir seu pedido de desculpas. Ele estava se sentindo péssimo por arrastá-los para o meio daquela confusão, por fazer a viagem girar em torno dele, mais uma vez. Mas era inevitável. Como poderia ser diferente? Havia uma parte dele que *precisava* seguir essa pista, mergulhar fundo, desencavar informações até tudo fazer sentido. Por que seu pai parecia tão assustado em Arlington, e por que isso deixava Dan ao mesmo tempo aflito e esperançoso? Como se talvez seus pais não o tivessem abandonado por escolha própria? Como se talvez existisse algum resquício de informação em algum lugar que fosse capaz de saciar sua curiosidade?

– Eu quero essa caixa – ele voltou a dizer, com firmeza. – O que você quer em troca?

– Sua ajuda – respondeu Oliver. Ele tirou o telefone do bolso, mexeu um pouco na tela e então entregou o aparelho para Dan. – Isso chegou ontem à noite. Três horas seguidas de mensagens. Não eram como as outras. Agora estão iguais às suas. Não sei o que isso significa, mas, porra, ele era meu amigo. Preciso descobrir.

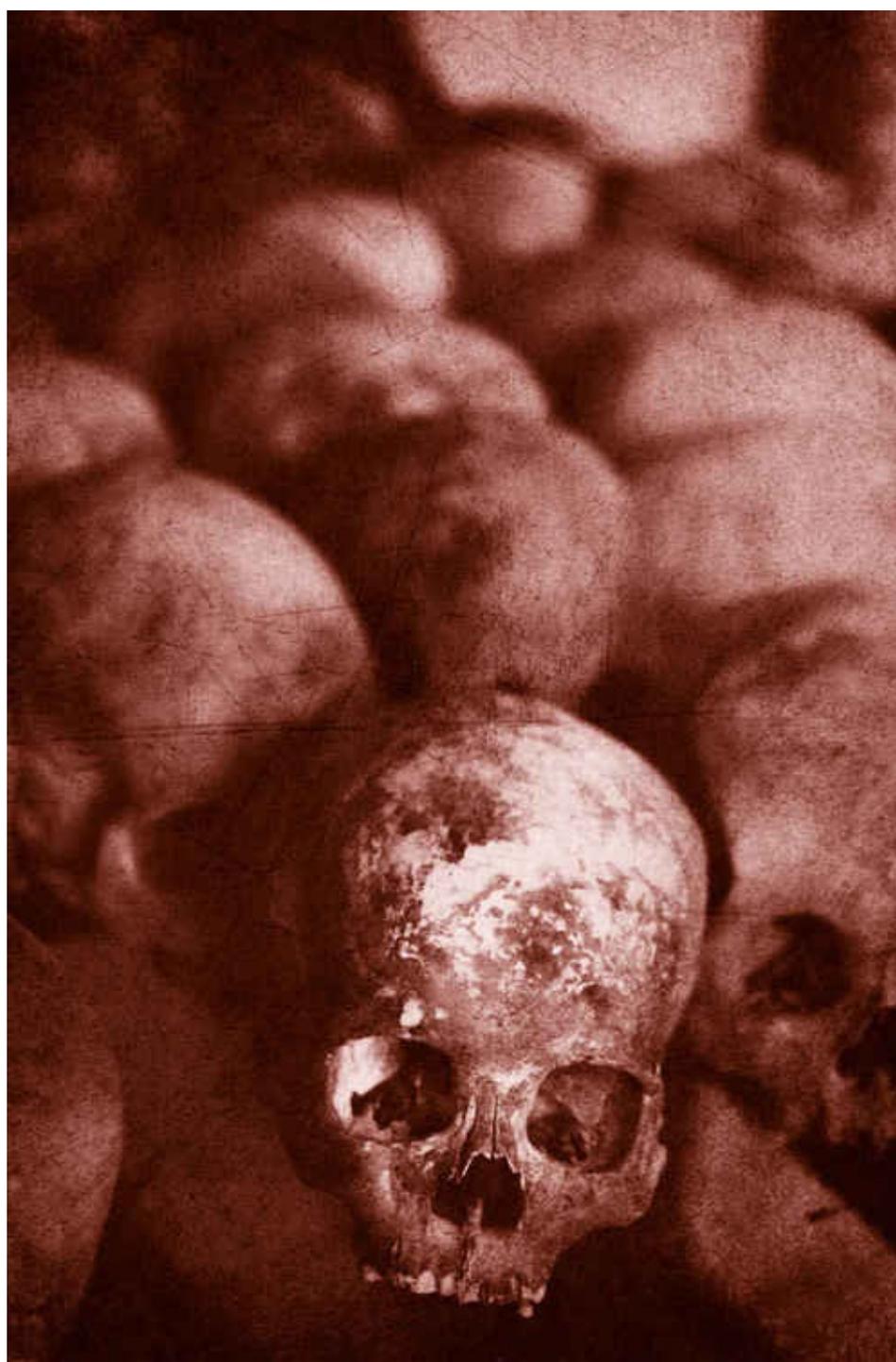
Dan pegou o celular, sentindo um frio na espinha e seus ombros ficarem tensos. Ele conseguia sentir a respiração pesada de Jordan e Abby, um de cada lado de seu pescoço, ansiosos para ler a mensagem com uma única frase repetida centenas de vezes.

Micah pode ter deixado Dan em paz por uma noite, mas Oliver não teve a mesma sorte.

*ele sest ao co m meu s oss os*

*el eses tao co mme uso ssos*

*eles estao com meus ossos*



Capitula

22

— **E** o que a gente pode fazer com essa informação tão reveladora? — questionou Jordan, desviando os olhos do telefone e das mensagens. — De quem ele está falando? Quem são “eles”?

— Eu já disse — respondeu Oliver, tomando o celular da mão de Dan. — O pessoal com quem eu e o Micah nos envolvemos era do mal. Quando você se mete com eles, não tem como voltar atrás. Nem depois de morto, ao que parece. — Ele se sentou outra vez, refletindo sobre suas próprias palavras, mordendo o lábio.

— Você acha mesmo que essas mensagens são do fantasma do Micah, ou espírito, ou o que quer que seja?

Oliver fez que sim com a cabeça.

Jordan começou a andar de um lado para o outro. Ele pegou o café pela metade de Dan e começou a beber.

— A gente viu o Micah morrer. Lá em New Hampshire. As coisas que vocês faziam na adolescência não têm nada a ver com isso.

— Talvez não — argumentou Abby —, mas os restos mortais geralmente são mandados para a família sepultar. Se o Micah não tinha família aqui para isso, podem ter mandado para Shreveport. Ou... bom, ou para um lugar de que ele não tenha gostado. Depois de morto. Ai, não acredito que estou dizendo isso em voz alta.

Sabrina deu uma risadinha.

— O meu primeiro impulso também foi achar que era uma ideia absurda — ela falou, jogando os quadris para o lado. — Mas não dá para ignorar as sessenta e três mensagens de um garoto que já morreu no celular do Ollie.

— Tem algum jeito de entrar em contato com o seu antigo chefe? O tal Artífice? Sei que já faz muito tempo. — Dan se sentou ao lado de Oliver no banco, apoiando os cotovelos nos joelhos. Ele pegou a foto de seus pais das mãos de Jordan e começou a alisá-la com gestos cautelosos.

Oliver ficou pensativo por um instante.

— Já tentei ligar para o número que a gente usava — ele respondeu. — Foi desligado faz tempo. Se tem alguma coisa na internet, ou então um outro número, eu não faço ideia. Era o Micah quem combinava tudo.

— Mas tem o ponto de entrega — comentou Sabrina. Seus olhos cor de mel se arregalaram, e ela acrescentou, empolgada: — Uma caixa de correio, não? Você me contou que usava uma caixa de correio no meio do nada para se comunicar.

— “Comunicar” não é bem a palavra. No começo, a gente pegava os pedidos das encomendas lá, e as instruções de onde entregar depois. Acho que já é alguma coisa — disse Oliver. Ele não demonstrava o mesmo entusiasmo que a namorada. — É um tiro no escuro, se vocês querem saber.

— Mas é melhor que nada. — Dan encolheu os ombros e se levantou, vendo Jordan beber o último gole de seu café. — Então, como vamos fazer isso? Onde fica essa caixa de correio?

— Na Roman Street, mas bem longe daqui. A gente ia ter que pegar o carro.

– Tudo bem. Vamos lá – respondeu Dan.

– Agora não dá... preciso voltar para a loja se não quiser perder mais vendas. Mas a gente pode ir depois que eu fechar. Se o movimento estiver fraco, posso encerrar mais cedo.

– Ah, claro que precisa ser à noite. – Jordan revirou os olhos. – Por que você não passa o endereço que a gente vai? Para otimizar o processo, sabe como é.

Sabrina caiu na gargalhada, sacudindo a cabeça.

– Ah, claro. De jeito nenhum. Nem pensem em passar perto do Ninth Ward sozinhos. Vocês são turistas. Acreditem em mim, isso não ia acabar bem.

– E vocês seriam o que, nossos guarda-costas? – Jordan retrucou, na defensiva.

– Lá não é como o French Quarter. É melhor se o Ollie estiver por perto. Ir em um pé e voltar no outro.

Por um instante, Dan teve certeza de que Jordan ia insistir na ideia de ir sem eles. Não parecia uma atitude muito prudente explorar um lugar onde um ladrão de túmulos fazia suas transações sem um veículo de fuga por perto, e por algum motivo ele achava que Steve não ia topar fazer esse papel.

– Vocês estão aqui de férias, para se divertir – argumentou Oliver. – Então vão se divertir. Esqueçam essa história por algumas horas, curtam a cidade. A gente volta a se falar à noite.



Seguiram o conselho de Oliver, ao menos em parte. E Abby e Jordan pareceram contentes em se esquecer de tudo e sair para comprar lembranças. Após passarem na casa de Steve, Abby pegou sua câmera e os arrastou para todos os locais históricos que queria fotografar.

A cabeça de Dan estava a um milhão de quilômetros de distância. Ou talvez dezoito anos no passado, na época em que seus pais revelaram o caso de corrupção da Trax Corp e acabaram morrendo por isso. Valia a pena arriscar a vida de todos eles só para descobrir o que estava acontecendo? Dan sabia que deveria pelo menos mencionar para Jordan e Abby que descobriu uma conexão entre a Trax Corp e o Brookline, para eles terem uma ideia da gravidade da situação. Mas, assim como a foto de seus pais, era algo que ele queria manter só para si, como se fosse um tesouro valioso.

Além disso, mesmo enquanto Abby fotografava e Jordan fazia o papel de um guia turístico amalucado em todos os lugares por que passavam, Dan sentia que os dois estavam desconfortáveis. Não um com o outro, mas com ele. Ninguém ousou falar sobre o que aconteceu com Maisie Moore na hora do almoço, e nem sobre a foto de seus pais. Era como se estivessem determinados a fingir que nada estava acontecendo.

Pouco antes da hora do jantar, eles voltaram para a casa de Steve. A porta da frente estava aberta, e havia um casal de jovens conversando com ele. O tio de Jordan estava encostado no batente, com um cigarro pela metade enfiado atrás da orelha.

Dan, Jordan e Abby pararam no primeiro degrau da entrada para escutar a conversa lá de baixo, trocando olhares.

– São amigos do seu tio? – questionou Dan.

– Nunca vi nenhum dos dois, mas não parece uma hora muito apropriada para fazer novas amizades – respondeu Jordan. Ele tinha comprado uma quantidade absurda de jogos de tabuleiro em uma livraria que descobriram, e estava quase sucumbindo sob o peso das sacolas.

– Eles parecem ser bem chiques – Abby acrescentou com um sussurro. Seus olhos escuros se voltaram para

a mulher. – Eu *preciso* de um vestido igual ao dela.

– Bom, você sabe que eu dependo muito do seu voto este ano – disse o homem. Era alto e, como Abby comentou, estava bem vestido. Dan não entendia nada de roupas de grife, mas estava na cara que o terno cinza claro do sujeito tinha custado uma fortuna. A mulher não ficava atrás, com seu vestido cor de pêssego sem mangas.

Jordan começou a subir os degraus da entrada, e os outros dois o seguiram.

– O que acontece na cabine de votação fica na cabine de votação – respondeu Steve, dando uma piscadinha.

O homem deu risada, e estendeu a mão para apertar calorosamente a de Steve. Dan em geral não gostava de políticos, mas o sujeito transmitia uma energia positiva, e sua risada era calorosa e retumbante.

– Você é um pilar da comunidade, Lipcott, e seu voto seria uma honra.

– *Pilar da comunidade?* – Jordan repetiu baixinho. Ele soltou um riso de deboche, apoiando as sacolas pesadas nos degraus de cimento. – Quanta bobagem...

– Ah! E quem são esses três jovens brilhantes? Já têm idade para votar? – O homem abriu os braços como se quisesse abraçá-los todos de uma vez. A mulher se virou também. Foi para Dan impossível não reparar nela. Era de uma beleza impressionante, com uma pele morena e reluzente e olhos cor de avelã, como os de Abby. Os lábios estavam pintados de vermelho, e os cabelos pareciam ter sido cortados com uma navalha afiada.

Ela agarrou a prancheta junto ao peito e os mediu de cima a baixo com um sorriso fixo no rosto.

Dan virou a cabeça para o outro lado. Os olhos dela o fizeram fraquejar no ato.

– Esse é o meu sobrinho Jordan – disse Steve, subindo alguns degraus. – Os amigos dele estão de férias e vieram ajudá-lo com a mudança. Ele vai morar aqui por uns tempos. Os três estão andando para cima e para baixo pela cidade, fizeram amizade com o pessoal da Berkley & Filhas. Meninos, esse é Connor Finnoway, quer dizer, o *vereador* Finnoway. Está concorrendo à reeleição, e veio descaradamente pedir meu voto. Mas ele é fera no saxofone, então eu não ligo.

O vereador soltou mais uma risada retumbante e se virou para dar um soco brincalhão no braço de Steve.

– Descaradamente, é verdade, e eu não tenho vergonha nenhuma de admitir. – Seus olhos verdes reluziam acima do nariz aquilino. Seus cabelos eram bem ralos no alto da cabeça, mas isso não prejudicava a energia jovial que ele emanava.

Ele parecia ter nascido para ser político.

– Vocês fizeram uma ótima escolha visitando a nossa cidade. Aposto que estão se divertindo muito, não é? Ah, tem uma fotógrafa entre vocês. – Ele ajustou a gravata e desceu um degrau na direção deles, apontando para a câmera pendurada no pescoço de Abby. De um momento para o outro, o entusiasmo e o sorriso do homem começaram a parecer não muito bem-vindos para Dan.

– Pois é, estou fazendo um trabalho de fotografia sobre os contrabandistas de bebidas que operavam aqui no Sul. É uma história fascinante – ela falou.

– Qualquer um que tenha interesse por história precisa visitar a Madame A's enquanto estiver na cidade. A Berkley é uma boa loja, mas nem se compara – disse o sr. Finnoway, olhando para sua assistente e depois para Steve em busca de confirmação. Ambos concordaram com acenos vigorosos de cabeça. Em seguida os olhos do vereador se voltaram para Dan, e se demoraram sobre ele. – É aqui pertinho. Eu vou mostrar para vocês.

A assistente lhe entregou seu celular. Ele abriu rapidamente um mapa do bairro e traçou uma rota com o dedo para Abby.

– Está vendo? Dá para ir a pé. É uma arca de tesouros para qualquer historiador – ele disse com um risinho. – Eu vou sempre lá.

– Você é historiador? – perguntou Abby, com a testa franzida enquanto observava o mapa.

– Ah, não! – ele respondeu, dando uma gargalhada e jogando a cabeça para trás. – Sou dentista, mas ficar olhando dentro da boca das pessoas o dia todo pode ser bem entediante. Todo mundo precisa de *hobbies*, certo? E quem não se interessaria por história morando em um lugar como este?

– Pena que você não pode mostrar a loja para eles pessoalmente – comentou Steve, com um sorriso. – Aquele lugar pode ser bem intimidador para marinheiros de primeira viagem.

O sr. Finnoway parou para pensar a respeito.

– Diga, Tamsin, como está a minha agenda para amanhã?

– Está bem cheia, senhor. Mas a sra. Canterbury cancelou a reunião na hora do almoço.

– Fantástico. – O vereador bateu as mãos grandes uma na outra e abriu os braços outra vez. – Por que não nos encontramos na hora do almoço para eu mostrar o lugar para vocês?

– Calma aí, Connor, eles são de fora. Provavelmente nunca vão poder votar em você – Steve disse com um risinho de deboche idêntico ao que Jordan soltava o tempo todo.

Abby, porém, já estava concordando com a cabeça e abraçando a câmera.

– Sério mesmo? Seria incrível.

– Amanhã ao meio-dia, então – disse Finnoway. Ele passou pelos três na escada, e sua assistente foi atrás, deixando um rastro poderoso de perfume. Dan não sabia que alguém era capaz de ter um cheiro *francês*, mas o dela era exatamente isso.

– Some daqui, seu malandro – gritou Steve, fazendo um aceno de despedida para Finnoway e a mulher. Reunindo todas as suas forças, Jordan apanhou suas sacolas para subir os degraus que faltavam. – Você comprou a loja toda? – questionou Steve, pegando uma sacola para ajudar.

– Ter que decidir o que levar é deprimente...

Dan e Abby ficaram para trás, e não ouviram o restante da conversa.

– Vai ser divertido ver essa loja amanhã – ela comentou. – Sei que você não está com cabeça para isso, mas a gente precisa relaxar um pouco também.

Dan concordou com um aceno, mas relaxar estava fora de questão. – Vamos comer alguma coisa. O Oliver vai ligar daqui a pouco.

*Capitula*

23

Dan encostou o nariz na janela, se dando conta da infraestrutura precária daquele bairro da zona norte da cidade. Logo ficou terrivelmente claro por que Sabrina não deixou que eles fossem até lá sozinhos. As casas naquele quarteirão eram esparsas, com vários terrenos baldios onde costumava haver residências que o furacão derrubou.

A devastação era visível naquela região. Quanto mais avançavam, pior ficava. Tratava-se de uma destruição em um nível que Dan nunca tinha visto, e o mais assustador era que estavam a poucos quilômetros do animadíssimo French Quarter. Ele ficou observando os espaços vazios ao lado de um asfalto tão esburacado que o carro só podia andar a trinta por hora.

O silêncio deprimente que se abateu sobre o carro foi interrompido pelo toque do telefone de Dan. Por razões óbvias, ficaram todos tensos, mas era só uma mensagem de Sandy. Ela queria saber como tinha sido seu segundo dia em New Orleans. A caixa vazia onde ele escreveria a resposta parecia pequena demais para o tanto que havia para dizer.

*A gente está se divertindo muito, desculpa por não escrever antes. Que tipo de lembrancinhas daqui vocês querem?*

Ele voltou a olhar pela janela, passando de uma infelicidade para outra.

– As pessoas que continuam aqui têm muita fibra – Sabrina falou para ninguém em particular do banco do passageiro, cortando o silêncio dentro do carro. – E não precisam da sua piedade.

– Não é piedade – respondeu Dan. Mas ele não sabia o que era. – É que... eu não esperava que fosse assim.

Abby estava com a câmera, mas não tinha tirado nenhuma foto desde que eles entraram naquelas ruas dilapidadas.

– Vocês não foram burros de avisar aonde estavam indo, né? – ela perguntou.

– Não – respondeu Jordan. – O tio Steve queria levar a gente para andar de balsa. Eu disse que vocês iam levar a gente a um show.

Eles ficaram em silêncio por mais alguns quarteirões, então Oliver reduziu a velocidade de seu Dodge Challenger antigo e embicou para a lateral da rua. Alguns metros adiante, havia uma casa com as luzes acesas, e Dan sentiu seu sangue gelar. Um cachorro solitário latia à distância. A rua não estava exatamente deserta, e todos os motoristas que passavam davam uma boa olhada no carro onde estavam.

– Não vamos perder tempo – murmurou Oliver, abrindo a porta.

Ele disse para Sabrina esperar no carro, e deixou o motor ligado. Abby e Jordan preferiram ficar com ela, o que era bom. Quanto menos numerosos eles fossem, menos atenção atrairiam. Estava difícil enxergar, e Oliver e Dan precisavam usar seus celulares para conseguirem um mínimo de visibilidade.

– Este lugar aqui é barra-pesadíssima – comentou Oliver. – Não sei se foi por isso que o Artífice decidiu fazer seus negócios aqui, mas a coisa pode ficar feia. – Ele caminhou apressadamente até uma caixa de correio na beirada de um gramado esburacado. Ervas daninhas marcavam o local onde antes havia uma calçada. A caixa de correio estava torta e tombada para o lado, como se estivesse encarando os dois com

incredulidade.

A um quarteirão ou dois de distância, alguém jogou um saco de lixo dentro de um latão, e o som de garrafas se chocando provocou um sobressalto em Dan.

– Segura aqui – disse Oliver, entregando o celular na mão de Dan. Sob o pequeno fecho de luz emitido pela tela, ele puxou a tampa da caixa de correio, que rangeu em protesto. Parecia não haver nada lá dentro, mas, mesmo assim, Oliver enfiou a mão na caixa e começou a tatear em seu interior. – Minha nossa, vou precisar tomar uma antitetânica depois disso.

Quando ele tirou a mão, havia um pedaço encharcado de papel entre seus dedos.

– Isso é uma encomenda? – questionou Dan.

– É. Vamos dar o fora daqui.

Eles trocaram os objetos, e Dan ficou com o que Oliver encontrou e devolveu seu telefone. O cachorro escandaloso latiu de novo, mais perto deles, e Dan praticamente se jogou no banco traseiro do carro. Oliver afastou o veículo do meio-fio, fazendo uma conversão apressada de cento e oitenta graus e pisando fundo.

– Encontraram alguma coisa? – perguntou Abby.

– Sim – respondeu Dan, erguendo o pedaço de papel para ela ver. Usando seu celular como fonte de luz, ele se recostou no assento e examinou a descoberta. – Parece um cartão-postal, talvez.

Ele ergueu a luz para o papel e o aproximou do rosto. Havia letras desbotadas nele, feitas com uma caneta apertada com tanta força que dava para ver as marcas de afundamento na superfície ao redor da tinta.

– Espera aí – ele disse quando começou a ler. – Acho que não é uma encomenda. É um poema, e um que eu já li antes.

– Quê? Como assim? – questionou Sabrina.

– Escutem só. – Ele ergueu a mão, soltando um suspiro trêmulo antes de ler em voz alta os versos já conhecidos. O poema parecia mais longo do que ele se lembrava. Dessa vez, devia estar completo. – “Não exagere na alegria nem no orgulho, não abuse da sorte, tome cuidado com o barulho; o Artista dos Ossos rouba e então desaparece: o título de Príncipe dos Ladrões de Corpos ele merece.”

*Capitula*

24

O carro seguia a uma velocidade constante, com uma ou outra sacudida, mas as balançadas ocasionais só serviam para deixá-lo ainda mais sonolento. Dan precisava se esforçar para manter os olhos abertos. Ele se sentia como se estivesse drogado, como se tivesse passado vários dias sem dormir e só estivesse conseguindo se manter acordado por pura força de vontade. Era uma sensação súbita e arrebatadora. Até seus dedos dos pés pareciam cansados.

Aquilo não era natural, então ele pensou que logo fosse passar. Sua ansiedade começou a crescer, e ele apalpou o bolso em busca de seus remédios, mas se lembrou de que havia deixado os comprimidos na casa de Steve. Dan se inclinou para olhar pelo vidro da frente por cima do console central. O carro começou a ganhar velocidade, acelerando de forma tão abrupta que fez seu estômago se embrulhar. Ele tentou focalizar os olhos, mas o chão se contorcia e se deformava, e em seguida desapareceu de vez. Não havia nada diante deles, apenas o vazio e algo que parecia ser um bosque distante.

Dan gritou. Ele não sabia quais tinham sido suas palavras, mas desejava que fossem:

– A gente está indo para o precipício!

Motorista e passageiro se viraram para encará-lo. Não eram Oliver e Sabrina. Não deveriam ser Oliver e Sabrina? Dan se encolheu no assento, todo trêmulo.

Eles não tinham rosto. Não tinham absolutamente nenhuma feição facial. Eram figuras indistinguíveis de carne e osso, com cabeças que pareciam grandes ovos sob os cabelos. Os sem-rosto pairavam diante de uma paisagem vazia. O carro embicou para o precipício, e então eles se levantaram do assento, observando Dan em silêncio. Como podiam vê-lo se não tinham olhos? Mesmo assim, Dan sentia que a atenção dos dois estava toda voltada para ele.

Por um segundo, ele sentiu o peso de seu corpo se esvaír enquanto o carro mergulhava na direção de um turbilhão de azul com espuma branca. Um rio. Eles cairiam a qualquer momento. Dan fechou os olhos e se preparou para o impacto fatal.

Em vez disso, acordou na cama, respirando tão freneticamente que sua garganta começou a arder.

Durante um minuto inteiro, ele não conseguiu se lembrar de como foi parar ali – houve o trajeto de carro, o cartão-postal com o poema e então...? Quando ele se concentrou, as memórias começaram a voltar, mas como se os fatos tivessem acontecido um ano atrás, e não na noite anterior. Oliver não fazia ideia do que era aquele poema – suas encomendas anteriores não vinham assim –, mas Jordan se lembrava dos versos também, da biblioteca de Shreveport. Eles combinaram de se encontrar de novo na loja de Oliver depois do expediente.

Dan limpou o suor do rosto com o lençol. Ele não queria fechar os olhos de novo, apavorado por causa dos rostos sem feições.

O quarto já estava iluminado pela luz do dia e, apesar de Dan não se sentir descansado, uma rápida olhada no relógio do celular revelou que havia dormido a noite inteira. A qualquer momento, Abby bateria na porta para chamá-los.

Dan se levantou e vestiu uma camiseta. Houve a batida na porta, e Dan se surpreendeu ao ver Abby já vestida e de banho tomado, trazendo três cafés e um saco de *beignets*.

– Você saiu para comprar isso? – resmungou Dan, abrindo a porta para ela entrar. Abby colocou as bebidas na mesinha do computador de Jordan.

Jordan grunhiu e se escondeu debaixo dos lençóis, fingindo um choramingo quando ela abriu a janela.

– Ah, sim, eu não consigo dormir até tarde.

– Eu sempre consigo dormir até tarde – reclamou Jordan, ainda escondido.

– E o Steve também já estava de pé, então fizemos nossa ioga matinal e fomos comprar o café da manhã.

– Sim, claro. – Dan abriu um sorrisinho sem graça para ela, desejando ter pelo menos uma fração daquela disposição matinal.

– Então, eu andei pensando – ela falou, se sentando na cadeira diante do *laptop* de Jordan. – E se esse poema for uma espécie de lema para o pessoal para quem o Micah trabalhava? Pensem bem, eles mexiam com ossos, certo? Os “artistas dos ossos”? Faz sentido.

– Ei, vai com calma. Meu cérebro ainda está em inicialização – murmurou Jordan, enfim saindo do meio das cobertas. Era a primeira vez que Dan via seus cabelos tão desarrumados de forma não proposital e estilosa.

Abby se inclinou para a frente, fazendo um gesto com um *beignet* na mão.

– Acho que a gente devia perguntar isso para aquele vereador hoje à tarde – ela acrescentou.

– Não. – A resposta saiu de forma automática. Jordan e Abby se viraram para ele. Dan encolheu os ombros. – Acho que aquele cara estava se esforçando demais para ser simpático, sabe como é? Ninguém é tão gente boa assim.

– Essa foi a coisa mais deprimente que você já falou – comentou Jordan, deitando de barriga para cima e ajeitando os travesseiros sob a cabeça. – Mas o tio Steve sempre diz para nunca confiar em ninguém que usa um terno que custa o mesmo que um carro.

– O tio Steve é um hippie velho – retrucou Abby.

Foi uma resposta meio agressiva demais. Jordan deu uma risadinha.

– Quê? Bom, eu gosto dele mesmo assim, mas é verdade.

– Só acho melhor manter essa história só entre nós – reelaborou Dan. – Esse negócio dos ossos é bem bizarro.

– Entre nós, o Oliver e a Sabrina, certo?

– Abby... Certo, isso mesmo, entre nós cinco.

Jordan abriu e fechou a mão vazia várias vezes até que Abby lhe desse um *beignet*.

– Vamos dar um passo atrás. O que a gente sabe *de fato* sobre esse poema? Onde ele apareceu antes?

– No recorte de jornal que você e o Dan pegaram *emprestado* do arquivo em Shreveport – Abby respondeu com impaciência. – Não que eu esteja reclamando. Sei que foi para mim que vocês pegaram a reportagem.

– Uma reportagem sobre o gângster que você está pesquisando – acrescentou Dan, olhando para ela por cima do copo de café. – Ou seja, o motivo por que você acordou tão interessada nesse assunto hoje.

Ela recebeu a acusação sem se abalar, limpando o açúcar das mãos.

– Pois é, parece que existe alguma ligação entre os antigos chefes do Oliver e o Jimmy Orsini. Você entende por que eu fiquei curiosa, né? Estou trabalhando nesse projeto desde o início das férias, então *me desculpa* se eu estou a fim de ir mais fundo.

– Não, eu fico *contente* com isso, Abby. Ainda bem que eu não sou o único interessado na história – respondeu Dan. – E acho que você tem razão. A essa altura, a gente não pode acreditar em coincidências.

– Então estamos de acordo – falou Abby, erguendo o queixo. – Vamos perguntar para o vereador hoje à tarde.

– Não foi isso que eu falei...

– Deus do céu, ainda está cedo demais para esse tipo de discussão – interrompeu Jordan, fazendo os dois se calarem. – Vamos decidir na moeda antes de ir para a tal loja. Certo? Tudo bem? Agora alguém me dá um café antes que eu fique mal-humorado de verdade.

*Capitula*

25

A fachada angulosa e lilás da Madame A's na verdade não ficava em uma rua propriamente dita, e sim entre a calçada e um beco estreito, com nada além de um luminoso encardido revelando sua existência.

Um cheiro forte de lixo vinha do terreno baldio encoberto pelas sombras no fim do beco. Os sons familiares e desconexos de músicos de jazz se preparando para tocar – com os dedilhados nos trompetes e saxofones se sobrepondo – acompanhavam o odor, que de tão forte provocava um gosto amargo no fundo da garganta.

– Que cheiro interessante nós descobrimos agora – murmurou Jordan, sarcástico, se enfiando no meio dos dois amigos.

As janelas da loja eram opacas, obscurecidas com tinta ou graxa. Uma gata se aproximou para saudá-los, uma caolha de pelagem tricolor com apenas três quartos da cauda intactos. Ela o observava com o queixinho erguido e uma postura majestosa. A porta da Madame A's estava entreaberta, e tinha uma cortina logo atrás, imóvel em meio ao ar estagnado do beco.

– Depois de você – disse Dan, fazendo um gesto para que Abby entrasse primeiro. – Afinal, foi ideia sua.  
– Vamos torcer para que o cheiro seja melhor que do lado de fora – ela murmurou, respirando fundo de maneira hesitante antes de puxar a cortina.

A atmosfera no antiquário não era exatamente agradável, mas pelo menos o local era bem iluminado, e o cheiro de lixo logo deu lugar a um fortíssimo aroma de incenso de jasmim. O lugar era parecido com os fundos da loja de Oliver, porém ainda mais entulhado e desorganizado. O teto estava lotado de móveis, alguns feitos de contas e cristais, e outros de ossos e penas. A parede dos fundos era coberta de mostruários com uma imensa variedade de velas, frascos, bandeiras e pequenos potes. Mais acima, um letreiro escrito com letras tortas: *VELAS – ÓLEOS – BANDEIRAS – LOÇÕES PARA MÃOS*.

Dan foi até lá para olhar mais de perto, desviando de mostruários de vidro com panfletos, livros e joias. Depois de tanta conversa sobre roubos de túmulos, Dan não conseguia olhar para as antiguidades sem imaginar quem eram seus donos, e quando teriam se separado daqueles objetos. Mais uma lufada de ar com cheiro de jasmim se espalhou pela loja. A névoa de fumaça fazia o lugar parecer confinado e onírico.

Dan pegou uma das velas e examinou o rótulo.

– *Les Morts* – ele leu baixinho.

– Isso é para praticantes de *voudon*.

Dan largou a vela imediatamente e virou a cabeça. Não estava mais sozinho diante do mostruário, mas não tinha ouvido a aproximação de Connor Finnoway. O vereador era bem mais alto que Dan, e estendeu a mão para pegar a mesma vela, virando-a lentamente entre os dedos.

– É uma religião mal compreendida – acrescentou o vereador com um sorriso. – A maioria dessas velas serve para trazer sorte, saúde ou amor. Não tem nada de sinistro envolvido.

Dan balançou a cabeça, mas não estava totalmente convencido. Seu domínio do francês não era dos

melhores, mas não havia como acreditar como algo chamado *Les Morts* podia ser bom para trazer sorte, saúde ou amor.

O vereador tinha trocado de terno, mas por um tão elegante quanto o anterior. Diamantes reluziam no relógio preso em seu pulso.

– Sr. Finnoway? – Abby foi até eles. – Obrigada por ter vindo se encontrar com a gente. Eu queria fazer umas perguntinhas.

– Ah, sim, nada de preâmbulos – ele comentou com uma risadinha. Ele se virou para Dan, mas apontando para Abby. – Ela é bem direta. Eu gosto disso.

Dan não estava nem aí para o que ele gostava ou deixava de gostar. Não queria falar com Finnoway sobre o poema que encontraram, mas Abby tinha levado a melhor na moedinha. Do outro lado do recinto, Jordan conversava com uma mulher alta e magra, de pele e cabelos escuros e reluzentes. Era impossível determinar sua idade – suas feições pareciam delicadas, atemporais. A maneira como ela parecia comandar a loja sem mover um dedo ou dizer uma palavra fez Dan imaginar que poderia se tratar da própria Madame A's.

– São uns versos – Abby começou a dizer, oferecendo ao vereador uma cópia do poema que havia feito em uma folha de papel. – Já topamos com isso duas vezes, uma Shreveport e a outra aqui em New Orleans. Queria saber se isso tem algum significado especial para os locais.

Finnoway examinou o papel, erguendo uma sobrancelha.

– E o que Steve Lipcott tem a dizer a respeito?

Abby ficou vermelha e desviou o olhar.

– Eu não perguntei. Ele não foi criado aqui.

– Foi uma boa ideia consultar um nativo. – O vereador sorriu e devolveu o poema a Abby. – Eu já ouvi isso antes, mas só quando era pequeno. É uma espécie de cantiga infantil, a nossa versão do bicho-papão. Sabe como é, coma direitinho e reze antes de dormir, ou então os Artistas dos Ossos vão roubar seus dedos do pé.

Dan olhou para Abby, que aparentemente pensou o mesmo que ele, mas se manifestou primeiro:

– Que horror. Sério mesmo que diziam para as crianças que alguém ia roubar seus ossos?

– João e Maria iam ser engordados para depois ser devorados. As histórias infantis sempre têm uma inclinação para o macabro. – Finnoway sorriu, mostrando os dentes branquíssimos e perfeitamente alinhados. – Enfim, isso nem é mais uma coisa popular por aqui. – Ele apontou com o queixo para o poema na mão dela. – É tão antigo quanto as coisas que são vendidas aqui na loja.

– Então eles não existem, na verdade? – perguntou Dan, friamente. – Esses Artistas dos Ossos?

Finnoway deu risada e se virou de novo para as velas.

– Não foi isso que eu falei, foi?

Abby revirou os olhos e guardou seus papéis.

– Você está de brincadeira.

– Uma história para meter medo não funciona se não tiver algo por trás, minha cara.

A cortina da loja se abriu, e Dan se virou para ver, descobrindo que a assistente de Finnoway também estava lá. Parecia estar procurando pelo vereador.

Dan não queria ficar olhando muito para ela, mas sua aparência era hipnotizante, impecavelmente maquiada e vestida como se estivesse prestes a entrar em um *set* de filmagens. Ele ouviu Abby tossir, primeiro baixinho, e depois mais alto.

Idiota. Abby estava *bem ali*.

– Com licença um minutinho – disse Finnoway, afastando-se para falar com sua assistente na entrada do antiquário.

Depois de um instante de silêncio constrangido, Abby falou:

– A viagem não está sendo o que a gente esperava, né? Mas está tudo bem? Você está bem?

– Ah, sim, acho que posso dizer isso – ele respondeu, passando as mãos pelos cabelos bagunçados e contornando o mostruário de gargantilhas na parede. Havia uma linha grossa de tinta pintada horizontalmente sobre o reboco. – Sinceramente, na verdade não sei como estou me sentido, Abby. Triste? Confuso? Irritado?

Ele passou o dedo sobre a linha grossa, lendo os números escritos logo acima. Era uma data, e Dan estremeceu quando se deu conta que aquilo era uma marcação da altura a que a água tinha chegado lá dentro com a passagem do furacão. Era um milagre que alguma coisa da loja tivesse se salvado.

– Irritado? – Abby fez uma pausa, mexendo em um mostrador giratório de cartões-postais e recortes de jornal plastificados. – Irritado com quem? Com seus pais?

– É, um pouco. E com o Oliver também. Ele devia ter me dado aquela maldita caixa e ponto final. Ele não precisa de nada daquilo, e pode ter alguma pista sobre o motivo para os meus pais terem me abandonado. Mas talvez eu esteja procurando por uma coisa que nem exista. Talvez eles achassem que estavam fazendo a coisa certa. Só não consigo entender como eu fui parar na Pensilvânia, se eles morreram em um acidente de carro na Louisiana. – Ele suspirou e se encostou na parede. – Enfim, acho que não é certo ter que dar algo em troca de uma coisa que é minha por direito.

Ele se interrompeu quando viu Finnoway se aproximar outra vez.

– Eu queria falar a sós com você um minuto – disse Finnoway. Dan esperava que ele estivesse se referindo a Abby, mas não era o caso.

– Hã, comigo?

– Sim. – O vereador apontou com o queixo para um canto mais afastado do antiquário, longe do balcão e de seus amigos. – Não tive a chance de dizer nada ontem, mas quando Steve mencionou que vocês estavam andando com o dono da Berkley & Filhas, bom...

– Oliver? – Dan estreitou os olhos, tentando entender por que exatamente estavam falando aos sussurros.

– O que tem ele?

– Ele não é exatamente uma companhia recomendável. O pai dele tinha fama de ser um tremendo de um bêbado. Isso não é pouca coisa em uma cidade como a nossa. – Limpando a garganta, o vereador olhou por cima do ombro para Abby, cravando os olhos nela por um longo e desconfortável momento. – Eu não estou aqui para ajudar a sua namorada a comprar lembrancinhas, rapaz. Estou aqui para dar um conselho para você.

– E por que você está preocupado com o que eu faço ou deixo de fazer?

– Eu não estou. – Ele enfiou as mãos nos bolsos, se afastando das prateleiras de quinquilharias. O sorriso político do dia anterior tinha desaparecido, substituído por uma cara fechada.

– Oliver Berkley é uma pedra no sapato desta cidade, assim como o pai dele e o pai do pai dele. Steve Lipcott é um velho amigo meu, e o sobrinho dele vai morar aqui, então não quero que a reputação de Steve seja prejudicada por... associações indesejadas.

Dan cerrou os dentes, encarando os olhos verdes e inescrutáveis do vereador.

– Só isso?

– Só isso.

Com um sorriso, Finnoway se afastou das prateleiras, interrompendo habilmente a conversa de Abby com a Madame A's. Dan foi falar com Jordan. Pelo jeito, a Madame A's tinha convencido Jordan a comprar uma boa quantidade de velas, que transbordavam da sacola quando seu amigo se virou para conversar com ele.

– São para o Steve – ele se apressou em explicar. – Pensei em comprar umas coisas para ele já que estamos aqui.

– ã-hã. – Dan olhou para a Madame A's atrás do balcão. Ela parecia persuasiva a ponto de fazer qualquer um comprar qualquer coisa.

– Conseguiu alguma coisa com o simpático vereador? – perguntou Jordan. Havia uma bandeja com chá montada sobre um balcão perto da porta, e Jordan foi até lá pegar um dos bolinhos açucarados distribuídos em uma travessa de prata.

– Não exatamente. Antes de dizer um monte de coisas não muito agradáveis sobre o Oliver, ele falou que o poema era só uma cantiga idiota para assustar criancinhas.

Jordan ergueu as sobrancelhas, levando um bolinho à boca.

– Sêrio? Não foi isso o que disse a Madame A's.

– Ah, é? E o que a Madame A's falou? – Dan baixou o tom de voz, espiando por cima do ombro para se certificar de que Finnoway não estava escutando. Sua assistente estava falando no celular, murmurando sem parar e andando de um lado para o outro.

– Ela falou que essa história dos Artistas dos Ossos começou como uma lenda, sim, mas que tem uma parte que é verdade. – Jordan começou a cochichar, assumindo o mesmo tom conspiratório de Dan, enquanto pegava um copinho de chá verde-claro. – Durante a Depressão, as pessoas estavam tão desesperadas por dinheiro que começaram a roubar túmulos. Ao que parece, por aqui existia um grupo que se intitulava os Artistas dos Ossos, que pagavam uma boa grana por *ossos*. Segundo eles, os ossos continuam uma parte da personalidade dos mortos, e os Artistas dos Ossos transformavam isso em talismãs e vendiam por ainda mais dinheiro. Então, se você quisesse ter sorte, era só comprar o osso de alguém sortudo. Se quisesse dinheiro, era só comprar o osso de alguém rico. – Jordan soprou o vapor do chá e molhou um segundo bolinho no líquido quente. – Era um tremendo negócio. Pelo jeito as pessoas apelam para a superstição quando a água bate na bunda.

Dan estremeceu.

– Minha nossa.

– Pois é. Pode ser o tal Artífice que o Oliver falou, não?

Podia mesmo. Dan deu mais uma olhada para o vereador, que ria com seu jeito absolutamente irritante junto com Abby a respeito de algum objeto que encontraram.

– Por que o Finnoway mentiria sobre isso?

– Quem é que sabe? Pode ser que ele esteja por fora mesmo. Quer dizer, ele falou que gostava de história, mas a Madame A's está por aqui desde o início dos tempos. Ela é demais.

– Bom, ontem à noite o Oliver parecia nunca ter ouvido falar nos Artistas dos Ossos – comentou Dan. – E agora esse lance do Finnoway? Parece que um deles está tentando esconder alguma coisa.

– Ou os dois.

Se esses bandidos, os Artistas dos Ossos, ainda estivessem na ativa, talvez fosse possível que Micah estivesse envolvido com eles. E, se fosse esse o caso, Dan não estava nem um pouco à vontade com ideia de que fossem transformar os ossos dele em talismãs com poderes mágicos. O que levava à próxima pergunta:

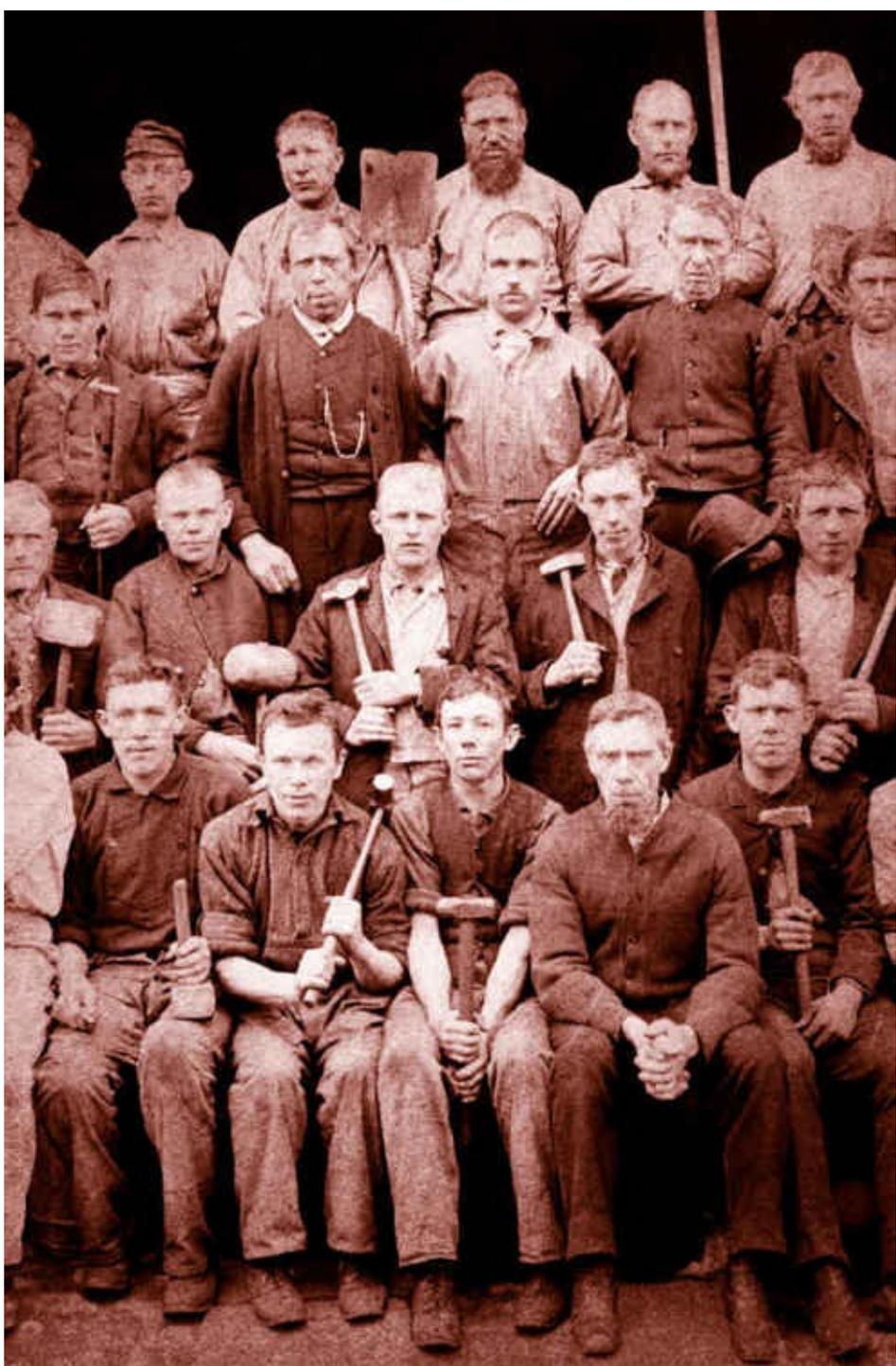
– Então, eles funcionam?

– O quê? – Jordan tossiu em cima do chá.

– Os talismãs de ossos que eles fazem. Era só superstição ou eles tinham mesmo algum poder?

Jordan pôs de lado o copo vazio, mordendo mais uma vez o *piercing*.

– Eu perguntei, mas a Madame A's não respondeu – murmurou ele. – Sinceramente, acho que isso já diz tudo.



*Capitula*

26

— *Q*ue tal conversar sobre o fato de que esse palhaço desse Oliver está claramente mentindo para a gente? — Jordan talvez tivesse exagerado na dose da sangria que Steve serviu no jantar. Ele cambaleava enquanto percorriam o caminho até a Berkley & Filhas, esbarrando em Dan a cada poucos passos. — Ele mora aqui, certo? E tem um antiquário. Como pode não conhecer essa história dos ossos?

— Com certeza existe uma explicação para isso — resmungou Dan.

— Certeza? — Abby levava consigo tudo o que haviam conseguido compilar, as reportagens e fotografias de Jimmy Orsini e os papéis sobre os pais de Dan. — Sei que ele era amigo do Micah, mas isso não significa muita coisa. Se ele é mesmo de confiança, por que só contou metade da história?

Dan queria saber como responder, mas não havia o que dizer. Seus amigos estavam certos. Oliver e Sabrina precisavam se explicar e, mais que isso, precisavam entregar aquela caixa, e sem pedir nada em troca.

*E então o quê?*

Era essa a pergunta que o atormentava quando ele entrou na semipenumbra à luz de velas da loja.

— Sério? Outra sessão espírita? — murmurou Abby. Ela suspirou e passou ao lado de Dan, andando com passos apressados até o balcão, onde Sabrina e Oliver contavam o dinheiro da caixa registradora e guardavam em uma caixinha.

— A gente precisa conversar — disse Dan, indo atrás dela.

Oliver o silenciou.

— Mais tarde.

— Não, *agora*.

— A gente está ocupado aqui — murmurou Sabrina, irritada. — Você pode esperar quinze minutos, Crawford, não vai morrer por isso.

— Está tentando se comunicar com seu falecido avô de novo? — questionou Jordan, embaralhando as palavras e sem se preocupar em baixar o tom de voz. Dan fez uma careta.

— Quanta sensibilidade. Não. Para sua informação, não é isso que estamos fazendo. — Oliver, porém, ficou um tanto inquieto. Era impossível ter certeza por causa da iluminação precária, mas ele talvez tivesse ficado vermelho. — Estamos tentando falar com o Micah.

— Que tal mandar uma mensagem de texto para ele? — retrucou Jordan.

— Quer parar com isso? Sei que para você parece bobagem, mas existem energias invisíveis no mundo, que são tangíveis e reais, e podem ser canalizadas. — Oliver desapareceu no fundo da loja por um instante para guardar o dinheiro do movimento do dia. Quando voltou, entregou uma tigela para Dan, com um cheiro forte de flores.

— É só água de rosas — Oliver explicou diante da expressão perplexa de Dan. — Lava as mãos aí, depois enxuga e vem com a gente.

— Não foi para isso que viemos até aqui. Temos perguntas a fazer — disse Abby. — Queremos a caixa do

Dan, e também saber por que você fingiu que não conhecia os Artistas dos Ossos.

– Escutem só – Oliver disse com um suspiro –, vocês podem ficar com a porcaria da caixa, certo? Mas o Micah estava tentando falar com você também, Dan. Queria que você me acompanhasse desta vez.

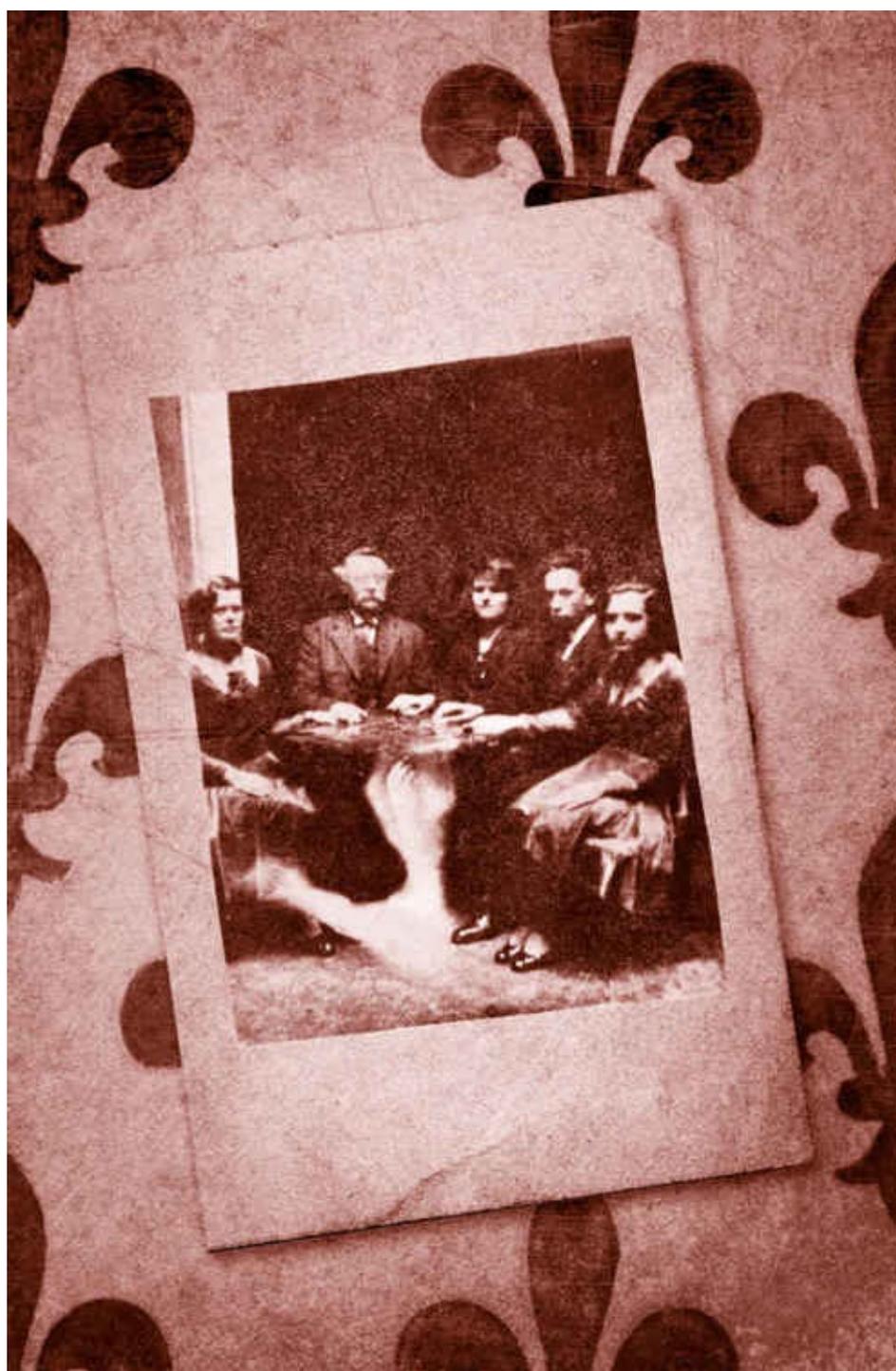
Era uma perda de tempo, mas, se significasse que em quinze minutos estaria com a caixa, Dan estava disposto a tentar. Ele enfiou as mãos na tigela e secou na camiseta. Abby e Jordan continuaram no balcão, só observando, enquanto Sabrina e Oliver conduziam Dan até a mesa redonda.

Ele se acomodou em uma das cadeiras vazias, entre Sabrina e Oliver, olhando para a toalha branca e limpa e o estranho símbolo desenhado nela. Havia algumas runas entalhadas sobre a mesa, além de um pequeno cesto com objetos mais ao centro: um pedaço de tecido, chaves de carro, um cinto de lona enrolado e uma foto de Micah e Oliver quando adolescentes. Dan desviou os olhos da foto. Os dois pareciam contentes demais, inocentes demais, posando abraçados diante do carro de Oliver. Foi tirada provavelmente no dia em que Oliver ganhou o carro, um dos mais importantes da vida de um jovem.

As mãos de Dan foram colocadas sobre a mesa.

– O que eu faço? – ele murmurou.

As outras pessoas reunidas ao redor o encararam de forma solene. Estavam em sete, contando Dan. Uma das meninas à direita parecia ser irmã de Sabrina. Os demais ele reconheceu da sessão espírita da visita anterior, inclusive a mulher de cabelos vermelhos. Ele estremeceu.



– Fechem os olhos e se concentrem nas lembranças sobre Micah. Se eu sentir sua presença, vou perguntar onde seus ossos estão guardados – avisou Oliver. Sua mão estava quente e um pouco suada, mas a de Sabrina estava gelada.

Pouco antes de começarem, Oliver pôs seu celular sobre a mesa, talvez imaginando que Micah poderia dispensar os modos tradicionais de arrastar correntes e virar cadeiras e usar um meio de comunicação mais moderno.

Dan respirou fundo, se preparando para ficar em silêncio e aguentar firme. Até então, vinha fazendo de tudo para *não pensar* em Micah nem no que tinha acontecido no outono do ano anterior. Quanto mais o tempo passava, mais fácil isso se tornava. O diretor, os Scarlets, a professora Reyes, o Brookline... Quando ele estava começando a se desvencilhar daquelas lembranças, precisava trazê-las à tona de novo.

Seus pensamentos se voltaram imediatamente para Micah. Por um instante, parecia que a voz baixa e ritmada de Oliver pedindo a ajuda de Micah estava fazendo efeito como mágica, evocando imagens da

faculdade e dos últimos momentos da vida dele, do castigo a que foi submetido por ajudar Dan a fugir. Apesar da abundância de velas acesas no recinto, Dan ficou gelado. O ar dentro da loja se tornou rarefeito, como se estivesse sendo sugado por um vácuo. Ele sentiu algo roçar sua nuca e soltou um suspiro de susto, tendo um sobressalto e abrindo os olhos por puro instinto.

Sua visão voltou a tempo de ele ver alguma coisa prateada disparando na direção da mesa. Gelada e certa, atingiu Dan bem no meio do olho, mandando-o para o chão. Ele despencou com um grito, se debatendo junto ao encosto da cadeira.

– Dan!

Abby e Jordan estavam ajoelhados ao seu lado, e Dan começou a passar a mão freneticamente pelo rosto. Então tudo sumiu. Não havia nada perfurando seu olho, nenhum ferimento. Nada.

– Eu senti... Minha nossa, juro para vocês...

Ele saiu de cima da cadeira e ficou de joelhos, erguendo a cabeça para encontrar os olhares perplexos de Oliver e Sabrina.

– Você também sentiu – disse Oliver, balançando a cabeça. – Ele estava aqui.

– Tinha *alguma coisa* aqui. – Ele tentou recuperar o fôlego, jogando a cabeça para trás e deixando o ar descer pela garganta. No entanto, uma movimentação na janela chamou sua atenção. A cortina estava quase toda fechada, mas havia uma pequena abertura, e ele notou a presença de um rosto – um rosto branco e severo que fez seu sangue gelar.

Ele já tinha visto aquele rosto antes, e não em seus pesadelos, mas nas fotografias da biblioteca, e na casa de Steve...

– Ainda *tem* alguma coisa aqui.

Oliver puxou a cortina, revelando um homem com o rosto escondido atrás de uma máscara de coelho. As velas na janela iluminavam algo que emitia um brilho prateado na mão do homem-coelho, uma serra de ossos com centenas de dentes afiados.

Dan ficou de pé às pressas e aos gritos, mas era tarde demais. O homem já estava se afastando da janela e tomando o caminho da porta.



*Capitula*

27

— A porta! — gritou Oliver. — Segurem a porta!

Dan e Jordan se atiraram contra a porta no momento em que a maçaneta começou a ser forçada. O peso de um adulto, e então dois, e depois três, começou a pressioná-los a partir do outro lado. Sabrina correu até a janela para olhar para a rua.

— Merda, tem um monte deles.

— Quantos? — Oliver gritou. Ele desapareceu atrás do balcão e em seguida jogou uma espingarda de caça e um taco de beisebol para Abby.

— Seis, eu acho — Sabrina respondeu.

— A gente não dá conta de segurar — grunhiu Jordan. Ele e Dan deram um berro quando uma marreta rachou a madeira, lançando uma chuva de farpas sobre os dois. — A gente não dá conta mesmo!

— Tranquem a porta e fujam! — Oliver pulou por cima do balcão, pegando a espingarda da mão de Abby e deixando o taco com ela. — Fujam! Eu seguro as pontas aqui enquanto vocês saem lá por trás.

Para Dan, não foi preciso dizer duas vezes. Ele passou o trinco e a chave na porta, e em seguida puxou Jordan para longe.

— Vai! — Oliver pegou Sabrina pelo braço e a empurrou na direção da porta dos fundos. Ela hesitou, mas Abby a puxou do outro lado da cortina, para o depósito. Com as mãos trêmulas, Dan ligou para a polícia no celular, apertando o botão de chamada no exato momento em que o primeiro tiro foi disparado.

— Quem era aquele pessoal? — gritou Jordan, seguindo Sabrina, que correu na frente para abrir a porta. Ela se agachou enquanto se deslocava, e os outros fizeram o mesmo, se encolhendo ainda mais quando outro tiro era disparado.

— Sei lá — respondeu Sabrina. — Nenhum ladrão seria tão burro de atacar assim tão cedo.

— Sim, eu quero denunciar um arrombamento — Dan gritou ao telefone. — Em andamento. O endereço? É, hã... — Ele deu um tapinha no ombro de Sabrina e entregou o celular a ela. — Diz para eles onde a gente está.

Assim que entregou o celular, Dan sentiu sua coragem se desfazer. E se eles fossem atacados quando saíssem? A polícia demoraria um tempo para chegar, mais que o suficiente para acabarem as balas de Oliver. O tiroteio estava próximo demais, alto demais, fazendo seu corpo estremecer.

Sabrina parou diante da porta dos fundos, encerrando a ligação e entregando o celular para Dan.

— Silêncio. Preciso ver se a barra está limpa.

Mais atrás, ele ouviu uma das garotas da sessão espírita chorando. Estava escuro demais, e não dava para ver quem estava soltando aqueles soluços abafados. Dan sentia a presença de Jordan logo atrás de si, e de Abby mais à frente, com o corpo todo trêmulo à espera do sinal de Sabrina.

E então eles foram para o lado de fora. Apesar de a sensação ser menos claustrofóbica, ali eles pareciam mais vulneráveis.

— Quantas balas tem naquela espingarda? — perguntou Dan, espiando pela beirada da construção. Ele

olhou para o beco, soltando um suspiro de alívio ao notar que não havia ninguém por lá. – A gente precisa voltar lá para ajudar.

– Não, sem chance – Jordan murmurou, apavorado. – O meu voto é para a gente sumir daqui correndo.

– Jordan tem razão. O que a gente pode fazer com um taco de beisebol?

– A gente não pode deixar o Oliver na mão!

Era como se a morte de Micah estivesse acontecendo outra vez. Oliver não sairia vivo daquela situação, e Dan passaria o resto da vida com o peso de sua morte sobre as costas. Por que a história precisava sempre se repetir?

Talvez para os outros fosse melhor fugir, mas Dan estava de saco cheio de se sentir caçado. Ele disparou pelo beco, sem se preocupar em saber se seus amigos viriam atrás. Não tinha nenhum plano, não ainda, mas saberia o que fazer quando visse o que ainda restava da loja. O som das sirenes se aproximava, vindo de uma rua à direita. A polícia estava chegando mais cedo do que ele imaginava. Colado à parede de tijolos, Dan ouviu os tiros cessarem, seguidos de passos apressados.

Foi quando ele os viu: seis vultos mascarados, atravessando a avenida para a calçada do outro lado e desaparecendo em um beco estreito.

*Dane-se o plano.* Tomando o cuidado de manter a distância, Dan foi atrás deles.

*Capitulo*

28

Foi só quando entrou no beco que Dan ouviu os passos às suas costas. Jordan e Abby. Ele acelerou a corrida, intensificando a perseguição aos mascarados depois de eles entrarem em uma das ruas principais. Já haviam se afastado pelo menos quatro quadras da loja de Oliver, e Dan sentiu que estava ganhando terreno demais. Ele esperou atrás de uma lixeira até que eles abrissem distância suficiente para não notar sua presença. Foi quando Abby e Jordan o alcançaram.

– Está maluco? Você não dá conta desses caras. – Jordan tentou segurar Dan pela manga, mas ele se desvencilhou do agarrão.

– Não estou querendo brigar com eles, Jordan. Não sou idiota. Só quero ver para onde estão indo.

– Para quê? Para poder voltar e ser morto mais tarde?

– Não, para eu descobrir quem diabos eles são. – Dan não estava disposto a discutir, e não queria elevar o tom de voz e acabar sendo visto. Ele saiu correndo outra vez, moderando a velocidade para se manter pelo menos uma quadra atrás de seus alvos.

Eles desapareceram em uma esquina e, quando Dan virou atrás, com passos cautelosos, viu que havia uma encruzilhada na viela, no local em que de uma grade antiga no chão de pedra emanava uma nuvem de vapor. Dan soltou um palavrão baixinho, analisando as potenciais rotas de fuga. Eram vias estreitas, e estavam vazias. Alguns passos escoavam no caminho à direita, e foi essa a direção que ele tomou, torcendo para ter tomado a certa.

A viela estreita terminava em uma rua larga de duas mãos, bem cuidada e com cara de ponto turístico. Do outro lado, havia um café, já fechado para a noite, mas com uma fileira de luzes natalinas piscando na vitrine. Ele ficou atento ao barulho de passos mais uma vez, tentando ignorar a respiração ofegante de Abby e Jordan ao seu lado.

Dan contornou a construção de dois andares onde ficava o café, e interrompeu o passo ao olhar para o beco e ver o último entre aqueles que perseguiu tirando a máscara e entrando em uma porta lateral. Havia um toldo de lona esfarrapado sobre a porta, cobrindo o que parecia ser uma escada que dava para o porão da construção.

– Peguei vocês – murmurou Dan. Ele limpou o suor da testa, sem perceber que sua camiseta estava ensopada.

Jordan e Abby o alcançaram outra vez. Dan fez um sinal pedindo silêncio, apontando para a porta a fim de indicar que os agressores tinham entrado ali.

– Espero que você tenha percebido a sorte que deu agora – murmurou Jordan. – Que lugar é esse?

Dan esperou mais alguns segundos, para ter certeza de que ninguém sairia. A barra parecia estar limpa para eles.

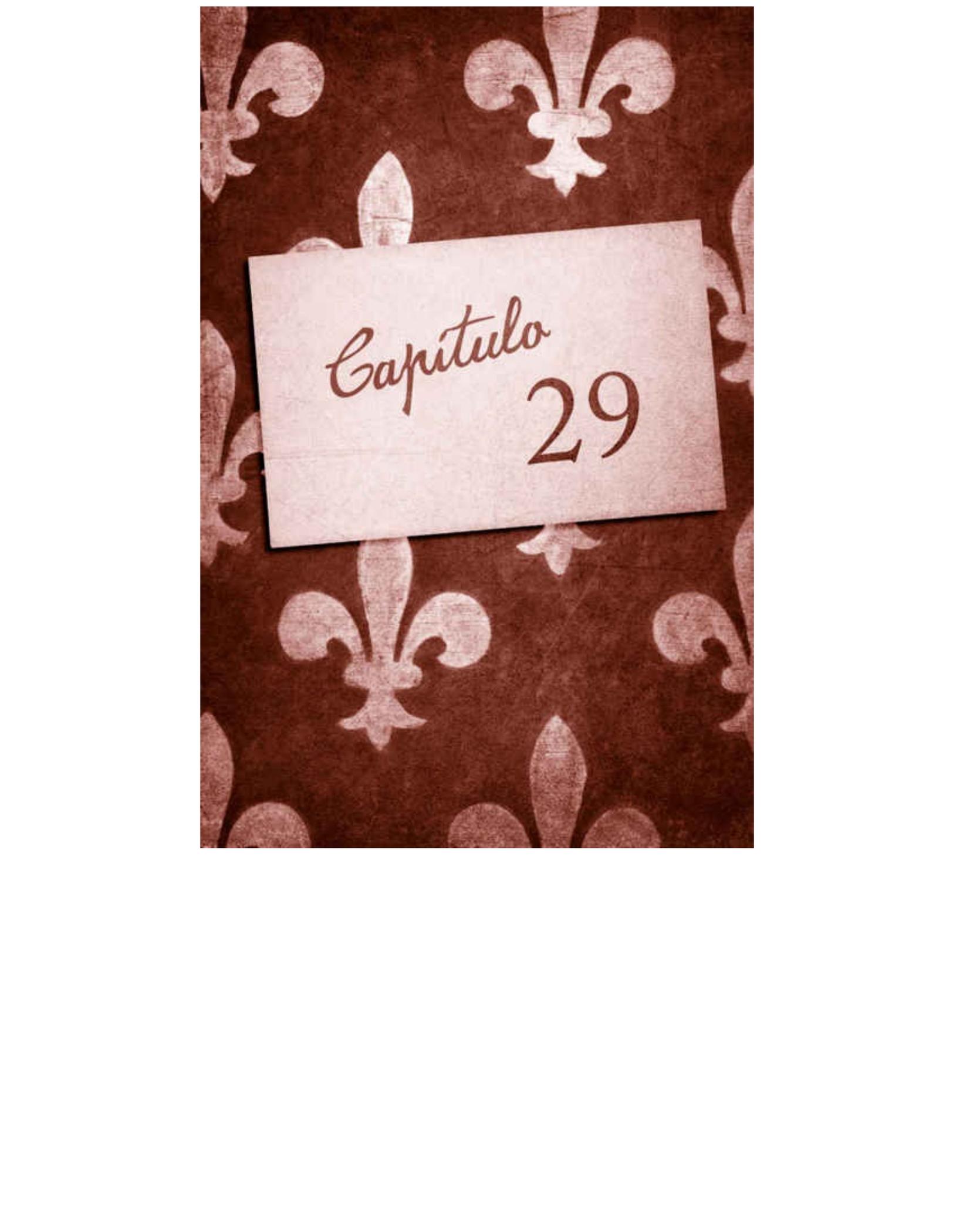
– Vamos descobrir – ele respondeu com um sussurro.

Dan saiu andando lentamente pelo beco. A frente da construção não combinava em nada com o local sujo onde se encontrava. A fachada tinha sido lavada e pintada de branco recentemente.

Descendo pela escada que dava para o porão, com mais três passos se chegava a uma porta prateada. Dan sacou o celular e tirou uma foto, e em seguida marcou sua localização no mapa para salvar o endereço. Ao lado da porta, havia uma placa meio torta com os dizeres Agência Funerária Rampart Street e um enorme adesivo de vende-se colado na parte de baixo.

Não dava para saber quanto tempo fazia que o adesivo estava lá, mas, claramente, a agência funerária ainda estava em funcionamento.





Capitulo  
29

O celular de Dan vibrou duas vezes em seu bolso, interrompendo o silêncio absoluto que se abateu sobre os três quando se aproximaram da segurança dos arredores da casa de Steve. Com alívio, Dan constatou que as mensagens eram de Sabrina.

— Uma agência funerária, Dan. Corpos, Dan. Ossos, Dan.

— Pois é, eu sei, obrigado, Jordan — respondeu Dan, olhando para ele.

— Não, eu estou falando sério. Como assim? Me diz que a gente não está sendo perseguido por esses médicos dos ossos bizarros.

— A Sabrina disse que o Oliver está bem, caso você queira saber. Só está assustado, e pode ter deslocado o ombro por atirar tantas vezes seguidas com a espingarda — informou Dan. Suas mãos ainda estavam tremendo, mas pelo menos ninguém tinha se machucado.

— Eles que se danem. A gente só foi atacado por um bando de malucos mascarados porque estava naquela maldita loja. Sem chance que foi coincidência! — Jordan gesticulava sem parar, mas Abby permanecia em silêncio, agarrada aos papéis. — E, Deus do céu! E se eles conseguirem descobrir quem a gente é por causa do Oliver e da Sabrina? Essa merda toda precisa acabar. Eles são legais, mas também são encrenca certa.

— Eles foram atacados também — Dan se apressou em argumentar. — E foi a loja do Oliver que sofreu as consequências.

— Pois é. Exatamente. A loja do Oliver. Nada disso teria acontecido se a gente não tivesse conhecido aqueles dois! De agora em diante, é manter distância deles. O vereador tentou avisar você, Dan. Eles só atraem problemas. Não sei se por azar ou por algum tipo de vodu ou coisa parecida, mas eu estou fora. — Depois disso, eles ficaram de novo em silêncio.

Dan não esperava que Abby ficasse ao seu lado. Não sabia nem se era possível entender qual era seu lado. Era de Oliver ou dele que estavam atrás? Talvez aquela fosse a única conclusão da qual Dan podia ter certeza: um dos dois era o alvo. Suado, desolado e ainda trêmulo, ele deu uma espiada em seus amigos. Mais uma vez, tinha colocado os dois em perigo. Talvez fosse melhor seguir o conselho de Jordan e cortar relações com Oliver e Sabrina.

*Mas eles ainda estão com a caixa.*

Droga. Um dia a mais em contato faria tanta diferença? Ele podia ir sozinho à loja de Oliver, pegar a caixa, dizer adeus e pôr um ponto final na história. Pelo menos assim se sentiria um pouco menos covarde deixando Oliver lidar sozinho com as mensagens incessantes de Micah, apesar de Dan ter um envolvimento muito maior na morte dele do que Oliver.

Dan sentiu a exaustão tomar conta de seu corpo quando chegaram ao quarteirão onde morava Steve. As sirenes piscavam em silêncio na rua, refletindo suas luzes vermelhas e azuis nas fachadas das construções. A princípio, Dan pensou que fossem policiais se dirigindo à loja de Oliver, mas aquelas luzes não estavam em movimento. Os três atravessaram a rua, vendo o trânsito ficar congestionado enquanto os carros tentavam desviar das viaturas estacionadas na calçada.

– Não – ele ouviu Jordan murmurar. – Não pode ser na casa dele. Não pode ser na casa dele.

Jordan saiu correndo pela calçada no meio dos dois. Três carros de polícia se aglomeravam na frente da porta de Steve e, para tornar o cenário ainda pior, havia uma ambulância estacionada a alguns metros de distância. Esquecendo imediatamente a exaustão, Dan saiu correndo atrás de seu amigo, com Abby logo atrás.

– Dan, se tiver acontecido alguma coisa com ele... – Ela segurou e apertou com força o pulso de Dan.

– Minha nossa, pois é. O que a gente faz?

– Aguenta firme, pelo Jordan. A gente não pode fazer muita coisa além disso.

– É o meu tio! – Jordan gritou quando um dos policiais o impediu de cruzar a área isolada com fita amarela. – Me deixa passar! É a casa do meu tio, e eu quero ver o que aconteceu com ele.

Abby tentou uma abordagem diferente, pondo a mão no ombro de Jordan e sorrindo para o policial.

– Posso saber o que aconteceu? Nós estamos hospedados na casa de Steve Lipcott. E temos como provar isso, porque nossas coisas estão lá dentro.

O policial, um homem baixo e robusto com a pele amarelada e os olhos miúdos, encarou os três por um bom tempo. Ele anotou alguma coisa na prancheta e apontou com o queixo para o espaço vazio atrás de si.

– Vocês vão precisar esperar um pouco. Não posso deixar vocês passarem sem verificar a informação.

– Claro – respondeu Abby em um tom de voz tranquilo. – A gente entende.

– Entende coisa nenhuma! – berrou Jordan. – Ele está bem? Deus do céu, me diz se o meu tio está bem!

– Ele está bem. Um pouco machucado, mas vai dar tudo certo. A ambulância vai levá-lo para o pronto-socorro do Ochsner Baptist. Nós podemos dar uma carona para vocês para lá depois que responderem a umas perguntinhas, certo?

Isso foi suficiente para impedir que Jordan invadisse a área isolada pela polícia. Eles viram Steve passar em cima da maca, escondido sob a coberta, e ser colocado na ambulância. Abby e Dan abraçaram seu amigo.

– Eu lamento muito – murmurou Dan. O nó em seu estômago dizia que era tudo culpa sua. A resposta para seu questionamento parecia ser a pior possível: pelo jeito, *tanto* ele como Oliver eram alvos.

– Não fala comigo. Não quero ouvir uma palavra sua, entendeu bem? – Jordan se desvencilhou dos braços de Dan, que sentiu seus ombros despencarem.

– Você não pode colocar a culpa por isso no Dan – Abby disse baixinho.

– Ah, não? Então por que eu estou fazendo justamente isso?

– Jordan...

– É melhor você torcer para que isso não tenha nada a ver com os seus novos amiguinhos idiotas – Jordan acrescentou com um sussurro furioso. – Ou esses artistas dos ossos vão ser fichinha perto do que eu vou fazer com você.

– Ele não está falando sério, Dan. – Abby se virou para ele com um meio-sorriso, que Dan não conseguiu retribuir.

– Estou, sim.

Revirando os olhos, Dan deixou seus amigos junto ao bloqueio da polícia, à espera do interrogatório oficial. Ele caminhou até um ponto vazio da calçada e se deixou desabar sobre o chão de cimento, escondendo a cabeça no meio dos joelhos. Mais uma vez em sua curta porém intensa amizade, Dan se perguntou se os dois não estavam prestes a cortar relações com ele.

As palavras de Jordan ecoavam como explosões em sua cabeça.

Ele queria levantar e sair andando, dar uma volta, para esperar que Jordan se acalmasse e percebesse que Dan nunca fez nada para prejudicá-los de propósito, apesar de isso sempre acabar acontecendo. O que foi que Jordan tinha falado sobre Sabrina e Oliver? Que eles eram legais, mas também encrenca certa? Isso não valia também para Dan?

Com um suspiro, ele apoiou o queixo no dorso da mão e ficou observando distraidamente a rua. As nuvens que pairavam sobre a cidade pareciam prestes a explodir, e a tensão provocada pela chuva iminente reverberava em suas costas. Sua atenção se voltou para a construção em frente à casa de Steve, para uma mancha de tinta branca. Algo pipocou em sua memória, uma imagem quase esquecida em meio à exaustão. Não havia uma pichação naquela parede quando eles chegaram?

Ficando de pé, ele deu uma olhada para o lado para ver se seus amigos ainda estavam na calçada, e em seguida atravessou a rua correndo para examinar a mancha branca deixada na parede de tijolos. Ele a tocou de leve, e seus dedos saíram sujos de um resíduo arenoso. Não era tinta, e sim uma espécie de pó de cal ou de giz. Ele se lembrou de que ali havia um crânio e uma frase em francês, mas não conseguia se recordar das palavras exatas. Dan estremeceu, pensando imediatamente no rosto de coelho que o observava pela janela.

– Dan! Dan, o que você está fazendo? A polícia quer falar com a gente! – Abby gritou do outro lado da rua, acenando freneticamente.

Ele balançou a cabeça e foi se afastando lentamente da parede, enfiando a mão no bolso para pegar o celular. Com um nó na garganta, escreveu uma mensagem de texto para Oliver.

– *Preciso que você verifique uma coisa para mim.* – Ele escreveu. – *Dá uma olhada para o outro lado da rua. O que você vê?*

✕✕✕✕✕

– A casa foi revirada, mas só levaram um *laptop*. Não pegaram joias, nem algum outro eletrônico, nem no computador de mesa mexeram. E o que tinha naquele *laptop*?

Dan sacudia compulsivamente a perna, sentado na sala de espera do hospital. Uma mão pousou em sua coxa para segurá-la. Ele estava balançando a fileira de assentos inteira. O rosto pálido e sério de Abby o encarou quando ele tentou desobedecê-la por um segundo. Depois disso, ele deixou sua perna relaxar.

– No que você está pensando? – Abby perguntou baixinho. Ainda havia um policial acompanhando os três, distraído com seu celular no canto da sala enquanto aguardavam notícias sobre a situação de Steve.

Jordan estava uma pilha de nervos, andando de um lado para o outro, amassando uma lata de refrigerante na mão. Dan conseguia ouvir o *rasp-rasp-rasp* do *piercing* em seu lábio sendo roçados pelos dentes em estalos secos e ásperos.

– Você sabe o que eu estou pensando. – Dan desviou os olhos do teto para o rosto aflito dela. – Levaram o *laptop* com os e-mails do Jordan para Maisie.

– Não estou entendendo mais nada. – Ela suspirou e esfregou os olhos, borrando a maquiagem e revelando que estava chorando. – O mais importante é que o Jordan vai sair dessa. Ele sabe que não é culpa sua, mas no momento precisa descontar a frustração em alguém, pôr a culpa em alguém. – Ela pôs a mão nas costas de Dan e acariciou seus ombros. – Dá um tempo para ele.

– É o que eu pretendo fazer. – Ele se concentrou no toque da mão dela, a única coisa que o impedia de arrancar os próprios cabelos. – E também pretendo conseguir algumas respostas.

– Não estou gostando nada disso – ela falou. – O que você está tramando?

– Pensa bem. Maisie Moore me entregou aqueles papéis, e em seguida foi atropelada e morta. Meus pais foram presos por se meter com as operações secretas de uma empresa, e depois também morreram em um acidente de trânsito. Agora, na mesma noite em que os Artistas dos Ossos tentam matar a gente na loja do Oliver, o tio Steve foi atacado. Não é só a gente que está tentando amarrar as pontas soltas, Abby. Para esses caras, as pontas soltas somos *nós*. – Ele endireitou as costas, observando Jordan caminhar de um lado para o outro sobre o piso de linóleo.

– Dan...

*Rasp-rasp-rasp.*

– Eu não vou fazer nada perigoso – ele falou.

– Então me promete isso, para eu ficar mais tranquila.

Dan se virou para olhá-la nos olhos, sentindo a mão dela ficando imóvel em suas costas. Ela era sempre maravilhosa, e senti-la assim tão próxima, tão compreensiva apesar de tanto sofrimento, tornou sua resposta ainda mais difícil.

– Eu prometo.

*Rasp-rasp-rasp.*

A porta do quarto de Steve se abriu, e uma enfermeira de aspecto cansado apareceu. Ela abriu um sorriso cauteloso para Jordan e fez um sinal para o interior do quarto. – Vocês já podem entrar, mas ele precisa de repouso.

Jordan foi correndo para lá, mas Abby ficou imóvel.

– Você vem? – ela perguntou.

– Só preciso fazer uma ligação antes. Quero contar para o Paul e a Sandy o que aconteceu.

Foi a segunda mentira que ele contou em menos de um minuto.

Capitula

30

*O instrumento espesso de metal raspava em seus dentes. O som que ecoava em sua cabeça era enlouquecedor, como o de um esmeril desbastando aço. Ele não conseguia fechar a boca nem mover a cabeça. Alguma coisa mantinha sua boca tão escancarada que ele sentia que sua mandíbula seria fraturada caso se movesse mais um centímetro. Indefeso. Aprisionado. Seus olhos se reviraram, e a tensão em sua cabeça se espalhou pelo restante do corpo prostrado. Ele sentiu um puxão, forte e determinado, e então o primeiro dente sendo arrancado, e em seguida o jorro de dor e sangue que se seguiu, enchendo sua boca com um gosto metálico.*

**U**ma lombada na rua o despertou do sonho. Durante quanto tempo ele poderia ter dormido em um trajeto tão curto? Devia estar mais cansado do que imaginava. A dor persistia, e ele segurou o queixo, passando a língua ansiosamente pelos dentes. Estavam todos lá. Mesmo assim, sua preocupação continuou.

Foi quando ele percebeu que o taxista o encarava.

– Hã, e então? Vai me dizer para onde ir agora ou está esperando que eu dê uma de adivinho?

Dan tirou o celular do bolso e abriu o GPS para descobrir sua localização.

– Certo. Desculpa. Vire na próxima à esquerda e siga mais três quarteirões pela Rampart. Fica logo à direita.

Ele esperou até que Jordan e Abby pegassem no sono no quarto de Steve no hospital. Os dois ficaram dormindo encolhidos nas cadeiras estreitas, e Dan aproveitou a chance para escapar enquanto era tempo, quando a manhã despontava em um céu roxo e alaranjado.

O táxi entrou no quarteirão adormecido, diminuindo a velocidade até frear de vez. Dan olhou pela janela e sentiu seu estômago revirar, quase desistindo da ideia que o levou até lá.

Oliver não respondeu sua mensagem na noite anterior, mas não havia como prever o que tinha acontecido depois que a polícia chegou. Provavelmente, ele e Sabrina passaram a madrugada toda limpando a bagunça na loja. Fosse como fosse, Dan estava decidido. Havia algo escondido naquela antiga funerária, e ele queria saber o que era.

– Obrigado – ele falou, entregando o dinheiro para o taxista. – Não precisa esperar.

Parado na calçada, um último impulso instintivo lhe dizia para contar para alguém, qualquer um, aonde tinha ido.

Ei, ele escreveu para Oliver. Afinal, ele era o único que tinha uma arma, e o único que não ficaria furioso ao receber aquela mensagem de Dan. Ele mandou o endereço de onde estava e uma frase dizendo que sabia muito bem quem era o responsável pelo ataque à loja, e que estava na base de operações deles naquele momento.

Dan olhou para um lado e para o outro na rua, em parte com medo de que algum lunático mascarado estivesse armando uma emboscada para ele, e em parte para tentar arrumar uma desculpa para não entrar ali.

A barra estava limpa.

Ele não tinha a mesma habilidade de Jordan para entrar despercebido nos lugares, mas tinha aprendido alguns truques com seu amigo. A porta na base da escada estava trancada, mas havia uma janela que parecia frágil, e dava acesso ao mesmo recinto. Dan foi até um caixote de frutas deixado em uma pilha de lixo no beco e arrancou uma tábuca, que posicionou na base da janela quando voltou. A princípio, a janela não cedeu, mas, depois de algumas pancadas, a tábuca se encaixou em uma fresta e, como ele esperava, a tranca

do lado de dentro estava solta e enferrujada. Com mais alguns golpes, a janela foi destravada, e ele conseguiu abri-la.

Dan olhou mais uma vez para os dois lados no beco. Um gato solitário o observava do alto do muro que separava a construção das demais, mas não parecia muito interessado no que ele estava fazendo. Dan enfiou a perna para dentro, derrubando a tela da janela com um chute. Ao fazer isso, porém, perdeu o equilíbrio e caiu com um grito de pânico no que parecia ser um cesto de toalhas velhas.

Ele saiu de lá imediatamente, rolando para fora do cesto e indo para o chão, agitando os braços com gestos frenéticos, levantando nuvens de poeira. A caixa gigantesca em que havia caído estava cheia de retalhos de veludo, que pareciam ser toalhas de mesa, provavelmente usados como decoração para caixões ou altares. Não havia nada de estranho nisso. Na verdade, nada na sala grande e aberta onde tinha ido parar parecia estranho. Ficava um pouco abaixo do nível da rua, e era decorada com lustres cheios de teias de aranha e revestimentos antiquados de madeira nas paredes. Dava para imaginar as centenas, talvez milhares, de famílias que passaram por ali ao longo dos anos para se despedir de seus entes queridos. As manchas escuras no piso indicavam onde ficaram os bancos para acomodar os presentes nos velórios, e o tapete que levava ao local onde ficavam os caixões ainda estava lá, apesar de gasto e precisando de uma boa limpeza.

As janelas encardidas deixavam passar apenas a luminosidade suficiente para que ele conseguisse se orientar pelo local. Ele entrou à direita, seguindo por um corredor estreito na direção dos fundos da construção. A outra saída dava para o *hall* de entrada, e parecia ser o caminho para a porta principal. Ele foi pisando leve, tomando cuidado com os rangidos das tábuas. O lugar estava abandonado fazia anos, a julgar pelas nuvens de poeira que ele levantava do chão e das paredes com sua passagem.

No final do corredor, havia uma porta à sua espera.

Dan parou para observar os armários de madeira que cobriam as paredes do chão ao teto. Uma escrivaninha imponente ocupava boa parte do escritório, com cadeiras acolchoadas abandonadas na mesma posição havia tempos. Ele se virou, sentindo seu coração disparar, congelar e então voltar a bater. Boquiaberto, ele se viu frente a frente outra vez com ninguém menos que seu pai.

Marcus, porém, não reparou em sua presença. Ele atravessou Dan como um suspiro, entrando com passos apressados no escritório. Dan se virou para observar, horrorizado, enquanto seu pai revirava gaveta após gaveta. No presente, as gavetas não se moviam, mas estava claro que Marcus procurava alguma coisa.

– Tem certeza de que é aqui mesmo, Evie? – ele perguntou, com sua voz de barítono afetada por uma estranha reverberação. Suas palavras ecoavam, como se estivessem viajando no tempo para chegar a Dan. – Me ajuda a procurar, droga! Nós não podemos demorar.

Em seguida ele se deteve, ficando de pé depois de se ajoelhar para vasculhar um armário, e se virou para alguém. Marcus abraçou o que deveria ser outro corpo, mas aos olhos de Dan era apenas o ar.

– Eu não queria gritar com você. É que... Essa história toda está me deixando uma pilha de nervos. Me diz que podemos ir embora. Me diz que vamos sumir dessa cidade quando você estiver satisfeita.

Seu pai se inclinou para beijar alguém, com um sorriso tristonho, e voltou a remexer nas gavetas dos armários. Dan se aproximou, querendo vê-lo mais de perto para confirmar se era mesmo seu pai. Nenhum sonho era capaz de produzir isso. Era a visão mais clara e nítida que ele já havia tido. Talvez porque fosse mais recente que a do Colégio Arlington, ou porque a ligação entre os dois se tornava mais forte naquela cidade. Dan não sabia explicar, mas continuou observando, com o peito apertado.

– Encontrou? Ah, graças a Deus. Me mostra... – Marcus se virou, se encaminhando para o outro lado do escritório. Dan viu seu pai estender a mão e puxar a maçaneta de um armário. – A etiqueta caiu, mas deve ser isso mesmo. Espera. O que foi isso? Você ouviu? Evie, nós precisamos ir. Vamos... Que droga, Evie! Deixe isso aí! Nós não temos tempo!

E Dan era capaz de jurar que seu pai – pouco mais que um vulto corpóreo de fumaça azul, mas ainda assim seu pai – se virou e o encarou bem nos olhos.

– Nós precisamos ir. Não temos mais tempo!

Assim como antes, ele desapareceu da mesma maneira abrupta como surgiu. Dan estremeceu, amedrontado pelo pensamento de que memórias como aquela poderiam ser evocadas só de entrar em um lugar em um determinado momento. Mas da outra vez seu pai havia mostrado algo – talvez dessa vez tivesse feito o mesmo.

Sua mão estremeceu quando ele abriu o último armário que Marcus vasculhou. Pastas de arquivo em ordem alfabética apareceram, envelhecidas mas ainda legíveis, balançando de leve quando ele passou a mão por cima delas. Dan começou a remexer nos arquivos, e parou quando se deparou com os nomes *ARMACHINE-ASPEN*.

Uma das pastas estava inclinada em um ângulo estranho, como se não tivesse sido colocada de volta no lugar depois que sua mãe tentou tirá-la. Como seu pai comentou, a etiqueta não estava lá, transformando-a em um objeto anônimo, a não ser pelo rabisco que alguém fez do lado de fora. Parecia um rosto sorridente meio deformado.

Dan olhou para a porta aberta para o corredor. Ainda estava sozinho. Ele pegou a pasta, tentando decidir se levava embora ou se lia ali mesmo. A curiosidade falou mais alto, e ele puxou as folhas de cima. Eram registro de funeral, de várias pessoas de sobrenome Ash. As primeiras eram nascidas nos anos 1960, e poderiam ser parentes próximos de sua mãe. Talvez irmãs, ou primas... Deus do céu. Todas elas morreram em um período de poucos anos, entre 1990 e 1995. O agente funerário havia feito anotações sobre as pessoas falecidas: *acidente automobilístico, acidente automobilístico, afogamento acidental, overdose de drogas...*

Apesar de serem fatos sugestivos, não explicavam muita coisa. E não *provavam* nada. Devia haver alguma coisa que ele não estava conseguindo enxergar. Dan continuou remexendo nos arquivos da família Ash em busca de anomalias, e quando isso não deu em nada passou a procurar por similaridades.

Foi quando ele se deu conta.

Nas mortes mais recentes, o agente funerário havia providenciado a remoção dos restos mortais sempre com o mesmo motorista.

Stanton Finnoway.

Um irmão? Um primo? Não importava.

– Eu sabia – murmurou Dan, dobrando apressadamente os papéis. – Aquele desgraçado.

O som de um único passo ecoou no corredor.

*Capitulo*

31

— *E* stá me xingando mesmo? Sério?

Por que Dan pensou que tinha mais tempo? Seu pai não o avisou antes de ir embora? O passo que ele ouviu no corredor foi de Tamsin. Finnoway já estava lá, logo atrás dele. Dan estava encurralado, e tinha certeza de que o vereador era capaz de levar a melhor sobre ele em uma briga.

Ele recuou para o armário, fechando-o com as costas.

— Algum motivo especial para você invadir a minha propriedade? — perguntou o vereador, desviando os olhos para os papéis dobrados na mão de Dan. — Ou só estava dando um passeio?

— Não tem nada que eu possa dizer que vai livrar minha cara, né? — Dan tentou analisar quais seriam as chances de conseguir uma fuga porta afora. Tamsin não era fisicamente forte, mas parecia ser do tipo que sabia manejar uma arma.

— Não, não tem mesmo. — Finnoway apontou com o queixo para os papéis antigos nas mãos de Dan. — Pelo jeito você pensa que encontrou alguma coisa importante. Isso é comovente. Estou até emocionado. Sabe por quê?

— Não, e nem quero saber — murmurou Dan. Ele pensou em dar a volta no cômodo para passar ao redor dos dois, mas isso demoraria muito. Talvez Oliver aparecesse para procurá-lo, mas parecia uma possibilidade distante. Ele não podia contar com ninguém além de si mesmo naquela maldita cidade.

— Estou comovido porque você estava *mesmo* prestes a descobrir alguma coisa — explicou Finnoway, fazendo um gesto para Tamsin se aproximar. Ele estava usando um sobretudo comprido, que parecia capaz de esconder várias armas. Sorrindo, ele estalou os dedos. Estava de luvas, Dan percebeu. Luvas de couro preto. — Estava bem perto. Ou não? A expressão no seu rosto foi uma coisa engraçada de se ver quando se virou agora há pouco. Estava maravilhado, e então... *apavorado*. As verdadeiras descobertas são assim.

Dan sentiu seu corpo gelar, e seu rosto ficar pálido.

— Tamsin, por favor.

Ela era mais rápida do que Dan poderia ter esperado, e deu um bote veloz como o de uma cobra, surgindo de trás de Finnoway com uma agulha miúda e reluzente. Antes que Dan tivesse a chance de reagir, sentiu a picada no pescoço.

Só houve tempo de se virar e ver os lábios pintados da assistente do vereador se curvando em um sorriso. Logo em seguida, o chão estava sob seu queixo, atingindo-o como em um soco bem dado. Ele não conseguia tirar os olhos dos sapatos dela. Tinham as pontas muito, muito finas...

— Uma descoberta interessante — ele ouviu Finnoway resmungar, sentindo as trevas pesadas e nauseantes recaindo sobre si. — Mas não o suficiente para zerar os débitos do garoto.

*Capitula*

32

Ele recuperou a consciência duas vezes. A primeira quando a comoção começou, com pancadas na porta que provocaram um sobressalto suficiente para ele abrir os olhos e ver, ainda que por um instante, as imagens borradas de uma parede branquíssima e de rostos indistinguíveis sob luzes poderosas. O ar tinha um cheiro forte de antisséptico e menta, evocando imagens de medos infantis.

– Não acredito que deixei isso passar. Mais um Ash. Deveria ter cuidado disso muito tempo atrás. Mas nunca é tarde demais para amarrar pontas soltas.

Então outro rosto apareceu, mais reluzente e maior que os outros. Olhar para ele era como encarar um vazio – não, uma esfera preta e brilhante como um céu noturno estrelado –, e em seguida o rosto se transformou em uma pessoa, que estava com a respiração pesada, e o carregava... Ruídos como os das profundezas do mar o cercavam, e uma voz masculina fez sua pele se arrepiar.

– Que diabo é isso? Quem é você? Segurem ele!

Uma náusea arrebatadora o fez dormir de novo.

Na segunda vez em que acordou, dois rostos conhecidos surgiram diante de seus olhos. Foi necessário um instante assustadoramente longo para ele conseguir discernir alguma coisa além disso, balançando a cabeça para a frente e para trás enquanto tentava se concentrar.

– Acho que ele está acordando. – Era a voz de Oliver, e trouxe uma familiaridade que fez Dan querer cair no choro. Ele estava salvo. Graças a Deus. Sua mão doía terrivelmente, mas pelo menos ele não estava mais nas garras de Finnoway.

Os olhos de Oliver apareceram nitidamente. Estava ajoelhado junto ao colchão em que Dan estava deitado. Oliver pôs a mão no ombro de Dan e o sacudiu de leve. Seus olhos estavam arregalados, esquadrinhando o rosto de Dan.

– Sei que ainda deve estar fraco, mas você precisa tentar se lembrar.

– Lembrar do quê? – grunhiu Dan. Argh. Sua garganta parecia ter acabado de expelir pedras. – Onde eu estou?

– No meu apartamento, em segurança. Vai ficar tudo bem, mas você precisa pôr a cabeça para funcionar. Ele deve ter dito alguma coisa. Com certeza. Nosso débito foi zerado? O *meu* débito foi zerado?

Dan se esforçou para tentar entender a pergunta. Suas lembranças estavam todas estilhaçadas, e por ora ele não era capaz de fazer nada além de piscar os olhos, confuso.

– Não estou entendendo... Oliver, você me salvou. Você... Sei lá o que aquele cretino teria feito comigo. Ele me drogou e então... Não lembro de muita coisa. Não lembro de *nada*.

– Não lembra? – Oliver se agachou, e então ficou de pé em um pulo e começou a andar de um lado para o outro. – Não, isso não está certo. Ele *precisava* ter dito. Isso deveria ter *bastado*. Você deveria ter bastado.

Como assim, bastado? Dan piscou os olhos turvos. Sua camiseta estava com um cheiro estranho de menta, como se ele tivesse acabado de sair do dentista. Só de seguir Oliver com os olhos, andando de um lado para o outro, Dan ficou zozzo de novo.

– Oliver... Do que você está falando?

Oliver deteve o passo e se virou para encará-lo, sacudindo as mãos e se ajoelhando ao seu lado de novo.

– Dan. Eu fiz merda.

Lembranças daquela manhã voltaram à sua mente. Imagens em marcha reversa. Ele sentiu a agulha espetando seu pescoço, e então o arrepio provocado pelo fantasma de seu pai o atravessando. O nome de um Finnoway nos documentos da funerária. Documentos que, com certeza, agora estavam desaparecidos.

*Uma descoberta interessante. Mas não o suficiente para zerar o débito.*

– Não estou entendendo. Você me salvou – murmurou Dan, se encolhendo na cama.

– Bem que eu queria que isso fosse verdade. – Claramente não era. Dan se afastou, duvidando que estivesse em segurança, como Oliver falou. Ele teria escapado de uma arapuca para cair em outra? – Mas só percebi como fui idiota quando você apareceu desmaiado na minha porta. Fiquei contente por você estar vivo. Não, mentira. Fiquei com medo. Mas agora estou contente.

Era como se Oliver estivesse falando em outro idioma, e a cabeça de Dan estivesse distante demais para captar o sentido das palavras.

– Espera aí... eu “apareci”?

– Pois é, algum bom samaritano fez o favor de deixar você na minha porta, apagado e enfaixado. Não foi exatamente uma entrega que eu estivesse esperando. – Oliver passou as duas mãos no rosto, esfregando a testa.

– Mas quem? – murmurou Dan. – Quem iria atrás de mim só para depois me largar aqui?

– Não sei quem foi, mas é alguém que merece a sua gratidão eterna, com certeza – disse Oliver. – A maioria das pessoas que cai na teia do Finnoway não sobrevive para contar a história.

– Como é que você sabe? – Dan rebateu com um grunhido. Ele ainda não tinha entendido o que Oliver quis dizer com “apagado e enfaixado”, mas pelo jeito seus amigos tinham razão sobre o dono do antiquário. – Enfaixado – ele sussurrou, tombando sobre os travesseiros.

– Pois é – Oliver disse baixinho, segurando com cuidado a mão de Dan e a erguendo para que ele pudesse ver. Estava com uma bandagem branca, limpa e apertada, com uma tala de metal na palma. Seus dedos rosados escapavam da extremidade do curativo, com exceção de um.

No lugar onde deveria estar seu dedo mindinho, havia um vazio. Ele ficou boquiaberto, sentindo o latejar de antes voltar e se espalhar até chegar ao seu cotovelo.

*Eles estão com os meus ossos.*

*Capitula*

33

— Foi *ele* quem arrancou.

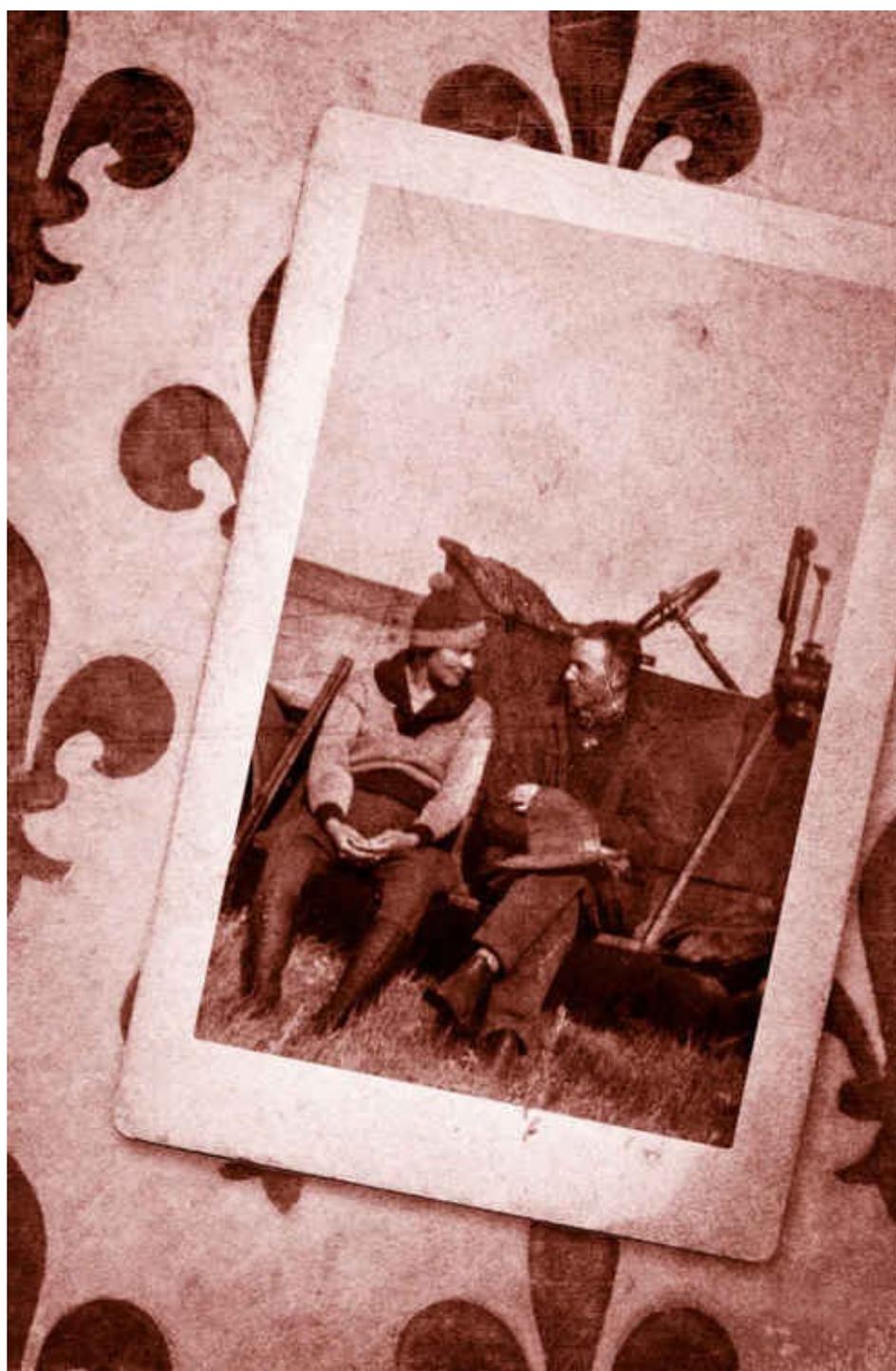
Oliver não respondeu e, se não estivesse tão fraco, Dan levantaria do colchão em um pulo para sacudi-lo.

O quarto acima da loja em que Oliver aparentemente morava era apertado e tinha o teto baixo, com apenas uma janela encardida que dava para o beco. As paredes estavam cobertas de prateleiras de livros, uma mais lotada que a outra. Do lado de fora, começava a chover, e as gotas de chuva atingiam a janela em um ritmo cada vez mais acelerado, impulsionadas pelo vento. Havia algumas lâmpadas penduradas no teto, e fotografias em preto e branco nas paredes que Dan não reconheceu. Familiares de Oliver, talvez. Algumas imagens pareciam antigas a ponto de ser da época da fundação da loja.

— Escuta só, Dan. Eu tenho umas coisas para falar que você não vai gostar de ouvir. Só espera eu terminar de explicar tudo antes de começar a me odiar, certo?

Dan estremeceu sob as cobertas. Ele não queria escutar. Precisava fazer isso, mas não queria. Não havia como aceitar o que enxergava quando olhava para sua mão, e as palavras de Oliver pelo menos o distraíam do fato de que mais cedo ou mais tarde teria que lidar com sua perda.

— Aqui está a caixa que você queria — disse Oliver, se acomodando em uma velha cadeira de madeira ao lado da cama. — Mas não é bem o que eu falei que era.



Oliver limpou a garganta e corrigiu sua postura. Aos seus pés, havia uma caixa de papelão manchada, rasgada e vazia.

Oliver tentou entregar a ele uma caneca de chá que estava no criado-mudo, mas Dan se recusou a pegar. Ele não queria mais nada de Oliver. Queria a caixa, obviamente, mas estava na cara que a história da caixa não passava de uma espécie de truque.

– Não tem nada aí – falou Dan, desviando os olhos da caixa para Oliver. – Está de palhaçada comigo?

– Tinha, *sim*, uma caixa, Dan, mas você precisa me deixar explicar.

– Ah, preciso? – Ele soltou uma risada seca e sarcástica, e revirou os olhos para o teto. – Acho que preciso mesmo, já que não sei nem se as minhas pernas ainda funcionam. Mas ainda funcionam, certo?

– Ele só arrancou o dedo.

– Por quê? Por que só isso?

Oliver o encarou com uma expressão impassível, umedecendo os lábios antes de responder: – Porque é só

disso que ele precisa. Tudo depende... Às vezes nós pegamos muito mais que só um dedo, mas sempre tem um motivo. Nós geralmente não sabemos o motivo, mas Finnoway sabe.

– Nós?

– Sim, nós, Dan. É isso que estou tentando contar. Eu acabei me envolvendo com os Artistas dos Ossos, como falei. Mas nunca parei de trabalhar para eles, na verdade. A história que eu contei para você... tem algumas coisas inventadas.

Dan encolheu os joelhos na direção do peito, usando o braço esquerdo para puxá-los. Ele precisaria poupar sua mão direita por um tempo. Só de olhar para ela seu estômago se revirava, e Dan percebeu que a sensação em seus membros só agora estava voltando, mas a dor já estava fortíssima.



– Estou anestesiado demais para dar uma porrada em você agora, então aproveita enquanto é tempo.  
– Não precisa dar porrada nenhuma – Oliver falou, erguendo os braços em sinal de rendição. – Nada do que você possa fazer vai me deixar pior do que já estou me sentindo.

– Bem que o Jordan me falou para não confiar em você. Cara, ele sacou qual era a sua desde o começo.

– Você ainda não entendeu. A questão aqui não sou eu. Ou pelo menos não só eu. É uma coisa de família. Começou com o meu avô, e os seus pais. Eles estavam marcados por se meterem com os Artistas dos Ossos, e esses caras não sossegam enquanto a questão não for resolvida. Tentei zerar meu débito fazendo uns servicinhos com o Micah e, quando quiseram que eu roubasse ossos, de verdade tentei parar. Mas o Finnoway não deixou.

Dan permaneceu em silêncio, torcendo para que, se aguentasse firme, aquele pesadelo iria acabar, e ele acordaria em uma cama quentinha na casa de Steve, diante de uma travessa de *beignets* e com dez dedos nas mãos.

– O que você deve para eles, exatamente?

Oliver apontou com o queixo para uma das fotos penduradas atrás de Dan.

– Está vendo essa estátua? Fica em um parque a mais ou menos seis quadras daqui. É o meu avô, Edmund Berkley. Ele foi comerciante, depois advogado, e depois um dos juízes mais justos de que se tem notícia. Era muito querido na cidade, e passou a ser ainda mais amado depois de dar um jeito em Jimmy Orsini e sua quadrilha de bandidos contrabandistas.

A menção àquele nome fez com que Dan despertasse ainda mais. Ele se ajeitou para sentar na cama.

– Meu avô estava do lado da justiça nessa disputa. Jimmy não passou o resto da vida na cadeia, como deveria. Ele morreu baleado depois de ser resgatado da prisão, e isso satisfaz a maioria do pessoal decente da cidade.

– Eu ouvi falar nessa história – disse Dan. Oliver levantou as sobrancelhas. – Abby está fazendo uma pesquisa dobre o Orsini para um trabalho de fotografia. Encontramos uma matéria de jornal sobre ele em Shreveport com aquele poema bizarro sobre o Artista dos Ossos escrito à mão.

Oliver suspirou e coçou o queixo, apontando outra vez para a estátua de seu avô.

– Não sei se ele sabia de tudo em que Jimmy estava metido. Jimmy já estava velho quando meu avô o mandou para a cadeia, mas ele foi um dos pioneiros. Porra, ele pode ter sido o Príncipe dos Ladrões de Corpos desse maldito poema. Enfim, ele não contrabandeava só bebida e drogas, mexia com ossos humanos também. Achava que eram mágicos.

Dan balançou a cabeça de leve.

– Foi isso que a Madame A's contou para o Jordan. Acho que você sabe mais sobre isso do que ela.

– Bem mais. Muito mais do que eu gostaria.

– Então, depois que o seu avô mandou o Orsini para a cadeia, o restante dos Artistas dos Ossos caiu matando em cima dele? – perguntou Dan. – Que diabos isso tem a ver com os meus pais?

– Os Artistas dos Ossos são como a máfia, um negócio de família. Eles dominavam o tráfico de drogas e bebidas por aqui na época, e vão continuar dominando para sempre. Não é só uma quadrilha de criminosos, eles são organizados e, como eu disse, não deixam nada barato. – Oliver remexeu embaixo da cadeira e pegou uma garrafa de rum pela metade. Ele deu um gole e limpou a boca com o dorso da mão. – Eles querem apagar minha família do mapa pelo que o meu avô fez, e querem fazer o mesmo com a sua por causa do que a sua mãe fez.

– Do que a minha... – Dan se interrompeu. *Claro.* O que Maisie Moore tinha falado sobre a Trax Corp em suas matérias? Uma rede de contrabando moderna. A mãe de Dan tinha descoberto uma empresa que fornecia drogas ilegais no Sul e na Nova Inglaterra durante anos. E também para o Brookline, quando o

diretor ainda estava por lá. Mas ela não tinha só interferido nos negócios de uma empresa corrupta. Ela arrumou inimizade com um culto secreto.

Dan ficou em silêncio por um momento. Sua cabeça estava confusa. Durante um ano, ele pensou que seu sangue fosse sua ruína — o legado dos Crawford havia sido passado para ele através do diretor e amaldiçoado sua vida. Agora, ele se dava conta que o mesmo valia para o ramo dos Ash de sua árvore genealógica.

— Então o seu pai... A Sabrina falou que ele foi morto por um motorista bêbado... — questionou Dan.

— Não sei como um bêbado conseguiria dirigir em segurança até a ponte e então, bum, resolver invadir a outra pista do nada. Foi uma colisão seguida de fuga. Fica difícil acusar quem quer que seja, sabe como é? O mesmo vale para um casal que cai de cima de um barranco com o carro da família — ele acrescentou com um olhar sombrio para Dan.

*Meus pais foram assassinados.* Apesar de já desconfiar disso antes, admitir esse fato terrível era uma coisa bem diferente. Era como aceitar que tinha perdido um dedo.

Mas a raiva logo foi substituída pelo desespero.

— Você *sabia* disso? Então eu era o que, a isca? — Ele ergueu a mão com a bandagem, praticamente esfregando-a na cara de Oliver. — Isso aconteceu por sua causa!

Sacudindo a cabeça de leve, Oliver afastou a mão de Dan.

— Quando o Micah me falou que você podia me ajudar, pensei que fosse por causa de alguma informação que eu podia usar para zerar meu débito. Ou pelo menos fazer uma barganha, como o próprio Micah fez. Encontrei sua barraca onde o Micah falou que ia estar, só que fiquei com a consciência pesada de arrastar você para essa história. Mas aí você apareceu na loja naquela primeira noite e falou que seu nome é Dan Crawford. Isso me fez lembrar de uma coisa. Eu tinha acabado de ver uma caixa no depósito com os nomes *CRAWFORD & ASH*. Naquela noite, fiquei curioso.

Oliver ficou de pé e pegou a garrafa de rum, virando-a de um lado para o outro e examinando o rótulo, que estava quase se desprendendo do vidro.

— Todos nós sabemos quais famílias estão na lista, quais débitos os Artistas dos Ossos ainda querem cobrar. A família Ash é uma delas. E, me desculpa, mas você tinha acabado de me falar que Micah estava morto e que não tinha nenhum interesse em me ajudar. Quando descobri que você era filho da Evelyn Ash, e que tinha uma caixa com coisas delas aqui, bom... Você era a minha última esperança de escapar. Agora não tenho mais nenhuma.

A vontade de Dan era de pular da cama e bater nele. Matá-lo, até. Porém, mal conseguia se mover, paralisado pelo peso do conhecimento de que tudo aquilo aconteceu — a morte de Maisie Moore, o atentado contra Steve, *o dedo perdido de Dan* — porque Oliver o entregou de bandeja.

— Você tem noção do quanto foi egoísta e cruel?

Oliver o encarou com os olhos arregalados e cheios de culpa. Ele olhou para o chão e depois para a mão enfaixada de Dan.

— Agora eu vejo isso. Pensei que valia a pena entregar um desconhecido para ter minha vida de volta. Mas você não é mais um desconhecido para mim. — Os olhos de Oliver se encheram de lágrimas, mas ele reprimiu o choro até assumir uma expressão vazia. — Enfim, mesmo depois de você, Finnoway não zerou meu débito, e agora sei que nunca vai fazer isso. Estou arrependido *demais*, Dan. Eu traí o Micah, traí a confiança do meu pai e traí você. Não tenho nada a oferecer além de uma promessa de tentar me redimir.

— Se redimir? — Dan não conseguia nem respirar. Oliver tinha tramado para usá-lo como moeda de

troca, e agora estava tentando pedir desculpas?

Dan se deitou de costas, olhando para o teto. *E você não teria feito a mesma coisa no verão passado, para se livrar da sombra do legado do diretor? Mesmo agora, você não entregaria qualquer um para se livrar desses pesadelos — o Brookline, os Scarlets e agora os Artistas dos Ossos?*

Ele teria. Tinha certeza de que sim. Mas com a escolha de Oliver ele jamais concordaria, apesar de começar a fazer certo sentido. Podia não ser justo nem certo, mas o que poderia ser mais importante? Um estranho ou a própria família? Era uma situação insuportável.

— O mais engraçado é que o Finnoway também tentou me avisar para não chegar perto de você. — A voz de Dan estava embargada, mas ele precisava dizer aquilo.

— E provavelmente estava sendo sincero. O cara é um monstro, mas como todo bandido tem seu código de ética. — Oliver também parecia abalado e exausto. — Ele não fazia ideia de quem você era antes de eu contar. E, hoje de manhã, quando você me escreveu dizendo que estava na funerária, eu passei a informação para ele.

— Bom, eu escapei dessa vivo. Já é alguma coisa. Eu posso seguir em frente.

— Tem mais uma coisa.

As palavras proféticas de Jordan voltaram à sua mente. *Sempre tem.*

— E posso saber o que é? — Dan não sabia o quanto ainda conseguiria suportar. Oliver já havia despejado um caminhão de informações perturbadoras em cima dele.

— Precisamos pegar seu dedo de volta. — O rosto de Oliver assumiu uma expressão sombria. Suas feições de menino se endureceram, e ele cerrou os dentes. — Se não virar um talismã, vai acabar virando outra coisa. Finnoway não dá ponto sem nó. Existe um motivo para ele ter pegado o que pegou.

Dan não conseguiu conter o riso sarcástico.

— *Conseguir de volta?* Como você pretende fazer isso? E, de qualquer forma, o estrago já está feito. Médico nenhum pode reimplantar meu dedo agora.

— Pensa bem, Dan. Pensa no Micah.

— Como assim, você acha que estão usando o esqueleto do Micah para mandar mensagens para a gente? E que agora podem usar meu dedo para, sei lá, fabricar uma luva assombrada? Esse negócio de talismã é pura lenda. Uma história para assustar criancinhas. O próprio Finnoway disse isso.

— Finnoway queria que você acreditasse em uma mentira, assim como eu. É assim que nós agimos. — Oliver soltou uma risadinha amarga ao dar mais um gole da garrafa. — Esse pessoal vem para cima de você de todas as maneiras possíveis. Eles não estão só com os seus ossos, têm sua impressão digital, seu sangue, seu DNA... Mesmo que o resto seja só lenda, a sua carne e seu sangue não são. Nunca vi um talismã sendo feito, não sou tão importante assim, mas eles *são* feitos e *funcionam*. Disso eu sei.

Dan suspirou, pensando na professora Reyes e sua obsessão pelo colar de Maudire. *Já vi coisas mais estranhas*, ele pensou, amargurado.

— Acho que sou obrigado a acreditar em você, apesar de *não querer* nem um pouco. — Ele apoiou a testa na palma da mão esquerda. — Então, como eu faço para conseguir o dedo de volta?

— Isso eu ainda não sei — murmurou Oliver, se virando de costas. — Mas é melhor que seja o quanto antes.

— Pois é. Mas antes preciso falar com duas pessoas que devem estar preocupadíssimas comigo.

*Capitula*

34

— A gente precisa contar isso para a polícia.

O lado bom era que Jordan estava falando com ele de novo, mas Dan desconfiava que era só por causa de seu dedo perdido. Antes de sair da casa de Oliver, ele tirou a bandagem e, com uma careta e um frio na barriga, descobriu que o ferimento estava desinfetado e costurado, um serviço profissional. Sem saber o que fazer, Dan pôs o curativo de volta, tomou algumas aspirinas para aliviar a dor latejante e tentou não pensar muito sobre sua perda. Na primeira olhada que deu para a mão mutilada de Dan, Jordan perdeu a vontade de brigar.

Tio Steve já estava recuperado, e sairia do hospital assim que alguém viesse tirar o acesso do soro de sua veia, com recomendações para fazer repouso e tomar analgésicos. Como o policial falou, não era nada sério, só alguns arranhões e um galo na parte de trás da cabeça. Dan ficou se perguntando se isso tinha a ver com o código de ética que, segundo Oliver, Finnoway seguia.

— E contar o que para a polícia, exatamente? — questionou Dan. As vozes das enfermeiras chamando os médicos se interpunham no meio da conversa deles de tempos em tempos. Dan jogou o chocolate que comprou na sala de espera em uma cadeira e suspirou. — Com certeza o Finnoway já deve ter se livrado de todas as provas de que eu estive naquela funerária. A não ser que ele saia por aí mostrando o meu dedo, acho que a gente não tem o que fazer.

Ele não tinha mencionado que precisava recuperar seu dedo, em parte porque eram palavras tão insanas que ficavam entaladas em sua garganta, e em parte porque isso só faria com que a situação parecesse ainda mais sem saída.

Abby o encarou silenciosamente da fileira de assentos em frente. Como todos eles, estava na cara que ela havia passado a noite toda em uma cadeira de sala de espera. Grande coisa. Se eles pareciam malucos, era porque estavam ficando mesmo.

— A gente pode não conseguir provar nada, mas avisar a polícia pode pelo menos fazer com que ele tenha mais cautela — ela disse por fim. Jordan se inclinou sobre a cadeira atrás dela, batendo o pé. — E, quem sabe, ele pode ter alguma condenação no passado de que a gente não saiba.

— O cara está concorrendo à reeleição para vereador, Abby. Os esqueletos que tem no armário devem estar muito bem escondidos — respondeu Dan, estremeando ao notar a expressão que acabou usando involuntariamente.

— Bom, ir embora não é uma opção! — Jordan bateu as mãos no encosto da cadeira de Abby, dando um susto nela. — Eu moro aqui agora, Dan. Sem chance que vou voltar para a casa dos meus pais. — Jordan se deu conta do que estava dizendo, e baixou o tom de voz. — E a gente também não pode ir embora e deixar você aqui.

Dan percebeu que a intenção de seu amigo era deixá-lo mais confiante, mas isso só o deixou ainda mais temeroso, se sentindo em uma situação sem saída.

— E se a gente conseguir provar que foi o Finnoway que fez isso com você, e que ele está envolvido com

esses criminosos...?

– Os Artistas dos Ossos – completou Dan. Sua mão começou a pulsar, e latejar, e ele estremeceu.

– É. E se a gente conseguir provar isso? – ela perguntou.

Dan evitou o olhar esperançoso de Abby, pegando o chocolate e mexendo na embalagem rasgada.

– Isso está rolando há anos, Abby. Gerações. Se o Finnoway for para a cadeia, alguém vai assumir o lugar dele.

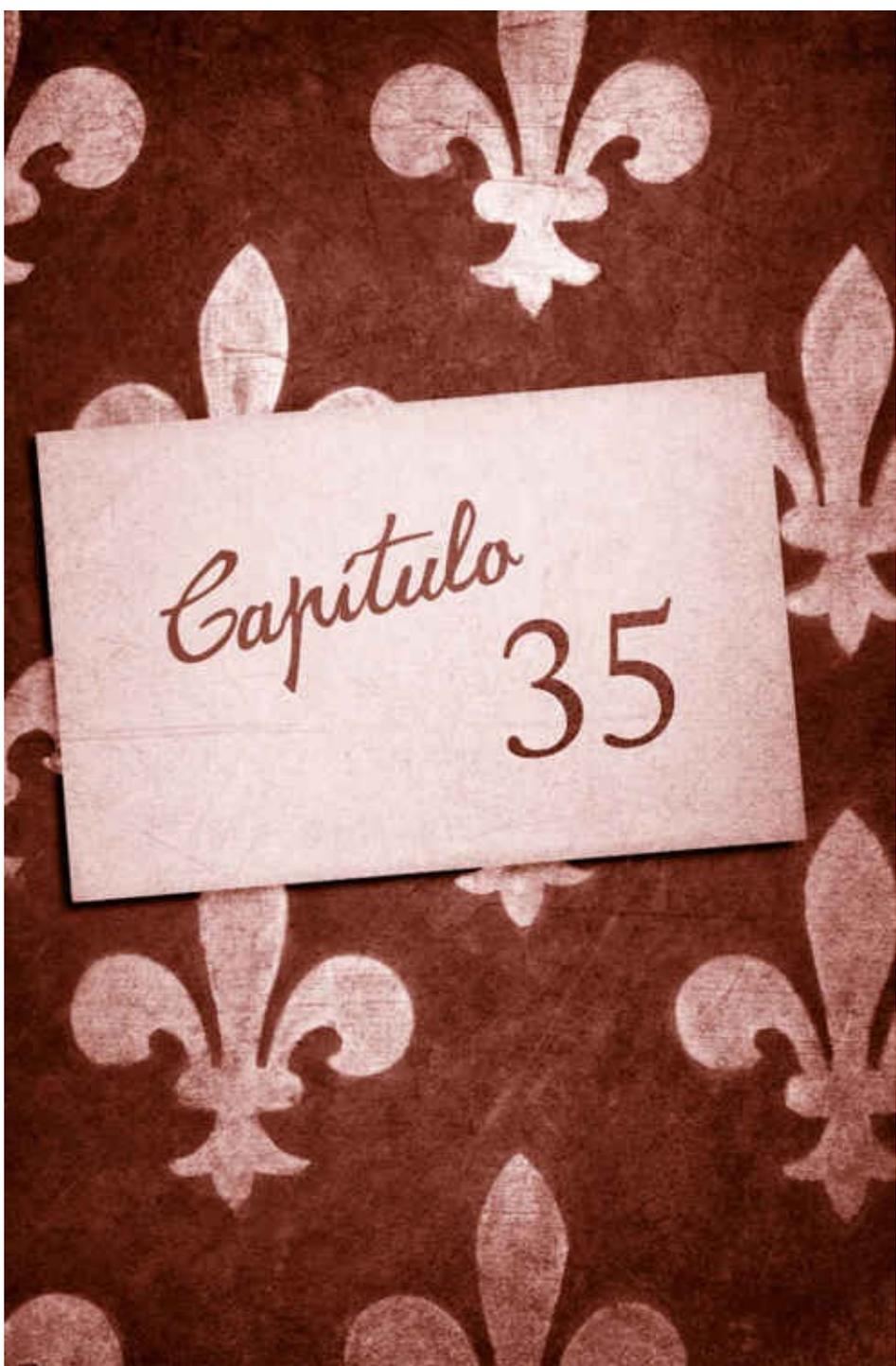
– Sem querer ser derrotista nem nada – murmurou Jordan.

– Mas é verdade.

Desolados, eles ficaram ouvindo a movimentação no hospital, e a voz da enfermeira tentando dar instruções no quarto ao lado para Steve, ainda atordoado pelos remédios. Oliver e Sabrina sugeriram esperar, tentando atrair Finnoway outra vez, mas dessa vez juntos, inclusive com Dan. Ele não fazia ideia se ainda ia conseguir confiar naqueles dois. Esse era o problema de desmascarar mentiras, era impossível voltar a acreditar nas pessoas responsáveis por elas. Dan olhou para Abby e Jordan, se perguntando como eles tinham conseguido manter aquela amizade, apesar de todos os segredos e mentiras dos últimos doze meses. Vendo a coisa por esse lado, talvez fizesse sentido confiar em Sabrina e Oliver.

Além disso, ele não podia se dar ao luxo de exigir muito. Precisava entrar em ação o quanto antes.

– Certo, a gente pode tentar conseguir algumas provas – Dan disse baixinho, fechando os olhos com força. – Mas por onde começar?



Capitulo

35

Não que se sentisse exatamente em casa, mas, depois de tudo o que aconteceu, Dan se considerava um privilegiado por estar de volta ao quarto de hóspedes da casa de Steve. O tio de Jordan estava dopado demais pelos remédios para perceber o esforço que Dan fazia para esconder sua mão direita. Steve estava devidamente instalado na sala de estar com seu Xbox, usando um robe de banho felpudo e pantufas. Eles passaram a noite anterior de olho nele, oferecendo suco ou coisas para comer e verificando se estava confortável.

A luz da manhã entrava pelas janelas e se projetava em quadrados largos no tapete. Abby e Jordan estavam sentados no chão do quarto de hóspedes, com cadernos abertos para anotar as informações que Dan passava enquanto lia os arquivos entregues por Maisie Moore. Dessa vez ele não omitiu a ligação entre a Trax Corp e o Brookline, e deixou seus amigos abismados ao contar tudo o que sabia. Pelo menos ele podia se orgulhar de que parte das operações dos Artistas dos Ossos tinha sido eliminada graças ao trabalho de seus pais.

Mas seus pais eram investigadores muito melhores que Dan e seus amigos. As informações de que dispunham eram intrincadas e circunstanciais demais. Ele estava se sentindo numericamente inferiorizado para a tarefa e, o que era pior, sem a capacidade intelectual de resolver a situação. Aquela pesquisa estava demorando demais, e enquanto isso Finnoway estava com seu dedo em algum lugar, sem dúvida já se movimentando para arruinar sua vida.

Dan fechou os olhos com força. *Você anda quieto demais, Micah, justo agora que preciso da sua ajuda. Eles ficaram com o seu corpo, não? O que eu faço? Como consigo recuperá-lo?*

– E se a gente puxasse o histórico do Finnoway? Com certeza tem alguma coisa na ficha dele – sugeriu Abby. – A gente pode procurar no computador do tio Steve. Ou eu posso pesquisar com o meu celular.

– Não! – Dan se levantou do futon para arrancar o telefone dela, mas não conseguiu fazer isso usando apenas a mão esquerda. – Vocês não entendem? Eles nunca esquecem, e nunca perdoam. Se você for pega tentando levantar o histórico dele, a coisa vai ficar pior, não melhor.

– Minha nossa, eu nem pensei nisso – comentou Jordan, arregalando os olhos na direção deles. – Sem querer ser egoísta nem nada, mas eu não quero virar alvo desses caras. E nem que a minha família vire.

Dan ficou em silêncio, preferindo não responder que era tarde demais para isso. Ele não sabia exatamente qual eram os critérios dos Artistas dos Ossos. Steve já tinha sido atacado. Teriam ele, Abby e Jordan sido acrescentados à lista de pessoas em débito que deveriam ser eliminadas?

E se fossem atrás de sua mãe e de seu pai? Os pais que o acolheram depois de Dan ser rejeitado por família após família no sistema de adoção? Dan não podia deixar que isso acontecesse. Paul e Sandy eram bons demais com ele. Não se preocuparam com seu passado. Sempre o trataram como alguém que estava recomeçando do zero.

– A questão é justamente essa – ele disse baixinho.

Abby tentou fazer contato visual com ele, mas Dan desviou o olhar e se virou para a janela.

– Qual é a questão, Dan?

– Os Artistas dos Ossos estão atrás de mim por causa daquilo que os *meus* pais biológicos fizeram. Vocês dois não estão envolvidos na história, e nem precisam. Podem continuar fora do radar deles. O Jordan vai precisar disso se quiser continuar morando aqui. – Dan sentiu que já tinha feito esse mesmo discurso antes, mas não conseguia se lembrar de quando exatamente. Foi quando ele se deu conta... Dan correu até a bolsa e remexeu lá dentro em busca de seus remédios. Pelo menos isso aqueles malditos não tinham roubado.

Ele engoliu a seco um comprimido. Em seguida saiu andando do quarto com passos apressados, apesar de saber que não era uma atitude das mais simpáticas. Ele parou no alto da escada, erguendo a mão para se segurar no corrimão, mas distraído por causa do turbilhão de pensamentos disputando a atenção de sua mente. Sua mão roçou no corrimão, e ele sentiu o ferimento latejar. Dan soltou um palavrão baixinho, puxando a mão de volta e a colocando junto ao peito.

Ele ouviu um passo no corredor, e em seguida a porta do quarto de hóspedes se fechou. Dan sentiu a presença de Abby às suas costas. A mão dela pousou em seu ombro, e ele estremeceu. Estava carregando todo o peso de uma crueldade *ancestral*. E isso não era justo, ele pensou. Em vários sentidos, Dan ainda era só um menino. Em quase todos os sentidos.

– Você acha mesmo que eles viriam atrás de mim e do Jordan?

Dan respirou fundo.

– Acho.

Os dedos dela ficaram tensos em seu ombro, e então uma coisa que não era medo tomou conta de seus pensamentos. Ele não queria perder Abby, nem naquele momento, nem no ano seguinte. Na verdade, queria passar mais tempo com ela.

– Mas você precisa da nossa ajuda, não? – ela questionou.

– Sinceramente, não sei. – Dan suspirou, e sentiu a mão dela se recolher um pouco. – Eu agradeço pelo que vocês estão tentando fazer, mas estou preocupado... Se acontecer alguma coisa com um de vocês, vou carregar esse peso pelo resto da vida.

*E isso acabaria comigo.* Ele sentia que a relação entre os três estava por um fio, submetida a um estresse muito maior do que eram capazes de suportar.

– Meus pais estavam só querendo fazer o que era certo – Dan acrescentou com um sussurro. – E olha só o que aconteceu com eles.

Ela foi se aproximando dele, e o abraçou por trás. Dan não ousou se mexer, com medo de provocar um sobressalto e estragar o momento. Era uma coisa que valia a pena preservar, ele pensou, independentemente de como fosse acabar.

– Não seria bom se a gente tivesse alguém para tomar a frente e resolver tudo, só para variar? – ele comentou.

Com um gesto súbito, ela o apertou com mais força.

– Dan... – Abby se afastou, e ele se virou relutantemente para ela. – E se a gente pudesse fazer isso?

– Como? Quer dizer, é uma coisa difícil de acreditar... Um vereador da cidade, um cara respeitado, chefe de uma quadrilha de bandidos ocultistas? Quem ia comprar essa ideia? – Ele sacudiu a cabeça e se encostou no corrimão.

Abby deu um apertão em seu braço.

– Não, isso não importa. A gente nem precisa mencionar as partes difíceis de acreditar. Todo mundo sabe onde ele trabalha, é verdade, mas a gente viu aqueles mascarados entrarem pela porta lateral de um prédio que é dele. E se os ossos estiverem escondidos lá? A gente pode, sei lá, fazer uma ligação anônima falando que viu um incêndio lá dentro, ou então que ouviu um tiro, não sei, só para eles *entrarem* e fazerem uma busca lá dentro. O nome do Finnoway não precisa ser citado e, se não der em nada, ele nunca vai saber que foi a gente.

Não era o plano mais genial que Dan já tinha ouvido, mas era melhor que vasculhar os arquivos em busca de provas, que até então nem haviam aparecido. Ele segurou o braço dela, contemplando a ideia de diferentes ângulos.

– Dan, se você quer que ele mantenha distância, acho que a melhor maneira é tentar colocá-lo na cadeia. Em algum lugar os ossos roubados dos túmulos precisam estar guardados, certo?

– E se não tiver nada lá? – questionou Dan. – E se a polícia não puder nem entrar no prédio? E aí?  
– Aí a gente vai embora. Sim, inclusive o Jordan – ela disse antes que Dan pudesse perguntar. O desespero em sua voz era perceptível. – Finnoway nunca fez nada contra você antes de a gente chegar à cidade. Talvez ele deixe para lá.

Dan soltou uma risadinha nervosa.

– Abby, ele não sabia que eu existia. Por que você acha que os meus pais me deram só o sobrenome Crawford? Eles não queriam que eu fosse associado ao nome Ash. Não que ser um Crawford ajude a me manter em segurança...

Era impossível não rir da ironia da situação. Sua mãe tinha tentado evitar que ele fosse caçado, mas no fim deu no mesmo. Os pais não podiam proteger os filhos para sempre.

Mas ele podia proteger Abby. Dan segurou a mão dela, se sentindo um tanto desconfortável por ter que usar o braço esquerdo para isso.

– Sei lá, Dan. Não consigo pensar em mais nada para sugerir.

– Abby, eu posso tentar qualquer coisa que você ache que vai funcionar – ele falou com sinceridade. – Só estou dizendo que, se não der certo, você e o Jordan precisam esquecer essa história. E precisam *me* esquecer. É de mim que Finnoway está atrás, e eu não quero colocar vocês em perigo.

– Se pelo menos a gente tivesse um plano B – comentou Abby, se virando e se apoiando no corrimão. – Deve existir *alguém* que se interesse por tudo o que a gente descobriu, mesmo que a cidade inteira tenha se deixado levar pela lãbia e a influência do vereador. Será que...?

Abby se interrompeu, e Dan viu sua boca se mover em silêncio enquanto ela pensava em alguma coisa.

– Se a gente conseguir plantar a ideia de que a morte de Maisie Moore não foi um acidente, talvez *alguém* se interesse – ela comentou. – Como os colegas dela no *Metairie Daily*.

– Colegas cujo trabalho é fazer esse tipo de conexão – acrescentou Dan, quase tropeçando nas palavras de tanta ansiedade.

– Colegas que podem ter interesse em descobrir a verdade – complementou Abby. Dan sentiu vontade de abraçá-la bem forte, mas ela já estava correndo pelo corredor na direção do quarto de hóspedes. – Eu ligo para lá!

Foi quando ele ouviu as batidas na porta da frente.

Capitula

36

Existem maneiras e maneiras de bater em uma porta, e Dan imediatamente soube que quem estava na frente da casa de Steve não pretendia fazer uma visita amistosa. A porta foi sacudida por um punho fechado uma vez, depois outra, e então uma voz ecoou escada acima, invadindo o *hall* de entrada.

– Polícia, abram a porta.

– Eles devem estar vindo investigar o arrombamento – Abby disse sem se preocupar, descendo a escada para abrir a porta. Dan ouviu que Steve estava jogando Xbox na sala de estar naquele momento.

Jordan apareceu no corredor, vestindo uma blusa.

– Que barulho foi esse?

– A polícia está aqui – Abby gritou por cima do ombro ao chegar à porta. De repente encontraram o seu *laptop*. Vamos torcer, certo?

– Não abre. – Dan se agarrou ao corrimão com sua mão boa. – Não... abre.

Seu estômago se revirou, apesar de estar vazio, a não ser por algumas mordidas de chocolate. Mas o mal-estar era só um prenúncio de que estava acontecendo alguma coisa *errada*.

– É a polícia, Dan, eu preciso atender – ela falou, franzindo a testa. Abby já estava abrindo a maçaneta, e Dan soube imediatamente que precisava se preparar para o pior.

O policial atrás da porta forçou sua abertura com o ombro, jogando-a para cima de Abby. Ele resmungou um pedido de desculpas nada sincero quando ela cambaleou para trás.

– Pois não – ela murmurou, se segurando na parede para se equilibrar. – Posso ajudar em alguma coisa? Você está aqui por causa do arrombamento?

– Sim – ele respondeu friamente, direcionando o olhar para o alto da escada. Quando notou a presença de Dan, um sorrisinho se insinuou em seus lábios. – Sim, estou. Você é Daniel Crawford?

Os cabelos da nuca de Dan se arrepiaram. Oliver tinha razão. Seu sangue, sua impressão digital, seu DNA... Ele havia escapado de Finnoway uma vez, mas o vereador não permitiria que isso acontecesse de novo. Dan deu uma espiada por cima do ombro, mas a única saída além da porta da frente era por uma escada de incêndio velha e em péssimo estado, e depois um pulo de mais de dois metros até o chão. Se ele fugisse, seria um caso de resistência à prisão. Dan não conseguia nem imaginar o que o policial poderia fazer com ele caso isso acontecesse.

Não seria perfeito? O final mais apropriado, o que Finnoway provavelmente mais queria?

– Eu sou Dan Crawford – ele disse, sentindo seu corpo anestesiado. Dan se virou e começou a descer a escada com gestos robóticos. A cooperação parecia a única opção viável. Deveria haver alguma forma de se livrar da acusação, fosse ela qual fosse, no estilo *CSI*. Caso seu sangue tenha sido plantado em algum lugar, não havia como provar que tinha sido espirrado, por exemplo, com uma seringa?

– Obrigado por facilitar as coisas – continuou o policial. Era um sujeito alto e forte, nada a ver com o estereótipo do oficial da lei gordo e preguiçoso. As pontas de cabelos ruivos e curtos se enrolavam por baixo do quepe. No crachá de metal pregado na farda, lia-se o nome *Conlen James*.

– É sempre melhor se você colaborar. – O policial fez um gesto para que Dan andasse mais rápido.

– Como assim? O que você está fazendo? – gritou Jordan, correndo até a escada. – Qual é a acusação?

Você não pode levar ele assim do nada.

– Daniel Crawford, você está preso pelo assassinato de Tamsin Pelicie. Você tem o direito de permanecer calado. Qualquer coisa que disser pode ser usada contra você no tribunal. – O policial James continuou falando, mas Dan não estava escutando. Seu corpo inteiro gelou logo na primeira frase, e nenhum outro som foi capaz de penetrar seu crânio durante todo o minuto seguinte. Ele estava oscilando, perdendo a consciência.

Assassinato? Ele? Impossível... Nem mesmo Finnoway seria capaz de fazer uma acusação tão hedionda contra ele.

*Mas isso pode pôr você na cadeia pelo resto da vida. Claro que ele faria isso.*

– Assassinato? – gritou Abby, sem fôlego. Ela foi até a porta, tentando deter o avanço do policial, mas ele a tirou do caminho com facilidade. – Como? Ele estava com a gente o tempo todo! Ele tem um álibi!

Dan desmoronou. Ela estava errada. Havia, *sim*, um intervalo de tempo no qual ele era incapaz de dizer onde estava. Nem mesmo Oliver e Sabrina sabiam como Dan tinha ido parar na porta da loja. Depois de fugir suspeitamente de seus amigos no hospital, ele não tinha álibi nenhum para aquela manhã inteira.

– Não demorou nada, hein? – Dan comentou, sarcástico, mas continuou caminhando na direção da porta. – Era sangue, certo? Meu sangue? O laboratório não costuma demorar um pouco mais para processar o sangue tirado da cena de um crime?

*CSI, não me decepcione.*

– Nem sempre – o policial James respondeu por entre os dentes cerrados. Ele agarrou Dan pelo ombro e o virou, direcionando-o bruscamente para a porta. – Nós levamos o assassinato muito a sério aqui na cidade, sabe.

– Como crime ou como hobby? – Era uma coisa bem idiota para se dizer, mas o policial se limitou a dar uma risadinha seca e cravar a mão em seu ombro.

– Eu não faria esse tipo de gracinha se fosse você.

Jordan os seguia de perto, fazendo uma careta para o policial. Ambos os seus amigos não saíram de seu lado enquanto ele era empurrado porta afora para os degraus da entrada.

– Para onde ele vai ser levado? – Jordan quis saber. – Dan, vou falar com o tio Steve, vamos arrumar um advogado. Vamos dar um jeito nisso!

Seus amigos estavam apavorados, tentando espiar por cima do ombro do policial para ver o rosto de Dan. A viatura estava parada com duas rodas na calçada, com as luzes girando em silêncio, lançando seu brilho vermelho e azul sobre as construções.

– Espero que os seus amiguinhos não interfiram – disse o policial. – Não quero ter que prender mais ninguém.

As lágrimas se acumularam em seus olhos, quentes e incômodas. Ainda era cedo demais. Ele precisava de mais tempo. Devia haver alguma saída para aquela situação, uma forma de provar sua inocência.

Dan estava tão atordoado que nem se abalou quando viu que a motocicleta estava lá, com seu ocupante vestindo couro preto dos pés à cabeça, observando tudo sob o capacete. Seria até mais estranho se a moto não estivesse lá, já que o ou a motociclista era sem dúvida um dos lacaios de Finnoway, que vigiava e relatava todos os seus passos. Dan abriu um sorriso amargo.

– Tira uma foto – ele falou. – Uma imagem vale mais que mil palavras.

Apesar de chegar atrasado, o medo o atingiu com toda a força. Se pelo menos houvesse uma filmagem, algum registro de câmeras de segurança, capaz de inocentá-lo... Mas Finnoway tomaria o cuidado de destruir isso também. *Se, se, se...* Ele ficou tenso, tentando se livrar do aperto cruel do policial em seu braço.

– Você não pode pegar só uma amostra ou coisa do tipo? Isso não basta? Eu assino a autorização.

Era idiotice, ele sabia. Seria melhor pedir para ver o mandado de prisão, contestar o procedimento, fazer alguma coisa...

*Eles estão com os meus ossos.*

– Ou uma impressão digital! Eu não posso fazer isso aqui mesmo? – Sua voz assumiu um tom agudo de menino assustado, e suas palavras saíram esganiçadas pelo pânico.

– Não.

O policial James abriu a porta da viatura para que ele entrasse. Odores acumulados vinham do banco traseiro do carro, uma mistura de cigarros, urina e suor. Dan sentiu uma mão forte empurrando sua cabeça, obrigando-o a se abaixar. Era como se estivesse entrando em uma masmorra da qual jamais sairia. Sua única esperança era a de que alguém na delegacia o escutasse, mas quem acreditaria na história maluca que tinha para contar?

– Não fala nada, Dan! Fica calado! A gente vai fazer alguma coisa! Vai conseguir ajuda! – Jordan gritou, correndo para a janela quando a porta foi fechada. O policial não pareceu incomodado com o fato de seus amigos estarem batendo na janela, acenando, tentando fazer um último contato do outro lado do vidro.

– Eu vou ligar lá! – Abby berrou, esmurrando a janela. – Eu vou ligar!

Dan ficou olhando para eles, com o corpo todo tremendo, as mãos paralisadas nas laterais do corpo. Ele sabia que sua voz chegaria ao outro lado do vidro abafada e difícil de ouvir quando disse uma única frase:

– Digam para o Oliver que eles me pegaram.



Capitula  
37

**D**an nunca tinha sido preso antes. Da última vez em que foi interrogado pela polícia, pelo menos seus pais estavam presentes. Agora estava sozinho, esperando em um cubículo com paredes descascadas. Chegava a ser engraçado o quanto aquele lugar tinha cara de pertencer à polícia, com seu espelho que permitia a observação de fora para dentro e sua mesa de metal sem nenhum objeto em cima. O ar-condicionado estava tão forte que ele conseguia sentir a superfície gelada da cadeira sob a calça jeans.

Ele se perguntou se Finnoway poderia estar do outro lado do espelho. Ele seria assim tão poderoso? Ou bastava simular uma invasão de propriedade e plantar o DNA de Dan em um pedaço de vidro quebrado ou em cima de um tapete? Era um plano engenhoso, na verdade. Quando tomaram seu sangue, eles passaram a dominar seu destino.

Dan pensou em Abby e Jordan na casa de Steve, em pânico, tentando em vão ajudá-lo a sair de uma situação que não poderia ter final feliz. Ele deveria ter contado sobre as suspeitas de Oliver, de que seu dedo não seria usado para magia negra, e sim para um ato de sabotagem. Mas o que seus amigos poderiam fazer a respeito? Fosse como fosse, Oliver e sua espingarda pareciam uma aposta mais certa.

A polícia tinha confiscado seu celular e sua carteira, deixando-o sem comunicação com o mundo exterior e com sua própria identidade. Ele poderia fazer uma ligação e contratar um advogado, mas por algum motivo achava difícil encontrar um que se interessasse de fato por sua história.

Não, se houvesse um julgamento, ele tinha a terrível sensação de que seria condenado por assassinato.

A luz dentro da sala sem janelas se apagou de repente. Dan estremeceu em meio ao frio intenso, olhando ao redor, tentando identificar as sombras que o pressionavam de todos os lados. Era uma técnica de tortura. Ali ele não seria tratado como um ser humano.

Seu ferimento estava doendo, o efeito da aspirina já tinha passado fazia tempo.

A porta da sala se abriu e se fechou, tão rapidamente que não houve tempo para ele se virar e ver quem tinha entrado antes que a escuridão voltasse a dominar o ambiente.

Uma lufada de ar frio fez todos os pelos de seu corpo se arrepiarem, e então um rosto surgiu do outro lado da mesa, emergindo das sombras como uma flor pálida e mortal. Ele nunca tinha reparado no quanto a cabeça de Finnoway – com seus cabelos ralos, sua mandíbula quadrada e seus zigomas salientes – se parecia com um crânio descarnado.

– Você – Dan falou baixinho.

– Em carne e osso. – Finnoway sorriu para ele, e as luzes se acenderam, mas só o suficiente para Dan ver as pontas de suas mãos. – Por falar nisso, ouvi dizer que você perdeu um pouco disso recentemente.

– Graças a você.

Finnoway se sentou na ponta da mesa retangular de metal. Seu terno era preto, e escondia sua silhueta em meio às sombras. Havia uma pasta enfiada debaixo de um de seus braços. Estalando a língua, ele apontou um dedo para Dan.

– Ora, ora, cuidado com as acusações infundadas, filho.

– Não me chame assim – grunhiu Dan.

– Mas é isso que você é – Finnoway disse em tom casual, abrindo a pasta e equilibrando sobre uma das coxas. – Você é aquilo que eu disser que é. Você é *quem* eu disser que é. Meu filho, meu sobrinho, meu entregador de jornal... – Ele jogou uma folha de papel na mesa na frente de Dan, colocando-a com o verso para cima. Dan virou a beirada do papel para poder ler o que estava escrito. Era uma certidão de nascimento. A dele.

– Onde foi que você conseguiu isso? – ele gaguejou, recolhendo a mão como se tivesse sido queimada.

– Vai ser um processo bem educativo para você. – Finnoway começou a remexer na pasta outra vez e sacou uma pilha de fotografias, que foi colocando uma por uma sobre a mesa. – Tem uma lixeira embaixo da mesa, caso você precise.

Dan logo entendeu por quê. As imagens, exibidas em ordem cronológica, fizeram seu estômago se revirar de pavor.

– Micah era um bom garoto. Era *fiel*. Oliver até tenta, mas é um fracasso previsível, considerando sua família idiota. Já você, quando Oliver me contou quem era, pensei que tivesse sido um golpe de sorte. Danny Ash – ele disse em um tom brincalhão, quase rindo –, a última ponta solta para ser aparada. Mas não é só isso, certo? Micah era um de nós, e você estava lá quando ele morreu. E ficou só olhando enquanto ele era *assassinado*.

A garganta de Dan parecia uma lixa. Ele não conseguia falar nem desviar os olhos das fotos alinhadas sobre a mesa.

– E agora você vem e mata a minha assistente, Daniel. Isso não foi nada legal da sua parte. – O sorriso no rosto de Finnoway persistia, assim como seu tom irônico. – Está vendo, aqui foi o lugar onde você a derrubou no chão. Tamsin era forte, só que você é mais, né? E aqui foi quando você arrancou alguns dentes dela com socos. Mas não ficou satisfeito, e ainda usou o alicate. Uma boca humana tem muitos dentes, muito mais do que você imagina. O processo de extrair todos os trinta e dois é bem longo e *doloroso*.

Dan estremeceu, e enfim virou o rosto. A última foto era intolerável, de uma boca aberta e vazia. Dava para sentir o chocalatinho do hospital se revirando em seu estômago. O sorriso dela era bonito e perfeito, e agora não restava mais nada.

Um farfalhar chamou a atenção de Dan, apesar de ele não querer mais olhar para aquelas fotos terríveis. Finnoway pegou um saquinho de veludo e virou de ponta-cabeça. Uma cascata de dentes brancos e brilhantes se espalhou pela mesa, rolando e quicando, caindo da mesa como uma chuva de contas.

– Ela resistiu bravamente, não foi? Era valente... Chegou inclusive a arrancar seu dedinho a dentadas.

O sorriso de Finnoway era tranquilo e contido, e ele fazia questão de enfatizar cada palavra, pregando Dan cada vez mais na cadeira. Não era possível, certo? Mas ele não tinha visto como seu dedo foi arrancado. Não fazia ideia de quem era o responsável por aquilo, nem que ferramenta usou...

Ele se dobrou sobre as pernas, apanhando a lixeira e despejando o conteúdo de seu estômago lá dentro.

– É possível obrigar uma pessoa a fazer qualquer coisa com a motivação certa – Finnoway acrescentou baixinho, afastando os dentes que haviam caído perto demais de sua calça caríssima.



Dan limpou o gosto azedo da boca, ficando aliviado quando Finnoway enfim começou a recolher as fotos, como se fossem cartas de um baralho, e as guardou de volta na pasta.

– O-o que você quer que eu faça? – Dan perguntou com a voz fraca. – Qual é a minha motivação?

– Quero que você apodreça na cadeia pelo resto da sua vidinha insignificante, por ser um *Ash* e, assim como sua mãe, ser inevitavelmente irritante e intrometido – Finnoway falou com um sorriso distante. – E você vai. Vai apodrecer na cadeia. Você toma remédios, certo? Para tratar um transtorno dissociativo moderado? Tem uns lapsos de memória de vez em quando, não? Esquece o que fez por minutos, até horas... É tempo de sobra para matar uma mocinha inocente e fugir.

Dan sacudiu a cabeça furiosamente. Não, aquilo não estava certo. Não poderia ser assim tão fácil. Ele não podia ser assim tão indefeso.

– Faz muito tempo que isso não acontece.

– Tem certeza?

Dan pensou naquela noite no Ninth Ward, quando apagou de sua mente o caminho de volta e só conseguia se lembrar de algumas partes do acontecido. E também pensou na manhã em que caiu no sono no táxi, se perguntando como isso poderia ter acontecido tão depressa. Não poderiam ter sido lapsos de memória?

– Está vendo? – acrescentou Finnoway, triunfante. – Você sempre teve isso... a vida inteira. E o júri não vai precisar ouvir nada além disso. O seu dedinho alojado na garganta da menina morta vai ser só a cereja do bolo.

Dan se sentiu sem chão. Derrotado. Estava pregado à cadeira, acossado por ondas de náusea e pavor que pareciam esmagá-lo uma após a outra. Ele sabia qual era o questionamento que precisava fazer, e foi em frente, apesar de isso não ter mais a menor importância. Ele ficaria marcado como um assassino – nos registros públicos, nos arquivos, nas fotografias. Esse seria seu legado. A obra de sua vida.

– Você matou os meus pais – ele disse baixinho. Com tristeza.

– Eles mergulharam do alto de um penhasco dentro de um Cadillac – o Artífice respondeu, encolhendo os ombros. – A maioria de nós não consegue sobreviver a isso.

– Mas  *você*  conseguiu – murmurou Dan, trêmulo de raiva. Caso não se acalmasse imediatamente, ia acabar pulando em cima da mesa e massacrando Finnoway, assim como o vereador alegava que ele havia feito com sua assistente. Já que era para ser condenado, que fosse por alguma coisa merecida. – Foi você que levou os dois até lá.

– E isso é uma coisa que você jamais vai conseguir provar.

Ele se sentiu tentado a jogar sua cartada, dizer para Finnoway que Abby estava em contato com os colegas de Maisie para tentar barganhar alguma coisa. Mas isso seria um erro. Dan não queria Finnoway na cola dos dois. Abby e Jordan precisavam de mais tempo para conseguir ajuda. Até isso acontecer, o pessoal de Finnoway tinha que ficar bem longe deles.

Dan olhou para os dentes espalhados e fechou os olhos. Ele na verdade tinha com o que barganhar. Ainda havia uma tentativa desesperada a fazer.

– O que é mais interessante para você, que eu fique apodrecendo na cadeia ou que vire um talismã poderoso? O sangue de uma pessoa é uma coisa importante para vocês, não? É o legado dela que determina o talismã, certo? Sorte atrai mais sorte, e poder atrai mais poder. Quer dizer, isso se essas coisas funcionarem mesmo.

– Claro que funcionam – retrucou Finnoway, franzindo o nariz aquilino para Dan. – O que você sabe sobre isso?

– Não sei nada sobre isso – mentiu Dan. – Mas conheço bem a minha árvore genealógica. E a minha árvore genealógica não tem só a família Ash, tem a família Crawford também. Vá em frente, pode pesquisar. Procure saber quem é o diretor Daniel Crawford. O cara fazia todo tipo de experiências. Sabia muito bem como passar um legado adiante. Aposto que os ossos dele dariam um talismã irado. E eu sei onde eles estão.

– É um joguinho interessante, esse que você está propondo, mas eu não vou cair nessa.

Dan deu de ombros, na esperança de parecer mais confiante do que de fato estava. Seu estômago se revirou, ameaçando expelir outro jato de vômito.

– Azar o seu.

O Artífice o rodeou, observando-o em silêncio, como um abutre. Em seguida, parou ao lado da cadeira

e, sob a luz fraca do recinto, Dan conseguiu ver o brilho da tela de um celular refletido na mesa de metal. Finnoway estava lendo.

– Humm. – Houve um silêncio carregado de tensão. – Interessante. Mais interessante que um Ash, com certeza.

– E o que isso significa? – questionou Dan. – Você ainda quer que eu apodreça na cadeia?

A risada sinistra de Finnoway ecoou pelas paredes, e dentro da cabeça de Dan.

– Ah, você ainda vai apodrecer, Daniel, mas, agora que eu sei que seu sangue tem poder, vai apodrecer aos pedaços.

*Capitula*

38

— *A* sua mulher sabe que você é perturbado assim? — perguntou Dan, se remexendo de leve no banco do passageiro do carro de Finnoway.

Ele tinha sido algemado e, com a ajuda do policial James — que no fim das contas não tinha prova nenhuma para prender Dan —, levado por um longo e estreito corredor até a porta dos fundos da delegacia. Eles o empurraram às pressas para o estacionamento, talvez com medo de chamar muita atenção. Isso dava a Dan, pelo menos, uma esperança. Ele se sentiu tentado a gritar por ajuda, mas o policial James estava armado, e também havia outras duas assistentes de Finnoway à sua espera. Eram duas moças jovens, bem vestidas e distintas como Tamsin, mas Dan notou o volume sob suas roupas. Não seria fácil escapar de três pessoas armadas.

As duas mulheres se acomodaram no banco traseiro do Rolls-Royce preto, observando silenciosamente Dan e Finnoway nos assentos dianteiros. Dan, por sua vez, parecia mais interessado na aliança que viu na mão esquerda de Finnoway. Ele ficou se perguntando que tipo de mulher se casaria com o vereador.

Finnoway apoiou uma das mãos preguiçosamente no volante enquanto dirigia, soltando uma risada sarcástica ao ouvir o questionamento de Dan. Suas abotoaduras brilharam sob o sol da tarde, pequenos molares de prata.

— Estou surpreso com você, Dan. Pensei que a sua geração fosse mais avançada. Você acha que, só porque é uma mulher e uma mãe, ela é alguma espécie de santa imaculada?

— Ela se casou com você — Dan respondeu, desolado. — Então imagino que deva ser um pesadelo também.

— Se eu fosse obrigado a responder, diria que Briony é a pessoa mais sádica da relação — disse Finnoway, em um comentário sereno, com um sorriso distante e afetuoso. Argh. Dan não queria nem imaginar de que momento ele estaria se lembrando. — Sinto muito dizer, mas você provavelmente não vai conhecê-la. Ela quase nunca aparece na Catacumba a essa hora do dia. A pequena Jessy tem aula de *tae kwon do*.

Minha nossa. Eles faziam a família Bender parecer um comercial de margarina.

— Ela anda de moto, por acaso? — Dan perguntou, amargurado. Era só o que faltava, que a figura oculta que os seguia na motocicleta fosse a esposa psicopata de Finnoway.

— Não que eu saiba. Por quê?

Dan se encostou na janela, sentindo fraqueza de tanto tempo sem comer e uma sensação persistente de ansiedade que o deixava ainda mais dolorido e frágil.

— Por nada.

Sua mão doía, mas ele não queria dar a Finnoway a satisfação de demonstrar isso. Dan cerrou os dentes, tentando ignorar o latejar e a queimação.

As ruas que percorriam aos poucos foram parecendo mais familiares, pois Dan já tinha passado por lá duas vezes — a primeira enquanto perseguia os vândalos mascarados, a segunda quando voltou à agência funerária. Ele não precisava de ajuda de ninguém para guiá-lo, mas as assistentes do Artífice fizeram isso mesmo assim. Estavam indo para a porta do porão, Dan tinha certeza. Ele percebeu a presença da marca

grossa de um único pneu enquanto caminhavam pela calçada.

A porta principal do primeiro pavimento estava bloqueada pelas fitas da polícia. Deve ter sido o lugar onde Finnoway montou sua suposta cena do crime. Dan fez uma careta e desviou o olhar, lembrando-se das fotografias horrorosas. Ele nem quis saber se Finnoway tinha tomado o cuidado de tornar a situação o menos dolorosa possível para Tamsin. Sua vontade de saber dos detalhes era zero. E, afinal, a versão de Finnoway dos fatos era a única que faria diferença no fim das contas.

A mão de Dan começou a latejar. Ele não queria nem pensar em como seria o dia em que tiraria de vez a bandagem e precisasse encarar a amputação o tempo todo.

*Por favor, Deus, que quando eu olhar mais de perto não veja marcas de dentes.*

Antes de passarem pela porta, Dan viu a mesma motocicleta preta de sempre parada mais adiante no quarteirão, logo após a área de demarcação da polícia. Mais atrás, a parede dos fundos do edifício de escritórios do outro lado da rua tinha sido pichada com o mesmo tipo de pó de cal usado na frente da casa de Steve. Mas, em vez da frase em francês, eram símbolos desconhecidos para Dan.

– O que isso significa? – ele perguntou em tom casual. Finnoway não parecia nem um pouco interessado em nada que o fizesse perder tempo, agora que tinha Dan totalmente sob seu controle.

O relógio de Finnoway reluziu quando ele apontou para um dos símbolos, um círculo atravessado por uma barra diagonal.

– Esse aí significa que estamos ficando sem papel higiênico.

– Quê? Sério? – Dan tropeçou no chão irregular. Logo em seguida, já estavam do lado de dentro, e ele deteve o passo, tentando ganhar tempo.

– Não, não é sério. Continue andando, você está me deixando entediado.

Em vez de tomarem a direção que Dan seguiu na última vez, Finnoway os conduziu para a esquerda no corredor. Eles passaram por uma série de salas indistintas antes de parar diante de uma porta de aparência antiga sob uma arcada. Finnoway bateu três vezes, e Dan ouviu o som da chave destrancando ruidosamente a fechadura por dentro, produzindo uma série de estalos de trancas e trincos antes de a porta se abrir. Uma lufada de ar carregado e viciado os atingiu, úmida e sufocante.

– Pelo jeito vocês nunca ouviram falar em aromatizadores de ambiente, né? – Dan foi empurrado sem cerimônia para um corredor frio e escuro. Uma figura com máscara de cachorro estava lá para recebê-los. Era impossível determinar se a pessoa sob a máscara estava surpresa ou não em ver Dan.

– Que bom que você deixou a melancolia de lado – comentou Finnoway, se colocando ao lado de Dan. Ele era mais alto que Dan, porém, e precisava baixar a cabeça para caminhar pelo túnel. – Mas você não vai me irritar, Daniel, apesar dessas tentativas de ser engraçadinho serem uma coisa que eu não esperava. Foi pateticamente fácil eliminar os seus pais. Fico contente que você tenha interesse em tornar as coisas mais divertidas.

A porta se fechou atrás deles, deixando-os momentaneamente às escuras. Quando a visão de Dan se ajustou, ele viu que estavam em um túnel feito de tijolos. Não havia nada de particularmente sinistro ali, a não ser a presença de Finnoway ao seu lado, que o deixava em um constante estado de alerta.

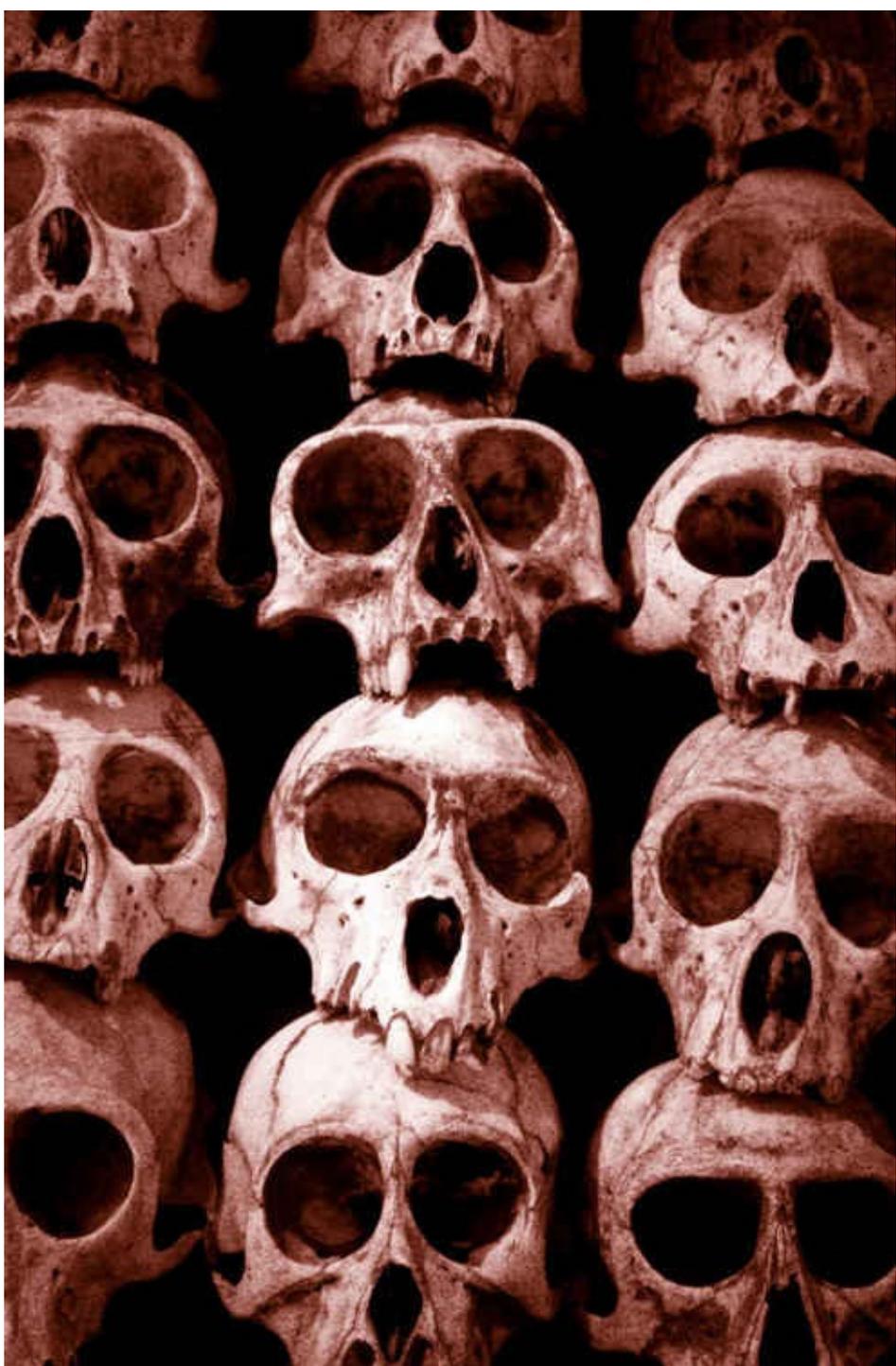
Por fim, as paredes ao seu redor se alargaram. Mesmo assim, Dan caminhava encolhido, se sentindo observado por todos os lados pelos Artistas dos Ossos e suas máscaras rústicas de animais.

– Por que eles usam essas coisas? – perguntou Dan, desviando os olhos daqueles que o observavam, virando a cabeça para acompanhar seu avanço.

– O Mardi Gras sempre foi a época mais fácil para fazermos nosso trabalho – Finnoway explicou secamente. – A tradição se manteve.

À medida que avançavam, o ar foi se tornando mais úmido e rançoso, apesar de mais frio. O cheiro de terra molhada e de húmus fazia seu nariz coçar. Dan não tinha ideia de como Finnoway conseguia se deslocar tão tranquilamente em meio à escuridão, mas o aperto em seu braço era constante, e ele começou a pegar o jeito de começar a medir cada passo antes de dar o seguinte.

Por fim, chegaram ao fim do túnel, onde se depararam com mais uma porta, iluminada de ambos os lados por tochas que lançavam sua luz bruxuleante sobre paredes irregulares e deterioradas. Dan preferiria que as tochas não estivessem lá. Graças a sua claridade, ele conseguiu dar uma boa olhada nas paredes ao redor, onde havia, cimentados nas paredes e no teto, centenas e centenas de crânios brancos com dentes escancarados.



Capitula

39

**E**stavam só os dois no corredor de ossos, mas mesmo assim Dan não ofereceu resistência. Para onde poderia ir? Depois de correr aos tropeções pelo túnel, acabaria caindo nos braços de trinta e tantos capangas ansiosos para cair matando em cima dele.

Dan jamais deveria ter mencionado o diretor para Finnoway. Era melhor tentar a sorte no tribunal, ou mesmo passar o resto da vida na cadeia. Quando ele aprenderia que as coisas sempre podiam ficar piores?

Seus passos foram ficando arrastados. A situação era cada vez mais desesperadora. Pôr um pé na frente do outro parecia exigir esforço demais.

– Você está fraco. Vamos providenciar água e comida – disse Finnoway, arrastando Dan pelo corredor.

– Eu não quero nada de você.

– Você vai fazer o que eu mandar.

Dan sacudiu a cabeça, acompanhando seus passos largos.

– Eu sei o que acontece com quem come alguma coisa no mundo dos mortos. Quem faz isso não pode ir embora.

Finnoway abriu um sorriso sinistro.

– Eu estava pensando em João e Maria, mas isso é melhor. Vou usar daqui para a frente.

Do outro lado da porta, havia um espaço fechado enorme, repleto de refletores e andaimes. O túnel deveria dar acesso a um outro edifício. Parecia uma escavação arqueológica, com prateleiras presas às paredes externas e caixotes espalhados pelo chão, junto com algumas tábuas dos andaimes. Alguns caixotes eram preenchidos com palha, outros com bolinhas de espuma. Dan sentiu um cheiro forte de terra no ar.

Havia uma enorme faixa de tecido pendurada no meio do teto, de um branco encardido e pintada com letras pretas.

#### ESTAS ERAM AS REGRAS ESTABELECIDAS DESDE O INÍCIO:

Primeira, o Artista deveria escolher um Objeto importante para o falecido.

Segunda, o Artista não deveria sentir culpa nem remorso pela apropriação.

Terceira, e mais importante, o Objeto não teria nenhum poder até entrar em contato com o sangue. E, quanto mais inocente fosse o sangue, mais poderoso o resultado.

Dan ficou se perguntando se aquilo era de fato um código de conduta ou só mais uma bobagem inventada para deixar as pessoas com medo até da *possibilidade* de que os Artistas dos Ossos existissem. Essa possibilidade, no entanto, estava mais do que comprovada agora e, a julgar pelo número de crânios que Dan viu no caminho até lá, não se tratava de uma falsa ameaça.

As prateleiras estavam lotadas de baldes, cada um com um nome anotado em letras pretas garrafais. Dan passou os olhos por eles. A maioria era desconhecida, mas ele reconheceu alguns.

CRAWFORD, M.

BERKLEY, E.

*BERKLEY, R.*

*BONHEUR, M.*

Ele não conseguia tirar os olhos do recipiente marcado com o nome de seu pai. Suas forças se esvaíram do corpo, e sua vontade de resistir cedeu.

Havia um recipiente com o nome *BERKLEY, O.* ainda no chão, aberto e vazio. Dan se deu conta de que precisava avisar Oliver que ele era o próximo, mas era uma ideia ridícula. Ele jamais sairia vivo dali.

Dan teria um recipiente para ele também, e partes de seu corpo seriam transformadas e vendidas. Suas malditas relações sanguíneas continuariam transformando a vida de outras pessoas em um inferno.

Talvez Dan conseguisse avisar Oliver depois de morto, assim como Micah fez com ele.

Mas Dan ainda não estava morto, como sua mão o lembrou com uma pontada de dor sob a bandagem. Havia mais ou menos uma dúzia de Artistas dos Ossos lá também, circulando pelo depósito, com o rosto descoberto e as máscaras presas aos cintos. Não havia nenhuma uniformidade aparente que Dan pudesse detectar. Alguns eram jovens, outros velhos, e todos os gêneros e todas as raças estavam representados.

– Pegue alguma coisa para ele comer – disse Finnoway, estalando os dedos, e um homem balançou a cabeça e foi até um recinto vizinho. Havia passagens arqueadas espalhadas em diferentes direções, mas era impossível determinar ao que davam acesso.

– Então é aqui que vocês fazem os talismãs ou é só o lugar onde arrumam tudo para a expedição? – questionou Dan, percorrendo o enorme depósito. Finnoway não tentou impedi-lo de circular por perto das paredes externas. Pareceu quase satisfeito ao notar a expressão impressionada no rosto de Dan.

– Eu prefiro não dar uma explicação em detalhes do processo – ele respondeu. – Seria uma perda de tempo, já que daqui a pouco você vai estar morto.

Dan engoliu em seco.

– E se eu tivesse uma coisa que fosse mais valiosa para você? Alguma coisa que pudesse oferecer?

– Essa conversa não vai funcionar de novo – disse Finnoway. – Você já fez sua barganha. Quanto mais você tenta esse truque, menos efeito ele faz.

Dan parou ao lado de uma das mesas bagunçadas, onde estavam diversas caixas de papelão abertas, revelando etiquetas em ordem alfabéticas. Dentro delas havia pastas bem parecidas com as que Dan encontrou na agência funerária. Na verdade, poderiam ser até as mesmas pastas, transportadas em pilhas. Dan localizou a que parecia ser da família Ash. Estava bem no topo, com o rabisco idiota feito à caneta na capa.

Sentindo que não havia muito a perder, Dan abriu a pasta com a mão esquerda.



*Capitula*

40

*Q*mediatamente, ele ouviu o eco dos passos de Finnoway atrás de si, mas o outro não fez nada para detê-lo ou interrompê-lo.

A pasta continha muito mais que os registros funerários que Dan encontrou no outro dia. Havia anotações e mapas, além de cópias das reportagens que Maisie Moore lhe entregou. Ele descobriu até mesmo uma transcrição de um testemunho do que parecia ser o julgamento que decretou o fechamento da Trax Corp, em 1995. O discurso final do advogado de defesa dizia:

*Essas acusações são absurdas. A Trax Corp e Jacob Finnoway são inocentes. Isso são apenas os delírios de uma ecologista fanática, que no momento enfrenta acusações de resistência à prisão e invasão de propriedade, e por isso não pôde comparecer aqui como testemunha. Não existe nenhuma evidência concreta de que essa "rede clandestina" de distribuição de drogas algum dia tenha existido. Só o que temos são os relatos conspiratórios de uma jornalista que se recusa a revelar suas fontes.*

Havia algo de estranho naquela declaração, mas Dan não conseguiu determinar exatamente o que era. Em seu subconsciente, alguma coisa parecia não fazer sentido ali. – Quem é Jacob? Algum nome falso seu?

– Meu irmão – Finnoway respondeu em tom casual. – A bruxa da sua mãe arruinou a vida dele.

Dan ia deixando os papéis caírem de suas mãos, sem se preocupar com a desorganização que estava causando em cima da mesa. Centenas de fotos haviam sido tiradas de seus pais, obviamente à distância, com lentes objetivas, sem que eles se dessem conta.

– E eu não lamento nem um pouco.

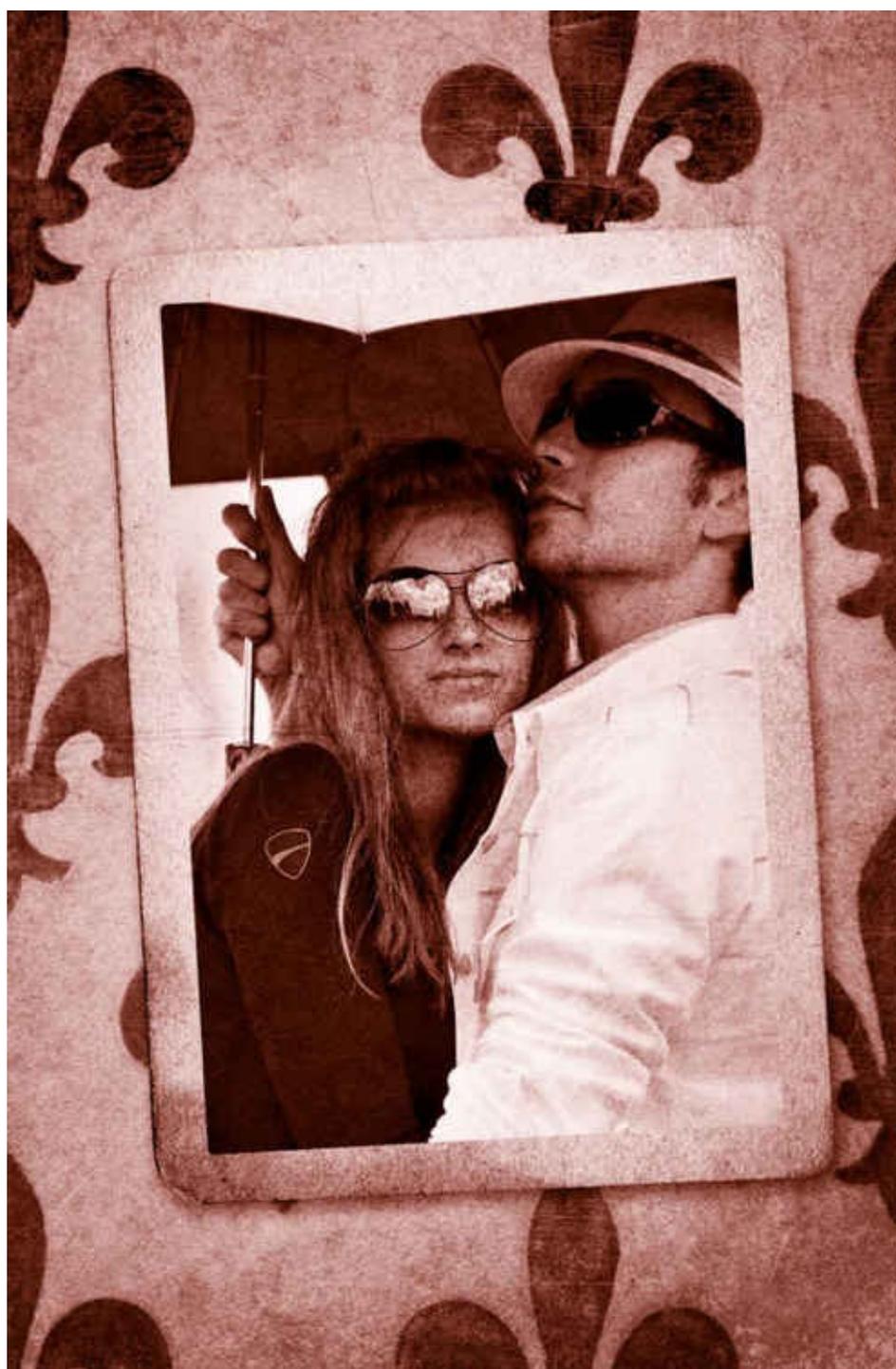
Sua mãe tinha descoberto a ligação entre a Trax Corp e o Brookline, apesar de ser tarde demais para impedir os experimentos do diretor. Se ela soubesse que a Trax Corp era só uma fachada, poderia ainda estar viva. Obviamente, Dan constatou com tristeza, ele também acabou investigando a mesma história e, apesar de estar pagando o preço por não aprender com os próprios erros, pelo menos havia um legado do qual poderia se orgulhar. Só por isso, já valia a pena ter descoberto a verdade.

– Qual é a graça? – questionou Finnoway, chegando mais perto.

– Você não entenderia – murmurou Dan. Ele observou atentamente o Artífice. Finnoway parecia ter tanta certeza de seu triunfo que Dan ficou ainda mais motivado a encontrar uma maneira de enganá-lo.

Soltando um suspiro de derrota, Dan se voltou para a pasta. Ele pegou uma foto de seus pais protegidos sob um guarda-chuva. A cidade mais atrás era um borrão cinzento e marrom. Era impossível identificar o local, mas o rosto dos dois estava em foco. Evelyn estava abraçada ao marido, com a cabeça aninhada sob seu queixo. Finnoway começou a tagarelar de novo, dando ordens para o Artista dos Ossos que voltou com a comida, mas Dan não estava prestando atenção. Estava concentrado em um pequeno emblema costurado na jaqueta de sua mãe, um logotipo vermelho e branco.

*DUCATI.*



Seu coração foi parar na garganta. Ele foi andando até o outro lado do depósito, ignorando o sanduíche e o refrigerante deixados para ele em uma mesinha dobrável no centro do recinto. Finnoway o observava com os braços cruzados, e sorriu quando Dan passou ao seu lado, adivinhando para onde ele estava indo.

– Quer que eu tire da prateleira? Você pode se despedir pessoalmente do seu pai.

Dan fez o possível para não demonstrar o quanto aquilo o machucou. – Meu pai... Só o meu pai. Por que não tem um balde para a minha mãe?

O sorriso convencido desapareceu do rosto de Finnoway. Logo em seguida ele se recompôs, mas Dan percebeu. Finnoway descruzou os braços e enfiou as mãos nos bolsos.

– O carro deles caiu em um rio. O corpo dela foi levado pela correnteza.

– Então você não tem os ossos dela – alfinetou Dan, voltando para a mesinha dobrável. Ele se sentou no banquinho junto à mesa e se forçou a dar uma mordida no sanduíche. Era preciso recobrar as forças, porque em pouco tempo ele iria usá-las. Enquanto mastigava e engolia, Dan abriu a lata de refrigerante,

cruzou as pernas e jogou sua última cartada.

– Você não tem um balde para a minha mãe – ele falou com toda a firmeza – porque ela ainda está viva.

*Capitula*

41

 Dan esperou que Finnoway terminasse sua gargalhada incrédula antes de acrescentar baixinho:

– Quero fazer uma barganha. De novo.

– Com o quê? O que você tem a oferecer que eu poderia querer?

Os Artistas dos Ossos que circulavam pelo depósito foram parando o que estavam fazendo para voltar suas atenções para Finnoway e Dan. Um deles largou a pequena furadeira e limpou o pó de osso das mãos enluvadas para se virar e escutar.

Dan deu mais uma mordida no sanduíche e tomou um gole de refrigerante para ajudar a comida a descer.

– Ela ainda está viva – ele repetiu –, e eu sei onde encontrá-la.

Ele tinha se dado conta do que havia de errado com a transcrição do tribunal. Maisie Moore falou que seus pais morreram uma semana depois do julgamento que decretou o fechamento da Trax Corp. Foi o mesmo ano em que o *Whistle* acabou, 1995. Mas Dan só nasceu em 1996.

E havia a motocicleta. E a jaqueta da Ducati. A pessoa que os seguiu durante a viagem não estava tirando fotos para Finnoway. Era Evie, ele tinha certeza. Dan não podia provar para Finnoway que de fato a viu. Mas, se pudesse – se conseguisse jogar sua cartada e trocar seu débito pelo dela –, isso significaria que sua mãe, uma fugitiva dos Artistas dos Ossos por tantos anos, enfim seria pega.

Valia a pena arriscar. Ela o abandonou muito tempo antes. Na verdade, estaria quitando dois débitos de uma só vez. Não era o caso de dizer que ela *merecia*, mas talvez fosse necessário algum tipo de compensação por deixar o filho entregue a famílias adotivas durante tantos anos. Ele tinha dado sorte com Paul e Sandy, claro, mas só depois de passar tempo demais se sentindo indesejado. E, se Paul e Sandy não o tivessem aceitado, bom... ela o teria condenado a uma vida muito mais difícil e solitária. Enfim, sua mãe parecia ser do tipo que sabia se cuidar. Finnoway poderia nem conseguir pôr as mãos nelas, dado o seu talento para a fuga constante.

Seu talento para desaparecer.

– Ela está seguindo meus amigos e a mim há vários dias. Apareceu pelo menos umas quatro vezes. Inclusive hoje.

Isso tirou o sorriso do rosto de Finnoway de uma vez por todas. Ele deu três passos ameaçadores na direção de Dan, encarando-o de cima para baixo com uma expressão fria em suas feições bem desenhadas.

– E como isso configura uma barganha?

Engolir se mostrou um desafio difícil, principalmente porque Dan sabia que não ia gostar do que precisaria dizer em seguida. Quando jogasse sua cartada, colocaria a vida dela em risco também.

– Se eu mostrar onde encontrá-la, você vai ter que prometer parar de me caçar. Vai me livrar dessa acusação ridícula de assassinato, e vai deixar meus amigos em paz também.

Dan viu que o Artífice estava considerando suas opções, mordendo a bochecha dentro da boca, esquadrinhando o rosto de Dan com seus olhos verdes reluzentes em busca da verdade.

– Você está blefando – Finnoway disse por fim.

– Se ela estivesse morta, já teria chegado às suas mãos – respondeu Dan. – Ela está tentando fazer contato comigo. Só me dei conta disso agora.

O depósito ficou em silêncio absoluto. Ninguém se mexia nem dizia nada, e a mão de Dan latejava de dor. Era possível ouvir o *ping-pong* de uma torneira à distância, marcando a passagem do tempo enquanto Finnoway se decidia.

– Onde ela está?

Dan terminou seu sanduíche, soltando um suspiro trêmulo. Sua aposta havia se mostrado correta – sua mãe era um prêmio mais cobiçado que o sangue do diretor. Dan era descendente dela, claro, mas não tinha arruinado pessoalmente os negócios da família nem a vida de Jacob Finnoway, e pelo jeito o desejo de vingança falava mais alto que um DNA valioso.

– Me conte agora mesmo! – Finnoway berrou na cara de Dan, fazendo sua fachada ruir por um instante antes de se recompor de novo, corrigindo a postura e ajeitando a gravata. – Muito bem, Daniel, estamos negociando. Faça sua proposta, então.

Tempo. Ele tinha conseguido um pouco mais de tempo. Não sabia o quanto ia lhe custar, mas poderia se preocupar com isso mais tarde. Se sobrevivesse.

Ele não sabia se podia confiar que Oliver, seus amigos ou sua mãe teoricamente ainda viva seriam capazes de salvá-lo, mas estava desesperado, e suas chances no nível da rua eram maiores que ali embaixo. E ele *acreditava* no plano de Abby. Em todo caso, mesmo que não sobrevivesse, uma nova leva de jornalistas tentaria desmascarar os Artistas dos Ossos.

– Me leva de volta lá para cima. Quero ver meus amigos e avisar que estou bem, depois levo você até ela. Não precisa nem tirar as algemas. Eu não vou fugir.

Finnoway se inclinou para a frente e aproximou o rosto do seu.

– Talvez eu tenha subestimado você. Está mesmo disposto a entregar sua própria mãe?

Dan fez que sim com a cabeça, em um gesto lento, se esforçando para fazer seu queixo parar de tremer.

– Ela me abandonou. Durante esse tempo todo, fiquei sem saber se estava morta ou se simplesmente não me queria. Mas agora isso não faz mais diferença. Eu escolhi ficar com os meus verdadeiros pais, e com os meus amigos também. Escolhi ficar com a família que eu mesmo formei. Escolhi ficar com a minha vida.

*Capitula*

42

**D**an nunca tinha ficado tão aliviado por ver a luz do sol.

Eram apenas alguns raios de sol se infiltrando pelas frestas da última porta antes de chegar à rua, mas bastavam para enchê-lo de esperança. Porém, mesmo que sobrevivesse, ainda havia um pequeno detalhe a resolver: uma acusação de assassinato com uma pilha de provas contra ele.

Mas, por ora, o que importava era que estava vivo. E, depois de tudo por que passaram, ele acreditava do fundo de seu coração que seus amigos não iam abandoná-lo à própria sorte.

O beco úmido e malcheiroso chegava a ser bem-vindo depois de passar tanto tempo no ar estagnado da Catacumba dos Artistas dos Ossos. Dan olhou para a Rampart Street, onde estava estacionado o Rolls-Royce de Finnoway, já ligado e à espera. Dan olhou desesperadamente na outra direção, porém a motocicleta não estava mais lá. Era preciso seguir improvisando.

As duas assistentes estavam paradas ao lado do carro, prontas para entrar em ação caso Dan fugisse de Finnoway.

– Se você estiver mentindo – Finnoway murmurou em seu ouvido, pressionando com força as suas costas –, vou deixar você acordado enquanto arranco seus ossos um por um, a começar pelos seus outros dedos.

Dan ficou todo tenso.

Finnoway deu uma risadinha e empurrou Dan na direção da porta traseira do carro.

– Talvez eu deixe isso para Briony fazer.

O carro bloqueava a entrada do beco e, se Dan não entrasse logo, as assistentes provavelmente o obrigariam a fazer isso. As moças não pareciam ser do tipo que pensariam duas vezes antes de usar as armas cujo contorno se delineava claramente sob suas roupas. Ele observou a calçada do outro lado do carro, olhando para dentro do café que tinha visto na outra noite, torcendo para que alguém, qualquer um, notasse que havia alguma coisa estranha acontecendo ali.

*Vamos, por favor... Por favor, alguém tem de aparecer.*

Mas não havia ninguém. Ele sentiu suas pernas ficarem bambas enquanto tentava pensar em uma maneira de sair daquela situação.

– Dan!

Seu coração disparou, e seus pés detiveram imediatamente os passos na calçada. Quando virou a cabeça, ele viu Abby e Jordancorrendo na direção do Rolls-Royce do outro lado da rua. Uma buzina tocou, e eles deram um passo atrás, escapando por pouco do para-choque de uma caminhonete que vinha em alta velocidade pela rua. Dan sentiu quando Finnoway o segurou pelas algemas, e logo em seguida um cano frio e redondo foi encostado na parte inferior de sua coluna.

– Diga para eles darem meia-volta ou eu atiro. A arma tem silenciador, e seu corpo vai estar dentro do carro antes que qualquer um perceba o que está acontecendo – avisou Finnoway, com uma das mãos no ombro de Dan e a outra pressionando o revólver contra suas costas.

Dan abriu a boca para gritar com um de seus amigos, mas um estouro e um estalo ressoaram no ar, alto o

suficiente para se sobrepor aos ruídos da cidade. Uma bala se cravou nos tijolos da construção imediatamente à esquerda deles. Dan tentou identificar de onde vinha o som, desviando os olhos de Jordan e Abby para o teto do café. A silhueta de um jovem se revelou contra o céu nublado. Oliver e sua espingarda. Então ele estava mesmo disposto a cumprir a promessa que fez. Seus amigos tinham vindo todos em seu socorro.

Dan não viu Sabrina, mas ficou com a sensação de que ela estava em algum outro lugar, talvez escondida, e armada com o taco de beisebol.

*Vamos todos para a cadeia*, ele pensou, imaginando loucamente que os carros de polícia chegariam a qualquer momento por causa do tiro. A agência funerária já devia estar sendo vigiada mais de perto por causa da simulação de arrombamento. Dan sacudiu a cabeça, tentando fazer um sinal para Oliver parar antes que Finnoway acabasse com sua vida ali mesmo.

– Voltem, voltem! – ele gritou para seus amigos, ficando paralisado quando ouviu Finnoway engatilhar a arma encostada em suas costas. – Não cheguem mais perto! E digam para o Oliver parar de atirar!

No café do outro lado da rua, um burburinho teve início. Dan viu os rostos assustados observando tudo do outro lado do vidro, e alguns clientes já estavam sacando os celulares e chamando a atenção uns dos outros.

Jordan e Abby pararam no meio da rua, e então pareceram entender o perigo que Dan estava correndo e voltaram para a calçada. Havia apenas uma rua separando os três, mas eles não poderiam estar mais distantes. Dan ficou imóvel, indefeso. Se a polícia não chegasse *naquele momento*, ele provavelmente não sairia daquela situação com vida.

Se era para alguém morrer, que fosse ele. Dan havia sido sincero com Finnoway na Catacumba. Jordan e Abby eram como uma família para ele, e a ligação era ainda mais forte, por ser uma relação por escolha própria. Se ele morresse naquele momento, todos os clientes do café veriam que o responsável era Finnoway, e não haveria como encobrir aquele assassinato.

– Entre no carro – rugiu Finnoway, pressionando a arma com força contra as costas de Dan.

Ele foi se movendo lentamente, vendo uma sombra aparecer ao lado de Oliver no alto da construção, e então uma silhueta tomar forma. Mesmo do local onde estava no chão, Dan conseguiu reconhecer a forma tosca e assustadora de alguém com uma máscara de coelho.

– Não! – gritou Dan. – Oliver! – Ele se virou para ver o máximo possível do rosto de Finnoway. – Você disse que não ia machucar ninguém! Eu falei para você deixar meus amigos em paz.

Uma gota de suor brotou no rosto do Artífice, demolindo sua fachada de tranquilidade. Ele soltou uma risada áspera e bateu outra vez com o cano da arma em Dan.

– Era mentira.

*Capitula*

43

Dan nunca tinha visto alguém cair daquela maneira — devagar a princípio, mas depois ganhando velocidade e despencando no chão tão depressa que quase não houve tempo de piscar entre a queda e o impacto.

Alguém gritou, uma voz feminina, e Dan perdeu a sensação nos braços e nas costas. Ele sabia que a arma estava lá, pronta para disparar, e também que Oliver tinha desabado de uma altura de três andares. Dan ouviu o grito e o baque do corpo de Oliver atingindo o chão, porém nada mais parecia real ou importante naquele momento.

Ele jogou seu peso para trás, com força, baixando a cabeça e atingindo Finnoway em cheio no peito. Algo estalou sob seu crânio. Não um de seus ossos, mas o esterno de Finnoway. Dan ouviu o *clique-claque* da arma rolando pela calçada. Houve mais um grito, e ele sentiu o suor de Finnoway sob sua pele enquanto continuava pressionando seu corpo sem parar.

A dor explodiu em suas costas, de novo e de novo, mas ele não estava sentindo nada e ignorou os golpes, se inclinando para trás e se arremessando contra o Artífice mais uma vez. Dan estava cego, enlouquecido, mas talvez fosse exatamente disso que necessitasse no momento.

Dan caiu por cima de Finnoway, primeiro no capô do carro, depois no chão. Os golpes em suas costas tinham cessado, mas a dor começou voltar. Ele estava ajoelhado, ainda engalfinhado com Finnoway, que se debatia às suas costas, tentando tirá-lo de cima dele. Dan não estava se sentindo muito forte, mas estava desesperado, e a gritaria e o tremor de seus batimentos cardíacos disparados nos ouvidos só aumentavam essa sensação. Ele tentou esmagar Finnoway contra o chão. Não havia mais nenhum plano, nenhum impulso racional, somente um desejo incontrolável de arrebentar o crânio do desgraçado contra o pavimento. Ele conseguiu apoiar o joelho no estômago do homem, e seu suspiro de susto atingiu os ouvidos de Dan no mesmo momento que o grito de Abby.

Um motor rugia furiosamente não muito distante dali.

— Dan! Cuidado, Dan! *Sai daí!*

Dan desviou o olhar da camisa amarrotada e suja de Finnoway para ver o farol de uma motocicleta vindo em alta velocidade em sua direção. Era preta. Tudo ao redor ficou escuro. Aquele único farol se aproximava em meio ao que parecia ser o negrume profundo da noite.

Finnoway aproveitou a chance para puxar Dan para o chão. Levando o braço para trás do corpo, ele sacou uma faca, e seu rosto se entregou a uma expressão de raiva contida por anos.

Ele se moveu para atacar, mas Dan rolou com força para a esquerda, na direção da calçada onde estavam Abby e Jordan. Ele ainda estava rolando para o lado quando ouviu o som dos pneus se chocando contra carne e ossos, e o grito coletivo de susto de todos os que estavam na rua naquele momento.

Dan não quis se virar para ver o que restou de Finnoway. Não era uma visão que ele queria marcada em sua mente. A dor voltou com tudo nesse momento, e seu corpo inteiro se contorceu em um espasmo por causa dos golpes que sofreu. Abby e Jordan o levantaram do meio-fio e o colocaram ajoelhado, mantendo-

o equilibrado apenas pelo tempo necessário para que ele sorrisse para a pessoa que pilotava a moto, que fugiu em meio a uma nuvem de fumaça.

– Dan? Está me ouvindo? Dan? – Abby o sacudiu com força, mas ele estava perdendo a consciência.

– Dan? Chamem uma ambulância. Dan! Por favor, alguém ajuda a gente...

*Capitula*

44

Uma mão pequena e delicada apertou a sua, trazendo-a de volta à vida. Dan piscou uma vez, duas vezes, permitindo que a luz branca e azulada do hospital ajudasse sua visão a reajustar o foco pouco a pouco. Sua cabeça caiu para a direita, apoiada no travesseiro divinamente macio, e ele deu de cara com Abby, encostada na cama do hospital com a mão sobre a sua. Sua mão direita. As bandagens estavam menos volumosas e, engolindo em seco, ele viu mais claramente o contorno de sua mão com um dedo a menos.

– Eu ainda vou para a cadeia? – ele perguntou, ofegante.

A pergunta arrancou gargalhadas de alívio do trio reunido no quarto. Steve estava no pé da cama, sem o robe de banho e as pantufas e já com uma aparência mais saudável, a não ser por alguns hematomas quase curados.

– Finnoway estava brandindo uma arma no meio da rua feito um lunático, enquanto um de seus capangas arremessava um jovem do alto de um prédio. Isso não é uma coisa que dê para encobrir com algumas propinas – falou Steve, dando uma piscadinha. – Mas acho que você já sabia disso, não?

– Era o que eu desconfiava – murmurou Dan. – Mas a moto foi uma bela ajuda.

– Atropelamento e fuga – Jordan comentou, sacudindo a cabeça, incrédulo. – Não sabia que isso podia ser um golpe de *sorte*, mas acho que foi o que aconteceu.

– Como vocês sabiam onde me encontrar? – perguntou Dan. – Pensei que vocês fossem estar na delegacia.

– Foi por causa do *Metairie Daily*, acredite se quiser – Abby falou. – Quando liguei para lá, toda apavorada, pensaram que eu fosse só uma maluca. Mas, logo em seguida, receberam uma informação de anônima de uma “fonte confiável” pedindo para entrarem em contato com a gente, dizendo que você estava sendo feito refém em uma antiga agência funerária. A gente foi para lá correndo.

*Obrigado, mãe.*

– A polícia invadiu o prédio – Abby contou, acariciando de leve sua mão. – Não sei se os Artistas dos Ossos foram desmantelados de uma vez por todas, mas com certeza essa história logo vai aparecer nos jornais. Os colegas da Maisie devem estar ansiosos para honrar a memória dela. E o Finnoway está morto.

– E o Oliver? – Dan se preparou para o pior. Ele não sabia se era possível sobreviver a uma queda daquela altura.

– Parece que ele não vai mais voltar a andar – disse Jordan, se inclinando sobre a cama por trás de Abby. – Não sei se dá para dizer que ele saiu no lucro, mas...

– Acho que posso ficar contente por ele ter sobrevivido – concordou Dan, percebendo que a leveza que sentia no corpo se devia ao medicamento intravenoso que estava sendo injetado em seu braço. Quando os analgésicos fossem suspensos, ele provavelmente sentiria dores nas costas por semanas. – E eu não vou para a cadeia mesmo?

Uma parte de sua mente mal conseguia acreditar. Ele não se considerava *capaz* de assassinar alguém, mas Finnoway tinha armado tudo de um jeito bem convincente, e a cabeça de Dan andava bem confusa

ultimamente. Houve um momento em que ele quase acreditou que tinha mesmo matado Tamsin.

– Alguns “empregados” do Finnoway estavam mais do que dispostos a dar com a língua nos dentes para se livrar das acusações de cumplicidade com os crimes dele – contou Steve, se apoiando à estrutura de metal da cama. – Não sei quanto tempo vai demorar para a polícia descobrir tudo em que Finnoway estava metido, mas parece que ele já tinha feito isso antes.

Dan estremeceu, se lembrando do frio terrível da sala de interrogatório, e do som dos dentes sendo despejados sobre a mesa de metal.

– Desculpa ter estragado a nossa viagem e... Espero não ter dificultado demais a sua vida por aqui, Jordan – ele murmurou, tentando apertar a mão de Abby. Os medicamentos que corriam em suas veias prejudicavam a sensibilidade de seus membros, mas ele viu seus dedos se dobrarem sobre os dela. Seus amigos pareciam estar sem dormir havia dias, com olheiras profundas no rosto.

Mesmo assim, Jordan conseguiu abrir um sorriso, apoiando os braços no colchão e inclinando a cabeça na direção deles.

– Vocês dois ainda têm alguns dias de folga. Quando você sair dessa cama, a gente vai poder dar uma escapadinha e se divertir um pouco. E eu ainda preciso de ajuda para arrumar o meu quarto. E ainda tem uns mil jogos de Xbox que vocês precisam conhecer.

Dan sacudiu a cabeça de leve, olhando para Jordan, para Abby e em seguida para sua mão enfaixada.

– Não, acho melhor eu ir para casa o quanto antes. Tenho umas coisas para contar para Paul e Sandy... um monte de coisas, na verdade. – Ele fez uma pausa, desfrutando a sensação de estar sem dor. Pelo menos por um momento, as coisas pareciam mais ou menos bem, e ele precisava aproveitar. – Obrigado por terem voltado para me salvar – Dan acrescentou.

– Não sei se a gente teria conseguido sem aquela ligação anônima, Dan – continuou Abby, entrelaçando os dedos com os dele. – Mas pelo menos a gente conseguiu ajudar de *alguma maneira*.

– Pois é – ele sussurrou, apoiando a cabeça no travesseiro e sentindo o sono tomar conta de seu corpo. – Obrigado.



A universidade exalava história e tradição. O *campus* e o bairro em seu entorno pareciam fruto de uma era passada, mas bastavam trinta minutos no metrô para que a paisagem poluída e movimentada de Chicago aparecesse para tirá-lo de dentro da bolha acadêmica. Para Dan, era perfeito: o *campus* podia até ser antigo, mas a modernidade estava a apenas alguns quilômetros de distância.

Não era como o New Hampshire College, isolado no alto de um morro em uma cidadezinha no meio do nada. Ali ele podia admirar as arcadas de pedra e desfrutar de um ambiente – e de uma culinária – inquestionavelmente cosmopolita.

E era isso que estava fazendo, talvez até demais. Mas ganhar alguns quilinhos era um efeito colateral aceitável caso servisse para deixar Paul e Sandy menos preocupados. Ele chegou até a pensar em frequentar uma academia, imaginando que Abby ficaria impressionada se ele aparecesse com um físico um pouco mais atlético.

Ele tinha estendido um cobertor no gramado central para estudar. Estar cercado de gramados verdes e de árvores com folhas amareladas o fazia se lembrar das melhores coisas do NHC. Às vezes, Dan se pegava desejando que Abby e Jordan estivessem lá com ele, cada um a caminho de sua aula, como antes – Jordan o provocando por causa de suas roupas de mau gosto, e Abby tentando evitar que os dois acabassem brigando de verdade.

Pelo menos em breve ele poderia mostrar para Abby um pouco de sua vida em Chicago. Dan já vinha se destacando nas aulas de história e, apesar de não gostar de se gabar por isso, Abby sabia, pois falaram a respeito em suas conversas via Skype. Um amigo da família convidou Abby a fazer parte de um coletivo de artistas por um semestre em Minnesota, o que foi bem conveniente, porque ela havia decidido tirar um ano de folga dos estudos para trabalhar na catalogação de suas aventuras em um ensaio fotográfico a ser exposto em uma pequena galeria no início do ano seguinte. Ela queria que Dan a visitasse em Nova York nas festas de fim de ano, mas fazer com que Paul e Sandy concordassem com isso seria difícil, para dizer o mínimo.

Eles sabiam de tudo agora. Para o bem e para o mal, os dois sabiam de tudo. Isso tornou as coisas um pouco mais fáceis no fim das contas e, depois de muitas lágrimas, dúvidas e longas conversas noturnas, Dan enfim se sentia com a consciência tranquila. Ele não precisaria mentir sobre seu dedo, ou sobre seus pais biológicos, ou sobre tudo o que viu no NHC... Foi o teste derradeiro para comprovar o amor que sentiam por ele, e Dan não conseguia deixar de se surpreender com o fato de que ambos haviam sido aprovados com louvor.

O telefone de Dan vibrou sobre o cobertor xadrez. Ele o apanhou e ajustou o cachecol, sentindo o vento frio que vinha do lago Michigan.

*Ei bobalhão, vc vai para Minneapolis no recesso de fim de ano? Deveria. Vou passar lá para ver a Abby e depois viajar para NY. O Cal quer me levar para ver uns musicais idiotas. Ele é o pior. Vê se aparece tb.*

Ele sorriu ao ler a mensagem, sentindo uma pontada de tristeza por não poder ver Cal e Jordan juntos.

Pelo jeito, eles tinham continuado sua relação à distância (em geral mediada por um videogame), e estavam se dando bem assim.

Oliver e Sabrina também mantiveram contato, mas de forma mais esporádica. Para alívio de todos, depois que os restos mortais de Micah foram resgatados da agência funerária e devidamente sepultados, as mensagens em seu nome pararam. Eles ainda não sabiam se tinham sido obra do fantasma de Micah ou de algum hacker absurdamente bem-informado, mas no fim Dan decidiu que não importava. O espírito de Micah agora estava em paz.

Dan passou a dormir melhor. A sonhar melhor. Apesar de uma ou outra imagem do passado ainda aparecerem para assombrá-lo, era para isso que servia a terapia. Horas e horas e horas de terapia.

No momento, Dan estava escrevendo uma mensagem para Jordan, dizendo que lamentava, mas prometendo uma visita em breve, apesar de não saber quando poderia ser feita.

O vento soprou com força no gramado outra vez, espantando as últimas pessoas que ainda passeavam com seus cães. Dan olhou na direção da água por um instante e começou a recolher suas coisas para ir estudar em um lugar mais quente. Ele enfiou os livros de volta na mochila de lona e ficou de pé, dobrando o cobertor e o guardando também. Seu telefone escorregou e caiu no chão, saindo quicando pela grama.

– Aqui.

Ele quase bateu a cabeça contra a da mulher, com cabelos ruivos sacudidos pelo vento caindo sobre o rosto. Ela pegou o celular com a mão protegida pela luva branca de lã e ficou de pé outra vez, olhando para ele com uma expressão curiosa. Dan sentiu um tremor que o sacudiu dos pés à cabeça. Ele conhecia aquele rosto, e sua mão ficou paralisada ao se abrir para pegar o telefone.

– Olá, Daniel – ela disse baixinho, timidamente, tirando os cabelos rebeldes da frente do rosto e prendendo atrás das orelhas avermelhadas pelo frio. Seus olhos eram de um tom de azul bem claro, e ela estava com um capacete preto debaixo do braço.

– Mãe – ele se arriscou a dizer. Era uma sensação diferente dizer aquilo para ela, mas também uma espécie de redenção. – Você...

Dan agarrou a mochila juntou ao peito, se sentindo pequeno e assustado.

– Você sabe por que eu precisei me afastar, não é? Você entende... – A voz de Evelyn Ash ficou embargada, e ela contorceu os lábios. – Eu não estou aqui para interferir na sua vida. Você se saiu muito bem sozinho até aqui. E não graças a mim.

– Eu não estava sozinho – ele disse, na defensiva, mas não conseguiria manter a fachada de tranquilidade por muito tempo. Havia muitas perguntas a fazer, questionamentos que ele acumulou por dezoito anos e enfim poderia colocar para fora.

Ele se perguntou se não deveria pedir desculpas por tê-la usado como objeto de barganha com Finnoway. Mas no fim ele estava certo, não? Ela sabia se cuidar sozinha, e foi isso o que fez, tirando o Artífice de cena de uma vez por todas.

Dan tinha motivos para se sentir grato a ela, apesar de uma parte querer esbravejar, puni-la por tê-lo abandonado daquela maneira.

– Não, claro que não. E, bom, se você quiser que eu vá embora e nunca mais apareça, tudo bem. – Uma lágrima escapou de seus olhos, e ela a limpou com um gesto impaciente. – Eu já fiz isso antes. Mas não foi por escolha própria, Daniel.

– Eu prefiro Dan – ele murmurou.

– Dan – sua mãe repetiu, como se estivesse experimentando dizer seu nome. – Posso andar um pouco com você? Só uma voltinha? Se não quiser, é só falar.

– Não! – ele se apressou em responder. Agora que ela estava diante *dele*... bom, a vontade de esbravejar se mostrou menor que o desejo de conhecê-la melhor. De gostar dela. Sua mãe tinha tomado decisões difíceis, mas isso não valia para ele também? Foram escolhas difíceis para ele, para seus amigos... – Quer dizer, vamos lá... vamos dar uma volta. Eu vou por aqui. – Dan apontou para o caminho que levava ao seu alojamento. – Eu sabia que era você – ele disse depois de um tempo. – O telefonema anônimo. A moto. Não sabia se ia encontrar você por perto quando eu saísse de lá, mas sabia que era você.

– Isso não é surpresa para mim. Você é claramente bem esperto. Como descobriu?

Eles caminhavam com passos lentos. Dan não estava com pressa de chegar ao seu destino. Poderia ser a primeira e última vez que se falavam. Havia sempre a chance de ela desaparecer de novo.

– Tinha uma foto sua e do meu pai no porão do Finnoway. Você estava usando uma jaqueta de motociclista. Eu reconheci o logotipo.

– Eu sempre quis entrar em contato com você – murmurou Evelyn, soltando um suspiro trêmulo. – Mas não podia arriscar. Só que aí descobri que você ia para New Orleans, para os domínios dele...

– Foi você que me tirou da clínica do Finnoway, não? A boa samaritana. Ele não sabia quem era por causa do capacete.

– Como eu disse, você é bem esperto. – Ela sorriu, mas em seguida, quando olhou mais de perto para a mão dele, o sorriso desapareceu.

– Aposto que foi bom passar por cima daquele imbecil – murmurou Dan.

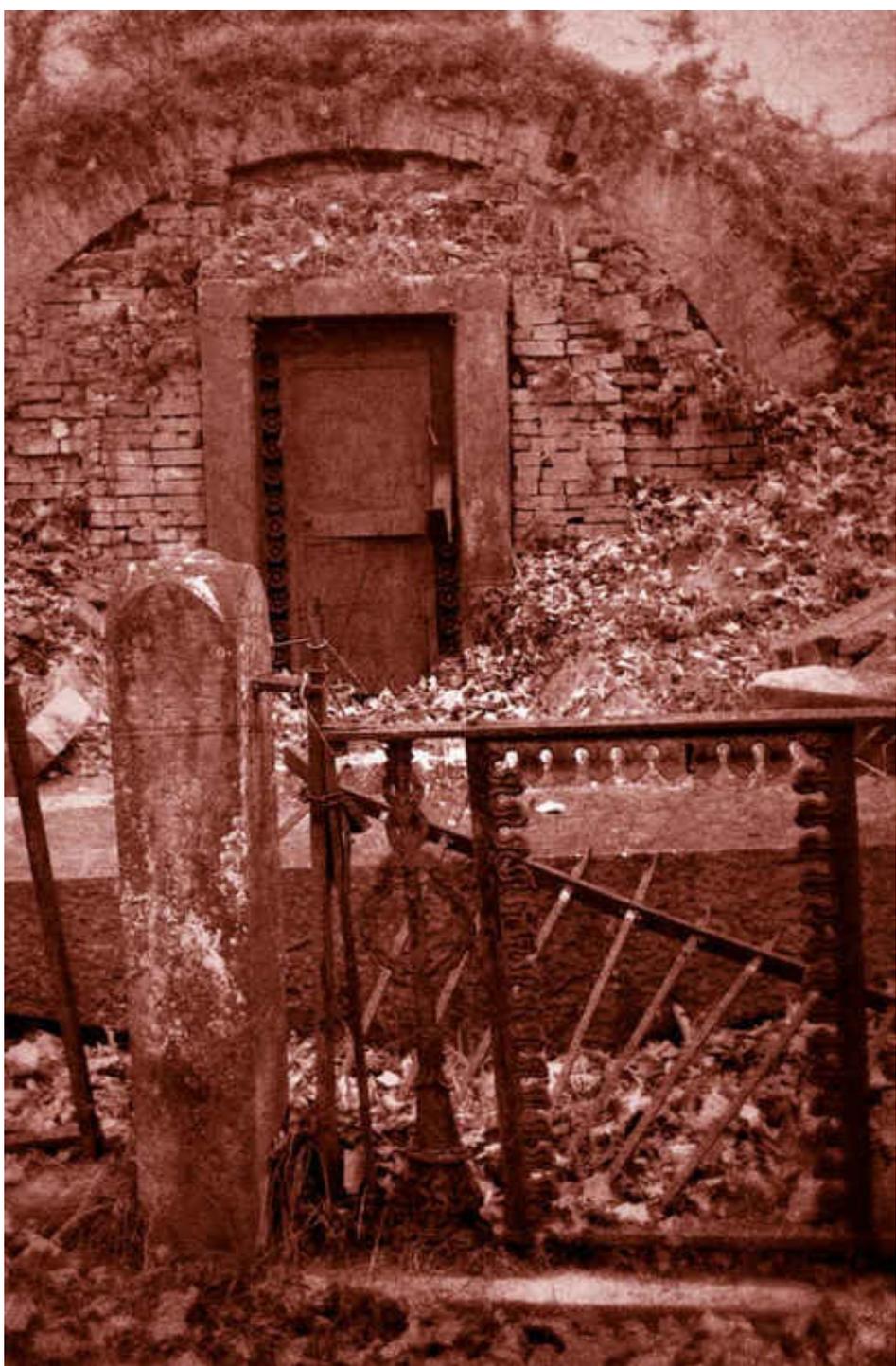
– Você nem *imagina*.

– Ah, não – ele falou com uma risadinha seca, olhando para a própria mão. – Imagino, sim.

Em pouquíssimo tempo estavam na frente do alojamento, sob as arcadas de pedra com pontas arredondadas e elaboradas.

– Então, eu moro aqui. – Ele cravou os pés no chão, tentando pensar em alguma coisa para dizer. – A gente pode... a gente pode se falar de novo? Não sei se você vai passar mais tempo aqui na cidade, mas... Eu queria ver você outra vez. Conhecer você melhor. Saber mais sobre o meu pai.

– Sim, claro, o Marcus iria... Minha nossa. Você é tão parecido com ele – ela disse em um tom carinhoso, estendendo a mão para tocar seus cabelos. Em seguida, Evelyn se virou e baixou um pouco a cabeça, prendendo uma mecha ruiva atrás da orelha. Ela acenou e apontou para a rua. – Se cuida, Dan, querido. Vamos nos ver de novo muito em breve.





*Agradecimientos*

**E**m primeiro lugar, devo agradecer a Andrew Harwell, meu editor e sofredor de longa data, que está sempre disposto a escutar pacientemente enquanto tenho ideias absurdas e as despejo em cima dele junto com um caminhão de dúvidas. Graças a ele, minha escrita se tornou melhor, mais clara e mais assustadora, e por isso tem minha gratidão eterna. Também preciso reconhecer a contribuição importantíssima de Kate McKean, que é a mais paciente, compreensiva e realista das agentes literárias. A equipe da Harper sempre se supera na parte da diagramação e das fotos, e são os grandes responsáveis pelo visual dos livros.

À minha família e aos meus amigos, que escutam minhas reclamações e meus medos, obrigada por me apoiarem e acreditarem em mim. Tenho muita sorte por contar com uma equipe tão incrível por trás de mim. Mãe, Pai, Nick, Tristan, Julie, Gwen e Dom, não tenho mais palavras para agradecer pela fé que colocaram em mim e na minha escrita. A Michelle, agradeço por se tornar uma mentora e uma influência tão incrível – você tornou suportáveis as partes mais terríveis do último ano. A Steve, Kai e Katie, obrigada por me tirar de casa e não deixar que eu morresse de fome nem ficasse totalmente louca.

E, por fim, obrigada a todos os leitores e fãs que fizeram da série *Asylum* um sucesso. Nunca deixo de me admirar com todo o amor e interesse com que sou tratada, e preciso me beliscar todos os dias para ver se não estou sonhando.

As imagens deste livro são ilustrações fotográficas criadas pelo Faceout Studio com base em fotografias reais de New Orleans.



CAPÍTULO	TÍTULO	DO ACERVO DE
ROSTO	Menina fantasma	Eva van Oosten / Trevillion Images
EPÍGRAFE	Máscara na grade de ferro	TravisPhotoWorks / Thinkstock.com
1	Cerca e árvores na neblina	Jens_Lambert_Photography / istockphoto.com
1	Casa pichada	tyalexanderphotography / Thinkstock.com
1	Portão do cemitério	bttoro / istockphoto.com
2	Mulher dirigindo veículo	Tana Teel / Stocksy.com
3	Homem com carro antigo	Jupiterimages / Thinkstock.com
4	Proprietário e sua loja	Jupiterimages / Thinkstock.com
5, 6	Colégio Arlington	John Morse / Bham Wiki
5	Escrita à mão	Emily Weigel / Faceout Studio
9	Árvore no cemitério	Kefca / Shutterstock.com
9	Rosto gritando	Heartland Arts / Shutterstock.com
9	Ossos na terra	spxChrome / istockphoto.com
9	Pessoas à mesa	Brand X Pictures / Thinkstock.com
10	Homens sentados diante da barraca	Photos.com / Shutterstock.com
10, 26	Máscara de raposa	Stokkete / Shutterstock.com
10, 26	Máscara de porco	Christopher Oates / Shutterstock.com
10, 26	Máscara de coelho	Celiafoto / Shutterstock.com
10, 26	Homens parados diante da parede	shironosov / Thinkstock.com
10	Máscaras de gato	Alloy Photography / Veer.com
10	Soldados da Guerra Civil sentados	Everett Historical / Shutterstock.com
10	Soldados da Guerra Civil do lado de fora da barraca	Thinkstock.com
10	Moldura na parede	LiuSol / Thinkstock.com
10	Papel rasgado	STILLFX / Shutterstock.com
13	Máscaras com bicos compridos	VanessaGF / Thinkstock.com
13	Álbum de fotos	bgwalker / istockphoto.com
14	Cabeças de jacaré empalhadas	WMI Photography / Veer.com
14	Máscaras de Mardi Gras	jojjobob / Thinkstock.com
16	Homem em frente à vitrine	Brand X Pictures / Thinkstock.com
16	Cabeças de manequins	huseyintuncer / istockphoto.com
16	Penduricalhos variados	MURAT SENEL / Thinkstock.com
17	Homem mascarado na porta	Dimitris Kolyris / Thinkstock.com
20	Casal na foto	Zurijeta / Shutterstock.com

21	Monte de crânios	Marco Klahold / Stocksy.com
25	Grupo de homens com marretas	Jupiterimages / Thinkstock.com
26	Sessão espírita	National Media Museum / Wikimedia Commons
28	Pilha de crânios	Micky Wiswedel / Stocksy.com
33	Casal sentado em veículo antigo	CaseyHillPhoto / istockphoto.com
33	Estátua ao ar livre	jbd30 / Shutterstock.com
36	Máscara multidimensional	Ablestock.com / Thinkstock.com
37	Dentes ensanguentados	Rpsycho / istockphoto.com kilukilu / Shutterstock.com
38	Crânios empilhados	waggers33 / istockphoto.com
39	Máscara ornamentada de Mardi Gras	Jean Orrico / Shutterstock.com
40	Casal sob guarda-chuva	wrangler / Shutterstock.com
EPÍLOGO	Cemitério	Madeleine Roux

CAPÍTULOS: 3, 4, 9, 10, 14, 16, 20, 26, 28, 33, 40  
Papel fotográfico gasto; val lawless / Shutterstock.com

TODOS OS CAPÍTULOS  
Cartão-postal antigo; Karin Hildebrand Lau / Shutterstock.com

TODOS OS CAPÍTULOS  
Estampa de flor-de-lis; Hadrian / Shutterstock.com

ROSTO, EPÍGRAFE, ABERTURA E TODOS OS CAPÍTULOS  
Textura antiga; Eky Studio / Shutterstock.com

## SUA OPINIÃO É MUITO IMPORTANTE

Mande um e-mail para [opinioao@vreditoras.com.br](mailto:opinioao@vreditoras.com.br)  
com o título deste livro no campo “Assunto”.

1ª edição, jun. 2016

FONTE MrsEaves Roman, Dear Sarah Alt Two